

Alberto Guzik

A ESTÁTUA DE SAL DE SODOMA

romance

*“Então o Senhor fez chover enxofre  
e fogo do Senhor desde os céus,  
sobre Sodoma e Gomorra. E destruiu  
aquelas cidades e aquela campina.  
E todos os moradores daquelas cidades  
e o que nascia da terra. E a mulher de Ló  
olhou para trás e ficou convertida numa  
estátua de sal.”*  
*(Genesis, 19, 24-26)*

Para Gerald Thomas

Para Ivam Cabral

## Apresentação

Era um sábado, 5 de janeiro de 2008, e o Rufus Wainwright se apresentaria no Carnegie Hall, na Sétima Avenida, a duas quadras do Central Park, bem no coração de Manhattan, pertinho de onde estávamos hospedados.

Naquela manhã, no salão do café da manhã do hotel, Alberto apareceu com a revista Time Out anunciando em grande estilo o show de Rufus Wainwright que, meses atrás, na mesma casa de espetáculos, havia apresentado seu *Rufus Does Judy at Carnegie Hall*, lançado em duplo álbum pela Geffen Records um tempinho depois, e que imediatamente fez bastante sucesso entre os descolados, mundo afora.

Eu já conhecia a paixão do Alberto pelo Rufus que, na música, naquele momento, era o nome da vez. Seu excelente *Release the Stars*, que trazia o hit *Going to a Town*, era obrigatório e fazia bastante sucesso nas playlists dos atores do Satyros.

Para a noite daquele 5 de janeiro, o Rodolfo havia comprado bilhete para assistir ao *O Rei Leão*, queria conhecer o trabalho de Julie Taymor, e eu e o Alberto havíamos combinado que faríamos algo juntos. Como estávamos a poucas quadras do Carnegie Hall, decidimos passar por lá depois do almoço para garantirmos nossos ingressos.

Ah, que ingênuos! Claro que não haviam mais bilhetes. Esquecemos de trabalhar com o óbvio. Desolados, fim da tarde, resolvemos ir ao MoMA. Eu seguia pelas salas do museu quando percebi que o Alberto havia parado diante de uma obra. Um quadro pequenino, sem muito destaque, numa sala onde se viam várias obras de Andy Warhol. Me aproximei e ele estava completamente encantado.

— Já tinha passado por ele outras vezes, mas nunca havia percebido a sua beleza acachapante.

Foi exatamente esta a palavra que o Alberto usou para definir a indiscutível venustidade do quadro. Sim, usei venustidade porque o Alberto, erudito como era, merece uma palavra tão irrefutável quanto o seu deslumbramento pelo quadro, *Cat and Bird*, do artista suíço Paul Klee (1879-1940), pintado em 1928.

Verdade seja dita, eu já tinha passado pelo quadro, mas não tinha me chamado a atenção. Mas para o Alberto, aquele encontro havia representado mais, muito mais do que uma simples descoberta. Antes, uma colisão, um choque; uma confluência de muitas emoções.

Ao sairmos do museu, Alberto quis ir ao Central Park sozinho. Disse que precisava pensar.

Nos encontramos no dia seguinte, no café da manhã do hotel, e Alberto me revela que, no Central Park, havia começado a escrever seu novo romance, já intitulado, desde este primeiro momento como *A Estátua de Sal de Sodoma*, e que tinha este quadro do Klee como ponto de partida de sua inspiração.

Nossos dias em Nova York foram, apesar do frio e da neve, bastante quentes. Nos encontramos com o Gerald Thomas que, nessa época, vivia no Brooklyn, e que fez questão de nos levar de volta ao nosso hotel, em Manhattan, para nos mostrar como era mágico atravessar de carro a Brooklyn Bridge, que cruza o East River, unindo os dois bairros.

De volta ao Brasil, nos meses seguintes, fui recebendo por e-mail os capítulos do livro, sempre quando finalizados. E falando sobre eles quase diariamente. Minha relação com o Alberto era muito próxima e, naquele momento, os anos de 2008 e 2009, já estávamos trabalhando afincadamente no projeto da SP Escola de Teatro. E, no Satyros, fazendo muitas coisas, também.

No final de novembro de 2009, Alberto descobriria um câncer de estômago. Mais ou menos no mesmo momento em que perdia seu gato Pequim, que morreu de velhice, aos 21 anos de idade. Me revelou, na altura:

— É, viver faz mal à saúde.

No dia 15 de fevereiro de 2010, antes das sete da manhã, uma segunda-feira de carnaval, eu o deixei no Hospital Santa Isabel, no bairro da Liberdade, onde seria operado. A cirurgia se complicaria e Alberto nunca mais sairia do hospital. Morreu no dia 26 de junho, um dia depois do meu aniversário. Tinha 66 anos, um menino.

Mas antes de seguir para o hospital, me enviou este e-mail. O último:

----- Original Message -----

**From:** alberto guzik  
**To:** Ivam Cabral  
**Sent:** Sunday, February 14, 2010 9:16 AM  
**Subject:** O livro

Ivamzinho, meu amado

Estou supermelhor da gripe e acho que desta vez vou poder fazer a cirurgia amanhã sem erro.

Como combinei com você, passei teus telefones de casa e celular, assim como o celular do Rô pra Fanny.

Vamos nos falar mais tarde hoje, e, quem sabe, se der, vamos nos ver um pouquinho. Não tive jeito esta semana, com a continuação da gripe e a correria atrás de soluções pra ela, de terminar a revisão do livro. Mas está bem adiantado.

A versão que estou mandando procê está revista até a página 181. E ainda vou trabalhar um pouco hoje à tarde, pra avançar um pouco mais.

Estou contente com o resultado. Consegui limar uma porção de bobagens e repetições, e percebo que tenho que mexer muito menos na obra do que havia imaginado de início. Mandei uma cópia pro Aimar também, não tão adiantada quanto a tua.

Imagino que você ficou no samba até de manhã, então não vou te ligar agora. Ligue pra mim quando acordar.

Muito amor por você, querido.

Acho que você nem pode imaginar quanto.

Estou genuinamente feliz por estar enfim em condições de fazer a operação.

Não vou poder estar na inauguração da escola, mas quero ver se consigo escrever uma ou duas linhas pra você dizer em meu nome, na sua fala, no próximo sábado. Estarei lá de coração, pode ter certeza. E imagino que nos veremos antes disso, lá nas instalações hospitalares do Santa Helena.

Tenho a certeza de que vai dar tudo certo. Mas se por acaso algum imprevisto ocorrer, gostaria que você e o Aimar se encarregassem da edição da "Estatua de Sal". E quero também que você fique como administrador de meu espólio literário. Vou falar sobre isso com Ivo, que tem uma procuração geral para agir em meu nome.

É isso aí, meu amado.  
Até mais tarde.  
Beijo enorme  
Betim

Eu voltaria ao MoMA outras vezes para olhar o quadro de Klee com mais atenção. A última, três anos atrás. E, dessa vez, fui eu quem ficou parado na frente da obra durante horas, tentando desvendar os segredos do Alberto e daquela nossa viagem à Nova York, anos atrás. Mas tanto tempo já havia passado...

Então fiquei pensando nos acasos da vida. O que teria acontecido se, naquele sábado, ao invés do MoMA, tivéssemos ido ao show do Rufus Wainwright? Que sensações teriam sido detonadas no processo criativo do Alberto na escrita de um novo livro? Fazia um tempo, já, Alberto vinha anunciando que gostaria de escrever um romance novo. Na verdade, desde a morte do Adriano, um grande amigo nosso que vivia em Interlagos e que, misteriosamente, um dia desapareceu. Foi encontrado morto e seu corpo ficou vários dias no IML, tratado como indigente porque, na altura em que foi localizado, não trazia nenhum documento que pudesse identificá-lo. Me lembro que esta história nos deixou muito tristes e aconteceu pouco tempo antes de nossa viagem a NYC.

No Satyros, sabíamos o real motivo da morte do Adriano, que conhecemos como espectador das nossas peças. Ele havia se suicidado, não suportado mais a falta de amor. A melancolia do Adriano, que tinha 20 e pouquinhos anos nessa altura, só não era maior que o seu sorriso. Meu Deus, como sorria lindo aquele menino!

Então eu acho que o Alberto escreveu um livro para contar a história do Adriano e do seu gato Pequim, também. Um livro para falar de mortes. Com a

partida do Adriano veio a viagem a Nova York; com a morte do Pequim, um tempinho antes de se internar para a cirurgia derradeira, o ponto final desta criação.

*A Estátua de Sal de Sodoma* é um livro triste, silencioso também. Embora passeie sobre a cidade com todos os seus ruídos e registre um tempo específico – eu próprio sou personagem da obra, vejam só que privilégio – este livro do Alberto parece refletir sobre os impulsos, onde vida e morte digladiam-se. Porque, o próprio Alberto já havia matado a charada. Sim, é evidente, viver faz mal à saúde!

**Ivam Cabral**

## PRELÚDIO

**Um.**

Ante um quadro está parado. Uma tela pequena, que não atrai as multidões de japoneses estacadas frente a um par de obras de Van Gogh – “Noite Estrelada” e “Oliveiras” – expostas na parede ao lado. Parado, pensa. E olha o gato colorido que tem desenhada sobre a testa a imagem de um pequeno pássaro. Vê o quadro e busca entender. O gato comeu o pássaro? Quer comer o pássaro? Está pensando no pássaro? Por que isso me preocupa? Faz cerca de dez minutos que não deixa a frente do quadro. Já se aproximou muito, para tentar discernir mais de perto o material de que foi feita a tela. Em segundos materializou-se um segurança ao seu lado. “Excuse me sir”, disse com voz firme o homem de terno escuro, “but you’re too close!” Dois ou três passos atrás apaziguam o sujeito forçado, mas agora ele não sai de perto. Observa de má vontade o observador da tela. Mas eu paguei duas vezes dez dólares pra entrar aqui, e tenho todo o direito de ficar quanto tempo quiser na frente do quadro que escolher. Pensa só. E observa o quadro, concentrado, vez e outra. Tenta abstrair a desconfiança emitida pelo olhar do guarda, que sente pousado em sua nuca.

O quadro. Apenas uma cara, nada mais. A cara do gato. Amarela. Laranja. Olhos desenhados em intensos azuis que cercam pupilas losangulares fortemente negras. No centro da testa do gato amarelo/laranja o pássaro é lilás, ou púrpura? Quando menino, essa se chamava “cor de maravilha”. Da mesma cor é o focinho do gato. O gato comeu o pássaro? Deseja comer o pássaro? Não sei. E não sabe por que isso o ocupa. Por que parei diante desse quadro? Tanto Kandinsky ali. E Matisse. E Cézanne. E Picasso em profusão. E também Bracque. E Leger. E os suprematistas: Malevitch, Rodchenko, Lissitsky. E telas gigantes

de Andy Warhol logo adiante, e Jackson Pollock do outro lado. E ele parado ante “Gato e Pássaro”. “Cat and Bird” está escrito no pequeno letreiro ao lado da tela. Lê a data, 1928. O nome do pintor: Paul Klee. E a descrição: “Óleo e nanquim sobre tela coberta de gesso montada em madeira, 15’ x 21’ (38,1 x 53,2 cm)”. Automaticamente lê as informações seguintes: “Fundo da coleção Sidney e Harriet Janis, e presente de Suzy Pruddon e de Joan H. Meijer em memória de F. H. Hirschland”. Quem foi essa gente? Como Suzy e Joan deram de presente um item da coleção Janis em memória de F. H.? Afasta essas especulações vãs do centro da atenção. Volta com todo foco a observar a tela.

Vê agora algo que não tinha percebido antes. Acima do pássaro há um círculo que se destaca, vermelho-fogo. A ave tem o olhar esgazeado. Cada asa bate para um lado, uma para frente, outra para trás, como se tentasse desesperadamente fugir. Escapar da cabeça do gato, quem sabe, que a aprisiona. O gato não tem uma expressão plácida. Há fogo em seus olhos azuis de íris negras. E seu focinho púrpura, ou cor-de-maravilha?, parece feroz, talvez manchado do sangue do pássaro pequeno e assustado. Por que esse quadro o inquieta? Não é a primeira vez que o vê. Já esteve ali, já viu essa tela, entre muitas outras, e não lhe chamou a atenção. Por que agora, assim? Estranha-se. Percebe o segurança do museu, que continua a olhar em sua direção e agora conversa com um colega.

O que podem imaginar? Que ele é um terrorista que vai atacar o quadro de Klee? Tira as mãos que mantinha nos bolsos. Nunca se sabe. É melhor não brincar com essa gente. São tão invocados! Perde-se por mais tempo na contemplação da pintura. “Gato e Pássaro” lhe propõe hoje um enigma que as centenas de obras que viu até agora não levantaram. Aquela tela hipnotiza. Ainda não dá pra me afastar, não posso. Fixado mais um pouco lá. Gravar na memória para sempre aquelas cores vibrantes, aquelas formas, aqueles traços retos e curvos. Nunca fui apaixonado por Klee. Sabe da importância do pintor, mas esse

não havia, até agora, falado assim, com tanta intensidade, a uma parte íntima recôndita do homem que olha. Que é isso? Percebe suor que poreja em sua testa e no couro cabeludo. Passa a mão pela massa rebelde de cabelos castanhos que grisalham muito rápido. Rápido demais, agora. “Por que não dá uma pintada no cabelo? Você tá ficando com cara de velho.” Lembra da voz, do acento agudo com que Ana sublinhou o “velho”. Eu não me incomodo com a idade, gosto das marcas na minha cara. Mas não quero que me chamem de velho, eu não sou velho. A palavra o assusta. Tem alguma coisa de terminal, de definitivo, que não deseja assumir. Ainda não. Como em resposta a essa memória, ouve a voz de Thom Yorke no iPod. Ajusta os fones nos ouvidos e mergulha de novo na meditação sobre “Cat and Bird”. Olha o quadro atentamente, pesca seu iPhone do bolso do casaco, aciona a agenda e, com agilidade, tecla algumas letras que se transformam em palavras e frases. Arquiva o texto. Ativa a câmera e faz um pequeno vídeo da tela. Conclui a imagem com um giro pela sala, captura a multidão que circula por ali, os japoneses ante Van Gogh e os dois seguranças que ainda o observam e conversam em voz baixa, atitudes de prontidão, como se prestes a entrar em ação, seja lá o que isso signifique. Conclui a filmagem, desliga a câmera, guarda o iPhone. Então, e só então se afasta de “Gato e Pássaro”.

Carregando a grande perturbação desencadeada por “Cat and Bird”, ele anda meio que a esmo pelo MoMA, sem muita noção do que fazer, para onde ir. Agora Caetano Veloso entoa nos minúsculos fones “Trem das Cores”. Queria entender melhor o que a tela de Klee provocou nele de tão poderoso. Vai para o jardim de esculturas do museu. Apesar do frio de dezembro, senta-se. Não é o único. No domingo cinza o pátio está cheio de gente. Observa uma grande escultura em pedra de Henry Moore. Percebe seu reflexo na superfície polida da pedra. Cartola agora entoa só para ele. “As rosas não falam, as rosas exalam o perfume que roubam de ti.” Pergunta-se se deseja fotografar alguma coisa.

Escolhe não documentar nada. São as mesmas esculturas desde que esteve aqui pela última vez, que vai fazer com mais imagens da mesma coisa? Hesitante, ajeita o cachecol vermelho ao redor do pescoço e ruma para dentro do museu. Observa o prédio lotado de gente. Sente fome. Seria o caso de comer no restaurante, dois andares acima? Não, não é. A fila na porta estava enorme, vou ficar uma hora esperando mesa. Sem chance.

Sobe então para o segundo andar e entra na sala que deixou para o final. Desenhos, pinturas e esboços: Lucien Freud. O neto pintor. Perde-se naquela imensidão de deformidades, de velhices, de rugas, de feiuras, de estranhas figuras expostas com absoluta objetividade. Anda pelas salas mergulhadas em meia-luz. O material deve ser frágil, pode ser danificado pela claridade. Tenta encontrar um paralelo entre “Cat and Bird” e aquelas imagens disformes de gente torturada. Sabe que existe algum elo entre essas figuras assombrosas de gente e aquelas linhas coloridas e sinuosas, que, como ao acaso, se juntam para compor um gato.

Na tela de Klee, a ameaça está no excesso de cor, na agressividade dos laranjas, amarelos, púrpuras. Aqui, nas cores tênues, esmaecidas, nem por isso menos ferozes. São vigorosas as linhas que se movem para formar contornos reconhecíveis, braços, pernas, corpos nus ou vestidos, em atitudes estáticas ou estranhamente dinâmicas. E de súbito para em frente de uma tela pequena. Olha a data: 1947. E o título, “Girl with a Kitten”. A placa explica que é um óleo sobre tela. As dimensões são menores que as de “Cat and Bird”. Segundo o informe, 15 ½’ x 11 5/8’ ou 39,5 x 29,5 cm. A seguir a explicação sucinta: “empréstimo temporário/coleção privada”. Nenhum presente, nenhuma memória evocada. Apenas uma coleção privada. Alguém que quer anonimato cedeu o quadro para a mostra no MoMA. No centro da tela um gatinho de rua, rajado de marrom e preto, olhos verdes, expressão serena, patinhas dianteiras pendentes,

em atitude de repouso. Atrás do gatinho, uma menina de vestido azul-pálido, tão pálido quanto seu rosto e seus lábios, a cabeça emoldurada por cabelos marrom-escuros desalinhados, olhos castanhos imensos e arregalados.

A menina segura o gatinho no ar pelo pescoço, envolve-o com seus dedos pálidos. Que vai fazer com esses olhos tão abertos e atormentados? Está apenas afastando o bicho que escalou seu colo ou prepara-se para estrangulá-lo? A atitude relaxada do gato de Freud não indica o pressentimento de qualquer ameaça, exatamente o contrário do pássaro na cabeça do gato de Klee. O observador fica parado menos tempo ante “Garota com gatinho”. Está cansado, e começa agora a ficar com fome de verdade. Como as salas da exposição de Freud estão à meia-luz, pergunta ao guarda se é permitido, pois nunca se sabe, não é mesmo?, e depois de obter autorização, desde que não use flash, fotografa a tela com o iPhone. Pode depois trabalhar a luz da foto no computador. Deixa as salas da atordoante mostra de Freud; desce para o térreo.

### **Dois.**

Na livraria do MoMA, o catálogo da exposição de Lucien Freud está exposto em destaque, numa vistosa pilha. Volume grosso, capa prateada. Ele apanha um, depois de se certificar de que “Girl with a Kitten” é uma das imagens de página inteira do volume. Busca também a letra K, nas prateleiras, e encontra um livro de bolso da Taschen dedicado à obra de Paul Klee. “Cat and Bird” é a estampa da capa. Separa os dois. Uma atendente sorridente oferece-lhe uma cesta de madeira para acomodar as compras. Ele aceita, sorridente também. Vai para o caixa. Paga sem pestanejar salgados \$89 mais impostos pelos dois volumes. O livro da Taschen custa um quarto desse valor. Mas o luxuoso catálogo de Lucien Freud está até barato para a qualidade do papel e a fartura do material.

Carregando a pesada sacola de plástico transparente com o logo do museu impresso em branco opaco, volta ao saguão.

Deixa o museu. Acha-se na 54th St. Dá volta no quarteirão, rumo ao centro. Tem que descer para o Downtown de Manhattan, de qualquer forma. Mas antes disso vai até a loja de design do MoMA, fronteira à entrada principal do museu, na 53rd St. Observado atentamente por um segurança, mais um, abre sua mochila e acomoda lá dentro a sacola com os livros. Engancha a mochila de náilon preto nos ombros e sai pela loja. Está cheia. Ouve frases em japonês, em francês, em italiano, em espanhol, em árabe, em português, é óbvio. A cidade parece lotada de brasileiros. Em todos os lugares ouve “Benhê, olha só isso!”, “Mamãe, me compra...”, “Quanto custa?”, essas coisas. No museu eles iam e vinham aos bandos, falando alto, excessivos, e aqui na loja não é diferente. Os brasileiros turistas são prepotentes, espaçosos, ruidosos. Gostaria de dar umas lições de boas maneiras aos mais salientes. Salientes. Ninguém usa isso mais hoje em dia. É do meu tempo. A gente que falava saliente. Vê lá se uma garota agora vai saber o que é saliente. Nem dizer direito bom-dia boa-noite eles dizem!

Observa pratos, copos, xícaras, abajures, talheres. Objetos de formas arrojadas, surpreendentes. Vê anéis, colares, pulseiras. Pensa em comprar alguma coisa para Ana. Mas me diz, tenho vontade tenho de dar presente pra alguém que diz que eu tô com cara de velho, porra? Cara de velho é o cacete. Puta que o pariu. Uma zoada insistente em seus ouvidos. Que música é essa? Irritado, desliga o iPod e caminha mais um pouco, os ouvidos agora em silêncio. Chega enfim ao lugar que procura. As prateleiras de cadernos. Escolhe oito cadernos japoneses de capa bege com lombada reforçada por tecido preto. Cadernos bonitos, finos, sessenta páginas cada. Gostaria de usar um deles para começar a escrever o novo livro. O laptop o espera no hotel, mas certas coisas ele escreve

à mão. Esse livro, ele quer começar assim. Quem sabe daí terá mais alma. Mais que o anterior, de qualquer forma, que foi tão maltratado pela crítica. Não me-  
recia, mas foi. Mas eu não quero pensar nisso agora, vou pensar amanhã. Quem  
falava assim? Sim, sei, Scarlett O’Hara, “E o Vento Levou...” Surge inesperado  
na memória o rosto corado e vivo de Vivien Leigh, emoldurado por cabelo cas-  
tanho cacheado, iluminado por um sorriso cativante e falso. Sacode a cabeça.  
Entra na fila do caixa, paga, apanha a sacola com os cadernos. Sai para o ar livre  
e frio. O dia está mais gelado e escuro agora. São três da tarde. Sente fome.  
Passou perto de cinco horas no museu. Não se tinha dado conta disso. Agasalha-  
se melhor, levanta a gola do sobretudo, calça as luvas, guarda também a sacola  
com os cadernos dentro da mochila, fecha o cachecol junto ao pescoço e cami-  
nha em passos decididos rumo à Sétima Avenida. Sente dor de cabeça. Uma dor  
constante que o acompanha da manhã à noite. Quando voltar a São Paulo pre-  
cisa ver isso. Na verdade deveria ter ido ao médico antes de viajar. Mas foi  
adiando, adiando. Agora, só no ano que vem. Anda rápido e sente no rosto o ar  
úmido e gelado. Começa a chover. Com a mão esquerda fecha a gola do so-  
bretudo. Pensa em tirar o guarda-chuva da mochila; em vez disso abaixa a ca-  
beça e acelera o passo. Neste momento, São Paulo lhe parece distante demais.  
Tão longe dele quanto Lhasa, que nunca visitou e provavelmente nunca visitará.

É a primeira vez em, quanto tempo, trinta anos?, que não passam juntos  
o ano novo. Ana está em uma distante Lhasa e ele veio a Nova York com um  
grupo de amigos que lecionam, como ele, na escola de teatro da universidade.  
Uma turma pequena, simpática, com quem se pode conviver tranquilamente.  
Não quis pensar até o momento, e nem agora quer examinar os efeitos colaterais  
da decisão que tomaram de comum acordo, há meses: “Vamos dar um tempo  
no fim do ano?” Não lembra mais quem propôs. Foi uma decisão conjunta. Por  
isso, agora os dois estão em climas e hemisférios diferentes. Ela ao calor, na

casa da irmã, em Paraty, onde passaram a maior parte dos réveillons na última década. Ele aqui, nesta cidade que o frio enregela. Hoje dedicou-se ao museu, enquanto os amigos foram passear no Village, no SoHo. Ele precisava desse mergulho, da volta ao MoMA, da aventura solitária no prédio que, visto de fora nem parece tão grande. É talvez o seu museu favorito. Foi onde, décadas atrás, durante um memorável verão pós-adolescente, aprendeu o que significava arte moderna.

O chuvisco se intensifica. Sob o pórtico de um teatro, que anuncia uma peça que não lhe interessa, ele tira de dentro da mochila o guarda-chuva dobrável, abre-o e segue andando. Ainda bem que eu não vim de tênis, foi por um triz. Chegou a calçar o All Star azul, mas não confiou no sol fraco que batia sobre a cidade pela manhã e optou pelas botas impermeáveis que comprou em companhia de Ana, tanto tempo atrás, em Bariloche, naquele inverno em que estavam felizes. Mas não quero pensar nisso agora. Nela não. Porém é só nisso que pensa. Quando deixou São Paulo queria distanciar-se de Ana, só que agora ela parece estar mais que nunca presente. Desde que chegaram, há uma semana, pensa na conversa, ou na falta de, que tiveram na despedida. Pela primeira vez em mais de duas décadas se distanciariam numa festa que, até então, gostavam de comemorar juntos. E o que disseram? “Bem, então... até.” “Até. Aproveite bem.” “Você também.” “Bom...” “Bem...” “Se cuida.” “Pode deixar, você também.” “A gente se fala.” “A gente se escreve.” Nisso ficaram.

Falam-se quase todos os dias. E trocam e-mails. Conversas e mensagens tão inócuas quanto aquela última e vazia conversa. “Aqui tudo bem.” “Muito frio.” “Nossa, aqui um calorão de derreter!” “As crianças mandaram mensagem, vão bem.” Ele sabe que algo de grave acontece. Não com as “crianças”, Mariana e Marcelo, que, aliás, já são adultos faz tempo. Também não é de agora que percebe a falta de harmonia na relação. Faz um tempo já. Um bom tempo.

Algo em que não quer pensar. Velho, eu não tô velho, não tô com cara de velho, filha da mãe, não tinha nada que dizer isso.

Olha seu reflexo na vitrine de uma loja de roupas feericamente decorada para as festas. Pensa em Ana. Ela não envelheceu. Quer dizer, envelheceu, claro, mas não parece já ter passado dos cinquenta. Há só três anos de diferença entre eles, mas o homem que vê o próprio reflexo no espelho sabe que aparenta mais idade do que tem. Aspecto abatido. Olheiras evidentes, escuras e fundas. Vincos marcados ao lado da boca. O cabelo e a barba grisalham. Passa os dedos pela barba, que mantém sempre aparada bem curta. Deveria pintar o cabelo, como ela sugeriu? Não. Se fizesse isso, Ana seria a primeira a rir da minha cara. E por quanto tempo posso deter a idade? Vou ficar como um desses coroas que pintam o cabelo de castanho, de acaju, é horrível.

Uma memória relampeja: o dono da marcenaria vizinha a sua casa em São Paulo. Homem de meia-idade, separado, barrigudinho, que usa camisetas polo coloridas e pinta o cabelo de marrom-avermelhado. A tintura é evidente, e sempre que o sujeito diz bom-dia, a primeira coisa para que olha é a cabeleira carregada de falsa cor. Enfia os dedos pela juba. Ajeita os cabelos lisos, que mantém longos, na altura dos ombros. Sabe que mesmo grisalhos são bonitos. Cuida bem deles. Tônicos e xampus caros. O mesmo cabeleireiro há mais de 20 anos. Hidratação, massagens. Teve sorte na loteria genética. Herdou os cabelos vigorosos, lisos e castanhos da mãe, em vez de ganhar, como seu irmão, a alopecia do pai.

Observa no vidro da loja sua silhueta, abrigada sob o grosso casacão preto. Não é mais o homem magérrimo que foi até os trinta. As fotos não mentem. Tinha o corpo que Marcelo, seu filho, tem hoje. Quando chegaram os 40, suas calças haviam saltado do número 38 para o 42. E faz alguns anos está estacionado no 44. Não tem quase barriga. Pratica caminhadas e faz alongamento,

o que o ajuda a manter a linha. Mas o corpo todo alargou, se ampliou. Ele suspira. Abandona os devaneios causados por seu reflexo e continua a andar, abrigado sob o guarda-chuva de plástico transparente. Sua cabeça é um redemoinho, uma metralhadora que dispara centenas de imagens, lembranças, sabores, palavras, sensações, sempre, sem cessar. A dor que sente todo o tempo está ligada a esse vórtice mental? Se conseguisse transpor esse processo para o papel, com a verdade, simultaneidade e colorido com que experimenta a coisa, poderia fácil emular Joyce e o fluxo de consciência de Molly, no final do “Ulysses”. Poderia, mas não pode. Não tem talento para a ficção, sabe disso. Tentou uma única vez. Publicou um pequeno romance, sob pseudônimo, pela editora de um amigo. Nos veículos em que não foi ignorado, a crítica o massacrou. Muitos meses de depressão depois, decidiu que não voltaria à ficção. Fixou seu território na história do teatro e na crítica teatral, as áreas em que navega bem.

Na Sétima Avenida dobra à esquerda. Tem de descer oito quadras para chegar ao restaurante em que planeja almoçar. Se estiver aberto. Ou vou a outro lá perto, algum haverá. Apesar do tempo ruim, as ruas estão cheias. A cidade ferve. A Sétima Avenida é uma via de comércio popular. Massas de turistas andam para cima e para baixo. Delis, restaurantes, lojas de presentes tocadas por asiáticos ou latinos. Echarpes canecas canetas mapas bonecas réplicas da Estátua da Liberdade cartões postais óculos de sol de absurdos formatos ursinhos bonecas camisetas I coração NY I coração NY I coração NY... Tudo Made in China Made in Taiwan Made in Vietnam Made in China... Vertigens, essas lojas. Tem que entrar numa delas hoje ou amanhã, comprar umas lembranças. Na Sétima há também uma ou outra sex-shop muito disfarçada, fachadas discretas, não lembrando em nada a área sexual da cidade até meados da década de 1980. Vinte e cinco anos atrás aquele fetichista império do sexo se estendia até ali, vindo da 42nd St. Ele havia passeado pela rua, entrando em uma sex-

shop atrás da outra, vendo os cartazes dos cinemas pornô, héteros e gays, as lojas de revistas e vídeos XXX, as putas na calçada rodando bolsa, acompanhadas por cafetões, passadores de droga, carros da polícia, engraxates, bancas de comida. Isso, que tanto o excitava e ocupava, desapareceu do centro de Manhattan. Certamente foi para outras ruas, outros bairros. Mas ele não quer saber. Ao contrário do que ocorria nas outras viagens que fez a Nova York, desta vez sua libido está incompreensivelmente retraída e tímida. Mas também não quero pensar nisso agora.

### **Três.**

Gelado e razoavelmente seco chega ao destino, na 46th St., enfronhado nas lembranças das aventuras sexuais que viveu numa Nova York de outras eras. 1970, 1972, como tudo era fácil ali! Agora, para ele, um voyeur amador, modesto, mas entusiasmado, a oferta sexual da cidade tornou-se uma terra devastada. Mas isso não ocorre apenas em Nova York. A pornografia, que faz décadas o fascina, parece reduzir-se a cada dia no mundo todo. Na Europa, imagine. Não leu outro dia que até o bairro da luz vermelha, em Amsterdã, vem encaretando? O restaurante que buscava, além de aberto, está cheio. Espera cerca de quinze minutos por uma mesa, enquanto toma um daiquiri no bar e folheia o volume dedicado a Klee. Acha a página que procura. Lê atentamente alguns parágrafos. “Cat and Bird” surgiu a partir de um traçado de linhas geométricas em que acidentalmente o artista vislumbrou a cara do gato. Pensa na frequência com que isso acontece. Quantos artistas não lhe contam que começaram a trabalhar numa ideia e, a partir de um impulso, de um estímulo interno da obra, foram parar em um território bem diverso do inicialmente planejado? O acaso está no centro da criação. Tem que registrar isso. Tecla algumas palavras em seu iPhone e envia-as para seu e-mail.

É tirado das reflexões pela bela hostess de pele clara e vestido justo, preto, que o conduz até a mesa. Já esteve ali, sabe que vai comer bem. Gosta de comida chinesa desde criança. Seu pai levava a família para almoçar fora todos os domingos. Um dos restaurantes prediletos era o chinês Kin Kon, na Avenida Paulista. São todos um tanto parecidos, esses chineses. Muito vermelho e dourado na decoração, com aquários e dragões. Wei Wei, nome do lugar, está gravado em caracteres dourados no centro do prato de porcelana branca sobre a toalha branca. Há talheres de aço brilhantes, mas também hashis de laca. Conectou o iPod enquanto aguardava no bar, agora ouve a voz rouca de Marina Lima: “As coisas não precisam de você... / Quem disse que eu tinha que precisar”. Suspira. Escolhe os pratos, termina o drinque, que a atendente levou até sua mesa, e pede chá verde.

Chega a comida. Ele desliga o iPod. Não come com fones no ouvido. Audição e mastigação excluem-se. A refeição tem aspecto saboroso. Os pratos são bem preparados. Empunha os hashis. O arroz é fumegante e úmido, o peixe tem um delicioso aroma, o pastel de legumes é de massa crocante ultrafina, recheio cremoso bem temperado. Come com apetite. Sempre fica com fome quando em crise. E se não está vivendo uma crise, não sabe que nome dar à coisa. A cada hora que passa sente mais intensamente o absurdo da situação em que ele e Ana se colocaram. São adultos. Mais que adultos. Alguns anos a partir de agora e estarão no fim da “segunda idade”. Vamos admitir, é uma separação que está no horizonte, não é? A gente tem que se entender. Só não sei por que nós preferimos fugir cada um prum canto em vez de resolver a história de uma vez. Se for pra acabar, por mim...

Ele se cala. Não deseja a separação. Está habituado. É confortável. Casaram meninos. Ela, 19. Ele, 22. Recém-formado, ele. Estudante ela, segundanista de medicina. Viveram juntos a chegada da maturidade. Cedo tiveram filhos,

Mariana primeiro, Marcelo depois. Cresceram inteligentes, independentes. Mesmo com duas maternidades no caminho, Ana se formou sem perder um ano. Duas avós disponíveis e uma babá atenta ajudaram bastante. Quando ela começou a residência, as crianças eram pequenas. A menina três, o garoto um. Acostumaram-se às ausências da mãe sem reclamar, sem muita manha. Mariana parecia ter prazer em brincar de ser a responsável por Marcelo. Quando bebê, cuidava dele melhor que a ama. Cresceram muito ligados, permanecem próximos até hoje. Ele foi fazer graduação em cinema na Universidade de Toronto. Acabou se fixando no Canadá. Três anos depois ela conseguiu uma bolsa de pós-graduação na escola de economia da mesma universidade, e foi se encontrar com o irmão, que a essa altura estava casado com uma atriz canadense. Nunca falam em voltar ao Brasil.

Tem de escrever para os filhos. Quando decidiu passar o fim do ano em Nova York, pensou em estender a viagem até o Canadá para visitá-los. Há um ano que não se veem, a não ser virtualmente. Mudou de plano quando comunicaram que passariam as festas em Londres com um grupo de amigos. Perguntase se a partida dos filhos foi o catalisador da distância que se abriu entre ele e Ana. Mas sabe que não. Os meninos viajaram há anos. Ele e a mulher tiveram um longo período de convivência prazerosa antes que esse abismo agudo se abrisse. Acaba de comer. Suspira profundamente. Pede frutas carameladas de sobremesa. Foi um bom almoço. Toma um último gole de chá. Olha o relógio. Tem de se apressar. Havia pensado em passar no hotel para deixar os livros, que pesam na mochila, mas decide que o melhor é ir direto ao metrô. Tem encontro no SoHo com Paulo, e não quer atrasar. Paga e sai.

O tempo piorou enquanto almoçava. Ajeita a mochila nas costas, abre o guarda-chuva e caminha rápido por algumas quadras até a entrada do subway da 50th St. Desce as escadas e vai para as catracas. Confere no mapa da

plataforma. Tem que saltar do trem na Houston St. O metrô chega, ruidoso, e para. Ele embarca. Domingo, os vagões estão quase vazios. Observa os passageiros mais próximos. Um casal latino, ambos baixotes e gordinhos, viaja de mãos dadas, as pernas curtas, os pés balançando no ar. Um adolescente negro de dreadlocks, calças muito largas, blusão de couro, balança a cabeça e sacode as tranças ao som inaudível de seu iPod. A viagem não é demorada. Logo desembarca. Olha o relógio. Não está atrasado. Marcou com Paulo às cinco e meia, no bar do Mercer Hotel. Faltam cinco minutos e está a um quarteirão de distância. Mesmo assim apressa o passo.

#### **Quatro.**

Avança pela Prince St. e chega rápido ao destino. Não conhecia o hotel. Observa o prédio de tijolos vermelhos, seis andares, na esquina da Mercer com a Prince. Ampla e sóbria construção do final do século 19 ou começo do 20, janelas amplas em arco no primeiro andar. Foi procurar em um guia da cidade na internet, depois de marcar o encontro. O Mercer é tido agora como um dos hotéis mais elegantes. Seu amigo tem bom gosto. Fecha o guarda-chuva, enfiado na mochila, limpa os pés no capacho espesso posto à porta e entra. Sem ter que passar pelo lobby, desce direto para o bar-restaurant.

Olha em volta. O amigo ainda não chegou. Lugar cheio. Muita gente dedicando-se a um almoço tardio de domingo. Senta-se no balcão, avisa que está à espera de alguém, pede um “machiato”, ajusta os fones do iPod, liga o aparelho, coloca-o no shuffle. Rufus Wainwright, “Cigarettes and Chocolate Milk”. Gosta do cantores, é um de seus favoritos. Sorri. Dá um gole no “espresso” amargo forte. Passam-se minutos. Ele se inquieta. Terá confundido o horário, talvez o dia do encontro? Não é impossível. Vai pescar o supercelular

no bolso do casaco quando sente um par de mãos que se fecham com força em seus ombros. Roda no banco giratório.

“Paulo!” Desce da banqueta e abraça o amigo, que retribui, caloroso.

“Fernando. Há quanto tempo!”

“Cinco anos. Desde a última vez que você esteve em São Paulo.”

“Com o Ron. Cinco anos. Como o tempo voa.”

“Rápido demais.”

“E Ana?”

“Tá ótima.”

“Mas cadê?”

Um a breve pausa.

“Ela não veio. Resolvemos tirar férias cada um num canto.”

“Aconteceu alguma coisa?”

“Nada. Que é que você queria que acontecesse?”

“Sei lá, Fernando. Vocês são o casal mais grudado que eu conheço. Estão casados há quanto, trinta anos?”

“Trinta e um.”

“E de repente você aqui, sozinho, em Nova York? Como foi isso?”

“Uma longa história.”

“Problemas?”

“Vamos dizer assim.”

“Se separaram?”

Fernando sorri. Paulo sempre é direto e pouco diplomático.

“Quando eu souber, eu te digo.”

“Xi...”

“O que há?”

“Lá se vai o derradeiro baluarte. Vocês formam o último casal casado que eu conheço. Como podem fazer isso comigo?”

“Fazer o quê?”

“Ué, isso de se separarem. Como podem?”

“Cara, eu te falei que nós estamos separados?”, exclama Fernando, que começa a se aborrecer. “Disse que estamos com problemas. É outra história.”

“Tá bom, tá bom. Você, sempre tão suscetível.”

“Ô, Paulo. Não me vem com essa. Você fica pondo palavras na minha boca. Falei que estamos passando férias em lugares diferentes.”

“Tá, Fernando, tá. Quem não te conhece que te compre.”

“A gente se encontrou pra brigar?”

“Não era essa a minha ideia.”

“Então que tal começar tudo de novo?”

Paulo sorri e estende a mão a Fernando, que a toma e aperta entre as suas. Conhecem-se há décadas. Paulo é meu amigo mais antigo. O único que me acompanha desde antes da faculdade. A gente estudou junto desde... Acho que foi no ginásial. Isso mesmo. Naquele tempo chamava ginásial. No Liceu Eduardo Prado. Na Tabapuã. Aquilo era um bairro de casinhas com quintal e horta. Vai lá ver hoje! Quando foi? É só fazer as contas. Em 1964, o ano do golpe. Como eu era bobo, meu deus! No recreio ficava defendendo a “revolução”. Meu pai falava em casa, eu papagueava. Paulo foi o primeiro a me mandar calar a boca. Disse que as coisas não eram assim. Olha o amigo com carinho. Por um tempo calam-se os dois.

“Até agora só falamos de mim. E você, como é que está?”, pergunta enfim Fernando.

Paulo olha o outro nos olhos e prolonga o silêncio. Enfim diz, simples:

“Agora melhor. A gente se acostuma, não é? E eu tenho o trabalho.”

“Continua morando lá?”

“Não tive coragem de procurar outro apartamento.”

“Foi muito foda?”

“Foi, Fernando. E tá sendo. Faz um ano. E eu não me acostumo. Acordo no meio da noite e procuro o corpo dele na cama. Ainda não deu pra apagar essa memória. Fica na pele.”

“Será que você quer apagar?”

“É o que eu gostaria de saber. Mas espero que sim, que algum dia eu fique mais... Sei lá, mais acostumado.”

“Quanto tempo ele ficou doente?”

“Dois anos e meio. Mas só piorou mesmo no final. Os últimos quatro meses. A metástase daí tomou conta. Depois que fizeram o diagnóstico, ele teve dois anos mais ou menos tranquilos. Ron foi bem cuidado, teve ótimos médicos, nunca foi pro hospital. Mas quando chegou perto do fim, não teve jeito. Eu não dava mais conta. Foi preciso internar. E ele teve que entrar na morfina, porque sofria feito cachorro atropelado.”

“Credo, que imagem.”

“Não me ocorre outra. Foi isso que eu vi. É foda câncer nas tripas.”

“Paulo, que jeito de falar!”

“Mas não foi nas tripas?”

“É, mas dito assim parece tão, tão...”

“Realista?”

“Grosso.”

“Se disser câncer estômago-intestinal você vai ficar mais feliz?”

“A doença tem nome.”

“Tô cagando pro nome, Fernando. Foi câncer nas tripas, um câncer que matou o cara que eu amei, que foi meu parceiro por 19 anos. E eu vi Ron sofrer feito um cachorro atropelado. Você não viu o que eu vi.”

“Mas vi coisa parecida. Esquece que meu pai...”

“É verdade. Esqueci.”

“Do mesmo tipo. Só que não foi misericordioso, como o do Ron.”

“Misericordioso?”

“Cara, meu pai ficou muito doente cinco anos. A agonia durou onze meses, nove deles internado, duas cirurgias, uma carga de dor que eu não sei se o Ron teve. Juro que não sei.”

“Ron não teve porque logo que a coisa ficou feia, começaram a aplicar doses cavalares de morfina. E dobravam a dosagem a cada quatro ou cinco dias, porque não fazia mais efeito. Quando o corpo dele morreu, ele já tinha ido embora fazia muito tempo. Só a casca estava lá. Senti muita falta de você. Queria que estivesse aqui, comigo.”

“Eu queria ter estado aqui. Mas eu não tinha condições de viajar. Minha mãe estava muito mal.”

“Como é que ela tá?”

“Velha. E viúva. Se recuperou da crise cardíaca. Implantaram um marca-passo. Ela se ocupa. Faz um monte de coisas. Canta em coral, joga cartas com minha tia. E enche o saco. Meu e do Luciano. Sempre digo que o Marcelo e a Mariana vieram morar no Canadá pra fugir do cerco dela. Se é difícil como mãe, como avó era impossível.”

“Tua mãe não é uma megera.”

“Não pra você, que não é filho dela. Dona Rita é osso duro.”

“Cara, conheço a Dona Rita desde que eu tinha o quê? Dez, onze anos? Eu sei como ela é.”

“Pensa que sabe. Só eu e meu irmão sabemos o tamanho da onda que a gente segura.”

“Bem, meu caro, família é família. Acha que com minha é diferente?”

“Você mora a milhares de quilômetros de distância, e saiu de São Paulo há mais de vinte anos. Nós e Dona Rita estamos na mesma cidade.”

“Acha que com a internet e com o MSN isso faz alguma diferença?”

“Tua mãe usa MSN?”

“Minha mãe carrega o laptop dela pra tudo que é lado. Mais craque que eu. Pode acreditar.”

“Quem diria!”

“Sinal dos tempos. Assim como você com iPod e esse telefoninho besta. Você, que não gostava nem de usar máquina de escrever elétrica!”

“Mas isso quando era adolescente.”

“*Would you like to order, gentlemen?*” Um garçom alto, cabelos loiros espessos cortados em curta franja, olhos claros, está parado junto da mesa.

“O que você quer?”, pergunta Paulo.

“Nada. Estava morto de fome, almocei quando saí do museu.”

“Não me faz companhia?”

“Tomo um suco. Comi demais.”

“Vai se arrepender. O rango aqui é excelente.”

“Numa outra vez.”

Paulo pede um prato de peixe de nome complicado. Sugere para Fernando uma mistura de frutas exóticas, garante que o amigo vai gostar.

“Que é que você veio fazer aqui?”

“Encontrar você.”

“Ha ha. Quero dizer aqui, em Nova York.”

“Turismo.”

“O quê?”

“Vim com um grupo de amigos, colegas da faculdade. Pouca gente. Gosto deles. Alguns nunca tinham vindo a Nova York. Querem ver o óbvio, subir à torre do Empire State, visitar o Ground Zero, navegar em volta da ilha naqueles barcos, ir à Estátua da Liberdade. Estou fazendo tudo isso com eles. E adorando, sabia? Acredita que nunca tinha ido a esses lugares?”

“Eu moro aqui há décadas, e nunca fui a nenhum deles. Coisa de...”

“De turista. É isso que estou querendo ser, turista. Esquecer um pouco.”

“Do quê?”

“De mim, da minha vida, do teatro, do jornal, da escola, de tudo.”

“Qual é o problema?”

“Você quer que eu fale doze horas sem parar?”

“Se for importante pra você, eu não me incomodaria.”

“Não, Paulo, eu não quero. Queria te ver, sair com você.”

“Nós vamos ao tal musical?”

“Sim.”

“A que horas?”

“Sete.”

“Temos justo o tempo. Mas vou te levar pra ver depois de amanhã uma peça que vai valer tua viagem. Se chama *Ah, Aristophanes!*, é de um grupo da Ucrânia. Um trabalho extraordinário. Já vi e vou de novo. Reservei ingressos pra nós. Aceita meu convite?”

“Bem, colocado dessa forma, claro que sim.”

O garçom traz as bebidas. Fernando prova o suco e faz careta. A bebida esverdeada tem a consistência espessa dos gomos da jaca e um sabor desagradável, de banana verde. Deixa o copo na mesa. Tem certeza de que, se tomar a beberagem, terá problemas sérios de digestão. Conversam banalidades

enquanto Paulo devora o peixe, que parece leve e saboroso entre legumes e ervas. O início do encontro foi tenso, intenso, e ambos parecem agora recolher-se a uma cordialidade fácil e pouco exigente. Como se tivessem medo de entrar novamente em assuntos penosos. Paulo acaba de comer, paga a conta. Os dois saem em direção ao metrô. Quando chega o trem estão entretidos em uma conversa sobre o dramaturgo alemão Frank Wedekind. Pegam a composição que sobe para o distrito teatral. Descem na 50th St. e caminham até o Eugene O'Neill Theatre, onde está em cartaz há mais de um ano, com lotações esgotadas, o musical “The Spring’s Awakening”, baseado em um drama de Wedekind, ganhador de um monte de Tonys. O par de ingressos está em posse de Fernando desde o dia anterior. Foi entregue no hotel por um mensageiro. Tenho que me lembrar de mandar um e-mail e agradecer o correspondente do jornal aqui. Ele que arranhou isso. Quando chegam à porta do teatro, dão com uma considerável massa de espectadores que se aprestam para entrar. Aderem à aglomeração, são admitidos na sala atapetada de espetáculos, ocupam seus lugares. Fernando sai rapidamente e volta com o programa da peça e o CD com a trilha sonora, que comprou no saguão. Vai precisar do material para escrever a respeito. Quando começa a folhear o programa, as luzes se apagam e acordes estridentes de uma banda de rock indicam que a função vai começar.

### **Cinco.**

Cerca de três horas depois Fernando e Paulo deixam o teatro. Frio intenso. A chuva parou. Os dois amigos vestem os agasalhos pesados no saguão e saem para a rua.

“Você vai escrever sobre isso?”, diz Paulo.

“Vou. O jornal pediu matéria. Você não gostou?”

“Gastar papel com esse troço...”

“Achou tão ruim?”

“Uma merda.”

“Não é uma merda.”

“Uma merda, sim. O texto de Wedekind foi pra latrina, coitado.”

“Imagina, Paulo. A adaptação é ótima. Atualiza a peça. E com inteligência. Você tá sendo preconceituoso.

“Tenho o direito de não gostar, não tenho?”

“Claro que tem. Mas é implicância sua. Um belo espetáculo. Garotada boa no elenco. Cantam pra caralho. E olha que eu nem gosto de musical. Desse, gostei. Mas vambora. Quer comer alguma coisa? Agora tô com fome.”

“Vamos.”

Fernando fica satisfeito ao perceber que a irritação de Paulo com o musical não é se transformou em mau humor nem arruinou a noite. Tomam um táxi, e a conversa deriva para outros territórios. Falam de trabalho. Paulo é advogado, especializou-se em direito internacional, fez pós em comércio exterior e está há mais de 20 anos no jurídico do escritório nova-iorquino de uma multinacional brasileira que atua no ramo do aço. Fernando é professor de teoria do teatro na escola de artes cênicas da Universidade Paulistana e crítico de teatro do “Diário da Cidade”. Como acontece todas as vezes em que se encontram, Paulo se esmera em fazer pouco da profissão do amigo.

“Você é tão inteligente. Poderia ter sido diretor de banco, de multinacional. Mas não. Em vez de economia, administração, foi estudar o quê? Teatro! A mais besta das artes... Até hoje não me conformo com tua decisão.”

“Economia, Paulo, era *you* quem queria que eu fizesse. Não tinha nada a ver com o meu projeto. Estudei o que quis estudar desde o começo do secundário. Faço o que gosto. Se você não concorda, o problema não é meu.”

“Bem, você se conformou em levar uma vidinha medíocre, especialista em teatro brasileiro, troço que é ignorado no mundo inteiro, exceto no Brasil, claro. E você tem mais QI do que a maioria das pessoas que eu conheço e que estão em postos de chefia. Isso que me deixa indignado. E também está em crise, não está? Hoje você não me disse que queria esquecer o teatro, o jornal? Isso quer dizer o quê? Que você está feliz?”

“Pode ser que não, mas é uma crise passageira. Além do mais, agora estou muito velho pra mudar. Vou continuar a ser um crítico medíocre mergulhado nesse teatro desprezível. Garanto que faço meu trabalho com mais prazer do que você, que tem de lidar com esses empresários filhos da puta, que só pensam em lucro, um bando de carniceiros gananciosos pros quais você não passa de uma alcoviteira de lucros imensos.”

Os dois se alfinetam, o que é um hábito antigo. E a conversa assim vai, até que chegam ao restaurante. Comida francesa muito elogiada pelos experts, informa Paulo. Escolhem os pratos, atacam os patês e Paulo pede vinho. Fernando tira da mochila o volume sobre Paul Klee. Mostra a capa ao amigo.

“Você conhece essa tela?”

“Claro. Por quê?”

“Porque hoje me aconteceu uma coisa engraçada. Eu estava no MoMA, e quando vi ‘Cat and Bird’, me aconteceu uma coisa esquisita. Não conseguia mais sair da frente da pintura. Fiquei lá um tempo enorme, olhando, pensando. Não entendi isso. Já conhecia a tela, ela nunca me atraiu. Klee nunca foi meu favorito, pra falar a verdade. E de repente eu me vi lá, hipnotizado. Um segurança do museu cismou comigo. Não saía do meu lado.”

“Bem, vai ver que ele pensou...”

“Eu imagino. Que eu ia atacar a tela. Todos aqui estão paranoicos.”

“Estão, não é mesmo?”

“Mas por que esse quadro? O que me atraiu nele? É isso que eu ainda não consigo perceber. Fiquei lá, olhando e olhando. Não sei o que me deu. Queria entender alguma coisa, acho. Como se o desenho de Klee contivesse alguma informação que eu precisava desvendar a todo custo.”

“Fernando, como eu vou saber? Não sou psicólogo. Nem crítico de arte. Não sou nada além de um advogado. Como é que posso descobrir o que se passou dentro de você quando viu o desenho desse gato? Aliás, como você, um cara tão sensível, pode dizer que Klee não é um dos seus favoritos. Ele é um dos maiores do século 20. Mesmo eu, que não entendo nada de arte, sei disso muito bem.”

“Ah, sim. Você não entende nada de arte. Desde quando?”

“Entendo como público, não como especialista. Só isso.”

“Tá bom, Paulo. Mas eu não queria que você me analisasse. Só queria te contar isso que aconteceu. Eu fiquei tão perturbado. Essa imagem do quadro me perseguiu o dia todo. Até durante o espetáculo, às vezes eu me flagrava tentando imaginar o que essa figura tem de tão poderoso pra me obcecar assim. Acho que faz anos que não me acontecia nada parecido.”

“Meu querido, esse é um enigma que você vai ter de resolver sozinho.”

“Eu sei. Nem sei por que te contei isso. Achei que...”

“Que de repente eu poderia ter uma iluminação e explicar o que você mesmo não entende?”

“É, alguma coisa assim.”

“Infelizmente não foi o que aconteceu. Verdade que eu te conheço, mas não tão bem assim.”

“Ninguém conhece ninguém tão bem assim.”

“Você mesmo vai descobrir o que aconteceu. Tenho certeza.”

“Foi um dia de gatos. Depois de ver essa tela, dei de cara com outra, do Lucien Freud. Uma menina com um gato.”

“Eu sei qual é. Fui ver a exposição na semana que passou.”

“Muito estranho isso. Nem me interessa por gatos. Não gosto de gatos. De bicho de estimação, pra mim, chega o Juão, que dá bastante trabalho.” Sente agora saudade do labrador atabalhado, alegre, saltador, que Ana levou consigo para a praia.

Pagam a conta e saem do restaurante.

“Quer ir a um bar perto de casa tomar uma saideira?”, Paulo convida.

“Obrigado, mas hoje está de bom tamanho. Nem sinto mais as pernas.”

“Tá ficando velho. Uns anos atrás, nunca que você recusaria o convite pra uma saideira.”

“Tô ficando, não. Já estou velho!”

Fernando olha para Paulo. Sabe que aparenta mais idade que o amigo. Paulo cuida da aparência. Certamente tinge os cabelos. Ou os dele já estariam grisalhos, como os meus. E fez também alguma coisa no rosto. Não tem uma ruga. Pele lisa. Eu pareço pai dele. Se não pai, tio. Os dois deixam o restaurante. Paulo faz sinal a um táxi e abre a porta para Fernando.

“Agora você vai para baixo, e eu para cima”, diz. Abraçam-se. Despedem-se. “Vamos então ao teatro assistir *Ah, Aristophanes!* Daí você vai ver um espetáculo de verdade, não essa bobagem de hoje.”

“Está combinadíssimo. E podemos jantar depois.”

“Com certeza. Faço um jantar lá em casa.”

“Está bem.”

“Certo. Fechado. O espetáculo é às oito. Eu posso te apanhar no hotel, Está bem?”

“Estarei esperando. Será que daria pra conseguir mais um ingresso?”

“Não sei. Por quê?”

“Uma amiga que está na excursão. A Valéria. Ela é professora de dramaturgia e trabalha muito em cima da comédia. Acho que adoraria um espetáculo criado em cima das obras de Aristófanes.”

“Tá de olho nela?”

“É só uma amiga, colega da escola, Paulo.”

“Vou ligar amanhã lá no teatro e ver se ainda tem lugar sobrando.”

“Se não tiver, paciência. Ninguém vai morrer por isso.”

“Está bem. Vou tentar.”

## PRIMEIRO MOVIMENTO

**Um.**

Acorda sobressaltado de um sono inquieto. Transpira. Úmida a gola da camisa, cabelos colados na testa, gosto de cinza na boca. Está numa posição incômoda. Permanece de olhos semicerrados, sem entender. Leva algum tempo até dar-se conta. O zumbido, o ruído, o desconforto, tudo encaixa. O avião. O caminho de casa. Ajeita-se melhor na poltrona. Tem dor nas costas. O pescoço está duro. As pernas formigam. Levanta-se, desajeitado, vagaroso. Anda pelo corredor. Está de meias, tirou o tênis. Pés incham no avião. Ergue os braços, espreguiça-se. Sente-se inteiro contraído, dolorido. São três da manhã no Brasil, duas horas menos em Nova York. Seu relógio já está no horário brasileiro. O avião todo dorme. Na vasta caverna da classe turística, o brilho de algumas minitelas de tevê e uma ou outra luz de teto acesas indicam os insones. Fernando caminha pela estreita passarela. Espreguiça-se mais uma vez. Volta para a cadeira, mas não se senta. Permanece mais uns minutos em pé. Sempre que viaja pede a poltrona junto do corredor. Não suporta o aperto, a exiguidade de espaço nos bancos internos. Os lugares contíguos aos corredores são menos intoleráveis. Enfim cai pesado no assento. Acende a luz. Folheia a “Piauí” que carregou sem ler durante toda a viagem. Larga a revista, impaciente. Abre o romance de Philip Roth que comprou no aeroporto de Nova York, “A Simple Man”, lê a primeira página. A descrição de um funeral. Desiste. Ficar pra outra hora, agora não, não quero pensar em morte. Fica incomodado toda vez que viaja de avião. E já foram tantas! Meio que perdi a conta. Um dia tenho que pegar todos os passaportes e fazer o levantamento: quantas viagens. Preciso escrever sobre isso, os festivais, as temporadas teatrais fora do Brasil. Juntar os artigos e organizar uma edição. Aqueles meses em Paris também podem dar um livro. O quanto de coisa que eu vi! Suspira. Apaga a luz. Muda de ideia e volta a acendê-

la. Abre a mochila, enfiada embaixo da poltrona, tira um caderno, baixa a mesinha. Pesca uma caneta da bolsa lateral. Tira os óculos, massageia as pálpebras e o topo do nariz. Olha para a página e hesita. Não tem certeza ainda. Se puser a ideia por escrito, ela ganhará uma espécie de irrevogabilidade. É isso que deseja? Tem certeza? Sabe que não há problema algum em lançar ideias ao papel. Mas toda vez que começa a escrever um livro, deseja ser exato desde o início. Toda vez que iniciou a escrita sem ter a certeza de onde queria chegar, abortou tudo, frustrado. Assim como as ideias morrem se as joga direto no computador. A fase do caderno é crucial. É o momento em que tem total intimidade com do texto. É uma coisa física. Passará depois as ideias para a máquina. Não agora. Neste momento é preciso escrever. À mão. Inala profundamente, solta o ar, que faz um leve ruído sibilante ao escapar. Suspira de novo. Enfim começa a rabis-car.

Nem sei direito sobre o que quero falar. Quer dizer, saber eu sei. Mas como é que vou encaminhar a coisa? Ainda preciso descobrir. Escreve PÓS-MODERNO, assim, em maiúsculas, no alto da página branca. Rabisca ideias e questões, uma em cada linha. “Fim dos anos 70, começo dos 80.” “Os conceitos do pós-moderno.” “Quando surge o pós-moderno no Brasil?” “Existiu um teatro pós-moderno?” “Existe ainda?” “Antunes Filho, Zé Celso, Gerald Thomas, Antônio Araújo: pós-modernos?” Para de escrever. Relê o que anotou. Por aí vai seguir. Mas tem que definir melhor o sentido da pesquisa. Quero saber como aqueles putos vão receber isso. Vamos ver se desta vez vão me chamar de novo de anêmico escavador do passado, de arqueólogo de poeira medíocre. Ainda não consegue assimilar as reações negativas à publicação de sua tese de doutorado, dois anos atrás. Os “putos” são os jornalistas, os resenhadores, os intelectuais que de maneira unânime atacaram seu estudo sobre Qorpo Santo. Os mesmos que quatro anos antes haviam saudado com entusiasmo seu ensaio sobre

Martins Pena e o teatro carioca do início do século 19, depois o crucificaram quando tratou do autor gaúcho. E por quê? Porque quis mostrar que Qorpo Santo era de fato um caso clínico, que muitos de seus textos careciam de qualquer lógica. O fato de equiparar o teatro de Qorpo Santo às obras de Bispo do Rosário havia causado tempestades em círculos acadêmicos. Aparentemente ferira suscetibilidades, invadira terrenos que já tinham dono. Até hoje tentava se convencer de que tudo aquilo havia sido uma bobagem muito grande. O livro não só tivera uma segunda tiragem, como seria traduzido em breve para o espanhol, por uma editora de Buenos Aires. Mas sempre que se lembra das resenhas que destruíram seu trabalho tem uma sensação de mal-estar, como essa que experimenta agora.

O coração está acelerado. Suor nas têmporas e nas palmas das mãos. Ele se recosta na poltrona desconfortável e fecha os olhos. Apaga a luz. Respira fundo. Exala o ar vagorosamente. Repete a operação algumas vezes. Inala, solta o ar. Pouco a pouco fica mais senhor de si. Olha em volta. O avião dorme. Faltam algumas horas para o pouso. O zumbido dos motores, que não cessa, irritação, causa sensação de enjoo. Comeu mal o dia todo, antes da partida, um dia gasto em compras de última hora, em uma visita final ao Guggenheim, uma derradeira entrada na Tower de Times Square, ao lado do hotel. Pensa em Ana. Na última mensagem dela que recebeu. “Que bom que você está voltando. Nós precisamos ter uma longa conversa.” Por que não telefonou, se queria conversar? Mas ele sabe muito bem que é o tipo de conversa que só se pode ter face a face. Espera. Pensa no gato de Klee. Pensa nos dedos brancos da menininha que agarram o plácido gatinho de Lucien Freud. Essas imagens o perseguiram nos últimos dias. O que podem querer lhe dizer, por que o impressionaram tanto? “Ladies and gentlemen, good morning. In a few minutes we’ll be serving breakfast. We’re due to arrive at the São Paulo Airport at...” Fernando abre os olhos,

sobressaltado. Amanheceu enfim e dentro no avião há vida de novo. Janelas se abrem, passageiros movimentam-se. Ele dormiu por algum tempo. Afasta os cabelos para trás das orelhas e massageia o pescoço. Está tenso. Adormeceu de mau jeito. Deve estar com aparência assombrosa.

“Olá, Fernando, bom dia.” Valéria, a amiga que foi com eles ao teatro ver aquele interessantíssimo espetáculo, ocupante da poltrona ao lado, oferece-lhe um sorriso afetuoso e uma bala de hortelã contida numa caixinha de metal vermelha e redonda.

“Oi”, resmunga ele. Retribui o sorriso e aceita a bala. “Conseguiu dormir um pouco?”

“Não muito bem. Esse avião lotado, a gente sem espaço pra se mexer.”

“Classe turista é jogo duro.”

“É verdade. Você me dá licença? Preciso ir ao toalete.”

“Claro, claro. Na verdade, vou levantar com você.”

Ele pesca de dentro da mochila a pequena bolsa de plástico preto onde guarda remédios e objetos de higiene pessoal. Levanta-se e abre caminho para que Valéria passe a sua frente. Ela agradece e avança. Mulher alta, loura, pele bronzeada. Sua colega na escola de teatro. Ele tentou ir para a cama com ela, quando se conheceram, uma década e tanto atrás, mas ela recusou a cantada com elegância e bom humor. Tornaram-se amigos. Por sua presença no grupo é que ele fez a viagem. Gosta dela. Valéria nunca revela a idade. Por conta de sua carreira acadêmica, ele está certo de que ela tem mais de quarenta e cinco, mas aparenta menos. Ninguém diria que já saiu dos trinta. Olhando-a de perto, Fernando observa uma fina camada de rugas ao redor dos olhos e percebe as mãos, que denunciam, com artérias dilatadas, a passagem do tempo. Ela deve ser boa na cama, mulher que se cuida, olha só essa cintura. E ainda não pôs botox. Ele gosta disso. Não é atraído por mulheres siliconadas, cujos rostos

denunciam as plásticas a que se submeteram. Apesar de achar Valéria bonita, sabe que hoje não voltaria a tentar seduzi-la. Quinze anos atrás, quando a gente se conheceu, era uma história. Agora é agora.

Chegam aos toaletes. Há uma fila que têm de enfrentar. Enquanto esperam, recordam os passeios que fizeram juntos, uma boa ópera no Lincoln Center, a visita ao Metropolitan, uma caminhada pelo Brooklyn, encerrada num restaurante memorável, a descoberta da coleção Frick, que a deslumbrou, a visita ao Museu Judaico, ao qual, católicos e curiosos, eles quiseram ir, e que os encantou. A fila anda, enquanto falam. Valéria enfim entra em uma cabine vaga. E logo em seguida é a vez de Fernando. No cubículo, ele tranca a porta, acionando o interruptor de luz. Olha-se no espelho. Tem fundas olheiras, aparência cansada. Observa o jato de urina amarelo-claro que cai no recipiente de metal. Sente na mão o calor suave emanado pelo pênis e lembra de suas reflexões sobre o fim do império da pornografia em Manhattan. Faz uma careta. Foi a primeira vez que eu passei duas semanas em Nova York sem transar nem uma vez. Sacode a cabeça. Sinal dos tempos? Não, não. Esta viagem é que foi diferente. Tudo está diferente. Lava o rosto, escova os dentes. Sente a digestão pesada. Não vou mais comer comida de avião. Passei a noite sentindo na boca o gosto daquele maldito frango que serviram no jantar. Passo fome até São Paulo. Daí vou me alimentar de verdade. Chega de comer papelão. Penteia os cabelos, ajeita a gola da camisa amarfanhada. Algodão amassa muito, ainda mais em viagem. Mas não tolera tecidos sintéticos.

Volta para sua cadeira. Valéria está lá, conversando sorridente com outros integrantes do grupo. Fernando dá bom dia a todos. Estranho isso, dar bom dia a alguém que passou a noite do nosso lado. Senta-se, puxa da bolsa do avião o caderno em que anotou suas ideias num ponto da noite anterior que agora lhe parece estar a anos-luz de distância. Relê rapidamente o que escreveu. Nunca

se sentiu tão hesitante ao começar um texto. Teme que o assunto que escolheu não renda um livro. Recusa com uma negativa polida a oferta de café da manhã. Pede apenas um copo de água. Bebe em pequenos goles. Responde a uma ou outra observação dos amigos que tentam em vão incluí-lo na conversa. Fernando agora tem vontade apenas de que a viagem acabe. Quer estar de novo em sua casa. Sente saudades. Não, de Ana neste momento não tem saudades. O clima dos telefonemas entre eles e o último e-mail dela fazem com que Fernando tenha uma boa noção do que o espera. Mas tem imensa saudade do cão, João. Percebe a falta que lhe faz seu escritório, sua cadeira, seu computador de mesa, o café que fica a cem metros de sua casa, onde ele gosta de ler os jornais todas as manhãs. E de sua biblioteca. E das atividades na escola. E de ver e escrever sobre espetáculos. Quer retomar a rotina, como se ela fosse capaz de preservá-lo do que sabe que está por acontecer. Ansioso, respiração curta, peito oprimido. Tira da mochila o iPod, seleciona uma sequência de faixas, ajusta os fones nos ouvidos e liga o aparelho. Recosta-se na poltrona, olhos fechados enquanto os sons sinfônicos de Mahler invadem seus ouvidos. Ainda está mergulhado nas complexas harmonias do compositor quando sente o avião pousar. Está de volta.

### **Dois.**

A retirada das bagagens, as compras no Free Shop – uns perfumes, uma garrafa de Jack Daniels, sabonetes para sua mãe e para as secretárias do departamento, chocolates –, a passagem pela alfândega, tudo isso Fernando faz como se estivesse num sonho. Quase não presta mais atenção ao que lhe dizem os companheiros de viagem. Desculpa-se pretextando o cansaço da noite mal dormida, de duas semanas e tanto de longas caminhadas e passeios. Tenta ser

simpático, polido, mas não soa convincente nem para si mesmo. Dividem-se em três táxis, de acordo com as áreas da cidade para onde vão. Fernando pega um carro com Valéria e outro colega do departamento, Gilmar, sujeito magro de uns quarenta anos, cabelos cor de areia que se rarefazem rapidamente, olhos claros, corrente fina de ouro no pescoço. Entram no carro e declaram as destinações. Durante o trajeto, falam da viagem, da chegada, de voltar ao Brasil, do trabalho na faculdade. Gilmar é o primeiro a sair, fica em Cerqueira Cesar. Rumam então para Pinheiros. Quando o carro se põe de novo em movimento, Valéria indaga:

“Você não vai me contar?”

“O quê?”

“Por que está assim?”

“Assim como?”

“Assim. A viagem toda você esteve assim. Sei lá. Esquisito. Diferente. Eu te conheço. O que tá acontecendo?”

“Não sabia que estava tão visível.”

“É, meu querido. Está. Dá pra perceber.”

“Faz parte.”

“E você não vai me dizer?”

“Não, Val, agora não.”

“Mas sabe que pode contar comigo?”

“Sei, claro que sei.”

Chegam ao prédio em que mora Valéria. Esta salta. O motorista do carro deposita sua grande mala vermelha na calçada. O porteiro do prédio sai apressado da guarita para ajudar a carregar a bagagem. Ela se aproxima da janela do carro. Deixa algumas notas de R\$ 10 na mão de Fernando e dá-lhe um beijo no rosto.

“Não se esqueça de que eu estou aqui para tudo.”

“Não vou esquecer.”

Ele retribui o beijo. Ela se afasta. Fernando então dá ao motorista seu próprio endereço, não longe dali, na Vila Madalena. Está mesmo tão visível sua crise? Suspira e acomoda-se no assento do carro. Olha a paisagem familiar e pensa em tudo que está vivendo. Tenta imaginar o que está por vir. Sacode a cabeça. Fecha os olhos. Respira compassadamente. E de súbito fica alerta.

A respiração pausada e profunda não alivia a pressão que sente no peito, uma dor chata sobre o coração. Acho que estou tendo um enfarte. É só o que me faltava. Tenho que pensar em outra coisa, não pode ser isso. Olha as próprias mãos, examina as unhas. Tira os óculos e massageia as pálpebras e as órbitas. Quer chegar a casa, tomar um banho, mudar de roupa. Sente fome agora. Sorri. Se eu estivesse enfartando, não ia ter fome. Nunca ouvi falar de enfarte que abre apetite. E por que haveria de enfartar? Cuida da alimentação, pratica esporte. Está uns quilos acima do peso, mas nada que preocupe seu médico. A dor, no entanto, prossegue. A cada respiração ele a nota ali. O que é mesmo que funciona para ataques do coração? Leu alguma vez em uma revista. Que merda, por que a gente não lembra dessas coisas quando precisa? O que era mesmo? Erguer os braços? Tomar água? Tossir? Talvez tossir. Não sente a menor vontade de tossir, mas provoca, força, dá umas tossidinhas. Nem melhora nem piora. A dor permanece. Tem o impulso de ligar para Ana, mas não sente vontade de falar com ela. Vontade nenhuma. E não deve ser nada muito drástico. Tem a impressão de que a dor está passando. Ou será que não? Sente, como resposta, uma pontada lá atrás, nas costas, sob a escápula esquerda. Que pode ser? Está chegando a sua casa. Pergunta-se se deve descer, o que deve fazer.

“Chegamos, doutor”, diz o motorista.

Fernando sente-se enjoado. Transpira. Tem que agir, decidir alguma coisa. De forma automática, como se observasse a si mesmo, percebe-se pescando o iPhone no bolso da calça. Nota os movimentos de seus dedos que procuram um número na lista de endereços. Vê as mãos agirem quando encontram o número procurado. O indicador esquerdo pressiona a tecla verde. Fernando vê o motorista, que desceu do carro e o aguarda na calçada, com as malas e a caixa do free shop alinhadas ao seu lado. Chama-o e diz:

“Espere um minuto, por favor.”

Ouve uma voz:

“Consultório médico, bom dia!”

“O doutor José Cláudio, por favor. É uma emergência”

“Quem deseja?”

“É Fernando, paciente dele.”

“Fernando de quê?”

“Fernando Domingues. Por favor, me deixe falar com o doutor.”

“Ele está em atendimento.”

“É uma emergência.”

“Eu não posso interromper.”

“Preciso falar com ele. “Fernando percebe as palmas das mãos úmidas. A dor não cessa, não cede. “Você não entende. Estou tendo um ataque do coração.”

Há uma mudança na atitude da mulher ao telefone.

“Um momento, por favor.”

Ela se ausenta. Fernando nota na calçada o chofer de táxi, que atento observa seu passageiro recostado no banco traseiro. Com um gesto da mão livre Fernando pede tempo. O taxista responde com um aceno de cabeça.

“Fernando, o que está acontecendo?”

“Oi, Zé! Obrigado, obrigado. Tô num táxi, chegando de Nova York, e tô com uma dor puta dor no peito, e tô suando muito e... Eu não tô legal, Zé. Não tô legal.”

“Quando começou?”

“Faz uns dez minutos, nem isso.”

“Vem pra cá.”

“Eu tô chegando de viagem.”

“Fernando, vem pra cá. Tem que fazer exames. Estou te esperando.”

“Eu...”

“Já.”

Fernando ouve o médico desligar o telefone. Guarda o iPhone no bolso. Com um gesto chama o condutor do carro.

“Pois não, doutor?”

“Por favor, deixe a mala e a caixa na guarita daquele estacionamento ali, viu qual? Eu vou pra outro lugar.

“Falou, doutor.”

Ele observa o taxista, que carrega a bagagem para a garagem ao lado do prédio, onde aluga vaga para guardar os carros. Percebe o dono da garagem sair para a rua. Aparece na janela do táxi e sinaliza um sinal de “guarde para mim”. O homem acena com um polegar estendido para cima. Logo depois o taxista volta e instala-se ao volante.

“Pra onde, doutor?”

“Aí pra rua... Esqueci o nome, mas sabe aquela paralela da Sumaré, perto da pracinha? Não é longe do viaduto do metrô.

“Tem algum problema, doutor?”

“Não estou me sentindo bem, e meu médico...”

“Saquei doutor. É pra já.”

O homem manobra o carro, dá meia volta. Partem. Fernando sente agora dor no braço. Mas não está imobilizado. Tenta mudar de posição para encontrar algum alívio da pressão que sofre no peito. Nada adianta. A cada vez que inala, a dor aumenta. O suor que goteja da testa, das palmas das mãos. Esfrega as palmas nas calças. Está apavorado. O trajeto parece-lhe demorar eternidades. Peito oprimido, tenta mover-se o mínimo possível, como se a mera acomodação do corpo pudesse explodir a bomba que ele sente tiquetaquear dentro da caixa de suas costelas. Fragmentos de imagens correm loucos por sua memória. Fragmentos, sons de frases que não sabe a quem atribuir. Sombras de imagens que parecem querer indicar uma forma que não decifra. Ataques do coração provocam, como o afogamento, filminhos da vida da gente projetados na cabeça? Acho que não, não tô vendo filme nenhum. Não tô vendo porra nenhuma. Ele inteiro é agora uma dor que pulsa e se propaga, não dá trégua. Ele está no centro da pulsação torturante. Toda a dor do mundo emana dele e para ele converge, avassaladora. Sente muito medo. Mais que medo, pânico. Tanta coisa ainda que fazer, que ver, que ler, tanto que descobrir. Mas se tiver que ser, então... Talvez seja até melhor, quem sabe? Muito mais legal isso, morrer no meio dessa onda gigantesca de dor. Uma onda de que todo surfista gostaria de fugir, uma onda que eu espero que não encontre nunca o meu filho que foi surfista. Que merda. Por que estou pensando em surfe, agora. Estou morrendo e pensando em surfe. Que é isso? Parece-lhe mergulhar em um túnel estranhamente liso e escorregadio. Tem a sensação de ser sugado para dentro. É isso? A morte é isso? Um túnel espelhado, brega. O túnel da “Alice no País das Maravilhas” era mais legal. O filme do Disney. O filme, o túnel do filme não era espelhado.

“Chegamo, doutor.”

“O... o...”

Perde os sentidos. Desiste de resistir. Entrega o corpo a uma sensação dolorosa e opressora. Não pode mais. Chega. Acabou. Nesse jogo entrega os pontos. Perde a consciência. Escapa. Entra em uma zona neutra onde a dor não mais o atinge. Não percebe que é retirado do carro e levado para dentro do edifício onde fica a clínica do médico. Não se lembra de nada quando acorda num leito hospitalar. Está fraco. Vê o braço ligado a um tubo. A luz o incomoda. Fecha os olhos. A enfermeira está junto da cabeceira. O médico conversa com outro homem de jaleco branco. A enfermeira diz:

“Dr. Zé Claudio, ele tá voltando.”

O quarto todo se movimentava em sua direção. Tenta falar, mas o som não se produz. Abre bem os olhos. Tem a sensação de que é só o que pode fazer.

“Então, como está se sentindo?”, diz o médico, que percebe o olhar interrogativo de Fernando. “Chegou aqui e desmaiou. Te submeti a exames. Tu enfartou. A gente vai ter que fazer um procedimento pequeno.” E responde ao olhar que Fernando lança para o braço entubado. “Cê tá sendo medicado pela veia. Fique frio.”

“Que procedimento?”, murmura Fernando.

“Angioplastia. Não é nada muito trágico. Nem precisa anestésicar.”

“Quando?”

“Assim que você tiver condições. Amanhã, se der. A dor passou?”

“Melhorou. Eu não consegui aguentar. Foi como se...”

“Fica sossegado. Já falei com o Luciano. E com a Ana. Vamos levar você pro Hospital Doutor Alfredo e fazer o procedimento lá. Eu poderia fazer aqui, mas você vai ter que ficar internado uns dias, pra acompanhamento, exames. Já estamos te medicando.”

“A Ana, o Luciano”, a voz ainda sai trêmula. Não sabe bem o que queria perguntar. O médico diz:

“Seu irmão está vindo pra cá, e vai avisar sua mãe. Ana estava na praia, vai subir agora de tarde. Você comeu?”

Fernando sacode a cabeça numa negativa.

“Está bem, vamos ver isso. Agora descanse. Vou providenciar a sua transferência pro hospital. Você vai ter uma boa noite de sono, e podemos realizar o procedimento amanhã.”

Fernando quer fazer a pergunta óbvia. Saber da gravidade de seu estado. Por alguma razão que desentende, no entanto, indaga, em vez disso:

“Por que vocês falam ‘procedimento’, em vez de ‘operação’?”

“Porque é a palavra correta. Agora eu tenho que providenciar...” A porta que se fecha engole o resto da frase do médico. Fernando está sonolento. Escorrega para um cochilo mergulhado em sensações estranhas e úmidas. A dor cede aos poucos. Que medicações inoculam em sua veia? Não perguntou. Sente frio. Está grogue demais para puxar o cobertor aos seus pés. Nem força tem para tocar a campainha e pedir à enfermeira que o faça. Encolhe-se. Dorme.

### **Três.**

Quando abre os olhos, Luciano e Dona Rita estão no quarto; conversam em voz baixa. A mãe, que observa, atenta, percebe de imediato o filho acordado. Aproxima-se da cabeceira. É uma mulher de setenta e cinco anos, não muito alta, calça e blusa pretas, bem cortadas, cabelos brancos lisos, cuidados. Tem uma expressão de ansiedade:

“Como você está?”

“Que chegada estrondosa, hein, mano?”, aproxima-se Luciano. O irmão tem a expressão brincalhona característica de seus momentos de maior tensão. “A Ana deve chegar em uma hora. Vai direto pro hospital.”

“Foi bom você acordar”, diz a mãe. “Eles iam te chamar. O doutor Zé Cláudio veio dizer que daqui a pouco a ambulância vai te levar.”

“Eu iria com você, mas não quero que a mãe dirija sozinha à noite.”

“Não tem problema”, consegue a custo dizer Fernando.

“Você está bem”, afirma Dona Rita em tom que não admite contestação. “Tua sorte foi ter vindo direto pra cá. O doutor Zé Claudio diz que, pelo exame, parece que o estrago no miocárdio não foi assim, grave. Agora vão colocar um... um stent, é assim que fala, Luciano? Acho que é assim...”

E mais diria ela se não fosse a entrada do médico.

“Então, como está se sentindo?”

“Melhor, melhor.”

“E a dor?”

“Diminuiu. Quase não sinto.”

“Mas ainda sente um pouco?”

“Um pouco, sim.”

“Eles vão continuar com a medicação no hospital.” E diz o nome de um dos hospitais caros da cidade. “Amanhã cedinho estarei lá. Vou pedir novos exames. Se tudo estiver bem, a gente faz a angioplastia amanhã mesmo.”

“Você precisa explicar direito o que vai fazer comigo.”

“Te explico tudo. O louco é que faz três meses nós fizemos teu check-up, você fez eletro e estava tudo normal.”

“Pois é...”

“Bem, os caras estão aí pra te levar. Até amanhã, velho. Você vai ter uma boa noite de sono.” O médico aperta a mão de Fernando, despede-se de Luciano e Dona Rita. “Até amanhã. Qualquer coisa, me chama. Deixo o celular ligado.” Quando ele sai do quarto, como se esperassem a deixa, entram dois enfermeiros. O mais baixo pergunta:

“Podemos passar o senhor pra maca?”

“Claro. Mas um momento, tá.” Os homens de uniforme azul assentem. “Lu”. O irmão aproxima-se. Fernando faz um gesto. Luciano inclina-se sobre a cama. “Meu plano cobre esse Hospital Dr. Alfredo? É caro pra caramba.”

“O seguro cobre, Nando.”

“Não cobria antes.”

“Relaxa, não se preocupa com isso agora.”

“Porque aquilo é muito luxo.”

“Fica sossegado. A gente se vê no hospital.”

“Filho, vai tranquilo”, declara Dona Rita.” Estamos indo. Vamos atrás da ambulância. A mãe beija-o na testa. O irmão desmancha-lhe o cabelo, brinca-lhão, mas tem lábios apertados, o rosto contraído. Enfim saem.

Fernando observa o movimento dos enfermeiros que, gestos exatos, o transferem da cama para a maca, carregando junto o soro, que sustentam no ar. Empurram a maca para a ambulância. Fernando, deitado de costas, olha. O teto da clínica cede lugar a um breve espaço de céu azul-escuro e de ar calorento, que é trocado pelo teto da ambulância, baixo, branco, com varas de metal que o atravessam de um lado a outro. Ele percebe o tranco das travas que fixam a maca em trilhos no chão do veículo. Dois enfermeiros ocupam o banco fronteiro da ambulância. Um terceiro, mais magro e mais velho, se instala perto de Fernando e tranca a porta. Verifica as presilhas da maca. Observa a agulha que transpassa a veia de Fernando, numa área em que ele começa a sentir dor. Não gosta de agulhas. Não gosta de médicos. E agora está assim, entregue a gente que não conhece. Quando o pai adoeceu, a coisa que mais angustiava era ver aqueles médicos, aqueles homens que não sabia bem quem eram, tomando decisões que afetavam a vida do velho, da mãe. Se aqueles caras não ficassem

enchendo a cabeça, tenho certeza de que o pai não teria topado aquela última operação inútil, dolorosa, absurda.

A ambulância põe-se em movimento. O enfermeiro ao seu lado conversa com os colegas do banco dianteiro. Fernando ouve quando o motorista aciona a sirene. Pra que isso? Não tô morrendo... Percebe a aceleração do veículo, nota a trepidação. A maca sacoleja. Fernando se assusta. Vai cair. A porta pode abrir-se. Ele pode ser ejetado, com ou sem a maca. Fecha os olhos. Tenta apoiar-se em algo. Não há nada ao seu redor que lhe permita isso. Segura-se com força nas barras laterais da maca. A trepidação do veículo aumenta. Tudo dentro da ambulância parece vibrar e zunir de algum modo. Fernando trinca os dentes, respira fundo.

Está assustado, indefeso. Aflitivo não ser dono de própria vontade, saber que não pode se levantar e voltar para casa. Assim é. Vai para o hospital, onde invadirão seu corpo para conduzir até o coração uma minúscula mola de aço que manterá aberta a artéria entupida. Por que fiquei doente? O que aconteceu? Esboça uma careta. As perguntas que formula são enganosas; conhece o motivo da doença. Sabe qual a questão que o tira do prumo. Continua sem noção do que deve fazer. Os acontecimentos o levam. A correnteza. O acontecimento mais recente foi esse, um ataque do coração. Pois! Nada melhor agora que uma crise cardíaca. Disso que eu precisava. Merda! A ambulância sacoleja e grita pelas ruas da cidade. As curvas são acentuadas pela sensação de instabilidade que Fernando tem sobre a maca. Dentes cerrados, suor na testa e nas palmas das mãos. Sente-se perplexo. Abre os olhos e vê o enfermeiro, que o encara com um sorriso irônico. Observa o rosto magro do homem, sustentado pelo pescoço muito branco que emerge do colarinho azul. Vê os cabelos grisalhos penteados com fixador, a barba que começa a espetar a pele. Dentes amarelados. Dedos igualmente amarelos de nicotina. Com a mão magra sustenta a haste da qual

pende a bolsa de soro. Enfim o veículo estaciona. Fernando solta um suspiro de alívio. A pior viagem que fez na vida. Ambulância nunca mais, juropordeus. Desde quando jura por deus? É ateu empedernido. Durante décadas policiou seu estilo até extirpar dele toda referência a quaisquer potestades celestiais. De repente tem um juramento por deus na minha cabeça? Que é isso? Frágil assim?

A maca é baixada da ambulância e segue para dentro do hospital. Por portas deslizam silenciosas suas folhas de vidro. No ângulo de visão de Fernando, as proporções estão alteradas. Os enfermeiros estacionam a maca junto do balcão da internação. Papéis são entregues e recebidos. Ele ouve uma voz de mulher: “Podem levar. Quando a família chegar, a gente pede pra preencher a papelada. Quarto 2087.” Há uma troca. Saem os enfermeiros da ambulância, de azul, e entram os enfermeiros do hospital, de verde. Os pertences de Fernando, suas roupas, a mochila, são postos ao pé da maca, que segue para o elevador. Ele tem alguma coisa a perguntar, mas está sonolento, gostaria de não estar mais rodando por aí nessa ridícula roupa hospitalar. A camisola, que tantas vezes ele atou e desatou durante a doença do pai, agora cobre seu corpo. Sente frio. Olha os pés cobertos por um lençol branco. Entram no elevador. Não consegue prestar atenção ao que dizem os enfermeiros, que parecem lhe perguntar alguma coisa. O quê? Que querem saber? Está já na cama. Não percebeu quando o transferiram. Sente dor no braço, na área perfurada pela agulha, mas não encontra em si energia para reclamar. Grogue. Zonzo. Tenta sacudir a cabeça para clarear as ideias. O movimento lento parece ecoar, reboar, emaranha tudo ainda mais.

Uma enfermeira alta e magra entra e olha o prontuário. Fernando está escorregando para o sono. Entra em um túnel cálido de paredes macias. Perde contato do que se passa ao seu redor. Respira profunda e regularmente. Mergulha em um sono sem sonhos. Não sabe dizer depois se sonhou com as presenças

de Ana, Luciano e Dona Rita ao seu redor ou se eles realmente estiveram ali. Não guarda qualquer memória da noite ao acordar na madrugada que se esgueira cinzenta inóspita pelas frestas da persiana. Uma enfermeira baixa e gordinha entra no quarto, acende a luz e pergunta:

“Então, como vamos indo?”

Fernando leva algum tempo para entender que é com ele que ela fala. A mulher, que tira instrumentos de uma bandeja, olha para o doente. Antes que possa responder, ela murmura algo como “Um momento, eu já volto”, e sai do quarto. Fernando tem a atenção desviada para um movimento ao lado da cama. Em um sofá está embrulhado um vulto que põe um braço para fora, depois outro. Aparece enfim Luciano, descabelado, sonado, sorridente.

“E aí?” indaga.

“E aí pergunto eu”, diz Fernando. “Você dormiu aqui?”

“Não, cheguei na madrugada, tirei a roupa e me embolei na coberta pra te fazer uma surpresa”, diz Luciano, rindo. “Claro que dormi aqui. Por quê?”

“Não sei, achei que...”

“Mamãe queria dormir com você, mas achei melhor mandar ela pra casa. Ana chegou muito tarde, o carro dela quebrou na estrada, ficou esperando o socorro, estava exausta. Você nem deu pelas entradas e saídas. Dormia feito criança. Despachei Ana, avisei que ia ficar com você. E pronto. Olha eu aqui. Ela vem pra cá daqui a pouco. E agora, bom dia.”

“Bom dia, Léo, obrigado”, murmura Fernando.

A enfermeira volta ao quarto, consulta uma prancheta à qual estão afixados papéis, observa Fernando atentamente, faz algumas perguntas, tira a temperatura, mede a pressão, observa os dados registrados pelo monitor sobre a cama, anota-os. Verifica o volume da bolsa de soro, olha o relógio, escreve mais. Observa Fernando:

“Teve uma boa noite?”

“Sim, acho que sim. Pelo menos, não me lembro de nada.”

“É, o senhor dormiu mesmo. O médico cuidou disso. Medicamento no soro, sabe? Agora precisa fazer alguns exames. Vamos colher sangue em jejum. Quer ir ao banheiro antes ou depois do café da manhã?”

“Eu, eu não sei, não pensei nisso.”

“Bom, depende da sua vontade”, diz a enfermeira num risinho.

“Acho que eu preciso ir agora.”

“Então vamos fazer a coleta de sangue, daí chamo o enfermeiro pra acompanhá-lo, e depois pedimos o café, está bem assim?”

Fernando tem de novo o mal-estar causado pela percepção de que estão decidindo por ele. A hora em que vai ao banheiro, em que vai tomar café. Sente-se estranho. Está ainda grogue. Recosta-se melhor na cama. Desvia o olhar quando a enfermeira se aproxima com uma seringa vazia, na qual encaixa uma agulha longa. Ela ata o antebraço com um tubo de borracha e faz na veia a punção que ele mal sente. Recolhe o sangue em quatro tubinhos diferentes que encaixa e desencaixa da seringa. Termina a operação, guarda a seringa e os tubinhos em um saco de plástico, lacra o fecho, deposita tudo na bandeja de metal e anuncia:

“Depois do café vão fazer mais um eletro, senhor... Fernando”, completa, após olhar a ficha. Volta-se para Luciano e indaga: “O senhor também quer o café da manhã?”

“Sim”, responde ele. Desde que a enfermeira entrou, Leo cobriu-se com a manta e está sentado no sofá estreito, as pernas cruzadas, o cabelo despenteado caído sobre a testa, observando as operações da mulher.

“Está bem. Qualquer coisa, sou a enfermeira Matilda, fico até as catorze horas. É só me chamar.”

“Obrigado.”

“Vou mandar o enfermeiro.”

Fernando começa a levantar-se assim que a enfermeira fecha a porta do quarto. Luciano protesta:

“Você não pode...”

“Posso, sim. Não estou aleijado. Não vou ficar esperando ninguém me levar ao banheiro, pelamordedeus.”

Quando Fernando começa a se levantar, tentando entender que tubos e fios o prendem a que aparelhos, a porta do quarto se abre e entra um enfermeiro sorridente, alto, costas levemente encurvadas.

“Bom dia, senhor. Sou o assistente de enfermagem Carlos. Vamos ao banheiro?”

Enquanto fala, o homem, rapidamente, desconecta plugs, liga e desliga aparelhos, passa a bolsa de soro para uma haste sobre rodas, estaciona a traquitana ao lado de Fernando, que então desce da cama apoiado pelo braço do rapaz. Caminha em passos lentos, hesitantes. Sua impressão é de que envelheceu séculos numa só noite. Como é o nome daquele personagem? Aquela história fantástica que acontece acho que no interior de Nova York. Um cara que dorme por muito tempo depois de beber e jogar boliche com uns fantasmas holandeses, os caras que compraram Manhattan dos índios. Quando o sujeito da história acorda, está velho. Perdeu um pedaço enorme de sua vida. Muitos anos se foram e ele nem percebeu. Eu perdi um pedaço da minha vida? É isso? Não sabe o que pensar. Solto no nevoeiro. Como o velho daquele filme do Fellini que eu também não lembro o nome, o filme das memórias. Chega ao banheiro, enfim. O enfermeiro, ao contrário do que Fernando imaginou, não o constrange. Ajuda-o com rapidez eficiente, em um silêncio confortável. Em pouco tempo está pronto, mãos e rosto lavados, boca enxaguada, em dia com os intestinos e os

rins. Sente muita fome. Não é para menos. Não come nada sólido desde que embarcou em Nova York, há uma eternidade de tempo.

“Vamos tomar o café?” pergunta o enfermeiro Carlos.

“Sim, claro. Mas não vou deitar de novo. Quero sentar um pouco. Cadê o controle remoto?”

“Tá aqui”, diz Leo. Passa o aparelho para as mãos do irmão.

“Bem, vou mandar vir nosso café”, exclama o enfermeiro, deixando o quarto depois de trocar os lençóis da cama. Fernando pergunta-se se todos eles falam sempre no plural com os doentes. Como se estivessem também submetidos aos mesmos males e panaceias. Fernando olha ao redor. Luciano, que acaba de se vestir, vai para o banheiro. Quando voltou para o quarto, Fernando ficou aliviado por Ana ainda não estar ali. Por alguma razão na qual não quer pensar, está constrangido com o iminente e inevitável encontro. Gostaria de não vê-la. Ainda não. Não está pronto para isso. As imagens dos quadros com os gatos voltam-lhe à memória. Surgem do nada. Vê, como se estivessem a sua frente, a cara do gato de Klee, as mãos pálidas da menininha segurando o gato de Freud.

A lembrança incomoda, e ele aciona o controle da tevê. Busca o canal de notícias. Uma moça de cabelos escuros e rosto fatigado entra no quarto depois de bater levemente à porta e dizer “Com licença”. Traz um carrinho com duas bandejas. Coloca uma delas sobre a mesa a que está sentado Fernando. Estende a outra para Luciano, que se reacomodou no estreito sofá. A moça de ar cansado pede licença mais uma vez e sai. Os irmãos destampam as bandejas. Não há muita diferença entre os desjejuns. Fernando, faminto, come torradas e queijo branco, bebe o chá de erva cidreira, devora a compota de frutas e a gelatina. Ainda sente fome quando termina de comer. Pensa em pedir mais. Não há tempo. O enfermeiro retorna. Hora do eletro.

“O doutor deve chegar daqui a pouquinho”, explica Carlos.

“Bem, então vamos lá. Leo, você não quer ir embora? Eu estou bem, vou fazer o exame, o Zé Cláudio vai estar aqui já já, a Ana deve...”

“Não, imagina. Já liguei no escritório e avisei que hoje só vou depois do almoço. Te faço companhia. Vai sossegado pro teu exame.”

“Tá bom.” A solicitude do irmão o incomoda de leve. Não está acostumado. A relação deles em geral é distante, até um pouco fria. E agora essa presença tão solícita. Será a doença que suscita tal reanimação do vínculo fraterno? O enfermeiro arma uma cadeira de rodas. Fernando diz: “Quero um roupão por cima dessa camisola ridícula. Não vou sair por aí de bunda à mostra.”

Vestido o roupão, Fernando acomoda-se na cadeira e sai empurrado por Carlos. Em um pino fincado ao encosto da cadeira foi pendurada a bolsa de soro. O trajeto não é longo. Algumas portas adiante, Carlos manobra a cadeira e entra em uma sala estreita. Acomoda Fernando sobre a maca, tira-lhe a pressão e o apronta para o eletro. O exame é feito por uma senhora baixinha, que opera a máquina com destreza. Logo mais Fernando é devolvido ao quarto.

Ana chega ao mesmo tempo que o médico. A expressão apreensiva que ela traz no rosto se aclara ao avistar o marido sentado na cama, entretido com o canal de notícias. Ela o cumprimenta, afetuosa, faz brincadeiras com a acidentada volta de ambos à cidade. Ana carrega uma maleta e uma sacola de supermercado com frutas. Explica que trouxe roupas limpas, objetos de toalete. Arranja as frutas em um prato e o põe sobre a geladeira. Os feitos matinais de Fernando são narrados por Leo como se o protagonista dos atos não estivesse ali. O médico conversa com Ana no tom familiar de velhos colegas. Explica para Fernando que as condições são boas e que vão fazer a angioplastia assim que a sala estiver pronta. Não será aplicada anestesia, e tudo será rápido e indolor. Ana e Fernando não ficam sozinhos um minuto. O médico deixa o quarto,

mas a Luciano e Ana junta-se logo Dona Rita. A mãe conta de todas as muitas pessoas que conhece e já passaram por intervenções como essa a que Fernando será submetido, da qual se saíram lépidas e faceiras. Fernando ri. O enfermeiro Carlos entra no quarto com a maca:

“Está na hora, professor. Vamos lá?”

### **Quatro.**

Fernando caminha na esteira. Velocidade acelerada. Percebe o momento exato em que gotas de suor começam a se formar na testa. Coração bate que bate. Ficaria preocupado. Mas Zé Cláudio está ao lado. Avalia. Fernando anda e anda e respira e respira. Arfa. Percebe a frente da camiseta se impregnar do suor; o corpo é submetido a um esforço extremo. Fernando cerra os dentes, apoia-se no guidão do aparelho, tenta não pensar na exaustão que o invade. Tá acabando. Daqui a pouco: fim. Só aguentar mais um tanto, daí, liberdade. Saio voando pela janela de tanta felicidade. Respira pesado. Filetes de suor correm pela testa e entram nos olhos, ardidos, incômodos. Mas não se desconcentra. Vai provar a si mesmo que está bem. Tem que estar bem. Depois do ataque vai mudar as coisas. Que coisas? O jeito como vive, como viveu até aqui. Pela primeira vez leva um tratamento a sério. Sempre foi um doente recalcitrante, reticente com os médicos. Não pode continuar assim. Deseja viver. Venceu o infarto. Superou tudo, até a incômoda recuperação. Agora marcha acelerado, enquanto o suor escorre em riachos pelas costas, pela testa. O coração bate. Segue a bater com força quando enfim o médico pede a ele que desacelere devagar, até parar. Fernando reduz o ritmo. A respiração está curta. A roupa de ginástica pesa em seus ombros, cola em sua pele, molhada, disforme. Nota as mãos pálidas e úmidas que se agarram ao guidão da esteira com uma força que torna os nós dos dedos ainda mais brancos. Aos poucos, depois do que lhe parece muito

tempo, o fôlego retorna ao normal. Olha para o médico. Zé Cláudio faz sinal para que espere um momento. Observa folhas que saem de uma impressora. E enfim levanta o rosto para Fernando.

“Pode tomar banho e trocar de roupa. Espero você no consultório.”

Fernando assente. Não tem ar suficiente para falar. Mas as pernas movem-se na direção do vestiário onde deixou a roupa. Para junto do bebedouro. Com mão trêmula enche de água um copo e bebe goles. Senta-se no banco de madeira e espera até sentir os movimentos estáveis. Levanta-se então e caminha para o chuveiro. Toma uma ducha. A água bate forte em sua nuca, em seu peito. Ele se deixa golpear pelos jatos. Ao fim de alguns minutos, desliga a ducha, apanha a toalha, enxuga-se. Veste-se, enfim. Percebe lentidão nos movimentos, como se tivesse envelhecido anos em horas. De novo aquela lembrança. A história do homem que foi caçar e dormiu por um longo tempo. Simultaneamente ocorrem-lhe as imagens dos gatos. São figuras que não o sobressaltam mais. Não entende ainda por que significam tanto para ele, mas acostumou-se à frequência com que a lembrança vem à tona. Seja como for, gostaria de entender o que o liga a essas imagens. Por que gatos? Por que esses dois, em especial? Ajusta as calças de moletom. Calça os sapatos, suspira, levanta-se do banco de madeira e apanha a mochila, em cujas alças engancha os braços. Assim paramentado caminha para a sala do médico. Aguarda longos minutos na antessala. Por que nunca médicos e dentistas recebem a gente na hora? Parece desaforo. A gente paga. E os caras fazem você esperar uma boa meia hora até... Vai desafiando para si mesmo suas indignações quando a atendente levanta-se em sua roupagem rigidamente branca, chama seu nome e lhe diz que o doutor aguarda. Fernando se levanta e, carregando a mochila nos braços, entra no consultório.

Sala bege e verde. Ampla janela descortina uma vista deslumbrante da Avenida Sumaré, lá em baixo no vale, cintilante de vidros espelhados e capôs

coloridos ao sol da manhã, que também verdeja as copas das árvores. Senta-se na poltrona estofada de couro. Não conhece muito de design, mas sabe o suficiente para avaliar o luxo dos móveis de grife, desenho arrojado. Pensa que é com seu dinheiro que aquele luxo é pago. Seu e de outros como ele. Não gosta de médicos. Molière tinha toda razão. São os caras mais esquisitos, deus que livre. Epa, deus de novo! Daqui a pouco vou estar me benzendo, indo em missa, sei lá. Seu passado religioso, de curta duração, volta ao foco das memórias. Muito antes de ser ateu. Pra afrontar o pai, descrente empedernido e confesso. Por uns meses virei carola, quase fui coroinha, mas não acreditava de verdade.

“Desculpe pela demora, Fernando, estava examinando seus resultados.”

A voz do médico tira-o do devaneio.

“Então, doutor?”, indaga, tom de voz neutro.

“Fernando, você está bem, quer dizer, muito bem mesmo. Seu ergométrico deu resultados excelentes.”

“Mas...”

“Mas o quê?”

“Estou perguntando sobre o *seu* mas. Você falou num tom que tem um mas embutido, do tamanho de um piano.”

“Sim, o mas é que você é o tipo de cliente que mais me preocupa.”

“Por quê?”

“Porque você estava bem até esse episódio. Foi muito rapidamente que se produziram as condições para o infarto. E se isso aconteceu com tanta velocidade, tenho medo de que o problema possa se repetir. Você já pensou no quadro em que se produziu a crise?”

“Sim. Estava no meio, estou acho, estou ainda no meio de uma situação muito estressante.”

“Que tem a ver com...”

“...”

“Desculpe, Fernando, mas eu preciso saber.”

“Prefiro não falar nisso.”

“Não posso te forçar, mas...”

“Se eu disser que é uma crise doméstica...”

“Me dá uma informação importante. Há quanto tempo você terminou sua análise?”

“Pra mais de dez anos. Acha que...”

“Talvez fosse o caso. Pense nisso. Não sei se análise, mas algum tipo de terapia. Além da fisio. Você tá se exercitando, fazendo a dieta?”

“Sim, pode ficar sossegado...”

“Eu, não. Você é quem tem que ficar sossegado. Fernando, eu tenho medo de que você não tenha entendido direito a gravidade do que...”

“Entendi, claro que entendi. Entendi que eu estava bem e que de repente, sem mais nem menos... Pô, você tinha feito um check-up imenso uns meses antes. E não deu nada.”

“Por que você acha?”

“Pode ser que você não tenha visto.”

“Os exames estão com você. Pode levá-los a outro médico, se quiser. Até indico alguém. O que não está percebendo é que as condições para o infarto se estabeleceram depois daquele exame. E se você não cuidar disso, pode ser vítima de mais um. A probabilidade de acontecer é grande. Estatística.”

“Que é que eu tenho que fazer?”

“A medicação. Não descuide. Siga aquela tabela que eu fiz, tome todos os remédios. Além disso, alimentação e esporte, nem preciso falar, ou preciso? Cortar açúcar e doces.”

“Isso não me incomoda.”

“E muito exercício, Fernando.”

“Estou caminhando, no mínimo uma hora por dia. E a natação?”

“Pode voltar. Mas avise seu instrutor. Recomece aos poucos.”

“Estou sentindo falta. Água me faz bem.”

“Lembro que uma vez, logo que começou a se tratar comigo, você disse que se consultaria só umas poucas vezes comigo, porque estava de mudança pro Rio. Que fim levou aquele plano?”

“Ficou arquivado, como tantos outros.”

“Você tinha a chance de se transferir pra lá, é isso?”

“É, havia uma vaga na escola de artes cênicas. Mas faz tanto tempo.”

“E não deu certo...”

“Ana não queria deixar o trabalho dela e nem tirar os meninos da escola. Isso foi quando eles estavam ainda no ensino médio, muitos anos atrás.”

“Você nunca mais pensou em deixar São Paulo?”

“Acho que não.”

“Pois eu acho que se você puder, deve pensar nisso.”

“Por que, doutor? O meu infarto tem a ver com a cidade?”

“Não. Pelo menos não diretamente. Mas o estresse de uma cidade como esta pode levar a uma doença.”

“Hum.”

“Fernando, não quero me intrometer em sua vida, mas você tem que entender que a partir de agora vai ter que mudar de atitude. Ou você se arrisca a ter um outro episódio. E no caso dos infartos, o segundo ataque é sempre pior que o primeiro, sempre. Acredite em mim.”

“Eu vou tomar cuidado, doutor.”

“Pelos próximos dois anos, check-up a cada seis meses.

“Tá entendido.”

“Qualquer coisa, me liga.”

“Ligo.”

“Pensei que Ana viria com você.”

“Hoje ela atende na clínica da comunidade. Até tentou vir, mas não encontrou ninguém que cobrisse o plantão dela.”

“Como vão vocês?”

“Por que a pergunta?”

“É uma pergunta de amigo.”

“Estamos bem.”

O médico olha por alguns instantes para Fernando. Pensa em alguma coisa. Prepara-se para falar. Entreabre a boca. Depois, com um discreto aceno de cabeça muda de atitude e afirma, em tom professoral:

“Não se esqueça de que o apoio psicológico também é fundamental. Você tem que levar a sério a ideia de um processo de análise. Lembre que ela faz parte do planejamento que traçamos para combater a doença.”

“Está bem, doutor.”

“Aqui estão seus exames.” O médico estende um gordo envelope de papel pardo, que Fernando apanha e guarda dentro da mochila.

“Bem, Zé Cláudio, vou indo então.”

“Estamos entendidos?”

“Imagino que sim.”

“Está bem. Só quero que você lembre que é sua vida que está em questão. A sua vida.”

“Estou ciente, Zé.”

“Certo, então.” Há uma expressão estranhamente ansiosa no rosto do médico. Fernando observa-o sem curiosidade, com uma expressão neutra no rosto. Os dois homens ficam assim por alguns segundos. Então o interfone na mesa

soa. Zé Cláudio atende. “Pois não. Um momentinho só. Manda ele entrar em cinco minutos.” Fernando entende que é sua deixa para sair. Despede-se de Zé Cláudio com um sorriso, volta-lhe as costas e vai em direção à porta.

Não sabe se está feliz ou infeliz com o resultado da consulta. Quer ir para casa. Fez bem em suspender todos os compromissos hoje. Exausto. Deseja cair na cama e dormir. Antevê isso quando embarca no primeiro táxi parado no ponto em frente à clínica de Zé Cláudio. Perde-se em divagações imprecisas à medida que o veículo faz o caminho grimpante para o endereço na Vila Madalena. Não consegue prestar atenção à conversa do motorista. É uma outra vida agora. Dieta, remédios, rotina, comer nas horas certas. Que merda, que merda, por que isso tinha de acontecer? De algum ponto no fundo de seu entendimento vem a resposta. E não gosta dela. Não se sente bem. Meses desde o ataque, e está vivendo em suspensão. Todos o tratam de um modo antinatural. O que é antinatural? O que é natural? Na realidade, na vida de todo dia, não no entendimento de filósofos e cientistas. Sacode a cabeça. Tenta se fixar na paisagem. Apesar da hora, o meio do dia, o trânsito avança lento. Quanto tempo falta pra São Paulo parar de vez? Quando acontecerá o engarrafamento dos engarrafamentos, que vai obrigar os motoristas a abandonarem veículos, saindo a pé, desarvorados, pela cidade abarrotada de carros de todos os tipos, formas e idades?

Observa as pontas dos dedos das duas mãos, que une e desune num movimento nervoso. Já é mais que tempo de pôr sua vida finalmente em ordem. Que quer dizer isso? Não sei. Não tenho certeza. Mas é o que preciso fazer. Aproximam-se da casa, chegam enfim. Ele paga e desembarca. Mora com Ana no grande apartamento térreo de um prédio de quatro andares, sem elevador, numa ruazinha de três quarteirões colina acima, não longe da estação do metrô. Fernando descobriu o apartamento quando estavam procurando casa para alugar, pouco depois do casamento. É uma casa mesmo. Todo mundo que vem

aqui diz que tem cara de casa térrea. E tem. A janela da cozinha, nos fundos, abre para uma vista de casinhas e pequenos prédios. Ainda. Não se sabe por quanto tempo. Uma muralha de edifícios altos avança cada vez mais, e já cobriu o horizonte que era aberto e distante quando mudaram para lá. Uma sala ampla abre suas grandes janelas para um largo e ensolarado corredor verde de plantas e pequenos canteiros. O caminho de verdor ladeia a casa toda pela esquerda, e para esse corredor abem-se as janelas dos três espaçosos quartos, que têm banheiros de permeio. Logo depois da cozinha passa-se para um pequeno jardim, no qual desemboca o corredor verde. Atrás do pátio, que tem churrasqueira e algumas largas cadeiras de madeira arranjadas ao redor, uma sebe de hera separa do jardim a área de serviço e o antigo quarto de empregada, que Fernando transformou em seu escritório. Em toda a volta há altos muros e cercas elétricas.

Foram assaltados quatro vezes nos últimos dez anos. Por sorte nunca havia ninguém em casa durante os roubos. Felizmente. Reforçaram a proteção levantando muros com cerca elétrica. Todas as noites, quando ativa a cerca, Fernando lembra de tempos em que era guiado por ideias de paz e amor, igualdade, demolição de barreiras.

Aquele jovem idealista lhe parece um ser de outra galáxia. Nada indica que sejam a mesma pessoa o garoto sonhador de velhos dias e o homem cético que hoje ocupa seu lugar. Coisa nenhuma de particular aconteceu que o tivesse deixado assim. A vida e seu caminho de ilusões perdidas. Os assaltos foram parte desse processo. Mesmo assim, ele e Ana recusam-se a aceitar os conselhos da família para mudar para edifício mais seguro e deixar aquele apartamento que, ao longo da última década, se revelara tão acessível a invasões e assaltos. Ana gostava da casa. E Fernando sente paixão pela construção antiga de pé-direito alto, e pelo jardim que ele cultivava pacientemente. Ocupava todas as horas vagas cuidando das plantas, das árvores, da horta. Mais que os computadores,

as tevês de plasma, as joias e os celulares levados pelos ladrões, lamentara os canteiros destruídos pelos pés dos invasores bárbaros do último assalto, que haviam entrado na casa pelo muro do quintal. Isso havia ocorrido antes da derradeira fortificação. Desde então, e até agora, o recurso à cerca elétrica parece funcionar bem.

Está muito cansado. Vai para a cama no quarto que dividiu em outros tempos com Ana. Não dormem juntos há quase dois anos. Ana instalou-se no quarto da filha, a pretexto de estudar e usar o computador até tarde em suas pesquisas para a livre-docência sem incomodar Fernando, que tem sono leve. O que seria um arranjo temporário, para o período de preparo da tese, acabou por se tornar uma situação definitiva. Fernando tira a roupa, veste um moletom velho que já perdeu a forma, e deita-se. Acomoda-se no colchão duro e confortável. Suspira. Liga uma tecla do aparelho de som na cabeceira da cama. A voz de Elis Regina o embala. Tenho que escrever pros meus filhos, que vieram do Canadá para me ver, e desde que foram embora, semana passada, não mandei uma linha pros dois. E o Paulo que me manda mail atrás de mail de Nova York; exige informações atualizadas até quando não tem nada pra ser informado. Fernando sente-se em falta com todos. Evoca as palavras que usará nas mensagens que vai escrever e, guiado por Elis, entra em um sono profundo sem sonhos. Nem percebe quando Juão, o labrador de pelo curto cor de mel, pula para cima da cama e se aninha aos seus pés. Ao acordar, Ana o observa, encostada no umbral da porta. Não sabe se a presença dela o despertou. Ana sorri. Ele se senta na cama larga e boceja. Juão, que sabe não ser bem-vindo na cama de Fernando, pula fora antes de ser expulso.

“Parece que nunca antes de hoje tinha dormido”, sorri Fernando.

“Falei com o Zé Cláudio. Você está bem.”

“Bem mais ou menos. A quantidade de recomendações e remédios e...”

“Natural. O que você teve foi sério. Mas vai se cuidar e...”

“Sim, Ana, vou me cuidar.”

“Então está tudo bem.”

Desde que voltou para casa do hospital, ele está toureando este momento. Agora sabe que não pode mais adiar. É preciso lancetar a ferida ou morrer envenenado pelo pus.

“Preciso te perguntar uma coisa”, diz, cauteloso.

“Pode falar.”

“Quando eu voltei de Nova York, antes do infarto, a gente ia ter uma conversa. Você me mandou mensagens, a gente combinou por telefone. Nosso primeiro encontro ia ser uma longa conversa. Daí eu fiquei doente.”

“Fernando, eu acho que...”

“Eu não aguento mais esperar...”

“...ainda não está na hora de...”

“Quando então vai ser hora...”

“Não sei, mas ainda não.”

“Por que, Ana?”

“Porque sim, porque eu ainda não estou... Você ainda não está...”

“Eu não estou o quê?...”

“Nada a ver com saúde. É que... Precisa pensar.”

“Quem precisa pensar? Não estou entendendo. E que história é essa que eu não estou? Estou o quê?”

“Não sei, mas é que...”

“Ana, por favor.”

“Estou falando sério. Vamos esperar mais algumas semanas. Não fará mal algum.”

“Não fará mal pra quem?”

“Pra nós, querido, pra nós.”

“Você acha que se a gente deixar essa conversa pendurada...”

“Não se atormente, Fernando. Nós deixamos essa questão pendurada por tanto tempo. Não vai acontecer nada se ficar assim mais uns dias.”

Fernando olha para Ana e percebe que a mulher, tanto quanto ele, teme o resultado desse postergado acerto de contas. Prefere nada dizer. No final do ano, era ela quem pressionava pela conversa que ele receava. Agora os papéis se invertem. Diz então, com uma sombra de ironia:

“Tá bom, Ana. Se você quer assim... Vamos esperar a hora certa.”

Sente um gosto amargo na boca. Sabe que é da medicação que vem tomando. Mas tem a sensação também de que é o gosto da frustração por esse confronto temido. E adiado, adiado, tão adiado.

### **Cinco.**

Nas semanas seguintes Fernando estabelece uma rotina. Retoma todas as atividades profissionais, aulas, críticas, reuniões na escola e no jornal. Volta a ver espetáculos, a escrever sobre eles. Visita a mãe regularmente, duas vezes por semana. Dona Rita não se contenta com menos. Em companhia de Juão, marcha pelas ruas do bairro. Nunca teve esse costume. Preferia a piscina da academia. Natação sempre foi seu esporte. Juão era entregue na maior parte das vezes a um passeador profissional. Agora Fernando fica feliz ao seguir seu cão. Escala ladeiras, ruelas de estranho traçado, um sobe-desce que ele percorre até sob chuva. Anda e anda por essa estranha São Paulo que não tem mais estações do ano definidas, e transformou em horizonte um muro interminável de poluição e concreto. As fotos que tirou ao fim de uma viagem, ao se aproximar da cidade por Congonhas, mostram a massa compacta e cinza-rosada de casas e edifícios que se estendem por todos os lados até a linha do horizonte. A cidade

não tem mais aberturas para as montanhas. Nem o céu se avista com largueza da ruas congestionadas. Apesar de tudo, é a cidade dele. Não a trocaria por outra.

Lembra de um tempo em que houve o sonho com o Rio. Mas foi um breve interlúdio em uma fidelidade urbana que dura a vida inteira. Nasceu em São Paulo e em São Paulo morrerá. Correu parte do mundo. Gostou do que viu. Mas este é seu canto. Aqui está sua gente. Os colégios e faculdades em que estudou ou lecionou. As ruas que percorre desde criança. As casas de sua família. Sua família. O irmão, os tios e primos. Há os filhos, mas tão distantes desta cidade monstruosa e bela, cidade que é sua, como nenhuma poderia ser.

Seis e meia da manhã. Fernando caminha, seguindo João. Ambos em passo rápido pelas ruas aladeiradas da Vila Madalena. Respiração pesada. Não diminui a marcha quando molha a boca com a garrafinha d'água que traz presa a uma bolsa na cintura. Começa a se acostumar com o novo exercício. Hoje acordou cedo, tomou um copo de suco e saiu para a marcha. Agora está em pleno trajeto. A cada dia a caminhada o leva para um lado diferente. Anda por uma hora, ida e volta, às vezes uma hora e meia. Desta vez veio parar na Avenida Sumaré. Não gosta de andar pela Sumaré, apesar de seu amplo canteiro central pontuado de árvores copadas que oferecem boa sombra. Os carros e ônibus nas duas pistas incomodam. Mas de vez em quando vai por ali. Para variar, não seguir sempre a mesma rota. Apesar do trânsito intenso dos veículos que enviam grandes quantidades de poluentes para o ar, há um bônus em ir pela Sumaré: a casa de sucos perto do estádio do Palmeiras, onde sempre para e pede uma água de coco, a melhor de São Paulo. Fernando é maníaco por água de coco, e classifica todas em uma lista mental que há muito tempo é encabeçada pela casa de sucos alviverde. O coco ali parece maior e tem água mais doce do que nas outras bancas. Hoje não é diferente. Escolhe um coco com fartura de

água e instala-se numa banquetta. Não gosta de pressa nessa hora. Pensa no livro que retomou sem tesão. O pós-moderno não lhe interessa. Não considera relevante essa fase no teatro. Os diretores com cujas obras escolheu ilustrar seu trabalho não podem ser classificados de pós-modernos, na verdade. O que Fernando percebe é que depois de alguns meses, não foi além do ponto de partida. E intui que não chegará a lugar algum. É preciso encontrar outro viés. Ou talvez outro tema.

“Oi, prófi!”

A voz vem de trás dele.

“Oi.”

Responde sem olhar para quem fala. Deve ser alguma aluna sua. Acha engraçado esse jeito de os alunos chamarem os professores. “Prófi.” Não sabe nunca se é um diminutivo carinhoso ou um jeito depreciativo dos jovens de tratarem seus mestres. Lembra muito bem de como era ácido e cáustico com os professores quando aluno. Enquanto pensa nisso, deixa de sugar sua água e volta-se para trás, na direção da voz. Vê então quem o cumprimentou. Sim, é uma de suas alunas de história do teatro. Está no quinto semestre. Do tipo implicante. Sempre gosta de criar polêmica. Cita muitos autores que ele imagina que ela não leu. É arrogante. Bonita, muito bonita. O cabelo claro dança em mechas de tons cambiantes. Os olhos translúcidos estão ocultos agora por imensos óculos de sol. Ela sorri manso. Repete:

“Oi, prófi.”

“Oi, Lucila. Como vai?”

“Vou mal, prófi, vou mal.”

Fernando percebe que ela está bêbada. Tem o olhar fixo, o rosto afogueado. Pensa em dizer alguma coisa, muda de ideia. Afinal, não é pai dela. Pensa em como sair de cena sem demora, mas não tem tempo. Ela o abraça com força

e soluça com uma veemência que ele não deseja testemunhar. Fernando olha para os atendentes da casa de sucos. Aproxima-se uma garota gordinha, de camiseta verde onde se lê +Suks em letras brancas, e traz um copo com uma mistura verde. Põe o copo sobre a bancada e gentilmente solta os braços da moça do pescoço e dos ombros de Fernando. Este sente que sua camiseta ficou úmida com as lágrimas da aluna. A gordinha diz em voz suave:

“Que que aconteceu, Luci? Vem aqui tomar teu suco.” Olha para Fernando e explica: “Ela gosta de hortelã com água de coco e clorofila, sabe. É dez pra ressaca”. E volta a falar com Lucila: “Vou chamar teu irmão, tá bom, pra vir te buscar?”

“Eu sou professor dela”, Fernando ouve-se dizendo para a garota da casa de sucos. “Vocês conhecem?”

“É nossa freguesa. Sempre para aqui quando vem da balada.”

“Ela disse que está mal.”

“Sempre fica assim quando passa da conta. A gente conhece ela. É nossa cliente. Vou chamar o irmão.”

“Posso fazer alguma coisa?”

Lucila parou de chorar. Toma o suco em pequenos goles, olhar perdido em algum ponto longe dali. Sua expressão é profundamente infeliz. A atendente gordinha não responde à pergunta de Fernando e ocupa-se em falar ao telefone. Explica alguma coisa em voz baixa, ouve a resposta, concorda e desliga o aparelho.

“Pode ficar sossegado, viu, doutor? O mano dela já vem buscar.”

Fernando sente um misto de alívio e culpa por saber que não terá de acompanhar a menina até a casa, que não terá de aguentar lamúrias bêbadas. A culpa vem do fato de sentir certa responsabilidade em relação a Lucila, já que a conhece. Mas que pode fazer? Que pode dizer? Nunca prestou atenção especial

na moça, apesar dos esforços dela para questionar as aulas. Na classe, ela se destaca por essa vontade de polemizar. Mas, do ponto de vista de Fernando, está longe de correr entre os primeiros, assim como também fica distante dos ineptos e retardatários. Seu lugar é no pelotão dos medianos. Fernando não sabe dizer quais são os projetos da garota, por que razão ela cursa a escola. Não parece particularmente interessada em se tornar atriz, motivo pelo qual 90% das meninas de sua idade ingressam no curso de artes cênicas. E ele não sabe também se ela tem algum talento para outra das atividades do palco. Agora que a vê ali, bela, frágil, a pele muito branca contrastando com o vestido preto sob a luz baça do nascer do dia, tudo aquilo lhe parece parte de um universo estranho, que não consegue entender. Termina de beber sua água de coco, despede-se de Lucila, que não faz caso de suas palavras e continua a fitar o vazio. Fernando deixa a casa de sucos e volta para a avenida, onde retoma sua marcha, fazendo o percurso de volta à casa. Precisa de um banho. E tem de estar na faculdade às nove da manhã. Olha o relógio. Está atrasado. Apressa o passo e está ofegante ao entrar em seu prédio. Recupera o atraso encurtando o tempo do banho. Veste-se automaticamente sem prestar atenção nas roupas. Apanha as que estão mais à mão. Vai até o estacionamento ao lado do apartamento, onde ele e Ana guardam os carros. Dirige até a faculdade ouvindo as canções lancinantes de Marianne Faithfull. Chega em cima da hora. Enquanto caminha apressado, a visão da desolada aluna na casa de sucos volta a sua memória. Por que eu estou pensando nisso agora? Não é hora. Afasta a memória e se apressa. Não sem antes lembrar da mão da moça segurando o copo de suco que a atendente lhe preparou. A mão muito branca parece-lhe idêntica à mão da menina no quadro de Freud, segurando pálida o indefeso gatinho. Chega! Tá na hora de focar a reunião. Muita coisa precisa ser discutida. Os professores estão entrando na sala de

reuniões quando ele aporta no departamento. Aliviado, respira. Tem fama de estar sempre atrasado, e não gosta disso.

Enfrenta um dia banal, dedicado às atividades de administração do departamento. Desse lado da vida universitária Fernando não gosta nem um pouco. É a área em que atuam as vaidades, os joguinhos de poder, quem domina a comissão tal, quem consegue a verba qual. Não tem paciência para isso. Faz-se de desentendido. Foge de cargos e postos de chefia como o diabo da cruz. Mas não consegue escapar das tarefas administrativas que são impostas a todo o corpo docente. Então, tem que pagar sua cota em horas na administração do departamento e no atendimento aos alunos. São reuniões, relatórios, burocracias miúdas que o exasperam. É exatamente o que não quer da sua vida. E embora o número de horas semanais exigido dele se mantenha igual há alguns anos, tem a sensação de que a burocracia toma cada vez seu tempo. A quantidade de trabalho que alguns anos atrás fazia em uma hora, agora leva duas. Verificadas as contas, chancelados os memorandos administrativos, atendidos os alunos que marcaram hora na secretaria, Fernando está livre para sair. Mas antes de desligar o computador e deixar a escola, acessa o site e procura a ficha de Lucila. Descobre que não tem acesso ao cadastro dos alunos. Para isso, é necessário pertencer à coordenação pedagógica, o que não é o caso dele. Não sabe bem por que tentou acessar a ficha de Lucila. Encolhe os ombros e sai da faculdade, caminhando até o estacionamento.

Passa pelo supermercado e compra uma bela posta de salmão. Escolhe espaguete italianos e passa pelas gôndolas de verduras e frutas, onde escolhe os componentes para a salada. Não se lembra se viu ou não alcaparras na despensa de casa, e compra um vidro pequeno, por precaução. Que mais precisa? Um pote de sorvete de damasco ficará ótimo com fatias de abacaxi gelado na sobremesa. Está quase indo para a fila do caixa quando bate o olho numa

prateleira de temperos e ingredientes exóticos. Compra um pacote de sementes de gergelim e um pacote menor de sementes de papoula. Dá risada quando lembra que as sementes de papoula, ingrediente tradicional de vários recheios de doces feitos por sua mãe, estiveram por longo tempo proibidas no Brasil. Do que tinham medo? Achavam que a partir das sementes torradas da flor daria pra se iniciar uma plantação de papoulas para produção de heroína? Quanta ignorância, santo deus. E de novo percebe a presença de deus em seus pensamentos. Mas que catzo é isso? Dei de ficar carola depois de velho? Daqui a pouco eu vou estar em igreja confessando e comungando? A memória da avó religiosa, que o reprimava por não ir todos os dias à missa, relampeja em seu campo de atenção. Mas ele tem mais o que fazer. Acaba de passar os produtos pelo caixa.

“Tem sacola reciclável?”, pergunta ao tirar do bolso a carteira.

“Sim, senhor”, responde a garota de óculos e aparelho nos dentes.

Ele sorri para ela, recebe um sorriso de volta. Caminha até o carro equilibrando os pacotes nos braços. No último momento incluiu duas garrafas de vinho à compra. Agora acomoda tudo no banco traseiro. Num acesso de nostalgia, conecta o iPod ao aparelho de som e a voz melancólica de Carole King invade o veículo com suas melodias de amizade e amor. Ele senta-se em silêncio por alguns instantes. Como fez várias vezes nos últimos meses, conecta-se com o próprio corpo. Percebe sua respiração, os batimentos cardíacos. Ausculta-se, tateia as laterais do pescoço, a parte posterior das orelhas. Vai livrar-se algum dia da obsessão que o acompanha desde que saiu do hospital? A pulsação está ok, a respiração também. Fecha os olhos, inala profundamente, exala em seguida. Dá a partida e sai. A voz de Carole King o acompanha até a casa.

Deixa o carro no estacionamento. Entra em casa. O apartamento está silencioso. A empregada já terminou o serviço e foi-se. Ele guarda as compras e coloca no aparelho de som o novo álbum de Rufus Wainwright. Toma um banho

breve, enxuga-se, veste uma calça branca folgada, uma camisa azul, enfia os pés em suas havaianas e vai para a cozinha. Do telefone preso à parede disca um número. Aguarda enquanto olha em volta, registrando os objetos familiares, muitos dos quais ele mesmo comprou, tendo herdado outros da avó, de quem recebeu também o gosto pela manipulação e preparo de alimentos. Quando seus olhos estão se perdendo na paisagem de casas baixas que se descortina da janela, o chamado é atendido.

“Oi, Fernando.”

“Oi, Ana.”

“Aconteceu alguma coisa?”

“Não. Por quê?”

“É que você nunca liga assim, no meio do trabalho.”

“Estou atrapalhando?”

“Não, pode falar.”

“Só queria saber se você vai vir jantar.”

“Sim, vou pra casa quando terminar meu turno.”

“E quando termina?”

“Em duas horas. Devo estar em casa lá pelas nove e meia, dez.”

“Tá bom. Vou preparar alguma coisa pra gente comer.”

“Isso vai ser ótimo.”

“Sim, vai. Até logo.”

“Até.”

Fernando deixa o jantar pré-preparado. Separa as folhas da salada e coloca-as de molho em uma solução esterilizante. Deixa no fogão uma caçarola e a panela em que ferverá o macarrão. Ao lado da caçarola coloca a lata de azeite de oliva. Corta o salmão em postas e guarda-o novamente no refrigerador. Olha em volta, está tudo em ordem. Vai para seu escritório, liga o computador e

recomeça a cotidiana luta com o livro, que teima em não tomar forma. O trabalho não deslancha, por mais que tente. Por um tempo olha para a tela, suas notas, os livros que reuniu, as entrevistas que fez, e nada disso se transforma em centelha. A inércia o paralisa e o entedia. Levanta-se, espreguiça o corpo. Se fosse a primeira vez... Mas desde que eu comecei a escrever essa merda que a coisa não avança. Que será que eu tenho de fazer, caramba? Atravessa o pequeno jardim e volta para a cozinha. Abre um vinho branco, prova, serve uma taça. O CD de Rufus terminou. Coloca no aparelho de som o jazz de Dave Brubeck e volta para o escritório. As janelas estão escancaradas, a noite é morna, úmida, pesada. O clima em São Paulo piora a cada dia. Ele sente isso em seu corpo. A respiração fica mais difícil. Os olhos estão quase o tempo todo irritados. Observa o cômodo, forrado de livros. A música elegante e espirituosa de Brubeck chega até ele um pouco velada, mas nítida. O som o remete para a adolescência. O pai gostava de jazz; ele herdou o gosto e a discoteca. Toma um gole de vinho. Suspira. Olha de novo o arquivo com as notas. Irritado, muda de tela, vai para o serviço de mensagens. Responde algumas delas, apaga outras. Escreve para os filhos, mais perguntando do que informando. Não sente que tem muito a dizer sobre si mesmo, exceto que sobreviveu. Ao menos até agora. Isso é mentira, tô pensando isso mas é mentira. Como eu sou besta. Claro que eu sei que tem um monte de coisa pra dizer. Só que eu não sei como. E não posso dizer nada antes de acontecer. Abre o navegador da internet e entra nos blogs de alguns amigos, que ele se acostumou a percorrer nos últimos anos. Olha as horas. Não falta muito para as nove. Volta para o arquivo do livro e continua a lutar com suas ideias.

Por que está discutindo o pós-moderno? É isso que não entende com clareza. O assunto nunca o interessou. Por que então levou a ideia ao editor, que vislumbrou um volume com promessas de polêmicas excitantes e comprou a

ideia? Sem isso, não estaria agora amarrado a um prazo que se esgota cada dia mais rapidamente. A verdade é que eu não tô porra nenhuma interessado no teatro brasileiro pós-moderno. Não passou de uma casca. Um movimentozinho que não interferiu em nada. Mas, se a gente for pensar bem, o que interfere de verdade, o quê? Sacode a cabeça e toma mais um gole. Está pisando em terreno minado. Parece-lhe um pesadelo. Por que se envolveu nesse projeto que não interessa nem a ele mesmo? O que quer provar? Que é moderno? Que pode pular dos meados do século 19, fase da história do teatro que é sua especialidade, para os fins do século 20, assim, sem mais nem menos? Que vai fazer a respeito desse livro? Está perdido nessas elucubrações quando ouve bater a porta da frente. Fica ao mesmo tempo consciente de que seu copo de vinho está vazio e de que o álbum de Brubeck acabou faz tempo. Logo depois Ana aparece na porta do escritório.

“Olá, senhor professor!”

“Olá, doutora!”

Sorriem um para o outro. Olham-se. Ela se serviu de uma taça do vinho que ficou no balde com gelo. Ele apanha seu copo vazio e faz um brinde. Ana derrama um tanto do vinho de sua taça na dele. Tocam os copos. Olham-se.

“À nossa”, diz Fernando.

“À nossa”, ecoa Ana.

É uma mulher alta, quase da altura dele. Não tem mais a silhueta esguia da adolescência, mas entrou na meia-idade com uma serenidade plena e ampla. Cabelos castanhos muito claros que lentamente grisalham, presos em um rabo-de-cavalo que cai macio lustroso pelas costas. A roupa branca exigida pelo ofício é uma adaptação confortável do uniforme oficial, mas deixa entrever o corpo maduro sensual que ocupa seu espaço no mundo com a desenvolta determinação de uma mulher acostumada a liderar equipes. É uma profissional realizada,

leciona, clinica e opera. Uma autoridade. Fernando sente genuíno orgulho. Tem total consciência da dimensão das conquistas de Ana.

“Você está com fome?”, ele indaga.

“Morrendo.”

“Então vou fazer o jantar. Vai ser rápido.”

“Vamos. Eu te ajudo.”

“Me ajude escolhendo um som. E me abastecendo de vinho.”

“Está certo.”

Vão para a cozinha. Ana vai até a sala e escolhe Marina Lima. A voz rouca sexy da cantora elegante desafia amores frustrados e perplexidades contemporâneas. Por um tempo Fernando trabalha concentrado. Põe óleo de oliva para esquentar numa pequena caçarola. Começa a esquentar a água para cozer o macarrão. Bate ovos em um prato e em outro mistura farinha de rosca e sementes de gergelim em doses iguais. Empana os filés e frita-os no óleo quente. Ferve pouco a massa, que fica al dente. Feito o peixe, joga dois dentes de alho fatiados e uma porção de cebolinha verde no óleo que ficou no fundo da caçarola e usa a mistura para o macarrão. Comem na cozinha, sobre uma mesa coberta por toalha xadrez azul e branca, em pratos grandes de cerâmica, sob a luminária alva que pende sob a mesa. Trocam Marina Lima por Nando Reis na sobremesa: abacaxi e sorvete de menta com lascas de chocolate. O show que os Titãs fizeram com os Paralamas acompanha a lavagem dos pratos, realizada em dupla.

### **Seis.**

“Por que esse banquete?”

Depois de fazer a pergunta com um sorriso carinhoso, Ana toma um pequeno gole de conhaque. Segura pela haste o copo bojudado. Ouvem Eric Satie.

Bem alimentados, estão os dois estirados no grande sofá de couro da sala. Sentados lado a lado, cada qual com seu copo. Após a noite de conversa fácil sobre filhos, planos, carreiras e viagens, agora se instala entre eles um silêncio pouco confortável. Fernando, de repente incômodo, suspira e diz:

“Não foi um banquete.”

“Fazia muito tempo que você não cozinhava pra nós. E eu sei que...”

“A gente precisa conversar. Achei que se...”

Ele se cala. Também ela nada diz por um minuto que se alonga ao som do piano melancólico que a composição de Satie faz soar com simplicidade. Ana toma um gole de conhaque e fala baixinho:

“É... Já faz tempo que... Mas você...”

“Eu estou bem. E temos que falar de nós, disso que aconteceu, dessa...”

“Eu sei.”

“Então...”

“É...”

“Será que hoje...”

“Talvez outro dia...”

“Hoje, outro dia... Sempre vai ser complicado... Por que não hoje?”

Trocam frases olhando para frente. Fernando sente opresso o peito. Está arrependido por ter iniciado a conversa. E agora não há retorno. Quem sabe, se não disserem mais nada, se decidirem que as coisas continuam como estão... Mas seria possível? Não. Então por que não conversar, por que não explodir aquilo de que evitam falar desde que Ana mudou-se para o quarto da filha? Fernando sente-se confuso. Cala-se. Minutos se vão. Então, sem aviso prévio:

“Eu gostaria de saber se a nossa...”

“Faz muito tempo que a gente...”

Começam a falar os dois ao mesmo tempo. Calam-se. Olham-se. Fernando aproxima-se de Ana. Passa seu braço pelos ombros dela. Volta a olhar para frente. Fica quieto um tempo. Ela nada diz. Ele toma mais um gole da bebida. E enfim diz, voz bem baixa:

“Eu te amo muito. Um amor que mudou, mas que ainda é amor. Só que estamos vivendo uma situação muito esquisita, que vai acabar me deixando louco, se a gente não conversar sobre isso.”

“Eu também te amo, Fernando. E sobre o que está acontecendo entre nós, sabe... Muitas vezes decidi que tínhamos de nos entender. Mas acabou que eu não disse nada antes, porque achava que seria uma crise temporária.”

“Que bom que a gente ainda se ama, então.” Ele hesita um instante. E acrescenta: “Quando você percebeu que não era uma coisa temporária?”

“Não sei, Fernando... Acho que foi...”

“Nós estamos falando do nosso casamento, não é?”

“Estamos. Sim, claro que estamos.” Ela pensa antes de dizer, vagarosa: “Acho que foi quando apareceu a história das férias separadas. Foi a primeira vez que admiti que...”

“Que o quê?”

“Que poderia ser irreversível isso.”

“O casamento?”

“Sim.”

“Você se distanciou.”

“Você permitiu.”

“A gente nunca faz as coisas sem ajuda.”

“O que você quer dizer?”

“Que eu acho que nós deixamos nosso casamento se desmanchar.” Fernando fala rápido, quase ofegante. “Nem eu nem você sozinhos. Nós dois. E eu não sei se tem conserto.”

“Você gostaria que tivesse?” Ela o olha, atenta.

“Eu...”

“Diga.”

“Sinceramente? Não sei.” Ele fala para si mesmo. Os olhos dela se abrem. Fernando imagina ver neles surpresa, algum espanto. “Eu nunca imaginei que... Mas depois desses últimos meses. Eu não sei, Ana, não sei. E você?”

“Eu...”

Ela hesita. Fernando percebe que os dois tateiam, circulam, têm medo de chegar ao que importa. Sente um mal-estar que aumenta, um punho que cerra sua garganta. Devagar, como se desejasse fazer um movimento imperceptível, recolhe o braço que havia passado ao redor dos ombros de Ana. Respirando manso, levanta-se, vai até a porta-janela envidraçada que dá para o corredor verde e abre-a. A noite está quente. Sente o cheiro do ar, que traz memórias e sensações misturadas ao perfume da dama-da-noite. Continua a respirar em ritmo compassado. Sente uma imensa vontade de fumar. Largou o cigarro faz mais de dez anos. Daria qualquer coisa para ter agora um entre os dedos, acendê-lo e preencher o silêncio que se alonga entre eles. Pensa no que deve dizer. Deve, como assim, deve? Percebe que o som parou. Mas não tem vontade de trocar o CD. Não é um momento para música. Percebe a presença de Ana ao seu lado. Ela tem nas mãos a garrafa de conhaque, e derrama mais um pouco de bebida nos dois copos. Estica o braço e deixa a garrafa em cima de uma mesa baixa. Então, sem nada dizer, envolve com a mão o braço de Fernando. Ele se sobressalta ao toque, como se experimentasse uma sensação estranha, mas nada

diz. Não afasta o braço. Percebe a suave pressão dos dedos de Ana, que o conduz de volta ao sofá. Sentam-se lado a lado. Ana pergunta:

“Você tem certeza de que quer continuar esta conversa?”

Fernando não responde. Assente com um movimento de cabeça. Mecanicamente passa a mão pelos cabelos. Estão curtos agora. Depois que saiu do hospital, decidiu que era hora de se livrar da longa juba que havia usado durante tanto tempo. Agora tem um corte moderno, cheio em cima, aparado dos lados. Mexe no cabelo durante alguns instantes. Inala lentamente. Não pode deixar o silêncio prolongar-se. Não pode perder o momento. Este encontro está agendado faz tempo. Não vai deixá-lo escapar. Num tom casual, que disfarça os batimentos cardíacos acelerados, faz a pergunta que não deseja:

“Tem mais alguém?”

O silêncio é sua resposta, durante um momento que se estende e espirala sobre si mesmo. Com muita cautela, como se temesse romper o ar com um gesto brusco, Fernando leva o copo bojudado até os lábios e sorve o líquido castanho-brilhante que queima a garganta. Quando ela fala, sua voz é cautelosa. Uma sonda que tateia, pesquisa.

“Por que você pergunta isso?”

“Intuição.”

“Intuição?”

“Pois é. Pode parecer estranho. Sou tão racional, né?”

“É.”

“Você não respondeu.”

Mais um momento que se distende em espiral. O coração dele bate descompassado, mas Fernando sabe que não há perigo. Não vai sofrer outro ataque. É diferente, agora. Dói de outro jeito. Esteve tentando se preparar para este momento. Sabia que ele aconteceria. Há tempos adivinhava. Mas percebe que não

estava, nunca esteve preparado. Respira devagar. Enche o peito de ar. Solta-o lentamente. Ana segue em silêncio. Estranho momento. Suspenso no limbo. Suspenso? A vida está suspensa da resposta dela? Mentira. Não é assim. Mas como é, então? Duvida de tudo, de suas próprias emoções. Tem a sensação de que está representando para Ana. Se estivesse sozinho, ficaria tranquilo, não precisaria bancar o sofredor. E interpreta um papel porque tem a sensação de que é a coisa adequada a se fazer. Mas será? Continua respirando devagar. Sem dar-se conta de que a dor que lhe parece irreal é real. De muito longe vem a resposta dela.

“Sim.”

Ele não tem ideia de qual deve ser sua reação. Vai gritar, vai agredir? Não tem o impulso de fazer isso. Nem sente força para exercitar o sarcasmo. Incapaz de pensar qualquer coisa espirituosa para dizer. Queria fazer uma piada. Evocar Molière e seus maridos cornos, talvez? Não. Ideia alguma o induz à ação. Permanece calado. Balança a cabeça. Sim, disse ela. Sim, é essa a resposta à pergunta que ele não desejava fazer. Gostaria muito de estar em outro lugar. De não ser a pessoa que está ali e ouve aquilo. A dor lateja. Não no coração. Sobre o esterno. Bem no centro do peito. Uma musculatura se contrai contra a vontade dele, e torna difícil a respiração profunda que ele tenta praticar. Sente que lhe falta chão, dá-se conta de que está ocorrendo algo que nunca imaginou fosse ocorrer. Mesmo quando considerava a possibilidade de que era exatamente isso que se encontrava em curso, preferia pensar que tal noção não passava de derrotismo seu. Mas ela confirma que tem mais alguém.

“Ana”, a voz dele soa rouca, abafada.

“Que é?”, ela indaga, cautelosa.

“O que a gente faz?”

“Isso que eu queria falar com você em janeiro. Mas daí o infarto...”

“Sim, claro.”

“E o mais estranho é que depois eu não tinha certeza de que...”

“De que o quê?”

“De que era o que eu queria.”

“E agora você sabe?”

“O quê?”

“O que quer?”

Fernando sente que é outra pessoa que está ali, tendo essa conversa. Alguém que não ele. Sabe que não está dizendo as coisas que gostaria de dizer, que não está tratando do problema como seria certo. Mas o que seria certo num enrosco desses, porra? O que é certo? Que merda, por que eu não penso claro? Amanhã eu vou saber tudo que queria dizer pra ela. E daí vai ser tarde. E agora está desolado. Nenhuma ideia lhe ocorre, nenhum gesto que possa arrancá-lo dessa passividade nervosa, incerta, desvitalizada. Tem vontade de gritar. E ao mesmo tempo não consegue livrar-se da sensação de que está representado a figura do marido traído e impotente, que esse personagem não lhe diz respeito a não ser aqui, neste momento, por vontade sua. Então, se tudo é fingimento, por que sofre de verdade? Por que tem vontade de desaparecer, de se desfazer no ar para nunca mais ser visto? Por que a sensação de que tem de fugir dali, daquela presença que agora o magoa com a traição. Sente-se surpreso e perplexo com a confirmação de sua suspeita. Mas, se suspeitava, por que a surpresa? Sua cabeça roda. Toma mais um gole de conhaque. Tem a sensação de que há horas está em silêncio, à espera da resposta de Ana. Mas quando ouve a voz dela percebe de algum modo que não se passou tempo algum, que todo o maremoto de sensações e fragmentos de ideias que o invadiram tumultuou de tal forma sua percepção das coisas, que ficou com uma sensação distorcida do tempo.

“Eu sei pelo menos o que eu não quero”, diz Ana.

“E o que você não quer?”

“Não quero mentir pra você. E também não quero mentir pra mim.”

“Não precisa mentir.”

“Agora não. Não mais.”

“Faz tempo que você está com esse... esse... essa pessoa?”

“Antes de começar a história com ele, eu descobri que você me tava me passando pra trás.”

“Eu? Caramba. Isso não...”

“Fernando, não me diga que não é verdade. Eu sei. Você transou com uma amiga minha. Dessa tenho certeza. De outras só desconfio. Não tive vontade ou paciência ou saco de investigar.”

“Foi só com ela. Umás vezes, só.”

“Não chega?”

“Eu não pensei que...”

“Que eu fosse saber?”

“Que fosse se incomodar. A gente sempre teve um lance de abertura.”

“Que pra mim foi sempre teórico. Nunca imaginei que fosse outra coisa. Até que eu fiquei sabendo que você tinha transado com a Célia. E descobri da forma mais canalha que podia. Não foi por um descuido seu. Você sempre foi muito cuidadoso. Foi porque aquela filhadaputa veio me contar. Riu na minha cara. Disse que tinha traçado o meu homem. Foi assim que ela falou.”

“E você acreditou?”

“Fernando, você não sabe com quem lida, não é?”

“Como assim?”

“A Célia deu a ficha toda. Contou passo a passo a aventurinha de vocês num motel. Detalhes. Um monte de detalhes. Como ela ia saber as coisas que você diz, que gosta de fazer na cama, se não tivesse rolado nada entre vocês?”

Ela sabia da pinta na bunda. Descreveu teu pau. Deu detalhes de gestos, coisas que só quem transou com você podia saber.”

“Por que ela fez isso?” Fernando está abismado. Olha para Ana, boca entreaberta, olhos arregalados. Gostaria de recolher a pergunta, mas é tarde.

“Pergunta pra ela. Eu não sei.”

“Foi isso, ela te contou um monte de detalhes meus e você...”

“Eu acreditei. Ela sabia tudo sobre você na cama, Fernando. O que te excita, como você começa, o que faz depois. Até do beijo na orelha ela falou. Que mais você quer? Já sei. Vamos submeter aquela vaca a um detector de mentiras. Que tal?”

“Você nunca me disse nada.”

“Depois que Célia veio falar comigo, somei dois e dois. E de repente eu tive a certeza de que ela não tinha sido a primeira. Saquei que meu casamento perfeito não era perfeito porcaria nenhuma. Vi que eu tava casada com um cara como todos, que usa mais a cabeça do pinto que o cérebro.”

“Ana!”

“E não é verdade?”

“Claro que não.”

“Fernando, nós não estamos brigando, e eu não quero que a gente comece uma briga pra valer. Isso não terminaria bem. Tudo aconteceu já faz um tempo. Não quero discutir quem traiu primeiro. Mas você transou com outras mulheres nesses anos, não transou?”

“Eu...”

“Sim ou não?”

“Às vezes. Mas eu nunca traí você. Eu não tive amantes, eu...”

“Não teve amantes fixas. Mas transou com minhas amigas.”

“Com tuas amigas não.”

“A Célia era o quê? Tá bom, nós não éramos muito amigas, só colegas de trabalho. E ela vivia aqui em casa.”

“Foi só ela.”

“Você não transou com mais ninguém nesse tempo? Só aquela pulada de cerca com a Célia?”

“Não, não é isso. Mas as tuas amigas, eu nunca... Só a Célia. E ela que deu em cima de mim. Eu não tava nem a fim...”

“Não tava nem a fim, mas foi, né? Ah, Fernando. Você me perguntou por que eu me envolvi numa outra história. E eu disse. Só aconteceu depois que eu soube da sua história com a Célia. Foi isso.”

“Faz tanto tempo que aquilo rolou! Nunca pensei que...”

“Pois é. Mas eu fiquei sabendo. E me magoou muito. Muito. Sabe o que mais doeu? Foi a dissimulação. Você não me contou nada. Falava tanto em sinceridade e... Sabe, se você tivesse sido honesto, talvez eu até entendesse. Não ia aceitar numa boa, mas entenderia. Só que você fez tudo escondido. Achando que ninguém vai saber. E se meteu com a louca da Célia, e daí...”

“Eu não pensava que...”

“Eu juro que não foi por vingança que eu... Não foi. Mesmo. Foi outra história. No começo eu senti muita raiva. Ia te confrontar, pensei em um monte de coisas. Fiquei muito mal. De verdade. Não tive forças pra armar um barraco. Depois de um tempo, percebi que tava me sentindo diferente em relação a você. Eu ainda te amo, é verdade. Mas saquei que o que eu tinha agora era um amor diferente daquele de quando a gente casou. Ainda amor, mas um amor de irmão, de amigo. Aquela mágoa toda me marcou muito. E daí eu me senti livre pra...”

“Nunca falou comigo. Poderia ter...”

“Eu sei que poderia. O fato de ter descoberto a tua traição provocou efeitos colaterais e deixou sequelas. Não tinha vontade de falar com você. Arrumei a tese como pretexto pra mudar de quarto. Estranho...”

“O quê?”

“Tudo isso. Agimos feito duas crianças. Você foi imaturo e eu agi como uma adolescente. Nós tínhamos que ter conversado lá atrás.”

“Nunca imaginei que você fosse dar importância a...”

“A quê? Ao fato de você ter me enganado transando com outras mulheres? Como que eu não daria importância a isso? Não tô me defendendo. Eu errei. Fui tão desonesta quanto você. E agora olhe pra nós. Arrependidos, pensando no que a gente podia ter feito pra evitar essa história.”

“Eu não sei o que dizer.”

“Não diga nada. Vamos dormir, que já é tarde. E amanhã nós veremos.”

“Não sei...”

“Prefere fazer o quê? Ficar falando até de manhã? Pra gente se chatear de verdade um com o outro? Eu não mereço isso, Fernando. E você também não. Eu vou pra cama.”

“Claro que...”

“Está na minha hora de fechar os olhos. Estou muito cansada. Vou dormir, querido. Amanhã vamos estar mais serenos. Acho que o pior já passou”

“Acha?”

“Sinceramente.”

“Não sei... eu...”

“Vamos descansar. A gente volta a falar amanhã. Boa noite.” Ele não se move do sofá. Ela insiste: “Vem Fernando, vamos dormir.”

“Pode ir. Eu vou daqui a pouco.”

“Você está bem?”

“Estou. Vou acabar o conhaque. Vai você descansar. Boa noite.”

“Até amanhã.”

“Ana.”

“Que é?”

“Você não me disse o nome do cara. Eu conheço?”

“Não, não conhece. É meu colega.”

“Ah. E se chama...”

“Ricardo.”

“Ricardo.”

“É.”

“Tá. Boa noite.”

Ela se vai pelo corredor. Ele ouve fechar-se a porta do quarto. Permanece sentado, olhando o copo de conhaque cheio pela metade. Tem a sensação de que fez tudo errado, de que disse o que não deveria dizer. Todo o desfecho da conversa ele credita a sua inabilidade. Repassa a cena na memória, tenta recuperar todas as palavras que foram ditas, cada etapa desse enfrentamento. Absurdamente considera que não deveria ter-se dado ao trabalho de fazer no jantar as postas de salmão empanadas no gergelim. Por que não pus o peixe no forno e pronto? Tinha que me exhibir pra ela, mostrar que cozinho bem. Bela merda. Adiantou muito!

### **Sete.**

Os dias seguintes, Fernando passa-os embrulhado numa nuvem de auto-comiseração. Não aceita, decidiu. Não aceita a separação, agora iminente. Recusa a ideia de que Ana vai sair de sua vida. E de que ela o faz de modo definitivo e por escolha própria. Tenta rediscutir muitas vezes o assunto. Teimosa, Ana volta sempre ao argumento de que o ama, mas como a um irmão agora, e

que isso não lhe é suficiente. Ele busca a cumplicidade virtual dos filhos, mas os dois, tão longe, mantêm uma neutralidade que o irrita. Não conquista sequer o apoio irrestrito de Paulo, a quem abre o coração em longas mensagens. Continua a dar aulas, a assistir a espetáculos, a participar de reuniões do departamento, a discutir com o editor do jornal as pautas da semana, a escrever críticas. Não se sente presente em nada disso. Está ativado nele um piloto automático que o faz cumprir essas funções todas com o mínimo comprometimento de sua atenção, voltada na quase totalidade para um remoer contínuo da separação. Cada novo evento no processo é para ele motivo de incessantes elucubrações, que não ousa mais expor a ninguém. Não está refeito ainda da conversa na qual revelou à mãe que Ana se separava dele. D. Rita o olhou com uma expressão de piedade, seguida por outra, de enfado, antes de lhe perguntar o que havia feito para levar Ana a essa decisão. A velha sensação de incompetência que sempre sente na frente de D. Rita, pouco importando seus diplomas, livros, títulos, volta plena e poderosa. Tem, no entanto, o apoio de Luciano. O irmão revela um inesperado e bem-vindo senso de solidariedade. Convida Fernando para jantar, leva-o para um fim de semana em sua casa na praia de Juquehy. Fernando tem a impressão de perceber tudo através de uma cortina de névoa, que não lhe permite pensar com clareza.

Um pânico subiu de suas entranhas e fechou-lhe a garganta no dia em que Ana avisou que estava contratando um advogado para cuidar da separação e sugeriu que ele fizesse o mesmo. Algumas noites de insônia, fritando voltas sem fim na cama, até que se dispôs a agir e foi também buscar orientação legal. Um par de fundas olheiras passa a circundar seus olhos abertos e perplexos. A sensação é de que a névoa que o envolve não vai se dissipar mais. No miolo desse conjunto de dias pálidos anêmicos ele se vê numa mesa com Ana e advogados seus e dela, discutindo a partilha dos bens. Estranho, já que ele e Ana ainda

moram na mesma casa e encontram-se todos os dias. Para grande surpresa de Fernando, Ana abre mão de qualquer direito ao apartamento da Vila Madalena. Aceita como compensação o espaçoso imóvel que Fernando recebeu de herança do pai, num velho prédio da Avenida São Luís. Espantado e desarmado vê-se Fernando, que estava preparado para lutar com unhas e dentes pela posse do apartamento da Vila, “sua” casa, o lugar que descobriu e decorou e povoou de plantas e árvores e flores e hortaliças. Quando Ana lhe pergunta se ele pensa que ela seria capaz de privá-lo, por mera mesquinhez, da casa que havia construído com tal capricho e apuro por tanto tempo, ele tartamudeia sons inarticulados e olha-a com a sensação de que não conhece aquela mulher com quem viveu por trinta anos. A dor da perda atinge-o com mais força.

A atitude de bom senso e equilíbrio que Ana demonstra na partilha dos bens deixa-o estranhamente ansioso. Quanto mais se sente abatido, emaciado, inerte, mais ela lhe aparece bela e inteligente e dinâmica. Nem um só de seus objetos queridos, CDs, telas, esculturas, livros, móveis, é reivindicado por Ana. Fernando tece a teoria de que ela se faz de altruísta, generosa, para diminuí-lo. Durante décadas de convivência nunca percebeu grandes sinais desse despojamento. Ao contrário, foi *ele* sempre quem teve disponibilidade para a acomodação, sensibilidade para a dor dos outros. Esse traço em seu caráter é muito mais intenso que no de Ana. Talvez por ser ela médica. Depois de tantos anos de convivência, Fernando crê que os médicos, por dever de ofício, têm de se comportar de forma objetiva, direta. Comparada ao seu ofício, feito de aulas e escritos dedicados à compreensão do teatro, ou seja, da condição humana expressa em poesia, em literatura, a atividade clínica de Ana lhe figura como um monumento de fria competência e senso de dever. Ele percebia que a atitude dela em casa, com a família, trazia marcas desse comportamento profissional. Ela tentava, mas não conseguia nunca se desvencilhar da profissional que era.

Eis que agora a mulher sempre tão lógica e objetiva aparece-lhe despren-  
dida, tolerante, compreensiva em muito maior grau que ele. E isso faz com que  
Fernando se sinta muito mesquinho. Essa sensação o enraivece. Se pudesse,  
gostaria de feri-la. Mais de uma noite flagra-se em devaneios nos quais submete  
Ana a torturas cruéis e dolorosas, das quais se envergonha depois. Mas não con-  
segue evitar esses pensamentos perversos. O impulso que os concebe é invo-  
luntário. E incontrollável. Quando Fernando descobre-se nesses exercícios, sa-  
code a cabeça com força, para arrojear aquelas ideias para longe. Mas, coleantes  
e sorrateiras, eles voltam. E ele se sente mal. Foram semanas difíceis, penosas.  
Longas noites insones. Horas longas na frente do computador sem brotar uma  
só linha. Os espetáculos que viu então, analisou em comentários impessoais,  
que depois lhe pareceriam escritos por outra pessoa. Na noite do sábado em que  
Ana finalmente deixou a casa, Fernando foi jantar em casa de Luciano. Falou  
compulsivamente. Mal de Ana. Estava irritadiço e agressivo. Voltou para casa,  
ouviu Miles Davis e Charlie Parker bebendo conhaque e cerveja e vodca até o  
dia clarear. Passou o domingo de cama, uma ressaca ciclópica. Ligou insisten-  
temente para o celular de Ana, naquele dias, pelos motivos mais banais. Ela se  
mostrou paciente e fraterna. Quando mais doce era o tratamento que lhe dispen-  
sava, mais ele afundava na depressão e na raiva impotente. Os dias evoluíram  
para semanas que completaram um dois três quatro meses de vida sem vida,  
sem calor, sem ar.

Num certo domingo, numa certa manhã de domingo, um domingo de ju-  
lho, Fernando acorda, abre os olhos e fita o teto. O dia está frio, e ele não tem  
vontade de sair de sob as cobertas. Sente-se bem. Ajeita a grande manta xadrez,  
espessa lã vermelho-viva, e aconchega-se melhor no calor da cama. Gostaria de  
readormecer, mas adivinha que não vai conseguir. Está descansado. Deitou cedo  
ontem, e dormiu bem. Vem dormido bem nos últimos dias. Deixou de tomar o

sonífero que o médico receitou no auge da crise. Sempre que tomava o comprimido, sentia-se grogue no dia seguinte, e não gostava disso. Não sabe por que tem dormido bem. Nem quer saber. Está muito cansado dos meses de sofrimento estúpido e incessante. Salta enfim da cama. Veste um moletom azul-marinho surrado que usa para dormir e meias de lã desemparelhadas. Esfrega as mãos e vai para a cozinha. Sobre o moletom enfia um suéter de lã velho e disforme. Avança pelo corredor acompanhado por Juão, que sacode sem parar o rabo cor de caramelo. Troca a água da cuia do animal, enche a outra de ração. Juão passa a comer com entusiasmo. Fernando o observa. Juão sempre foi seu cachorro, nunca do casal. Como de outras coisas, Ana abriu mão do animal sem nenhuma hesitação. Foi sempre Fernando que quis ter um cão. Põe água no fogo e assobia um roquezinho de Rita Lee. Faz café enquanto lê o grosso jornal dominical. Prepara ovos mexidos com presunto e queijo, torradas, abre uma embalagem longa-vida de suco de mamão e laranja e senta-se à mesa. Continua a ler o jornal até que os ganidos de Juão o levam a abrir a porta que dá para o quintal. Sai junto com o animal. As árvores estão desfolhadas. O jardim no inverno não tem exuberância. Tudo brota com dificuldade. Mas a observação de seu jardim sofrido não abala o humor de Fernando, que nota o prazer com que Juão rola na grama crestada. Enquanto caminha por seu corredor verde, recolhendo muitas folhas mortas, observando os canteiros da horta, pensa que precisa comprar equipamentos para o jardim. Há quanto tempo promete isso? Nunca foi prioridade. Agora será. Precisa voltar ao jardim. De que livro isso? Quem precisa cultivar seu jardim? Velhas lembranças do *Cândido* e o nome de Voltaire lampejam por seu campo de atenção. Absorto nesses pensamentos percebe pela primeira vez em semanas que algo mudou. Está leve. Sumiu o peso nos ombros. Deixou de doer. Sorri, aspira o ar frio. Juão late e corre de um lado para outro. Fernando não se incomoda com os estragos que o grande cão faz no

pequeno jardim. Não é nada grave. João foi treinado a não escavar e destruir. Quando arruína alguma coisa, é por desajeito, não por instinto caçador. Fernando observa a pelagem curta do cão, seu brilho. Vai levá-lo para passear à tarde. Toca o telefone. D. Rita. Fernando vai almoçar em sua casa? Luciano estará lá.

Juão continua a brincar no jardim. Fernando desliga e vai para o quarto. Arruma rapidamente a cama, abre a janela e permite que o ar frio do dia invada o cômodo. Separa uma velha calça jeans, camiseta e suéter pretos, um gasto tênis All Star preto. Põe no aparelho de som um álbum de Nina Simone. Vai para o banho enquanto a voz grave e plena da diva enche a casa. Francês impecável. *“Ne me quitte pas. Il faut oublier...”* Fernando para um instante quando Nina entoa o lamento. Mas não tira o CD do aparelho. A música não o magoa. Não agora. Tem a sensação de que conseguiu fechar um ciclo. O luto pelo casamento acabou. Ele está vivo. E livre. E pronto. Movido por esses pensamentos ele entra sob a água. Respira como se nunca antes tivesse respirado. Com uma liberdade que o espanta. Apronta-se sorrindo, enquanto Nina Simone continua a fender o ar com voz plena plangente. Observa João, que agora persegue alguma coisa junto do muro do quintal.

Desliga o aparelho de som, verifica as trancas das janelas, ativa o alarme. Aferrolha a porta da cozinha, deixa aberta a portinhola inferior para que o cão possa voltar para dentro da casa. Sai para a rua e sente algo que define como euforia. Quanto tempo eu não me sentia assim. Anos, muitos anos. Caralho, engraçado, é como se tivessem tirado toneladas dos ombros. Estranho. Inala profundamente o ar da manhã. Ruma para a Avenida Paulista e depois para a Liberdade. Seu alvo é a feira dominical do bairro japonês. Está atrás de mudas de bambu. Faz tempo planeja uma cortina de bambus no fundo do quintal. Em uma banca de plantas, na extremidade da feira, encontra as mudas. Guarda-as

no banco de trás do carro e dá uma volta pela feira. Olha objetos, pensa em possíveis alterações na decoração da casa. Quem sabe pôr mais cor na sala. Quem sabe trazer seu escritório para o quarto da filha, que agora, com a saída dos móveis de Ana, ficou vazio. Quem sabe fazer do quarto do filho um para hóspedes? Compre um grande vaso de porcelana laranja. E também sua contribuição para o almoço: uma dúzia de sushis de atum e salmão, que a vendedora, solícita, embala com gelo seco dentro de um recipiente de isopor.

O almoço na casa da mãe, ao contrário do que ele temia, acaba por ser um encontro ameno. Nenhuma cobrança, nenhuma demonstração de amargor. Um momento de trégua, ao que parece. D. Rita está feliz por ter ali os dois filhos. Conversam sobre amenidades. D. Rita faz questão de lembrar a Fernando que ela predisse que ele ficaria totalmente curado depois da intervenção. Não conhecia ela sabe lá quantas pessoas que já tinham passado por isso? E assim falam sentados à mesa, e tomam café, e a tarde avança. Às três e meia Fernando avisa que precisa ir. Despede-se com beijos, abraços, recomendações, combinações para outro encontro, essas coisas que as famílias sempre fazem e prometem e às vezes cumprem. Fernando dirige para sua casa ouvindo as pulsantes batidas do Morcheeba. Estaciona em frente ao prédio, descarrega os pequenos pés de bambu. São dez frágeis galhos. João o recebe com grandes festas. Fernando vai até o quintal e deixa as mudas junto do canteiro em que vai plantá-las. Atrela o cão à coleira e leva-o para passear pelas ruas do bairro. Sobem e descem ladeiras, até chegarem à praça arborizada, de que João tanto gosta. Fernando desata a coleira. João sai correndo aos pulos pelo gramado verde. Fernando o segue, sorridente. A tarde fria está ensolarada e o céu, claro. Será um belo poente. Ele sempre se impressiona com as belezas naturais que descobre dentro da megacidade. Observa, atento, as árvores, as flores dos canteiros. A praça se afunila numa descida suave que dá para um horizonte de casas baixas

e ruas arborizadas. Fernando senta-se em um banco enquanto Juão salta e corre pelas alamedas da praça. Sem tirar os olhos do cão, saca do bolso o iPhone e busca um número. Aciona a ligação, ouve o tinir da campainha. Atendem ao quarto toque. Fala uma voz rouca, de fumante.

“Diga lá, Fernando, meu filho. O que manda?”

“Oi, Zilda. Tudo bem?” Fernando sempre se sente decepcionado com as tecnologias que permitem identificar o autor da chamada. Esses dispositivos acabam com a surpresa, elemento importante nas conversas.

“Tudo, querido. No que eu posso ajudar?”

“Zilda, queria ver o espetáculo do Pedro Veredas hoje. É possível?”

“Mas claro, meu querido. Você e mais quantos?”

“Eu e mais eu, Zilda. Não convidei ninguém.”

“Vou deixar dois, para o caso de você mudar de ideia.”

“Está bem, então, muito obrigado.”

“Não há de quê. Ah, não esquece, hoje a sessão é às oito, não às nove.”

“Sim, eu sei.”

Pedro Veredas é um famoso diretor português, e foi convidado por uma companhia paulistana para dirigir um espetáculo. Fernando admira o trabalho do grupo e está curioso para ver o que resultará da conjunção de Veredas com a inventiva trupe. Levanta-se do banco e assobia para Juão. Como o cachorro reconhece o seu assobio entre tantos ruídos ao redor? Isso é algo que sempre o assombra. Juão vem correndo, estabanado, esfrega-se nas pernas de Fernando, feliz. Fernando afaga com carinho a grande cabeça do bicho. Prende novamente a brida na coleira e volta para casa. Anda devagar, pensativo. Tem que marcar uma reunião com o pessoal da editora. Em menos de dois meses esgota-se o prazo que lhe deram para entregar os originais do novo livro. E ele não tem nada pronto. A ideia inicial, que lhe parecia tão promissora, não o levou a nada.

Nenhuma vontade sente de escrever sobre o assunto. Que lhe interessa o pós-moderno? Acha tudo uma grande besteira. Mas que vai fazer? Tem contrato assinado, palavra empenhada. O editor é seu amigo. Precisa decidir o que fazer com esse livro que não quis nascer.

Há meses não pensava nisso. Faz meses que não tenta produzir algum material para o livro. Sabe exatamente quando foi a última vez. Na noite em que ele e Ana... Hesita. Não havia pensado nisso até agora, neste perfeito domingo. Uma pequena batida descompassada do coração lembra-o de que o assunto da separação ainda não lhe é indiferente. Mas a lembrança de Ana, a ideia de que ela está vivendo com outro, com Ricardo, que ele ainda se recusa a conhecer, é menos incômoda. Há quanto tempo deixou de fantasiar castigos que gostaria de infligir a ela? Dá-se conta de que se sente livre de Ana e da dor que a separação causou. Entra em casa sorrindo. Acende luzes. Vai para a cozinha e faz um chá preto, que saboreia olhando a paisagem da janela da cozinha. Percebe-se mais interessado em resolver o problema do livro inacabado do que em voltar a acalantar dores de amor. Vai para o escritório. É pequeno, acanhado. Está acostumado a mal caber na salinha, que comporta apenas uma estante do chão ao teto e uma mesa de trabalho. Pensa mais uma vez que deve transferir a área de trabalho para o quarto que Ana deixou vago. Liga o computador. Abre o arquivo do livro paralisado. Percorre o que escreveu. Pensa, observa, enfim fecha a pasta, desanimado. Quando olha as horas, descobre que é tempo de ir para o teatro. Desliga o computador. Apanha carteira, celular, casaco. João dorme enrolado no tapete da sala. Fernando deixa acesa a luz de um abajur e tranca a porta.

A Companhia Fluorescente, cujo trabalho ele acompanha desde que o grupo surgiu, há dez anos, está instalada agora em um galpão em Pinheiros, não muito longe dali. O grupo, que mistura teatro físico e mensagens sociais fortes,

apaixonou Fernando desde a primeira montagem, uma leitura muito livre do *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo. Agora ele está curioso para ver o que brotou da associação da trupe com Pedro Veredas. O diretor lisboeta é jovem, não bateu ainda nos quarenta, e tem uma carreira consagrada não apenas em Portugal, mas em vários países da Europa. Fez montagens espetaculares de clássicos do teatro, relendo-os radicalmente, em Londres, Paris, Roma, Barcelona, Milão, Moscou e por fim, Nova York. Jornais e revistas dedicaram a ele extensas matérias quando se anunciou sua parceria com a Companhia Fluorescente. Os trabalhos se alongaram mais que o previsto. Circularam rumores de desentendimento entre o encenador e integrantes da trupe, logo desmentidos por ambas as partes. Agora a montagem está pronta e abre suas portas ao público. O texto é uma fusão de duas peças de Plauto, *A Comédia da Panela* e *O Soldado Fanfarrão*. Dramaturgia do encenador, em colaboração com o grupo, integrado por gente talentosa e experiente. A escolha do domingo como dia de estreia foi estratégica. Rendeu duas capas de revistas de jornais dominicais, além de uma boa primeira página do caderno de cultura de outro periódico.

Fernando estaciona o carro na rua, irritado com o flanela que insiste em ajudar na manobra. Não confia na vigilância do guardador; deixa o veículo próximo de um bar animado, com mesas na calçada, considerando que ali haverá movimento até mais tarde, e isso inibirá uma ação de ladrões. Trava e tranca o carro, aciona o alarme. Caminha cerca de cem metros, até a entrada do galpão, uma construção retangular, estreita e comprida, pintada em toda extensão de azul-elétrico, destacando-se de longe no casario cinza. De longe Fernando vê a figura ampla de Zilda à porta. Pele branca, cabelos muito pretos, bata indiana ocre e laranja, muitos colares de prata sobre o peito amplo, fumando um cigarro, ela conversa, entretida, com um homem que Fernando reconhece imediatamente. Mais baixo que alto, o rosto redondo de maçãs vermelhas, como se duas

rodela simétrica de carmim tivessem sido aplicadas sobre as bochechas, ele tem cabelo louro fino farto que usa num corte reminiscente dos Beatles no início da carreira. Usa jeans pretos, camisa azul-claro, suéter marinho pendurado nos ombros. O figurino discreto é quebrado nos pés por um rubro par de Adidas que flameja sua vivacidade gritante. É Pedro Veredas, o encenador que assina a tão aguardada *Pauta Plauto*, nova montagem da Cia. Fluorescente. Fernando dirige-se para a bilheteria, mas é interrompido pela opulenta Zilda, que o chama:

“Vem aqui, meu querido, os teus ingressos estão comigo”.

“Olá Zilda. Ingressos não. Vim sozinho.”

“Muito bem, então está aí.” Ela joga o cigarro numa grande caixa de madeira forrada de areia e tira da bolsa uma pilha de envelopes. Dedilha-os rápida e puxa um do maço. “Tem certeza de que não precisa de mais um?”

“Certeza total. Vim com minha sombra, que não ocupa lugar.”

“Você conhece Pedro?” pergunta Zilda, indicando o homem louro que, um passo ao lado, fala em inglês em um iPhone da mesma geração do de Fernando.

“Sim, nós nos encontramos ano passado, na casa da Sônia, quando o projeto foi anunciado”, diz Fernando. “Mas não sei se ele lembra de mim.”

“Mas com toda a certeza”, diz Pedro num português que quase não denota o sotaque luso, interrompendo sua conversa ao telefone e estendendo a mão para o crítico. “Fernando... Domingues, não é? O crítico do *Jornal*?”

“Isso mesmo.”

“Acompanho teu trabalho pelo sítio do jornal com muito interesse. Não tens um blog em teu nome, tens?”

“Não. Não gosto.”

“Já havia procurado e não encontrei. Ora, veja lá. É um eficiente instrumento de comunicação hoje. Tão eficiente que não se pode viver sem. Abra um blog, homem.”

“Com licença, Fernando”, diz Zilda. “Pedro, quero que você conheça a Esmeralda Zircon.” Fala apontando para a colunista social que se aproxima, acompanhada de um fotógrafo e uma menina de azul. A colunista vem toda vestida de dourado, como se fosse participar de uma entrega do Oscar.

“Mas é claro, é claro”, diz Pedro, que faz um aceno na direção da mulher, mas continua falando com Fernando: “Entre no meu sítio, é só procurar pelo meu nome no Google, vais achar lá. Deixa-me uma mensagem com teu endereço eletrônico, vamos iniciar uma troca de ideias. Que te parece?”

“Claro”, diz Fernando. “Vou entrar em sua página, sim. Mas se quiser me escrever, o e-mail está sempre impresso no pé das críticas.

“Muito bem, então”, responde Pedro Veredas, antes de voltar-se para Esmeralda e dizer: “Tenho muito gosto em conhecê-la”, beijando a mão da colunista sob uma disparada de flashes do fotógrafo, um ser magro todo vestido de preto. Fernando se afasta na direção de alguns colegas da Associação de Críticos, que viu parados junto da porta de entrada, mas Pedro chama: “Fernando, um instante só”; vai para junto do crítico e diz ao fotógrafo: “Faça-me a fineza de tirar cá uma foto nossa”. Ele coloca o braço ao redor do ombro do crítico, que percebe incomodado sua própria expressão estupefata, então alguns flashes espocam, outros fotógrafos se aproximaram e registram o abraço. Pedro então agradece a Fernando, ao fotógrafo, e afasta-se caminhando para dentro do galpão, dizendo em voz alta, um pouco para todo o público que se transborda no saguão: “Vamos começar em seguida”.

Em uma questão de segundos, quatro ou cinco fotógrafos e a menina vestida de azul que acompanha a colunista cercam Fernando e perguntam seu

nome e sobrenome. Ele responde, levemente sem graça. Quando se aproxima dos colegas, é recebido com sorrisos:

“Nossa, ficou famoso, hein?”, diz Lara Kezich, que faz as reportagens de teatro do *Jornal*.

“Que foi aquilo? O homem não fala com ninguém, e de repente agarra o Fernando pra fotos.” O magrelo Fábio Parses, da revista semanal *Instante* faz uma expressão de perplexidade.

“Gente, eu entendi tanto quanto vocês”, Fernando se defende. Se, por um lado ficou lisonjeado pela atenção do encenador de fama internacional, por outro lhe parece que, de alguma forma que não percebe, foi manipulado pelo encenador. Um peão de um jogo que desconhece. Pela reação dos colegas, sente que eles também estranharam o tratamento conferido ao crítico pelo ilustre encenador.

“Bem, cê está com tudo, Fernando. Vai sair em todas as colunas, te garanto”, afirma Lara com uma ponta de ironia, os olhos brilhando atrás dos grandes óculos redondos de aros pretos, como os de Harry Potter. Fernando é dispensado de responder. As portas da sala de espetáculos são abertas e o público começa a entrar para ocupar seus lugares.

### **Oito.**

Na manhã seguinte, Fernando acorda cedo, abre os olhos e fita o teto. Tem uma sensação de sobressalto, mas o incômodo que sente ao despertar é diferente daquele que o acompanhou nos últimos meses. A primeira imagem que lhe ocorre nada tem a ver com Ana, nem com as memórias penosas da separação. Seu problema hoje é outro. Atende pelo título *Pauta Plauto*. Fernando dormiu pensando no espetáculo e ao acordar foi essa a primeira lembrança que lhe ocorreu. Não pode negar que a simpatia com que Pedro Veredas o tratou no

teatro, na noite anterior, mexeu com ele. Não esperava por nada disso. O homem veio dizer que acompanha seu trabalho, fez questão de ser fotografado ao seu lado. Uma pequena sensação de incômodo restou da lembrança daquela cena, mas Fernando pensa que isso pode se dever ao seu temperamento avesso a celebrações, a fotos. Seu problema agora não tem a ver com as fotos tiradas. O caso é que precisa escrever a crítica de *Pauta Plauto*, que deve enviar para o jornal em 24 horas.

Aí está o problema. Não sabe o que fazer. Levanta-se. Alimenta Juão. Toma um banho. Põe um par de jeans surrados e a camiseta preta que está por cima da pilha na gaveta. Não coloca nenhum CD no aparelho de som. Nem está consciente de como isso é raro para ele, que acompanha sua vida com música todo o tempo. Se eu escrever, vou levantar uma lebre do tamanho do mundo. O cara é vip. De teatro. Tudo bem, não é o mesmo que um vip de cinema. Mas é vip. Viu ontem a gana da colunista por imagens dele? Pois então...

Desde que voltou para casa, logo depois do teatro, está intensamente perturbado. Assim que entrou em casa depois de ver o espetáculo foi atrás do programa de uma encenação que viu com Paulo em Nova York, no início deste ano que já vai terminando. Na pilha de papéis, cartões, mapas, que guarda de cada viagem num canto da biblioteca, encontrou o caderno com o material sobre *Ah, Aristophanes!*, montagem ucraniana que ocupava um pequeno teatro off off off off. Como lembrava bem da insistência de Paulo, que fez questão de acompanhá-lo. Era a quinta vez que o amigo assistia à produção. E com boas razões. A montagem, assinada por Ruslan Ruwno, estava em cartaz há um ano num pequeno espaço do Brooklyn. A passagem por Nova York era parte de uma turnê internacional que já durava nove anos. A primeira versão estreara em Kiev, em 1999. Uma participação do espetáculo no Festival Internacional de Moscou, no ano seguinte, iria catapultar o grupo, Liber Teatrum, para o mundo. Ruslan

Ruwno havia sido saudado como um grande mestre inovador. E o problema de Fernando neste momento é que o prestigiadíssimo Pedro Veredas havia feito uma cópia literal, ou quase, da montagem do *Liber Teatrum*. A sua era uma excelente encenação. Mas uma cópia. Que nome se dava a isso? Plágio, não é? Os mesmos recursos, a mesma sonoridade, a mesma atitude dos atores. E mais, a mesma narrativa pesadamente corporal, e o uso de onomatopeias, mais que palavras, num trabalho comunicativo e exuberante. Ligou o computador. Entrou na internet e teclou *Liber Teatrum Kiev*. A companhia tinha site. Bem amplo, aliás. O currículo não se resumia à recriação das comédias gregas. Mas era sua produção mais famosa. A foto da página de entrada era o quê? Justamente uma imagem de *Ah, Aristophanes!*, nas cores ocre, bordô e sépia, os figurinos que ficavam entre formas futuristas e estruturas da Idade Média, as maquiagens carregadas, expressionistas, tudo tão idêntico a *Pauta Plauto*. Fernando abriu a caixa de mensagens e sentiu um arrepio subir por seu corpo. Leu na tela o remetente de uma das mensagens: [veredaspedro@hotmail.com](mailto:veredaspedro@hotmail.com). O homem tinha enviado escrito. Curioso, abriu o texto.

“Prezado Fernando: Quero apenas reiterar que foi um grato prazer conhecê-lo na noite de ontem. Sou admirador de seu trabalho e li com muito proveito seus livros. Estou francamente interessado em saber qual será sua análise de nossa *Pauta Plauto*. Receba meu abraço cordial. Pedro Veredas.”

Fernando olha o texto um momento. Hesita. Então escreve:

De: [fernando@hotmail.com](mailto:fernando@hotmail.com). Para: [veredaspedro@hotmail.com](mailto:veredaspedro@hotmail.com).

Assunto: Pergunta

“Caro senhor Pedro Veredas, conheço sua carreira, sua reputação, tenho na conta de um dos diretores mais influentes das últimas décadas. Poderia fazer muitos rodeios, mas vou diretamente à questão que estou tentando entender desde que saí ontem do teatro. Desculpe, mas, antes de trocarmos

amabilidades sociais, preciso fazer-lhe uma pergunta. O senhor conhece *Ah, Aristophanes!*, do Liber Teatrum, dirigida por Ruslan Ruwno? Despeço-me com um abraço, Fernando.”

Leva o ponteiro do mouse para área “enviar” e aciona o comando. Percebe que seu coração bate forte e tem a boca seca. Sente fome. Sai do escritório, pensando mais uma vez que precisa transferir o espaço de trabalho para o quarto vago ao lado do seu. Desde que Ana se foi, levando suas mesas, estantes, computador, livros, aquilo está vazio. Mas Fernando tem preguiça da mudança. A ideia do trabalho que daria deslocar as estantes e as centenas de livros que cobrem duas paredes o desanima. Entra na cozinha, faz festas em Juão, que se aproxima varrendo a ar com a cauda, esquenta leite, faz um mingau de aveia com umas colheradas de cacau em pó e mel. Enquanto espera arrefecer dá uma espiada no jornal, olha a seção de política, pensa nas eleições que se aproximam, avança para o caderno da cidade, cai enfim na seção de variedades. A capa é ocupada com a entrevista de uma jovem escritora ousada, que publicou em volume suas aventuras sexuais. Fernando passa os olhos pelo texto, come frutas, toma o mingau. Escova os dentes e volta para o escritório. Está lá a resposta de Veredas. “Sim. Por quê?” Só. Nada mais. Fernando pensa no que tem que fazer. E não tarda. “Porque percebi uma semelhança tremenda entre os dois trabalhos, cenas inteiras são idênticas. Nunca tive a chance de ver uma de suas montagens, mas leio o que é publicado sobre elas nas revistas de teatro, e sei da sua capacidade de criação e da sua imaginação. Me espanta ver que *Pauta Plauto* usa a mesma receita de *Ah, Aristophanes!*, de 1999. Como vou escrever sobre o espetáculo, preciso levar em conta a informação.” A resposta não se faz esperar. “O Fernando por acaso não viu a última página do programa?” Fernando abre o caderno que traz o material do espetáculo. Um barbante prende o que parecem ser algumas folhas de papiro. Alguns textos sobre a obra de Plauto, assinados

por especialistas no assunto, um escrito de Veredas, em que o diretor descreve o processo de trabalho, fotos da montagem feitas por um celebrado artista, a ficha técnica. Enfim a última página. Uma página vazia. E ao pé, em corpo muito pequeno, uma declaração: “Este espetáculo é uma versão, autorizada pelo detentor dos direitos de autor, de *Ah, Aristophanes!*, do *Liber Teatrum* de Kiev, dirigido por Ruslan Ruwno”. Quando termina de ler, ouve o sininho que marca a entrada de mensagem. Apenas uma palavra? “Satisfeito?”, e as iniciais P.V.

Fernando responde: “Não”. Vem outra mensagem: “Por quê?” E segue a resposta: “É exatamente a pergunta que eu lhe faço: Por quê?” A resposta não demora: “Porque é uma montagem que admiro demais. E quis brincar com ela. Pude fazer isso porque conheço Ruwno muito bem, ele tem plena confiança em mim e autorizou-me a jogar esse jogo. Espero que fique satisfeito agora.” Fernando fica imóvel um bom tempo. Há um tom de agressividade na última mensagem de Veredas. E o crítico não tem certeza do terreno em que está pisando. Está intrigado pelo fato de uma informação tão importante estar quase oculta no fim do programa, ao pé de uma página vazia. Mas sente que já foi além do que deveria na provocação a Veredas. Recolhe então suas armas, sua curiosidade. Afinal, que diretor de primeiro time se contentaria em fazer a cópia de um trabalho arquiconhecido? Mas seu problema maior agora não é o diretor, e sim a crítica. Como deve encaminhar a questão? O que vai escrever? Encolhe os ombros. Responde uma generalidade qualquer para Veredas. Algo que nem é resposta nem deixa de ser. Uma citação do “Hamlet”. Não aguarda resposta. Desliga o computador. Sai do escritório e tranca a porta. Vai para a cozinha. Assobia para João, apanha a coleira no cabideiro junto da porta de entrada. O cão acorre, cauda varre o ar. Fernando tranca as portas da cozinha e do hall de entrada. Sai, puxado por João, que arranca ladeira acima.

O cão para nos postes e nas floreiras das ruas, para cheirar as marcas dos outros animais que passaram por ali. Fernando acompanha o bicho paciente-mente. Enquanto o observa, pensa no texto que deve escrever logo mais. Tenta conjurar alguma frase bombástica para a abertura. Devo começar pela história da cópia? Falar da originalidade e da sua importância na obra de arte? Quando foi que a originalidade se tornou um valor estético? Os gregos não tinham esse problema, os romanos também não, nem na Renascença ser original fazia parte da avaliação da qualidade da obra de arte. Ser original se torna valor na era burguesa? Preciso descobrir. Ao voltar para casa terá que recorrer a algumas histórias da arte, para cercar o problema e dar-lhe contornos cronológicos e estéticos. E quanto ao espetáculo? Está nesse ponto das elucubrações quando chegam ao parque. Fernando solta Juão da coleira; senta-se num banco e observa o cão correr livre pela grama. Juão gosta de brincadeiras e companhia. Adora socializar com outros cães. É preciso sempre ficar atento. Juão tende a esquecer seu tamanho e seu peso. Fernando observa os caminhos do cachorro para cima e para baixo. Chama Juão com um assobio, leva-o para correr pelo outro lado da praça, onde o sol bate com menos força. À sombra, Juão ajeita-se e, com um ganido, esvazia o intestino. Fernando recolhe o cocô num saco plástico, que embrulha em outro, atirando tudo numa caixa de lixo orgânico. Solta o cão mais uma vez. Observa-o correr e vê-o rolar na grama. Pesca no bolso o iPod e conecta-se ao aparelho. Ouve Marianne Faithfull enquanto vigia Juão e pensa em como vai desenvolver a crítica do espetáculo. Olha as horas e vê que é tempo. Assobia, chama Juão, que atende sem manha. Atrela o cão à coleira e caminha para a saída do parque. Desce para casa, decidindo o que vai fazer. Ao chegar, solta Juão no quintal, tira da geladeira dois filés de peixe, que tempera com gotas de limão, sal, pimenta e ervas finas. Deixa maturando em um prato sobre a pia e liga a grelha. Põe o risoto que comprou pronto para fora do freezer. Vai

até o escritório, liga o computador. De uma mensagem do e-mail extrai um número de telefone.

“Alô, Rogério?”

“Ele mesmo.”

“Aqui Fernando.”

“Grande Fernando, o que manda?”

“Seguinte, preciso de uma informação, se você puder me dar.”

“Manda ver.”

“Vocês, da Fluorescente, quando chamaram Veredas, sabiam que ele queria praticamente refazer *Ah, Aristophanes!*?”

“O Veredas me ligou e contou da troca de mensagens de vocês. Eu não sabia que você não sabia. Mas nós nunca tratamos isso como segredo. Está no meu artigo no programa. A gente não pôde ir a Nova York ver o espetáculo, mas assistimos um DVD da montagem. Nunca fizemos nada escondido. Mas se você pensar bem, tem muitas diferenças entre os dois espetáculos...”

“A dramaturgia.”

“As atuações, também.”

“As atuações?”

“É. Nós não fomos para a linha da *commedia dell'arte*, como a trupe do Ruwno. A gente caminhou pra uma tradição nossa: o circo-teatro.”

“Entendo.” Era verdadeiro isso. A linha de criação dos atores brasileiros era muito diversa da do elenco polonês. Numa havia alegria, deboche, na outra, cristação.

“O nosso processo de desenho dos personagens foi monitorado milímetro a milímetro pelo Veredas, Fernando. A gente não teria chegado a esse resultado sem ele. E quanto ao negócio de ele não fazer um espetáculo ‘original’ pra

gente, ninguém se incomodou com isso. Nós compramos a ideia dele desde antes do começo dos ensaios. Essa é a verdade.”

“E quem pensou em refazer a montagem da Ucrânia foi o Veredas?”

“Exatamente. Quando contatamos o cara, ele perguntou se a gente toparia se arriscar em um projeto camicase. Explicou o que queria. Nós não conhecíamos o trabalho do Ruwno. Mas o do Veredas, sim. E tínhamos confiança absoluta nele. O cara é um monstro de tão bom.”

“Então valeu. Muito obrigado, Rogério. Eu precisava dessas informações antes de escrever. Você entende, não é?”

“Completamente.”

“Ninguém falou nisso nas matérias de apresentação do espetáculo.”

“Ninguém sabia. Ninguém perguntou.”

“Eu ainda não havia lido o programa.”

“Nem você nem ninguém. Mas digo isso de boa, Fernando. Fique frio.”

“Valeu.”

“Ok. Ei, o Veredas pediu teu telefone. Posso?”

“Claro, Rogério. Sem problema.”

Desligam. Fernando folheia novamente o programa. Lê o texto assinado por Rogério. Conta a história toda. Como havia acabado de lhe dizer, registra que a ideia de recriar o espetáculo de Ruwno tinha sido levantada por Veredas desde os primeiros e-mails que trocara com o grupo. Após narrar esses fatos, Rogério abordava o processo de trabalho, em que Veredas conseguia o prodígio de dar rédea solta aos atores, para ao mesmo tempo levá-los por um caminho em que a reprodução de detalhes, minúcias de gesto e movimento e olhar e tom de voz passavam a ser rigorosamente exigidas. Durante longo tempo Fernando olha o programa. Levanta o olhar. Vê João, que se deitou ao sol, na grama, e dorme enrodilhado. Sorri. Gostaria de poder dormir neste momento, ao invés

de ter a espinhosa missão de escrever uma crítica difícil. Se lhe perguntassem algum dia se gosta de escrever críticas, e se ele tivesse de ser muito sincero, responderia que não. Ainda bem que até hoje ninguém lhe havia perguntado isso. Abre um documento novo no Office. Batiza-o PautaPlauto, aciona a página e vai para a primeira linha. O cursor pisca a sua frente, uma esfinge discreta implacável. Por que toda vez tem a impressão de que dominava melhor o processo do texto quando usava a máquina de escrever?

É sempre o pior momento. O confronto com a necessidade de achar o modo de expressar o que tem a dizer. São infinitas possibilidades. A chance de errar, de entrar num território falso e movediço, paira sombria, feito fantasma shakespeariano, ao redor do ato da escrita. Coloca no som um dos seus favoritos de todos os tempos, *Time Out*, Dave Brubeck e o Take Five. O jazz intenso e elegante inunda o pequeno quarto. Mais uma vez Fernando promete a si mesmo que vai transferir o escritório para o ex-quarto de Ana, no qual ele mal entra. Tem alguma superstição particular para evitar o tal cômodo? Não, de modo algum. O quarto está vazio. É isso. Não tem porque entrar lá. Na verdade, já pensou mais de uma vez que o apartamento é muito grande para ele, agora sozinho com João. Outro imóvel, menor e com taxa de condomínio menos custosa, seria bem interessante. O caso é que não consegue se imaginar fora desse apartamento, no qual jogou todo o seu prazer de ocupar bem o espaço. Pensou em cada móvel, em todos os cantos da casa. E chama sempre de casa o apartamento. Como poderia sair dali? Como poderia encontrar um apartamento conectado a um quintal com jardim? De que maneira João reagiria a um apartamento sem saídas para uma área com terra, grama e plantas? E como Fernando abriria mão da horta, dos canteiros mantidos com tanta atenção e cuidado?

Estou rodando no vazio, este não é momento de pensar no que fazer com a casa, com o escritório. O que tenho que fazer é me concentrar na crítica. O

que vou escrever? Como é que posso não mencionar essa história de um dos diretores mais famosos do mundo vir pra São Paulo e fazer uma cópia de um espetáculo que tá em cartaz faz quase dez anos? Ele garante que não é plágio. Mas o que é, então, uma cópia autorizada? Quando percebe, está escrevendo. Articula algumas informações sobre Veredas, sobre a Fluorescente, sublinha a importância tanto do encenador quanto do grupo e chega enfim a *Pauta Plauto*. Trata em primeiro lugar do oportuno resgate que a montagem faz de obras do principal autor romano de comédias. Atesta a pertinência da observação dos costumes e da moral que os textos contêm, suas frágeis relações humanas, os comportamentos caricaturais. Registra as oportunas atualizações operadas pela dramaturgia do projeto, creditada ao diretor e ao elenco. Chega enfim à mais espinhosa das questões que tem de encarar aqui: o problema da cópia. Pergunta a quem interessa ver um espetáculo original, indaga o que é originalidade, o que é plágio. E por fim lança a pergunta que o incomoda:

*“Podemos considerar plágio uma obra que supera a original em alcance, em habilidade de utilização da matéria-prima, em inventividade? Podemos considerar plágio uma obra que é visivelmente superior à obra em que se inspirou?”*

Aborda então o fato de que viu *Ah, Aristophanes!* há poucos meses. Escreve que ficou impressionado com a qualidade do trabalho de Ruslan Ruwno, mas acrescenta que lhe pareceu mais um caso de espetáculo superestimado internacionalmente, como acontece muito em circuitos de festivais. Afirma que só agora, vendo a *Pauta Plauto*, de Veredas e da Fluorescente, teve noção de até onde poderia chegar a fórmula empregada por Ruwno. Atesta assim a genialidade de Veredas e sua capacidade de recriar uma ideia levando-a às últimas consequências. Afirma saber que com essa colocação está na contramão da crítica internacional que levou às alturas o espetáculo de Ruwno. Conclui

afirmando que está certo de que essa consagração do espetáculo ucraniano ocorreu porque a crítica que o saudou com tanto entusiasmo não teve a chance de ver a maneira pela qual Veredas explorou as potencialidades todas dessa estética. E isso é algo que pode fazer a partir deste momento. Fecha o texto prevendo uma longa carreira e um grande sucesso de público para *Pauta Plauto*. Escreveu por quase três horas sem interrupção. Massageia os ombros, roda a cabeça num movimento pesado para todos os lados. Começa a reler o texto, percebe que não vai conseguir. Precisa de um tempo. Na cozinha, prepara o almoço e come. Lava a louça. Depois, faz café. João acordou e esfrega-se em suas pernas, vigoroso, animado. Fernando brinca com o cachorro, coça-o atrás das orelhas, fala em tons a que ele sabe que o animal reage com prazer. João se entrega aos gestos e à voz de Fernando. E este pensa que está na hora de levá-lo ao veterinário, para o exame anual e as vacinas. Acaba o café e senta-se no degrau que separa a cozinha do jardim. Olha para o panorama da cidade. Nota algo que não tinha percebido: foram derrubadas duas casas que estavam na linha próxima dos prédios que agora fecham seu horizonte. Com um movimento interno de desgosto, antevê que a dupla de casas abatidas em breve dará lugar a mais um edifício.

Volta para o escritório. Relê o texto. Redige melhor algumas ideias. Arredonda certas frases, elimina outras. Insere um parágrafo sobre a performance do elenco da *Fluorescente*, depois de se dar conta de que não abordou o assunto da maneira adequada. Vê a conta de caracteres. O texto está no tamanho. Relê mais uma vez. Coloca como epígrafe uma citação de um velho livro de Sabato Magaldi, *Temas da História do Teatro*, sobre o valor perene da obra de Plauto. Rele tudo mais uma vez. Acredita agora que nada mais há a alterar. Fecha o texto e manda o arquivo para o jornal.

**Nove.**

No dia seguinte, Fernando pula da cama às seis e meia, toma um banho rápido, dá comida para João, troca a água sai correndo de casa. Enquanto dirige para a escola, aonde dá a primeira aula às 7h45, Fernando aproveita o farol de morado da Heitor Penteado para dar uma espiada na crítica. Como ele esperava, ela foi para o alto da página, o que significa, em linguagem jornalística, um texto de relevo. Mais que isso, a crítica ganhou também uma chamada na primeira página. Fernando solta uma exclamação ao ver o título: “PLÁGIO OU UPGRADE?” Há duas fotos grandes ilustrando o texto, uma de *Ah, Aristophanes!* e outra de *Pauta Plauto*. A edição foi atrás de uma imagem em que atores das montagens ucraniana e brasileira estão na mesma posição, recortados em silhueta contra um fundo vermelho-alaranjado. O olho da matéria afirma: “Diretor de carreira internacional faz espetáculo que é cópia consentida de produção em cartaz em Nova York”. Dentro de um box inserido no centro do espaço em que foi diagramado o texto de Fernando é destacada uma frase da crítica: “Em todos os sentidos a direção de Veredas é superior à direção de Ruwno”. A edição foi além. Colocaram um repórter para fazer uma matéria sobre o *Liber Teatrum*. Por e-mail, de Nova York, também Ruwno falou. Declarou que sim, havia autorizado Veredas a usar sua montagem, que estava curioso para ver o resultado, que se pudesse, gostaria de vir ao Brasil para ver *Pauta Plauto*. A crítica e a matéria anexa ocupam dois terços da página. Nunca um texto de Fernando recebeu tal destaque.

Ele chega à faculdade enamorado pela página de jornal, que olha, reolha e carrega consigo, no meio dos livros. Todo o intenso sofrimento do dia anterior foi compensado. Conseguiu ser correto. Fez o que tinha que fazer. Não ignorou a notícia quando deu de cara com ela. E cumpriu o dever como crítico. Ao mesmo tempo, sabe que conseguiu fazer justiça ao extraordinário trabalho de Veredas e da trupe Fluorescente. Não tem dúvida de que, na medida do possível,

Veredas desejava colocar na sombra o fato de seu espetáculo ser calcado no de Ruwno. Provavelmente contava com o fato de que ninguém no Brasil teria visto a montagem ucraniana. Não seria de espantar. Fernando considera-se razoavelmente bem informado sobre o que acontece no teatro mundial. De antigo leitor de revistas transformou-se com o passar do tempo no navegador compulsivo de um grande número de sites especializados, consultados frequentemente. Apesar disso, não tinha ouvido nunca falar de *Ah, Aristophanes!*, sucesso mundial, de certo, mas que não se pode comparar aos de um Peter Brook ou de uma Ariane Mnouchkine. Fernando lembra muito bem do modo pelo qual chegou ao espetáculo. Foi por acaso, movido pela paixão de Paulo pelas produções independentes e pelo teatro europeu. O amigo é avesso ao grande teatro comercial, gosta das aventuras, das experimentações. Por isso arrastou o crítico ao pequenino teatro do Village, onde assistiram à montagem de Ruwno, matriz de toda a história. Fernando enche o peito de ar, solta devagar. Tem de focar sua atenção na aula. Vai trabalhar longas horas com os alunos. Pensa na tarefa que tem pela frente. Mas sente-se excitado. Este é um momento crucial. Ele, o crítico, não apenas deu uma notícia, coisa reservada sempre aos repórteres, como fez o jornal ir atrás da história e abrir espaço para publicar outros ângulos da informação. Ou seja, ele pautou a redação. Isso não é pouca coisa.

Passa rapidamente pela secretaria. Cumprimenta a estagiária que Chegou cedo para o trabalho. Guarda o jornal na pasta, que deixa em seu escaninho. Apanha dois livros, o diário de classe, e sai a passos rápidos para a sala de aula. Avança pelo corredor e abre a porta. Sempre se surpreende ao ver que a maioria esmagadora dos alunos cumpre o horário e já está a sua espera quando ele aparece. Lembra de seus tempos de estudante, do quanto achava intolerável ter de acordar cedo para assistir às aulas. Duvida que com essa garotada seja diferente. Mas não podem fugir de seu curso, se querem chegar ao diploma. O fato, porém,

é que sabe que os alunos não madrugam por causa do certificado de conclusão. O que os atrai é a possibilidade que Fernando lhes oferece de jogar com teoria e prática ao mesmo tempo, num curso de história do teatro em que a informação desemboca na montagem de cenas dos períodos estudados. Trabalha com alunos do sexto semestre, e apenas agora, no meio do curso, está chegando à tragédia grega. Descobriram com o tempo que os alunos acompanham melhor os cursos de história do teatro mundial e do teatro brasileiro quando começam pelo contemporâneo para dele regredir aos períodos históricos. Somente no fim do curso de oito semestres é que começam a mergulhar nas fontes do teatro, nas origens rituais, na tragédia grega. O assunto de hoje é *Ésquilo*. Os alunos leram *Prometeu Acorrentado* e vão fazer seminários focando as principais características da obra, um perfil do dramaturgo, de sua época, do sentido social e cultural da obra em seu tempo. Os trabalhos serão iniciados com a apresentação de cenas da tragédia, preparadas durante duas semanas.

Fernando fecha a porta atrás de si e examina os rostos a sua frente. A maior parte deles usa figurinos gregos, mas um dos grupos se destaca pelos trajes de noite, os meninos de smoking e as meninas de vestido longo. Nesse grupo Fernando observa a beleza das garotas, que usam roupas elegantes e visivelmente caras. Entre elas está Lucila. Desde o dia em que se encontraram no quiosque de frutas da Sumaré, Fernando observa a moça com atenção. Tem a certeza de que testemunhou uma visão proibida, a volta da mênade para casa, depois da bacanal. Ela jamais deu sinal de lembrar-se do encontro. Por sua vez, ele o rememora toda vez que a vê. Recorda os olhos assustados, a dor do mundo contida neles. E o abraço, e os soluços, e as lágrimas que haviam umedecido sua camiseta, umidade que impregnou o tecido por longos minutos depois que ele deixou o quiosque. Como poderia esquecer aquilo? Fora assim o início do dia que acabara culminando com sua separação, agora a caminho do divórcio.

Cada momento daqueles está impresso em seus arquivos. Agora não dói mais. Há bastante tempo que não dói mais. Ele enche de ar o peito e sorri. Coloca os livros sobre a mesa e cumprimenta os alunos.

“Bom dia! Fico muito feliz por ver que todos caíram da cama para o seminário sobre Ésquilo e *Prometeu*.” Um coro se manifesta, falas se sobrepõem umas às outras. Fernando eleva a voz e cobre as demais. “Estão aquecidos? Ué, tavam esperando o quê? Vamos. Quem puxa? Ninguém? Puxo eu.”

Os alunos se espalham pela sala. Ele observa-os enquanto comanda uma série de exercícios de alongamento, respiração e voz. É um grupo estranho. Muitos alunos. Vinte e cinco chegaram ao sexto módulo nesta turma. No período da noite, apenas dezessete atingiram o mesmo estágio. Os noturnos formam um grupo mais próximo em idade, quase todos entre os vinte e cinco e os trinta, e em sala são atentos, dispostos, têm uma noção precisa do que pretendem fazer, das razões que os levaram ao curso. Os matinais são heterogêneos. Há três senhoras com cerca de cinquenta anos, dois cavalheiros que certamente já passaram dos quarenta, umas quinze meninas e cinco rapazes adolescentes ou recém-chegados à casa dos 20. Pele muito clara, cabelos e olhos castanhos, Lucila é a mais bonita das meninas. Opinativa, cheia de ideias que em geral expressa de forma vaga e imprecisa, pretende exercer sobre a classe uma liderança que diversos colegas aceitam. Outros contestam suas pretensões e a consideram uma criadora de casos. Fernando nota nela algo especial. É diferente dos outros. O pai pertence ao serviço diplomático. Lucila morou fora quase toda a vida, cursou alguns anos do secundário na Inglaterra, fala fluentemente inglês, francês e alemão. Seu grau de informação reduz a um nível mesquinho os conhecimentos acumulados por seus colegas, que estão concluindo o terceiro ano do curso. Nem os mais velhos e experientes podem competir com a quantidade de dados

que ela ostenta como um trunfo toda vez que se sente ameaçada, o que não é infrequente. Ele conclui o aquecimento e a aula prática tem início.

A turma dividiu-se em quatro grupos. Cada um deles tem vinte minutos para apresentar cenas de *Prometeu Acorrentado*. As equipes tiveram liberdade para criar suas cenas, e a direção coube aos alunos. Fernando não pede trabalhos museológicos. Ao contrário. Estimula-os a relerem a tragédia grega segundo sua própria ótica. O que destaca sempre é que deseja que o entendimento do texto esteja sempre em primeiro plano no trabalho. Esse é o foco do trabalho prático com os clássicos do teatro que empreende. Como ele imaginou, quatro dos três grupos trazem de alguma forma releituras kitsch do que imaginam ser o universo da tragédia grega. Os figurinos são improvisados com lençóis, ou, o que é pior, alugados em lojas de fantasias. Os estudantes gesticulam demais, declamam demais, buscam dar conta da grandiosidade das cenas de Ésquilo por meio de uma atuação exacerbada, inflamada por gestos arregaçados e olhos arregalados. A trilha sonora, quando há, pontua a ação com temas bíblicos dos filmes de Hollywood. Numa das cenas, a música é mais incongruente ainda: a *Abertura 1812*, de Tchaicóvski. Na cena que traz a música russa, o aluno que faz Prometeu se esquece de que o titã está acorrentado a uma rocha e põe-se a andar pelo palco, furioso, enquanto clama contra Zeus, o deus todo-poderoso que o condenou ao castigo medonho por ter roubado o fogo dos deuses para dá-lo aos selvagens e rastejantes mortais.

Fica para o fim o grupo de jovens vestidos a rigor. Eles entram no palco improvisado na sala de aula em blackout absoluto. Sobe aos poucos a voz rouca de Amy Winehouse, entra uma luz âmbar fraca, em resistência, e sobe aos poucos para revelar o grupo estático com seus trajes de noite, ao redor de Prometeu, um dos alunos mais velhos do curso, atlético, musculoso, nu, numa posição torcida, atado a um rochedo imaginário. O coro a rigor, que agora segura taças de

champanhe, estabelece um contraponto estranho ao corpo despido do Prometeu que se contorce à esquerda da cena. O titã se lamenta de um jeito levemente irônico, o coro se compadece de seu destino de um modo desapaixonado. Entra então Lucila, que faz Io, a jovem engravidada por Zeus e transformada em novilha para ser escondida da fúria da vingativa Hera. Ela caminha até o centro do palco e despe seu elegante vestido de baile branco. Fica nua. Pintou o corpo com manchas negras, que se destacam contra sua pele alva. Indo por uma linha divergente da dos outros integrantes da cena, muge o sofrimento de Io com uma intensidade que arrepia Fernando, acompanhada pelo som melancólico de Co-coRosie. Mas a intensidade da dor de Io não contamina o coro que bebe champanhe e nem muda a atitude irônica de Prometeu. Quando a cena termina, num estrondo lancinante de Smiths, a classe toda aplaude com entusiasmo. Blackout. Quando volta a luz, o elenco todo está no palco, o coro perfilado, Prometeu e Io envelopados em roupões. E então agradecem, muito contidos e precisos, aos aplausos.

Ao fim da apresentação das cenas, antes de iniciar o debate, Fernando decreta um intervalo de vinte minutos para que os alunos tirem figurinos, maquiagens, tomem café, água. Está bastante satisfeito. O resultado do trabalho foi melhor do que ele esperava. Até as cenas menos inventivas levaram para o precário palco que há em sua sala de aulas uma evidente seriedade no estudo do texto e em sua transferência para a cena. Ele entra na secretaria. Agora já estão ali as funcionárias. Assina recibos, cumprimenta, conversa. Apanha sua pasta, no escaninho, pega um café na máquina e vai para a sala dos professores. Está vazia. Olha o relógio. Tem quinze minutos. Senta-se à grande mesa de reunião, abre a pasta, abre o jornal e lê mais uma vez a matéria enquanto toma café em pequenos goles. Raras vezes sente saudade dos tempos em que fumava. Este seria um momento ideal para acender um cigarro. Fecha o jornal e guarda-o na

pastas, meio que incomodado pelo próprio narcisismo. Termina o café, pensa no que vai dizer aos alunos, abre um caderno, toma notas. Sintoniza Madonna no iPod: *I Love New York*. Conclui suas notas, fecha o caderno e volta para a sala. Os alunos já estão todos lá. Tiraram figurinos, maquilagens, e estão reunidos em grupos que discutem excitados, em altas vozes, o resultado das apresentações. Quando Fernando fecha a porta, não se intimidam e continuam a falar aos brados.

“Gente, vamos começar?”

Ninguém escuta. Isto é, escutam, mas não se incomodam em calar. Estão muito excitados. Acostumados ao jeito pouco formal de Fernando, não se aca-  
nham em tratá-lo menos como um professor e mais como um tio paciente e um pouco frouxo.

“Pessoal, silêncio.”

A balbúrdia continua.

“SILÊNCIO, PORRA.”

O berro de Fernando ecoa pela sala e faz os alunos olharem para ele, espantados, como se não o tivessem visto ali. Agora ele fala tranquilamente, em tom brincalhão:

“Se os senhores tiverem a gentileza de formar um grupo de debate e se quiserem, por favor, me incluir nessa conversa, acho que tenho algumas coisas a dizer que podem interessar vocês.”

Os alunos ocupam enfim os assentos da pequena arquibancada construída numa das extremidades da sala. Ele abre o caderno, espia as notas que rabiscou há pouco. Ajusta os óculos na ponte do nariz. Tem alguma dificuldade em decifrar a própria letra. Começa então pedindo aos estudantes que analisem as cenas de que não participaram. Impede que falem todos ao mesmo tempo, que desenvolvam conversas paralelas. Centra o foco na avaliação do conteúdo que

foi apresentado, atalha as queixas pessoais, os personalismos. Aponta as inconsistências e os erros da interpretação do texto. Está encaminhando as conversas para o final, quando um dos alunos levanta a mão. É um garoto alto, magro, que usa óculos e tem os cabelos num corte moderno. Seu nome é William. Foi ele o Prometeu que passou a andar pelo palco, para cima e para baixo, quando deveria estar acorrentado.

“Posso tipo perguntar uma coisa , prófi?”

“Claro.”

“Então, prófi, tipo podia isso que a turma deles fez?” E aponta para o grupo de alunos que fez a cena com os trajes a rigor. A classe toda olha para eles, e depois para Fernando, como se esperasse por um veredicto. Ele percebe então que era isso que debatiam com tanto ardor quando entrou na classe.

“Que é que você acha, William?”

“Tipo acho que eu e quase todo mundo entendeu que era pra fazer um lance tipo grego. A gente até tinha pensado em fazer um troço mais louco, meio futurista, só que tipo todo mundo tinha entendido que não podia, que tinha de ser um negócio grego mesmo. A gente foi até atrás do desenho da máscara. Cê sacou que a gente meio que reproduziu na maquilagem?”

“Saquei e achei que foi uma boa ideia. Mas quando foi que eu disse que só podia fazer o *Prometeu* dentro de um estilo de tragédia grega?”

Ana Luísa, uma baixinha, loira, voz aguda, exclama, som fendendo o ar:

“Mas eu juro que também achei que tinha de fazer uma cena grega. Não era tipo esse o sentido do trabalho?”

Fernando sorri:

“Quero que vocês me digam quando foi que eu determinei que as cenas tinham que seguir um estilo, um padrão definido. Nos períodos que nós estudamos em outros semestres, alguma vez eu pedi isso?”

“Não”, diz William. “Mas é que a gente pensou que na tragédia grega tinha que tentar ir até as fontes.”

“Primeiro que nós nem temos certeza de como eram essas fontes de fato”, responde Fernando. “E certamente as fontes não usavam música de filme bíblico de Hollywood. Isso não tem nada a ver. Se vocês tivessem feito uma pesquisa na rede, teriam descoberto coisas muito interessantes.”

“A galera achou essa música da hora, prófi”, diz Gustavo, um garoto atarracado, moreno, que esconde os olhos sob uma massa cuidadosamente desarranjada de cabelo escuro.

“Mas, se vocês queriam fazer uma coisa de época, essa música não tem nada a ver com o que vocês estavam pesquisando, percebe?”

“Então, prófi”, volta William, “podia fazer isso que a turma da Lucila fez? Se não podia música de filme, então eles que usaram o Smiths e mais uma super de hoje que eu não saquei qual que era...”

“Mas o que a cena dessa turma propôs?”, insiste Fernando.

“Bem...”, titubeia Ana Luísa.

“Eu acho que, uma coisa assim... Não sei, uma mistura?”, aventura-se Gustavo, tateando terreno.

“Posso falar, professor?”, indaga Rafael, o aluno mais velho que fez o Prometeu da cena de Lucila.

“Não, ainda não. Eu quero que eles pensem no que viram.”

“Bom, tipo...”, arrisca William.

“Vai lá, diz”, diz Fernando.

“Bem”, tateia William. “O que mais barbarizou, né, tipo foi que todo mundo tava com aquela roupa super assim, né, e daí o Rafa e a Lu em pelo, tipo assim, isso que eu...”

“Tá bom, e por que eles fizeram isso?”

“Não sei prófi. Pra chocar?”

“Alguém mais tem alguma ideia?”

“Posso falar uma coisa que eu pensei?”, lança Ana Luísa.

“Deve.”

“Assim, não sei, mas o que eu achei foi que era um lance tipo muito louco, porque tinha aquele coro vestido a rigor, pra uma festa black tie, e o Prometeu e a Io estavam nus, quer dizer, eu achei que tinha um lance assim de uma coisa muito assim, de coluna social, um negócio de hoje, junto com uma coisa muito antiga, que é a transa da nudez.” Ouvem-se algumas risadinhas. Insegura, a menina de voz aguda pergunta: “Será que eu tô falando besteira?”

Fernando olha em volta e indaga:

“Alguém acha que a Ana Luísa está falando besteira?” Os alunos o observam. Ele aguarda alguns instantes antes de continuar. “Por que será que o fato de a gente ver alguém pelado cria uma espécie de incômodo, de nervosismo. Por que a mera menção à nudez faz a gente dar umas risadinhas?” A turma continua a observá-lo. “Vamos lá, gente, nós estamos no século 21. Já tá acabando a primeira década disso que um dia a gente pensava que seria o futuro. O futuro já chegou. E eu quero ouvir vocês.”

“É que tipo ver alguém nu sempre provoca um negócio, né prófi?”, afirma William, um meio sorriso nos lábios. “Sei lá, é como se... Quer dizer, é como se a gente visse uma coisa... sei lá. Ainda mais num trabalho tipo feito aqui na escola, né? Não sei, parece bem estranho.”

“Posso falar, prófi?” Lucila levanta a mão.

“Sim.”

“Mas é isso que a gente queria, Will, isso que você falou. Que fosse estranho, que parecesse proibido. Porque pensa bem na peça. O cara tipo está sendo castigado porque fez coisas proibidas. Tá preso na rocha. Como que a

gente ia criar esse contraste? Uma coisa brutal o que acontece com ele. E com essa menina, então, que é transformada em um animal? Como fazer isso? Por isso que a gente pensou no contraste entre o coro vestido com roupa a rigor e o Prometeu e a Io nus. A Io entra vestida, mas daí tira a roupa.

“A ‘gente’ pensou, não, professor. Foi da Lucila a ideia, e todo mundo topou porque achamos uma sacação muito boa. Ela entendeu uma coisa essencial do texto e encontrou um jeito de jogar isso no palco com muita força”, diz Rafael. “Você não acha que nós conseguimos isso na cena, Fernando?” Pele bronzeada e corpo atlético, armas com que busca negar os evidentes sinais da idade, o aluno observa o professor.

“Sim, tenho certeza que sim, Rafael”, responde Fernando. “Mas olha só, antes de continuarmos a conversar sobre as cenas, vamos passar pro seminários, ok? Acredito que vão ser levantadas ideias importantes, que vão nos ajudar a concluir a conversa sobre as cenas. Pode ser?”

### **Dez.**

Depois de se munirem todos de água e café, Fernando corre as cortinas negras que vedavam a passagem da luz do dia pelas janelas, abre-as e forma com os alunos um círculo. Todos se acomodam e passam as duas horas seguintes conversando animadamente sobre *Ésquilo*, sua obra, seu tempo. Uma grande polêmica segue-se à leitura do epitáfio do dramaturgo, composto por ele mesmo para ser gravado em sua lápide:

“Aqui jaz *Ésquilo*, filho de *Eufórion*, ateniense  
morto em Gela de fartas colheitas.

O bosque sagrado de Maratona  
e o medo de longa cabeleira  
podem testemunhar o seu valor.”

“Mas ele não era dramaturgo prófi, e não dirigia suas próprias peças? Não ganhou um monte de prêmio?”, indaga William.

“Sim”, confirma Fernando.

“E mesmo assim não quis que registrassem isso no túmulo dele?”

“Não, não quis.”

“Que história é essa de medo de longa cabeleira?”, quer saber Gustavo.

“Não é medo, é *médo*, com o *e* aberto. Os medos eram tribos que se associaram aos persas, e Ésquilo os combateu em Maratona, quando estava com 35 anos. Só dez anos mais tarde ele se tornaria conhecido como dramaturgo. Só conhecemos sete peças dele. São todas obras-primas.”

“Mas por que ele não quis falar do teatro no túmulo dele, prófi?”, insiste Ana Luíza.

Lucila, que tem estado invulgarmente quieta durante todo o debate, levanta o braço com uma expressão de enfado:

“Mas não é evidente, santo Cristo?”

“Tipo, pra mim não é”, retruca Ana, tom irritadiço.

“Você quer explicar, Lucila?”, interpõe Fernando.

“Tá. Tudo bem. Tem a ver tipo com o lance da cidade. Não era importante ser artista. Mas era importante ser guerreiro, ser da administração. Tipo muito o que rola até hoje, não é, não? Taí, na bibliografia que a gente levantou. Um monte de informações sobre a importância da cidade.”

“Sócrates também foi administrador da cidade além de ser dramaturgo, não é, Fernando?” É Rafael quem pergunta. Fernando não se incomoda com a intimidade que o aluno deseja estabelecer chamando-o pelo nome. Ao contrário, prefere isso ao indigesto “prófi”.

“Sócrates era filósofo. Se você quer dizer Sófocles, Rafael, foi sim. Desempenhou funções na cidade. Políticas e administrativas. Como Ésquilo.”

“Mas não era legal que falassem dele como dramaturgo também?” quer saber Gustavo.

“Talvez ele nem tivesse certeza”, avançou Lucila, “de que seu teatro seria lembrado. Mas enquanto cidadão de Atenas naquele século, eram os feitos dele como guerreiro que Ésquilo não queria que esquecessem. Se não fosse pelo guerreiro, o dramaturgo talvez nem tivesse existido, porque os gregos provavelmente iam acabar sendo escravizados pelos persas.”

Fernando está impressionado com Lucila. Sempre foi hiperativa. Muito faladora e perguntadora. Mas nunca, como nesta aula, no último semestre em que estuda história do teatro com Fernando, ela se mostrou tão precisa, tão bem informada. Ao mesmo tempo, embora há tempo ele a considere uma promissora atriz, nunca a viu se atirar tanto a um trabalho. Imagina que não deve ter sido fácil para ela expor-se daquela maneira diante dele e da turma. No entanto, encarou o desafio e foi até o fim. Agora, em vez de tomar a dianteira das opiniões ou perguntas, muitas vezes formuladas pelo mero impulso de não deixar a aula passar em branco sem sua interferência, ela se recolhe e, quando fala, mostra pertinência nas ideias e domínio do assunto em questão.

A conversa avança. Dissecam características da obra de Ésquilo e da personalidade do escritor. Discutem o peso da religião em seus escritos. Por fim, Fernando dá a aula por encerrada. Olha no relógio. Meio dia e quinze. Foi um tempo bem aproveitado. Os alunos recolhem mochilas, sacolas. Carregam os figurinos, os acessórios que usaram. Alguns retardatários sempre circulam, esperando para fazer últimas perguntas, trocar ideias, expor dúvidas. Um deles é William. O garoto sacode os cabelos lisos e bem cortados, e pergunta:

“Prófi, se você fosse montar uma tragédia grega, qual escolheria?”

“Não sei. Por quê?”

“Sei lá. Curiosidade. Você nunca teve vontade de dirigir, prófi?”

“Dirigi na escola de teatro. Quatro, não, cinco espetáculos, contando com um exercício que alguns alunos inventaram e meio que me forçaram a fazer com eles.”

“Mas se oferecessem uma produção pra você dirigir, topava?”

“Não, William. Não seria ético.”

“Por que não? Não seria ético se você dirigisse e depois fizesse a crítica. Se não, não vejo problema nenhum.”

“Você vai produzir alguma coisa e me convidar pra dirigir?”

William ri.

“Não, prófi. Mas é que eu tipo fico pensando. Eu gosto do jeito como o prófi analisa texto e dirige ator, tá entendendo? Acho que se resolvesse dirigiria dar o maior certo. Acho que se eu tivesse uma grana e resolvesse produzir, convidava o prófi pra me dirigir. A gente podia fazer a *Oréstia*. Me amarro em Ésquilo, sabia? Tem papel pra mim, pra Lucila...”

“Lucila?”

“É, prófi. Ela é uma puta atriz, não é? Cê viu hoje?”

“Você e ela...”

“Não, nada a ver. É que a gente conversa um monte, e umas vezes já ficamos tipo falando de fazer um treco junto. Armar uma produça, tipo isso.”

“Ela é muito boa atriz. E a ideia de fazer a *Oréstia* é muito atraente.”

“Então, prófi, pensa nisso.”

“Não, eu não, William. Pensa em outro.”

“Tá bom, prófi. Mas se tipo mudar de ideia...”

“Ok, se eu mudar de ideia... Tchau. Boa tarde.”

“Valeu, prófi. Ah, tava esquecendo. Parabéns, prófi. Putz furo essa história da *Pauta Plauto*. Eu tava lá na estreia. Mas o prófi não me viu. Também, tinha tanta gente, né?”

“Você leu a crítica?”

“Meu velho assina o jornal. Li no café da manhã. Recorta a matéria e bota ela aí no mural, prófi.”

“Vou ver, William, vou ver.”

Fernando entra na secretaria sorrindo. Que ideia absurda. Imagina, eu dirigir. Que coisa mais sem nexo. De onde que o moleque tirou essa ideia? Apanha do bolso o iPhone e liga para Luciano. Faz tempo não encontra o irmão, que reclama das ausências. A secretária informa que Luciano está em reunião e não pode ser interrompido. Fernando deixa recado. Preenche formulários, assina o ponto dos professores. A secretaria agora já está funcionando a pleno vapor. A secretária-chefe, senhora de meia-idade e ancas largas que veste sempre saia preta e blusa branca, o informa sobre a próxima reunião de professores, que deve se realizar em uma semana. Fernando acena e anota na agenda. Sente um ardor nos olhos. Está cansado. Mas tem o dia cheio. Vai almoçar. Depois tem reunião com os editores do livro. Finalmente marquei. Queria saber por que eu demoro tanto pra fazer umas coisas bem simples. À noite, tem um espetáculo para ver. Despede-se das moças que trabalham na secretaria, passa pela sala dos professores, conversa rapidamente com os colegas que lá estão, despede-se e sai para o estacionamento. Quando chega ao corredor do estacionamento vê Lucila, que está parada junto de uma pilastra. Ao vê-lo, ela se adianta:

“Oi, prófi. Posso conversar com o senhor?”

Ao contrário dos outros alunos da turma, ela sempre o chama de senhor. Mesmo depois da primeira aula, quando ele pediu a todos que o tratassem por você e soltou a manjada piadinha, “O senhor está no céu”, ela continuou a chamá-lo de senhor. Certamente os condicionamentos de sua educação.

“Diga, Lucila.”

“Não, prófi, não aqui no corredor. Queria conversar sobre umas coisas que estou pensando.”

“Eu tenho horário de atendimento aos alunos na semana que vem, fico aqui a manhã toda.”

“Eu precisava falar com o senhor antes disso.”

“Alguma coisa grave?”

“Pra mim, é. O senhor teria tipo um tempinho agora à tarde?”

“Não. Estou atrasado. Tenho uma reunião logo depois do almoço.”

“E de noite?”

“Vou ao teatro. Ver a estreia da peça nova do Oficina.”

“Tá bom, prófi. Então tá. A gente fala uma outra hora.”

“Não pode mesmo esperar até meu horário de atendimento, na semana que vem?”

“Sei lá. Acho que sim. Beleza. Não encana, não.”

“Eu não estou encanado. E se eu puder ajudar.”

“Pega leve, outra hora a gente fala.”

“Então está bom. Quer carona?”

“Não, prófi. Eu vim de carro. Mas valeu. Beleza?”

“Ok.”

Ele entra no carro levemente incomodado. A menina tinha uma expressão urgente. Mas não posso deixar o povo da editora esperando. Vou jogar uma bomba no colo deles. O mínimo que posso fazer é ser pontual. Caramba, melhor ir logo, ou nem vai dar tempo de almoçar. E eu estou com fome.

Depois da reunião na editora, que, como ele previa, se estendeu por toda a tarde, Fernando dirige pensativo até sua casa. Ouve Regina Spektor, mas não consegue fixar a atenção na voz pequena e na música sofisticada da artista. Está

inquieta. A reunião foi mais fácil do que ele esperava. Quer dizer, tive de ouvir um monte daquele pentelho, mas fazer o quê? Eu roí a corda. Ferrei com a programação do cara. Mas paciência. Acho que ele entendeu minha argumentação. E se não entendeu, que se foda. Não tenho saco de ficar paparicando editor. Se quiser fazer outro trabalho comigo, tá muito bom. Se não quiser, que se lasque. Debatendo consigo mesmo, conversando mentalmente com o editor de rosto muito branco e lábios finos, ele cobre o caminho até sua casa. Quando entra, João salta sobre seu peito, excitado, irritado e ansioso.

“Eu sei, cara, eu sei. Te deixei sozinho aqui o dia todo. Vem cá, vem. Vamos comer. Hoje não tenho jeito de passear com você. A peça que eu vou ver é enorme, e começa daqui a pouco. Mas amanhã cedo, a gente vai passear um monte.”

Põe comida para João. Tem sempre a impressão de que, de algum modo misterioso, o cão entende o que ele diz. A excitação com que o bicho o recebeu dá lugar a um comportamento menos agitado. Enquanto João come, Fernando vai rapidamente para o chuveiro. Toma banho, veste-se e volta a sair. Não gosta de sair de carro à noite. Evita isso sempre que pode. Chama um táxi da empresa que presta serviços para o jornal e dá o endereço do teatro na rua Jaceguai. Quando deixa a bilheteria, depois de pegar seu ingresso, no meio do burburinho de gente que ocupa o pequeno saguão, vislumbra, de costas para ele, uma silhueta conhecida. Reconhece-a sem ver sequer o rosto.

“Lucila?”

Ela se volta, um movimento rápido e leve.

“Oi, prófi. Então, beleza?”

Ela fala com se fosse a coisa mais normal do mundo os dois se encontram para ver espetáculos. No entanto, desde que ela é sua aluna, há três anos, Fernando conta nos dedos as vezes em que encontrou Lucila em uma estreia.

Ao contrário de outros alunos da escola, que ele costuma ver com frequência nos teatros da cidade, não tem memória de deparar com Lucila nas plateias. Magra, esguia, flexível, ar frágil, ela tem modos bruscos, incisivos, mesmo quando se empenha em um esforço para ser cordial e sociável, como visivelmente faz agora.

“Tudo bem.” A imagem relâmpago do corpo nu da garota atravessa seu corpo. “Vai assistir?”

Sente-se um idiota. Isso é pergunta? Ela está aí para quê?

“É”, diz ela. E cala.

A resposta lacônica o desconcerta. Ele a observa por alguns instantes. Pensa no que deve dizer, se é que deve dizer alguma coisa. Vê os olhos castanhos que o fitam, o cabelo bem cuidado, em tons cambiantes, do castanho ao loiro, a boca de lábios delicados entreaberta. Num sorriso? Estará ela zombando dele? Por isso a pergunta seguinte o surpreende ainda mais:

“Tá sozinho, prófi?”

“Estou. Quero dizer, meu irmão vinha comigo, mas quando soube que o espetáculo tem cinco horas, mudou de ideia. Ele vai passar aqui na saída, pra me dar uma carona, porque quando eu venho pra cá, deixo o carro em casa. Daí acho que vamos tomar um chopp e...”

Ele não sabe por que fala tanto e dá explicações. Interrompe-se, um tanto surpreso consigo. Está confuso. Sente-se corar. Ouve a voz de Lucila:

“Eu também tô sozinha. Posso tipo aproveitar a sua companhia?”

“Você quer ficar com um velho? E seu namorado?”

“Não tenho, prófi. Não aguento pentelhação. E tem mais. Hoje eu vim aqui pra encontrar o senhor.”

“O quê?”

“Então, eu queria conversar com o senhor, e o senhor tipo não podia. Daí me disse que ia vir aqui ver a estreia do Zé. Eu pensei que as peças do Zé são bem demoradas, e que com certeza se eu viesse, a gente teria tempo de trocar uma ideia. Então eu liguei, falei com o Marcelo, ele deixou um ingresso pra mim.”

“Marcelo?”

“Sim, prófi, o Marcelo Drummond.”

“Ah. Você conhece o Marcelo.”

“É, prófi. É que eu faço música também. Um negócio que chamam de paisagens sonoras. E também instalações sonoras. Desenvolvi um trabalhos pra eles no ano que passou.”

Então ela lida com música. Isso explica o bom gosto da trilha que pontuou a cena de Ésquilo que ela e seu grupo apresentaram pela manhã.

“Ah, bacana.” Ele não sabe o que dizer. Sente-se canhestro. Convive com essa moça há três anos e nunca suspeitou de que ela fizesse música. O que são paisagens sonoras? Sente o impulso de perguntar, mas refreia a língua. Tem a estranha sensação de que não gostaria que ela desconfiasse de seus limites. Logo ele, tão atento a música, tão supostamente antenado. Mas o que podem ser essas... Ah, deixa pra lá. Ele está confuso. Seus nervos parecem chegar à flor da pele. Por quê? Enfim Fernando lembra-se de respirar. Enche o peito de ar. Sorri para Lucila. Que mais ele não sabe sobre ela? Na verdade, nada. Convive com ela há três anos e não a conhece. Mas é que eu lido com ela e com mais quase cem alunos todos os semestres. Não dá pra... Melhor não seguir por essa linha, que não leva a lugar nenhum. Pensa que estão em silêncio faz uns minutos. Isso não é bom prenúncio para a noite, que será longa. Enfim abrem-se as portas. Ele é poupado de buscar alguma coisa, que de antemão adivinha inepta, para dizer. Ela o acompanha quando ele sobe para o primeiro andar à direita. Desde

que o Oficina reabriu, no comecinho dos anos 90, Fernando gosta de se sentar ali. Acomodado no centro do grande banco de madeira próximo da balaustrada, tem uma visão geral das extremidades do palco-pista e fica suficientemente longe das interatividades do elenco com o público mais disposto a participar dos rituais de Zé Celso. Quando se acomodam, Fernando não resiste mais, volta-se para Lucila e diz:

“Desculpe a minha ignorância. Mas o que é uma paisagem sonora?”

“O senhor não sabe?”

“Se soubesse não perguntava.”

“Bem, é um negócio tipo esotérico, sabe como é? Pouca gente, tá sabendo, mexe com isso. No Brasil menos ainda. Eu fiz música no Canadá, e lá tem um instituto importante em que se estudam paisagens sonoras. Mas já devo estar enchendo seu saco...”

“Não, não está. Veja que coincidência, meus filhos moram no Canadá. E sobre seu curso, eu...”

“Não me deixa começar a falar sobre isso, porque sou capaz de ficar horas falando. Vai dar em Cage, nos dodecafônicos...”

“Mas é incrível, porque eu sou muito atento a música, mas nunca...”

“Nem o senhor, nem a maioria dos cidadãos do mundo. O que a gente faz é do conhecimento de meia-dúzia de nerds musicais.”

“Tem a ver com música e computação?”

“Um lado da coisa é tipo muito é muito tecnológico, saca? Equipamentos de ponta, esse lance todo. Mas a moeda tem outra cara, que vai dar tipo na ecologia sonora.”

“E isso tem a ver com o quê?”

“Ah, prófi, tipo com tudo. O objeto do estudo é o meio-ambiente. E vai desde a observação dos sons da natureza até o registro dos sons urbanos, dos ruídos da cidade, do ambiente, isso.”

“Parece que é um mundo imenso.”

“É. Sim.”

“E como foi seu trabalho aqui com o Zé e o Oficina?”

“Eu conheci os caras em Berlim, onde tava fazendo um curso. Fui ver o espetáculo. Acabei indo mais de uma vez. E aí deixei um DVD demo do meu trabalho com eles. E...”

Mais não diz. Um poderoso acorde de instrumentos eletrificados se faz ouvir e se desdobra, intenso, em outros acordes de mais instrumentos acústicos. Sobre essa introdução cresce uma melopéia de vozes cantando rezas de procissão nordestina. A intervenção musical marca o início da função. O elenco entra na pista e dá a largada. Mais um capítulo da saga sertaneja tem início.

### **Onze.**

No intervalo, descem para o piso térreo. Lucila vai ao banheiro. Num carrinho, em frente ao teatro, Fernando compra uma garrafa d’água. Lucila volta e acende um cigarro. Os gestos são intensos, abruptos, quase. Os olhos claros se voltam para ele e o fitam por um longo momento. Ele bebe um gole d’água. Ela dá uma tragada no cigarro e solta a fumaça lentamente. Então diz:

“Viu, sabe aquele assunto que eu queria conversar com o senhor?”

“Sim.”

“Então... É assim...”

Ela se cala. Dá mais uma tragada. Ele bebe água. O silêncio se instala. Fernando olha para os lanches que o carrinho oferece. Nenhum lhe apetece. Acaba optando por um pacote de pipocas. Foram feitas há pouco. Estão frescas

e saborosas. Oferece para Lucila, que recusa com um aceno enquanto dá mais uma tragada. Por fim Fernando diz:

“Vamos lá, se não quer falar, não se torture.”

“Não é isso. Quer dizer... Eu quero, prófi, mas é que tipo eu não sei o que... O senhor o que acha de mim?”

“Como assim?”

“Se fosse pra escalar um elenco, o senhor me escolheria?”

“Por que essa pergunta? Eu não vou escalar um elenco.”

“Eu sei, era só tipo uma hipótese. O senhor acha que eu sou atriz?”

“Acho.”

“Tem certeza?”

“Se não pensasse assim, não diria. Por que a pergunta?”

“Porque estou confusa. Acho que é uma viagem muito fora da real essa minha de querer fazer teatro. É que eu pensei que...”

“Que o quê?”

“Nada, deixa pra lá. Acho que eu tô perdida, e...”

“Todo mundo não anda perdido o tempo todo?”

“Eu sou mais perdida que a média, prófi.”

“Não sabia que você tinha feito música.”

“Pois é.”

“E por que quer ser atriz?”

“Porque eu quero testar umas coisas. Quero inventar uns negócios. Eu saquei que tem uns caminhos que talvez desse pra... Mas quando comecei a pensar a sério no que eu queria fazer, descobri que eu não sabia nada. Precisava estudar, me informar. Daí que eu resolvi entrar na escola.”

“Engraçado...”

“O quê?”

“Se você tivesse me perguntado ontem se acho que você é uma atriz, minha resposta teria sido outra. Mas depois do exercício que você fez hoje cedo, não tenho a menor dúvida. Você é uma atriz.”

“E por que ontem sua resposta teria sido outra?”

“Por que nunca tinha visto você se jogar num papel do modo como hoje você se atirou na interpretação de Io. A disponibilidade pra nudez, o belo trabalho de voz, aquelas falas meio mugidas, o jogo do corpo, percebeu como você estava ágil, leve, desesperada pelo inseto que persegue, tudo isso estabeleceu um contraponto interessante com o peso e a imobilidade de Prometeu. E mais as músicas escolhidas pra cena. Tudo isso me deixou impressionado. Bem impressionado. Você nunca tinha mostrado nada assim. Por quê?”

“Eu estava travada. Foi um tempo estranho. Desde que voltei pro Brasil que... Eu não sei. Tipo não tinha vontade. Agora a tragédia, e Io, essa personagem louca, a menina transformada em vaca, isso mexeu tanto comigo. Acho que eu nunca tinha entendido tragédia grega. E agora parece sei o que é isso. Sei lá. Alguma coisa assim.

Fernando ri. Lucila também. Toca o sinal, e eles voltam para a sala de espetáculos. Quando termina a montagem falta pouco para as duas da manhã. Fernando liga o celular e encontra um recado de Luciano. O irmão informa que cansou de esperar e decidiu dormir. O encontro fraterno fica para outro dia. Lucila, que observa Fernando, pergunta o que aconteceu. Ele explica.

“Mas não faz mal, eu pego um táxi aí na Brigadeiro.”

“De jeito nenhum. Eu levo o senhor.”

“Não quero. Imagine. É tarde.”

“Esqueceu que eu sou da música? Pra mim a noite tá começando.”

“Não vou me sentir bem.”

“Eu é que não vou me sentir bem se largar o senhor aí, caçando táxi.”

“Mas eu...”

“Faço questão, e não se fala mais nisso. Então, gostou?”

Começam a trocar ideias, e Fernando fica impressionado ao descobrir em Lucila uma interlocutora inteligente, sensível e articulada muito mais do que ele supunha. E convivem há quase três anos. Como foi que eu não saquei que essa menina é assim interessante? Sempre tive a impressão de que ela era uma chata, dessas que gostam de se exhibir, mas não, no mesmo dia a garota me mostra que é ótima em cena e que tem recheio, pensa pela própria cabeça. Eu nunca podia imaginar isso. Observa os cabelos bem cortados, as roupas da moda, o carro caro. Está curioso a respeito dela.

“Você me disse que fez música no Canadá, Lucila.”

“Sim, prófi.”

“E que trabalha com isso, com as...”

“Paisagens sonoras, isso.”

“Quando você diz que fez música, quer dizer o quê?”

“Que eu fiz o curso superior e me diplomei.”

“E agora está no terceiro ano da escola de teatro. Mas isso não...”

“Qual o problema, prófi?”

“A sua idade. Você não tem idade pra ter feito uma faculdade e estar a caminho de terminar a segunda. Não tem como...”

“Mas que idade o senhor me dá, prófi?”

“Vinte e um.” Ela ri. “Vinte e dois?”

“Eu sei que não aparento a idade que tenho, prófi. Mas ninguém me dá vinte e dois. O senhor tá querendo...”

“Não estou querendo nada”, apressa-se Fernando. “Realmente eu pensava que você... Mas quando você entrou na escola de música? Qual sua idade?”

“É, eu entrei cedo na universidade. Tinha dezesseis. Eu sou hiperativa e acabei fazendo os créditos que as escolas pedem em muito menos tempo. Aos vinte estava formada. E tenho quase vinte e nove. Há quatro voltei para o Brasil, estava cansada, estava...”

Ela se cala, ele não insiste. Voltam a conversar sobre o espetáculo de Zé Celso, que entusiasmou Lucila, mas não causou o mesmo efeito em Fernando. Debatem os pontos de vista de uma e do outro, mas ninguém parece querer insistir muito na discussão. Fernando pede mais informações sobre paisagens sonoras e estão nesse trem quando Lucila para o carro em frente à casa de Fernando. Antes de descer, indaga:

“Por que você queria saber se acho que você é uma atriz?”

“Porque eu tô confusa, prófi. Não sei se vou conseguir fazer esse troço que eu quero. Se o senhor quiser, uma hora dessas posso contar.”

“E minha opinião é importante?”

“O senhor é crítico, não é? Por falar, muito legal a que saiu hoje, do espetáculo desse português. Achei que o senhor tipo colocou superbem o problema do plágio, e foi o máximo essa história de um plágio consentido que é melhor que o original. Fiquei com vontade de ver esse *Ah, Aristophanes!* No fim do ano vou pra Nova York, então...”

“Não deixe de ver. Daí você me conta. Obrigado pela carona. Quer entrar pra tomar um chá, uma cerveja, sei lá.”

“É tarde, tô cansada e amanhã tenho que estar na escola tipo de madrugada. E além do mais, breja não dá, prófi. Tô dirigindo.”

“Então, boa noite.”

“Boa noite.”

Ele fica um pouco atrapalhado. Não sabe bem o que fazer. Leva o torso pra a frente, ameaça aproximar o rosto para dar um beijo na face de Lucila, mas

recua, sem graça, e estende a mão para a moça. Abre a porta do carro e vai descer, quando ela o detém.

“Eu queria...”

Cala-se.

“Sim?”

“É que... A gente nunca falou nisso. Mas eu lembro muito bem.”

“O quê?”

“Aquele dia, no quiosque lá da Sumaré.”

“Ah.” Ele não sabe o que dizer.

“Eu queria agradecer, prófi. O senhor foi muito legal. Eu tava numa bad trip, uma barra pesada.”

“Não se preocupe.”

“O senhor nunca comentou nada.”

“Você também não falou nada.”

“Eu não sabia se devia. Eu não lembrava direito. Mas a garota do quiosque me contou. Foi uma fase horrível. Eu estava muito... Sabe, acontece que... Ah, que adianta falar? Deixa pra lá.”

“Você não me deve satisfações.”

“Posso pedir uma coisa?”

“Sim.”

“Um beijo.”

O coração dele salta. Mas sua inesperada e louca esperança não se concretiza. Lucila lhe oferece sorridente a face, da qual ele aproxima os lábios. Enquanto os preme contra a pele clara, sente o perfume de Lucila. Madeira. O tipo do qual ele gosta. Ele se sente estranho, encabulado. Ela o olha e sorri:

“Boa noite, prófi. Até.”

“Até, Lucila.

Sai do carro, cumprimenta o vigia noturno que está na guarita ao lado do prédio. Depois de ondas de assaltos, o seu condomínio e mais outros prédios da rua se cotizaram para pagar vigias que se revezam. Entra então em casa. É saudado com latidos irritados de João.

“Eu sei, cara. Te larguei hoje o dia todo, né? Mas, em compensação, amanhã teremos horas e horas. Vamos poder dormir, João.”

Brincalhão, afetuoso, afaga o animal. João acaba entrando no jogo e abana o rabo, de novo animado. Fernando, que bebe raramente, serve-se de uma dose de Jack Daniels caubói e bebericando vai até o escritório. Abre a porta da cozinha e atravessa o gramado. Caramba, quando eu vou finalmente mudar essa porcaria lá pra dentro? Já deveria ter feito isso há meses. Acomoda-se à frente do computador. Toma um pequeno gole da bebida dourada. Entra na caixa de mensagens. Responde a algumas que são urgentes, apaga a maior parte, lixo, apenas lixo, deixa umas poucas para reler no dia seguinte. Está quase desligando o computador quando lhe ocorre uma ideia. Vai até o Orkut e tecla um nome e sobrenome. Inicia a busca. Nada. Claro, imagine, por que estaria no Orkut?

Vai fechar os programas quando pensa um instante. E se... Entra na página de seu aluno, William, que o adicionou há mais de dois anos. Fernando não usa o Orkut, apesar de ter centenas de “amigos”. Entrou para agradar a alguns amigos reais que insistiam que ele se divertiria. Nunca chegou a se divertir. Mas por conta das atividades como professor e como crítico, acumulou algumas centenas de contatos na rede de relacionamentos. Com frequência pensa em cometer um orkuticídio, mas até agora não o fez. O fato de ter muitos alunos e leitores em sua lista de contatos de certa forma o impede de desistir do convite à bisbitotice da vida alheia, que é como define o Orkut. Seja como for, entra agora na página de William. E procura. Já esteve lá, não lhe interessam as autodescrições do rapaz sobre seus hábitos e gostos e pendores. O moço gosta de escrever,

não escreve mal, mas não é do tipo que desperta particularmente a curiosidade de Fernando. Este vai para a página de amigos e começa a percorrê-la, pacientemente. William possui 867 amigos no Orkut e Fernando começa a se impacientar. Não lê os nomes. Sabe que não vai encontrar ali o que procura. Busca as imagens. Perscruta dezenas de faces. Algumas tão pequenas que não consegue discernir direito o que há na foto. Interrompe a pesquisa a cada vez que acredita ter chegado ao alvo, mas vez após se decepciona. Está para sair da página quando encontra o que busca. E seu coração bate acelerado outra vez.

Aqui está ela. Fleur du Mal. Jamais teria como encontrar. Flor do Mal? Entra na página de Lucila. Não há foto dela. A imagem de ramo de flores, talvez lírios, surge no lugar em que deveria estar o rosto. Há poucos amigos listados, menos de cem. Ela não posta fotos nem vídeos, não guarda mensagens. Ele se surpreende. Não há descrições de hábitos, de gostos, essas informações que os participantes das redes se comprazem em acumular como auto-apresentação. Não há também listas de filmes ou livros ou peças. O que o espanta é constatar que Lucila, ou melhor, Fleur du Mal participa de mais de trezentas comunidades. Ele dá uma olhada por alto na lista. Na maior parte são grupos de discussão de música contemporânea. Fernando nunca supôs que discutissem isso com tal intensidade na rede. Na verdade, como não sente paciência para participar de debates virtuais, tem pouca familiaridade com grupos. Não usa nem MSN nem skype. Estão instalados em seu computador, mas ele nunca se cadastrou. Seus filhos o chamam de troglodita da internet por sua recusa em incorporar esses recursos ao seu cotidiano. Ele sabe que Ana se comunica com filhos todos os dias. E fica irritado quando os “meninos” levam um ou dois dias para responder aos seus e-mails. Como podem usar o skype todos os dias, e não abrir a caixa de mensagens? Como?

Está muito cansado. Toma o último gole da bebida e desliga o computador. Tinha a vaga intenção de escrever uma mensagem para Lucila, agradecendo a carona. Mas quando descobriu o e-mail dela, nos dados pessoais do Orkut, hesitou. E se ela interpretar mal? Ao mesmo tempo, o que eu poderia dizer? Obrigado? Já disse. Não ia ser legal. Deixa quieto. Vai para o quarto, tira a roupa, põe uma camiseta velha, vai para o banheiro.

Lava o rosto e as mãos. Lembra que não jantou, mas não está com fome agora. João está deitado no chão do quarto, o focinho entre as patas, observando-o, atento. Fernando sabe que em algum momento da noite, quando estiver adormecido, João vai subir, tão sorrateiro quanto permite seu tamanho, para a cama. Enquanto está acordado, Fernando impede isso. Recosta-se nos travesseiros e liga a televisão aos pés da cama. Sente dor nos olhos. Zapeia os canais e não encontra nada que queira ver. Desliga o aparelho. Pensa por alguns instantes, olhos fixos no teto. Ouve o ressonar de João, que está enrodilhado no centro do tapete redondo ao lado da cama. Levanta-se, enfia os chinelos, atravessa a cozinha, abre a porta, cruza o gramado do jardim, vai até o escritório. Religa o computador e entra no Google. Tecla o nome completo de Lucila e fica impressionado com a quantidade de documentos que a pesquisa relaciona. Promete-se, vai ver tudo aquilo com calma, numa outra hora. Constata que Lucila tem uma carreira consistente e sólida na música. Desliga a máquina. Então procura numa prateleira um livro que, tem certeza, está lá. Não se engana. Não está no lugar em que pensou, mas acha-o sem grande trabalho. Apanha o volume e faz o caminho de volta para o quarto, trancando portas e apagando luzes. Deita-se. João não se mexeu, continua a dormir sobre o tapete.

Fernando aproxima o abajur e abre o livro: *Oréstia*, de Ésquilo. Lê a apresentação, as notas sobre o mito, sobre o tratamento que Ésquilo deu à história dos Atridas. Larga o volume. Pensa em tudo que aconteceu durante esse longo

dia. Percebe que a luz muda de qualidade, o escuro da noite se desfaz na parda luminosidade da madrugada. Pensa satisfeito que hoje não precisa acordar cedo, a não ser que queira. E não quer. Ao contrário, quer dormir o máximo que puder. Pensa em Lucila, lembra de seu rosto muito branco, muito intenso. Os olhos castanhos, brilhantes, não são felizes. Há naquele olhar... o quê? Impossível definir. Não, não é dor, quer dizer, não sei se é. Como é que a gente define um olhar que contém dor? Não há como avaliar isso. Cada pessoa que olha um rosto vê ali o que quiser. Eu olho o rosto de Lucila e vejo dor no olhar dela. A moça lhe agradeceu por aquela manhã distante no quiosque. Ele ficou mais feliz com isso do que gostaria de admitir. Não quer aceitar que essa insônia que o faz virar-se na cama, que torna erráticos os seus pensamentos, tem a ver com o dia que viveu e especialmente com a noite que fechou esse dia. Estranha essa história. Alguma coisa que eu não sei explicar, que eu não sei se quero explicar. Ele não consegue nem pensar nas implicações do... Mas não tem nada que pensar. Não aconteceu nada. Um beijo. O mais puro, o mais bem comportado. Na face. Nelson Rodrigues. Parece coisa de Nelson Rodrigues. Em pleno século 21 me chama de senhor e me dá a face pra beijar!

Deixa-se ficar na cama, nem dormindo nem acordado, num estado de torpor que não lhe permite movimentos. Ouve movimentos de Juão, percebe que o cão se espreguiça, boceja uma ou duas vezes, sacode a cabeça e que então, com o mínimo de alarde de que é capaz seu corpanzil, sobe para a cama. Fernando não se move. Não tem vontade. Quer ficar assim. Gostaria de ficar assim para sempre. Sente nesse momento alguma coisa que há décadas não experimentava. Uma sensação de bem estar, de euforia quase, que ele não pretende, não deseja, não quer admitir. Mas a coisa está ali, em seu peito, pulsante. Aconteceu o que ele não imaginava mais. Tem vontade de se paralisar pela eternidade aqui, agora, neste instante em que tudo está em um território vago, em que nada

foi dito, nada foi feito. Em que nada existe, de fato. Se fosse possível... Só isso, permanecer assim, nada mais antes, nada mais depois. Como seria bom. Mas ele sabe que não. Em pouco terá que se levantar, fazer coisas. Tem que escrever a crítica da montagem do Zé. O que vai escrever? Faz tanto tempo escreve sobre o Oficina. Que mais tem a dizer a respeito?

Está parado no meio de uma grande sala. Veste a cueca samba-canção branca com listras azuis e a camiseta cinza rasgada que pôs para dormir. Descalço no chão pavimentado de lajes brilhantes brancas e vermelhas, não sente frio. Nem tem memória de como foi parar ali. O que está fazendo? Bem, nem sempre é preciso fazer alguma coisa. Mas eu não tinha que estar aqui, assim, assim... Assim como? Não lhe ocorre nada. Percebe-se incomodado. Olha em volta. Onde? Um cenário? Aquilo é um cenário? Respira de leve. O chão é tão suntuoso. Vê-se refletido na superfície. Que vem a ser a sala? Não há portas nem janelas. Do teto muito alto, lá em cima, pendem grandes lustres de cristal onde ardem velas, muitas velas. Tem uma sensação estranha que lhe oprime o peito. Precisa sair dali. Começa a andar, com certa dificuldade. Tremendamente conspícuo. Tão desagradável. Caminha, mas tem a penosa sensação de que não sai do lugar. Tenta fixar o olhar no piso quadriculado de pedra vermelha e branca para observar os próprios pés a caminho sobre a superfície lustrosa, mas não detecta nada, nenhum progresso. Tem vontade de gritar, mas sabe, sem nem mesmo tentar, que não será capaz de fazê-lo. Sente-se observado. Tem a impressão de que no fundo da sala, que se perde na distância, uma multidão de gente vestida à moda antiga o observa e comenta sua pele muito branca, a cueca listrada, a camiseta rasgada. Entreouve cochichos, risotas. Quer sumir, desfazer-se, mas segue movendo os pés, sem sair do lugar. Tem a sensação de que não vai nunca mais deixar aquele inferno. Com uma exclamação abafada senta-se na cama, molhado de suor. O coração bate loucamente, e por um instante ele

tem medo de... Mas não, não. Enche os pulmões de ar, exala. De novo respira fundo. Volta a deitar-se. O travesseiro está úmido. Ele o joga longe, puxa outro e recosta a cabeça. A sensação de pânico retorna por alguns instantes. Fernando se volta para Juão, que o observa, deitado ao seu lado, na cama, sobre o edredom cinza-escuro. O cão o encara e depois vira a cabeça para o outro lado.

“Desce”, diz para o cachorro. Juão não se move. “Desce”, repete, sem alterar o tom. Lentamente, com ar ressentido, o bicho deixa seu ninho sobre a cama e volta para o centro do tapete. A luz da manhã entra pela janela atravessando as tiras da persiana. Precisa levantar-se, mas está moído. Só mais um pouco. Um pouco só. Mas tem medo de voltar a dormir e retornar ao salão, ao soalho de frias lajes vermelhas e brancas. Decide manter-se em vigília, levantar-se e trabalhar. Tem a crítica a escrever, precisa sair com Juão para passear, deve passar no banco para pagar contas, precisa responder mails importantes. E quem sabe organizar a mudança do escritório para o quarto ao lado. Esse trem de pensamentos o leva de novo ao sono.

### **Doze.**

Alarme. Sirene. Fogo? Estaria sonhando com o quê para ser despertado com essas imagens na cabeça? Enquanto tenta lembrar, ouve o telefone que tilinga e tilinga ao seu lado. Estende o braço e atende, ainda grogue.

“Oi?”

“Filho?”

“Alô? Oi, mãe.”

“Que voz. Tá doente?” Há súbito alarme na voz de dona Rita.

“Não, mãe. É que fui dormir muito tarde, estou acordando.”

“Aconteceu alguma coisa?”

“Não. Fui ver o espetáculo novo do Zé Celso e terminou muito tarde. Quando cheguei em casa, ainda fui pro computador pra ver umas coisas.”

Por que está se explicando? Que necessidade tem de ficar se justificando para a mãe? É um homem de cinquenta e muitos. Por que não diz simplesmente que estava dormindo? Mas não é simples, não se desvencilha do elo.

“O Luciano me contou que ontem tinha marcado um encontro, mas que você não apareceu, eu fiquei preocupada.”

“Não tem por que se preocupar, mãe.”

“Você está bem mesmo?”

“Só estou cansado. Tive insônia, dormi quando já era de manhã.”

“Mas você não tem escola hoje?”

“Não, mãe, hoje não.”

“Ah, bom. E jornal?”

“Mais tarde, mãe.”

“Ah, bom. Então eu sou a mãe chata que está atrapalhando o descanso do filho que foi dormir às...”

“Sei lá, mãe. Cinco, seis...”

“Bom, filho, então eu me desculpo. A gente se fala outra hora, quando você não estiver descansando.”

“Mãe, eu já tô acordado. Pode falar.”

“Não, deixa.”

“Mãe!”

“Acredita, não é importante. O Luciano vem almoçar aqui no domingo. Você pode vir?”

“Acho que sim.”

“Acha ou vem?”

“Vamos ver. Ligo pra você, tá bom?”

“Bom dia.”

Boceja, espreguiça-se. João entra no quarto, senta-se sobre as patas traseiras e gane baixinho. Fernando entende o recado. Levanta-se, cabeleira desgrenhada, olhos lacrimejando, enfia os pés nos chinelos e sempre bocejando avança pelo corredor. Na cozinha, enche as terrinas de João de água e ração. O cão atira-se sobre a comida como se estivesse de jejum há dias. Fernando observa o bicho comer, sorri. Olha em volta, indeciso. Abre a geladeira, volta a fechar. Mastiga uma torrada. Reabre a geladeira, apanha um iogurte que tem a cor artificial e o aroma ainda mais artificial de frutas vermelhas, bebe-o em pequenos goles. Apanha o jornal. Dá uma espiada nas manchetes. A bolsa de São Paulo bateu recordes, atingiu não sei quantos mil pontos, e a popularidade do presidente também está nas alturas e a Petrobrás descobriu imensas camadas de óleo no fundo do mar. Otimismo em letras negras e fotos coloridas. O melhor dos mundos? Está muito cansado. Não deseja ver as horas. Volta para a cama. João o segue e aguarda por algum tempo sentado à porta do quarto. Fernando vira-se para o lado e resmunga, acomodando-se melhor sob o edredom. Toca o telefone. Do jornal. Cobram a crítica ao espetáculo de Zé Celso. Fernando argumenta que ninguém lhe havia pedido a crítica com tal urgência. Mente um compromisso urgente. Alega a exaustão em que passou o dia, causada pelas muitas horas de teatro na noite anterior. Convence o subeditor, que concorda em receber o texto na manhã seguinte. “No máximo até dez horas. No máximo!”

Feito o trato, diminui a campanha do telefone até torná-la inaudível. Abraça um travesseiro e suspira. Ouve João latir lá fora. O cão vai ter que se contentar hoje com o pequeno jardim. Não tem condições de sair para andar. Está completamente desprovido de energia. A consciência boia em uma zona informe, feita da percepção de seu corpo na cama, da luz da tarde que avança para dentro do quarto, dos ruídos familiares da vizinhança. E volta a dormir.

Um sono sem sonhos. Do qual acorda no fim do dia. Abre os olhos. Percebe que anoiteceu lá fora. Acende o abajur. Olha para o telefone. O alarme da secretária pisca. Ele ouve as mensagens. Luciano quer saber se podem jantar naquela noite, para compensar o desencontro do dia anterior. A mãe voltou a chamar para ter certeza de que ele está bem. Ligaram da escola, avisando de uma alteração da data da próxima reunião do corpo docente. Enfim uma voz que faz saltar seu coração:

“Oi, prófi. Nada, não. Eu só queria tipo saber se o senhor está legal. Porque liguei pro celular e tava na caixa postal, mandei e-mail e o senhor não respondeu, então achei que não fazia mal deixar recado aí. Bem, é isso. E desculpa qualquer coisa, falou?”

Fica intrigado. Como foi que ela conseguiu tudo, telefones, correio eletrônico? Ao mesmo tempo, não lhe desagradava saber que agora tem o número de telefone dela, no rastreador de chamadas, e, logo que abrir a caixa de mensagens, terá acesso também ao e-mail de Lucila. Em vez correr para o computador, como é seu desejo, ele abre as janelas e deixa ar entrar no quarto. Liga a televisão e enquanto arruma a cama, vê o noticiário na tevê a cabo. Tira então a roupa e vai para o banheiro. Toma um banho demorado, deixa a água quente massagear seu corpo, alonga-se. Tem um prazer sensual nos banhos. Desde criança. É o momento em que devaneia, desliga-se do cotidiano, entram em um universo apenas sensorial. Agora esse mundo pessoal é de repente preenchido por imagens do corpo de Lucila. Tal como ele a viu nua, na cena do *Prometeu Acorrentado*, com manchas pretas pintadas pelo corpo. A imagem vai e volta em sua imaginação. A água bate em seus ombros, em seu peito, em suas costas, e ele imagina o que seria estreitar o corpo de Lucila. Respira rapidamente. Está confuso. Sente-se um adolescente. A pressão no plexo solar o avisa do seu tesão antes mesmo que se perceba excitado. A água bate. Intumescida, a vara lateja.

É quase com uma carícia que Fernando leva até lá a mão escorregadia do sabonete de lavanda. Ouve João que late no quintal enquanto ali, no banheiro, ele acelera o ritmo, imaginando o corpo de Lucila, branco, esbelto, delicado, sobre o seu corpo, pensa-se invadindo, tomando posse e fica com lágrimas nos olhos e a boca entreaberta, a ponta da língua tocando, inquieta, os lábios, quando enfim, sempre inesperado, sempre esperado, chega ao gozo. Atinge o prazer e sente-se também envergonhado. É sua aluna. Não pode... simplesmente não pode. Nunca aconteceu nada assim. Nunca permitiu que acontecesse. Sempre viu com maus olhos professores que se envolviam afetiva ou eroticamente com estudantes. Era casado, pai, jamais abria espaço para fantasiar sobre suas alunas. Do seu ponto de vista, é algo que agride a ética. Não se pode admitir. Pergunta-se agora se foi por ética que agiu assim ou por se sentir preso pelo casamento. Pois na primeira oportunidade que tem de se envolver com uma aluna... Ainda segura o pau melado com a mão. Volta-se para o jato d'água, lava-se. Apesar de todas as elucubrações, tem um sorriso nos lábios. Pensa na noite anterior, no espetáculo, em Lucila ao seu lado, nos toques de corpo, na conversa em que tantas coisas foram reveladas pela moça. Mais velha do que ele supunha, aparenta ser muito mais jovem do que é. Engraçado isso, tem a pele tão clara, e gente assim em geral mostra antes os sinais do tempo. Com ela, é o contrário.

Enxágua o corpo e sai do banho. Seca-se, enfia um roupão, havaianas, e vai para o escritório. Liga o computador e antes mesmo de entrar na caixa de mensagens, de acionar o navegador da internet, abre o processador de textos e começa a escrever a crítica do espetáculo visto na noite anterior. Todo o seu comentário gira ao redor da sensualidade que, na sua opinião, Zé Celso extrai da rude história. Em tudo vê metáforas eróticas, até nas armas e no modo como são empunhadas pelos atores, na nudez que pontua todo o trabalho. Escreve três parágrafos duma só enfiada e então levanta-se e vai para a cozinha, onde prepara

um lanche leve, que devora ao som de Pergolesi, na gravação de um grupo italiano que usa instrumentos originais do período barroco. João aproximou-se e pressiona o corpo contra as pernas de Fernando, que sorri e coça a cabeça do cachorro.

“Se eu terminar logo a crítica, ainda vamos dar uma volta, que tal?”

Enfim, admite que não aguenta mais. Volta para o escritório e abre a caixa de mensagens. Ficou o dia todo fora do ar, juntaram-se dezenas de mensagens. Convites, releases, comunicados de estreia. Fernando os percorre com impaciência, sem abrir nenhum, até que por fim encontra o que busca.

“De: fleurdumal@hotmail.com

Para: fernando@hotmail.com

Assunto: Grande noite

Prófis, fui atrás do seu mail e consegui no site da escola. Quero dizer que, na boa, foi uma honra ver o espetáculo do Zé do seu lado. Faz tempo que eu achava que ia ser uma boa conhecer o senhor mais de perto. E foi mesmo beleza, prófis, porque eu me senti à vontade pacas, e não achava que ia conseguir me sentir assim se um dia acontecesse de a gente sair junto. Bem, é isso, eu acho. É, foi uma boa. Da sua aluna L.”

Fernando olha por longo tempo para a tela. Pensa no que deve fazer. Uma coisa é o devaneio no banho, um impulso irresistível. Outra bem diferente é... Afasta o pensamento. Volta à crítica. Relê o que escreveu, avança na análise do texto de Zé Celso, da encenação, do significado do Oficina, do espetáculo dentro do Oficina, e conclui o comentário observando que Zé, com este trabalho, fecha um ciclo, o que deve deixar o espectador de teatro preso aos próximos passos da companhia do Bixiga. Depois de reler a crítica toda, corrigir, acrescentar e eliminar frases, dá o trabalho por findo. Olha no relógio. Pouco mais de onze. Foram três horas para escrever o comentário. Envia o texto para editor

do caderno de variedades do jornal. Telefona então para a redação. O editor ainda está lá, preparando-se para ir embora. Conversam por alguns minutos, e o que ouve faz o crítico sorrir. Então Fernando levanta-se e se espreguiça longamente. Pensa no que vai fazer em seguida. Responder o e-mail de Lucila? Ameaça sentar-se de novo frente ao computador, mas recua. Os olhos ardem. Está cansado. Melhor deixar isso para amanhã. Fecha o escritório. Veste um moletom, um tênis confortável e chama João, que vem correndo alegre. Saem para a rua. Bate um vento fresco. O cachorro, feliz, avança agitando o rabo para a esquerda e a direita. Puxa-o pela coleira. Sobem ladeiras, descem ruas íngremes. Fernando ama o bairro. É início de semana, mas bares cheios põem gente na calçada. Risos, farrapos de músicas, cheiro de cigarros e de frituras, perfumes, palavras lançadas ao ar. João avança decidido. Cheira postes, canteiros, raízes de árvores. As orelhas empinadas e o rabo alerta indicam o tamanho do seu prazer. Fernando está contente por ter propiciado tamanho contentamento ao bicho. Se tudo na vida fosse tão fácil... A caminhada faz igualmente bem ao homem. Fernando sente a energia de João e de certa forma a replica. O passo está mais rápido e vivo. O ar enche seus pulmões e ele sente-se bem como não acontecia há muito tempo. Tem uma curiosa percepção. Enquanto caminha, busca definir o que experimenta. E constata com espanto que se sente feliz. Algo inusitado, percebe agora. Qual foi a última vez? Experimenta uma felicidade densa, não a felicidadezinha rala e passageira que acontece um pouco a cada dia por motivos triviais. Uma felicidade de fundo, não de superfície. Tem consciência de que sua crítica ao espetáculo de Veredas movimentou a imprensa da cidade. Na conversa que teve há pouco com o editor do caderno, foi informado de que a sua crítica provocara mais reportagens. Estão atrás da pauta as revistas semanais, os programas culturais da tevê a cabo, os outros jornais. O editor relatou tudo com evidente satisfação, atribuindo-se méritos pela ampliação do

assunto na reportagem que havia acompanhado a crítica. Fernando pensa no que deve fazer agora, para consolidar a ampliação do prestígio de que agora é alvo. Percebe pela voz do editor que ele aguarda ansioso por outros furos do mesmo calibre.

Tilinta a campainha do iPhone. Ele não reconhece o número. Atende.

“Prófis? É a Lucila.”

“Lucila? Aconteceu alguma coisa?”

“Não. Por quê?”

“É tarde.”

“Pouco pra meia-noite.”

“É.”

“Eu...”

“Diga.”

“...conversar.”

“Como? A ligação está ruim.”

“Não sei, prófis, me deu vontade de conversar.”

“Você conseguiu meu celular.”

“Fácil, tenho uma amiga assessora de imprensa.”

“Ah.”

“O senhor não tá em casa.”

“Não. Na rua. Terminei de escrever a crítica do espetáculo do Zé e vim trazer o Juão pra passear. Desde ontem que ele não saía de casa. A gente tem quintal, mas não é a mesma coisa.”

“Eu posso tipo ligar pra sua casa daqui a pouco. Tô incomodando?”

“Não.”

“Fiquei curiosa.”

“Curiosa?”

“Queria ler o que o senhor escreveu.”

Passa pela cabeça de Fernando a ideia de sugerir o envio do arquivo para a caixa de mensagens de Lucila, mas recua e não chega a articular a oferta.

“Acho que vão publicar na quinta.”

“Ah.”

Fernando sente um estranho desconforto. Percebe o rumo que está tomando a relação com a aluna, e não sabe se gosta disso. Ao contrário, não gosta. Durante toda a vida torceu o nariz para esses climas. É inapropriado, ilegal. Mas o que é impróprio? Claro, impróprio é um professor usar a sua superioridade e sua autoridade para assediar um aluno. No entanto, não é isso que está acontecendo. Bem ao contrário, não é? Percebe o peso do silêncio entre eles.

“Você...”

Ao mesmo tempo em que fala, ela diz:

“Será que...”

Os dois se interrompem.

“Diz.”

“O senhor primeiro.”

“Não. Você.”

“É que..”

“E se...”

“Posso...”

“Você não quer...”

“Quem sabe...”

“Passar aí?”

Ah, que se foda. Que que eu posso fazer, porra? Percebe-se excitado no meio da rua, enquanto Juão agora mais tranquilo, para num canto de rua e faz seu cocô. Fernando o recolhe num saquinho de plástico e o atira numa lixeira.

“Claro que pode.”

“Então eu tô tipo chegando, prófis.”

“Tô indo pra casa.”

“Valeu.”

Fernando toma o caminho. Desce a ladeira curva com o coração acelerado. Lembra que uma das coisas que o médico lhe havia recomendado, enquanto convalescia do ataque cardíaco, fora a de que não deveria privar-se de afetos, não deveria temer emoções. Bem, pelo que indica a taquicardia que o acomete e a persistente ereção que lateja, parece que chegou seu momento de voltar a sentir as ditas emoções. Sorri enquanto segue Juão, que dá um latido e avança na direção do prédio. Estão na porta de entrada quando soa um breve toque de buzina. O crítico, que enfiava a chave na porta, olha para trás e vê Lucila, que estaciona o carro numa vaga junto da cabine do vigia noturno, que agora cumprimenta Fernando com um aceno. Lucila salta do carro. Traz uma sacola de supermercado.

“Oi, prófis.”

“Boa noite.”

“Que cachorro lindo! Ele é bravo?”

“Juão? É manso, numa boa.”

“Juão, que delícia de nome. Boa noite, Juão.”

“Uof.”

“Gente, parece que ele não gosta muito de mim.”

“Imagina”

“É muito tarde, prófis?”

“Não. Gostei que você viesse. Como foi que chegou tão rápido. Sei que você não mora longe...”

“Aí nas Perdizes.”

“Sim, foi o que imaginei. Mas não dava pra chegar aqui tão depressa.”

“É, prófis. Mas é que na hora que a gente falou eu tava já na rua. Tava saindo da casa de uma amiga. Não fica longe daqui. O senhor não respondeu meu e-mail. Fiquei com medo de estar sendo importuna. Mas é que meu deu uma vontade tão grande de...”

Fernando abre a porta, acende a luz, solta João da coleira. O cachorro dá um latido e corre para a cozinha. Lucila estende a sacola para Fernando.

“Não era preciso.”

“Eu gosto de um copo de vinho.”

“Eu também, mas tenho vinho aqui.”

“Eu queria trazer, prófis, minha contribuição.”

“Está bem. O que você quer ouvir?”

“O que tem pra ouvir?”

“Isso é o que não falta. Eu sou movido a música.”

“O que estava ouvindo hoje antes de sair?”

“Regina Spektor.”

“Então é ela, prófis. Adoro.”

“Está bem.”

A voz plangente, pequena e intensa da cantora ocupa a sala. Fernando tira da sacola, que traz o logo de um supermercado elegante, um vinho francês, um queijo brie e um pequeno salame. Enquanto abre a garrafa sente o olhar de Lucila, que, sentada no sofá, não afasta dele a sua atenção.

“Casa linda, prófis.”

“Obrigado. Eu gosto. Mas você ainda nem viu o resto.”

“Se o senhor quiser me mostrar...”

Ele serve o vinho, o queijo e o salame, que cortou em cubos. Brindam. Ouvem a música. A conversa avança fácil. Ela quer saber tudo sobre ele. Onde

estudou, como começou a fazer crítica. O nível do conteúdo da garrafa de vinho baixa. Regina Spektor é substituída por Lotte Lenya. E, enquanto a musa de Kurt Weill entoa canções de melancolia e coração partido, Fernando vê-se, sem lembrar bem como foi que aconteceu, segurando na sua a mão de Lucila. O toque abre portas. Abre explorações. Lucila toma as iniciativas, cola na boca de Fernando a sua, que tem sabor de vinho. Eles se envolvem enfim num beijo abraçado acariciado tocado sedento aflito. Tocam-se e se atraem e se experimentam e se encaixam como se nunca na vida tivessem feito outra coisa. Fernando está sem ar. Teme causar dor a Lucila, cujo corpo lhe parece tão frágil, tão pequeno. A música acaba. Sobrevém o silêncio da madrugada. Apenas as respirações arfantes são ouvidas. Ela toma posse do corpo dele, arranca suas roupas, explora-o com sua boca miúda, sua língua pequenina. Incitado por ela, Fernando se torna ousado, explora, experimenta, tateia com delicadeza ou com mais energia. E enfim toma posse do corpo que se abre, que se rende, que se entrega com uma energia e uma intensidade que ele não esperava e o deixa perturbado. Como se fosse a última coisa, a única coisa a fazer na vida. Há um abandono desesperado que o contamina e possui. Com movimentos vigorosos empurra-se para dentro de Lucila, que se enrosca ao seu redor, flexível, acessível, ansiosa. Impulsionam-se um até o outro, e por fim, depois de uma escalada lenta e árdua e rascante atingem orgasmos, primeiro ela, não muito depois ele, e caem extenuados, no sofá, nus, suados. Fernando beija o rosto e o corpo de Lucila. Feliz, enternecido.

“Quer dormir aqui?”, pergunta ele depois do que parece uma eternidade.

“Claro. Me empresta uma camiseta?”

## SEGUNDO MOVIMENTO

**Um.**

“Ela está morando aqui?”

“Não. Por quê?”

“Ué, sei lá. Se ela morasse aqui, acho que eu não me sentiria à vontade de me hospedar na casa de um casalzinho em lua-de-mel.”

“Eu diria que não houve lua-de-mel, porque na verdade não houve casamento. Foi uma espécie de acerto que nós fizemos, ela na casa dela, eu na minha. E não somos um casalzinho. Ela é, não sei como definir, uma... figura especial. Muito sensível. Precisa ser... sei lá, protegida. Muito importante pra ela é sua liberdade. Não abre mão. A ideia de casar deixa Lucila transtornada.”

“O que há de tão ameaçador em um casamento?”

“Pra ela, tudo, eu acho. Mas não pense que é uma perturbada. Do jeito que tô falando, parece que...”

“Não parece nada, Fernando. Você está meio que dirigindo meu olhar e me deixando supercurioso pra conhecer essa Lucila da qual eu ouço falar todos os dias... há quanto tempo, mesmo?”

“Seis meses.”

“Seis meses é tempo suficiente pra consolidar um casamento.”

“Não somos um casal grudado. Ao contrário. Às vezes a gente passa uma semana, até mais, cada um no seu canto. Nos falamos todos os dias por telefone, MSN, mails. Mas é um namoro, não um casamento. Lucila diz que estamos ficando. Vai ver que é isso. Estou ficando.”

“E você está feliz com isso?”

“Estou.”

“Duvido.”

“Paulo, tô te falando que sou feliz!”

“Estou dizendo que duvido. Apaixonado como você está por essa garota, não acredito que se sinta feliz por ficar longe da tua mulher durante o quê, dez dias? Ah, Fernando, eu te conheço. Há décadas que eu te conheço.”

“Aí é que está. Estou vivendo uma situação nova. Ela não é minha mulher, eu não sou marido dela. Nós estamos juntos enquanto for bom. Só isso. Não quero casar de novo. E tenho idade pra ser pai dela, Paulo. Ela conheceu os meninos, quando eles vieram pra cá no fim do ano.”

“E...”

“Foi legal, normal. Meus filhos são adultos, Paulo, e bem educados.”

“E Ana?”

“Que tem Ana? Que eu saiba, ela está casada, e muito contente.”

“E você?”

“Que tem eu?”

“Está contente?”

“De novo? Estou, Paulo. Estou. Quantas vezes preciso repetir isso? Estou contente de verdade, feliz. Aprendendo a me relacionar de um jeito diferente de tudo que vivi até hoje.”

“Que foi o seu casamento com Ana e um punhado de casos extraconjugais bem tímidos. Meu amado, você vai me desculpar se eu não acredito em você. Mas se você quer acreditar, isso é que importa. Quem sou eu nessa história? Ninguém. Só um velho amigo.”

“Odeio essa tua ironiazinha.”

“Odeio quando você resolve não enxergar o óbvio.”

“Ah, vai à merda.”

“Sinceramente, acho que é melhor eu ficar em um hotel, Fernando.”

Fernando levanta-se. Estão sentados no quintal, sob a sombra de um guarda-sol, e tomam taças de vinho branco, que Fernando fez acompanhar de ricota seca temperada. O crítico dá uns passos para cá e para lá, dizendo:

“Não, de jeito nenhum. Você não vai me declarar guerra. Desculpe.”

“Promete que não vai ficar ofendido com cada coisa que eu falo.”

“Vamos combinar uma coisa: não falar mais sobre a Lucila antes de se conhecerem. Está bem? Tenho certeza de que a tua impressão sobre ela vai mudar depois.”

“Por que está tão certo disso?”

“Porque eu também te conheço há décadas, Paulo. Confia em mim.”

“Corre um risco disciplinar na escola?”

“Ela não é menor de idade, Paulo.”

“Mas é sua aluna?”

“Foi. Até três meses atrás. Agora não é mais. Ela está terminando o curso. Eu não dou aula pras turmas mais avançadas. É o Aprício que dá teatro contemporâneo pros últimos semestres.”

“Bem, foi sua aluna até uns meses atrás. Se isso vier à tona...”

“Paulo, ela não é uma adolescente de 15 anos fascinada por laçar um co-roa babão. Ela tem quase trinta anos, trabalha, trabalha muito até. É super requisitada. Uma fera. Faz trabalhos pra produtoras na Europa, no Canadá. Ganha em dólar, em euro. Por mês fatura mais que eu. No réveillon foi passar uma semana nas Seychelles. Você já foi lá? Eu não.”

“Vocês passaram o ano novo separados?”

“Sim. Já estava combinado que os meninos viriam pro fim de ano, e eu fiquei pra estar com eles. Ela foi se encontrar com os pais nas Seychelles.”

“Eles moram lá?”

“Estavam de férias. São brasileiros, mas moram na Inglaterra. Têm muito dinheiro. O pai é um gênio que inventou e patenteou uma peça que ficou obrigatória pra navegação aérea. Não entendo direito o que é, mas todo avião tem que ter. Quem fabrica é uma empresa canadense. Ele mudou com a família quando Lucila ainda era menina. Ela e o irmão foram educados lá.”

“Bem, acho que você já me ofereceu um curso introdutório ao mundo de Lucila. Agora resta o grande encontro. Quando vamos nos ver?”

“Pensei em sair pra jantar, se você não estiver cansado da viagem.”

“Cansado estou. Mas pretendo dormir umas horas, agora. E daí vou estar fresco como uma flor que desabrocha.”

“Só se for flor de cacto.”

“Algumas das flores mais bonitas brotam no deserto. E agora chega dessa conversa fiada, eu viajei a noite toda e preciso descansar.”

“Você não vai ligar lá pro teu povo?”

“Amanhã. Se fizer isso hoje, eles vão correr pra cá e me sequestrar. Já vou ficar bastante com eles nos próximos dias. Vem cá, você tem certeza de que não quer que eu vá pra um hotel. Pra casa desses que você chama de ‘meu povo’ eu não teria saco, mas pra um hotel, iria na boa. Sem problemas.”

“Não se fala mais nisso. Certo?”

“Tá bom, tá bom. Já que você insiste tanto!”

“Insisto, sim. E para de me encher o saco, sua bichona porrenta. Agora vá descansar.”

“Vê lá como me trata, seu macho metido!”

Caem na risada. Velhos amigos, restabelecem a paz e a intimidade com rapidez. Paulo vai para o quarto de hóspedes, e Fernando para o quarto vizinho, onde finalmente está instalado seu escritório. Cada vez que entra ali, dá um sorriso ao olhar em volta e examinar as prateleiras que ocupam todas as paredes

disponíveis e exibem os volumes que se amontoavam em fileiras duplas ou triplas no quartinho atrás do jardim. Sua mesa fica de frente para a janela, que dá para o corredor verde da casa. Ele vê árvores, moitas e canteiros. Tem de levar Juão para passear, e também comprar mantimentos para a casa, mas antes deve checar e-mails e agendar espetáculos que vai criticar.

Enquanto confere a correspondência, pensa na conversa com Paulo. O amigo sabe ler suas reações, mesmo quando Fernando as nega. Não pode fingir para si mesmo que a situação com Lucila o deixa feliz. Paulo viu a verdade num átimo. Fernando está apaixonado. Apaixonado, não. De quatro, estou de quatro, como nunca fiquei, nunca. Nem pela Ana. Pela Ana nunca senti paixão. Amor, sim, muito. Até hoje. Mas paixão? Tive paixão pela arte, nunca por pessoas. Nem pelas mulheres com que transei quando tava com Ana. Sempre pensei em tesão, nunca em paixão. Agora é diferente. A merda é que ela não tá apaixonada por mim. Fazer o quê? Nada, nada. Ela é assim. O irmão já me disse. Se eu quiser, vai ter que ser desse jeito, a porra do jeito dela. Só Fernando sabe o quanto tem de se controlar para aceitar as coisas como estão. Mas todas as vezes em que se exaltou e brigou, na tentativa de alterar o comportamento caprichoso de Lucila, foi confrontado com a possibilidade do fim. Isso não. Qualquer coisa, menos isso. Assim vai pensando quando sua atenção é desviada por um e-mail de Rogério, o diretor e ator do Teatro Fluorescente. Fernando, que estava meio reclinado na poltrona, numa posição largada e desconfortável, senta-se na ereto na cadeira e abre a mensagem.

“De: fluorescente@fluorescente.com.br

Para: fernando@hotmail.com

Olá grande Fernando! Como vai essa força? Então, velho, escrevo em nome do Pedro Veredas, em meu nome e de toda a companhia para fazer um convite: depois de passarmos pelos festivais de Belo Horizonte e de Porto

Alegre, chegou a vez de um voo internacional. Vamos ao Festival de Edimburgo. Nos apresentaremos durante oito dias no Workshop Theatre, uma das salas mais importantes do Fringe. Eles cobrem todas as despesas. Temos direito de levar um jornalista convidado como observador. Queremos que seja você. O que acha? O festival é daqui a três meses. Imagino que isso te daria tempo de se organizar. Tanto eu quanto o Veredas queremos muito que você vá. Foi a tua crítica e aquela matéria que desencadearam tudo que aconteceu depois com *Pauta Plauto*. Então, aceita? Responda o mais rápido que puder. Estamos na torcida. Rogério”

Fernando sorri. “Tudo que aconteceu depois” foi uma temporada que ainda continua em São Paulo, com casas lotadas, os principais prêmios do ano atribuídos à montagem de Veredas e à produção do Teatro Fluorescente, convites para festivais nacionais e a abertura para caminhos ainda mais amplos. Sente-se confortado ao constatar que seu papel nesse processo é reconhecido. A mesquinha que reina no ambiente teatral é tamanha que, ao longo dos anos, aprendeu a exercer seu trabalho da maneira mais objetiva e eficiente de que é capaz, mantendo-se distante dos restaurantes frequentados pela “classe”. Pelo mesmo motivo não gosta de ir a estreias, e as evita ao máximo. Também não vai a coquetéis nem a festas de lançamento de espetáculos e outros eventos do tipo. Quando escreve, fica alerta, pois cada palavra e cada ideia podem provocar ataques vindos dos cantos mais inesperados. Brinca que os combatentes do terrorismo teriam muito a aprender se estudassem os métodos que os críticos usam para se defender de seus criticados. É bonito então perceber que Veredas e a companhia reconhecem sua contribuição à vida do espetáculo. Não é pouca coisa, nos dias que correm.

Responde a mensagem na mesma hora. Terá o maior prazer em aceitar o convite do grupo. Só não o faz de imediato porque precisa consultar a escola e

o jornal. Mas está certo de que não encontrará dificuldades. Na escola, porque o festival coincide com as férias. No jornal, porque está certo de que poderá convencer o editor, sem dificuldades, a enviá-lo como correspondente ao evento, que já cobriu em outras épocas. Deixou de fazê-lo nos últimos anos, em decorrência de cortes de despesas. Assim como parou de ir aos festivais internacionais de Sidney e de Avignon, Se as despesas forem pagas, está certo de que a direção do jornal verá com ótimos olhos essa viagem inesperada, que com certeza dará mais riqueza e diversidade à pauta. Enviada a mensagem, verifica os outros e-mails. Deleta as propagandas, as bobagens, as correntes, que são absoluta maioria na caixa de entrada, responde aquelas que necessitam de retorno, e enfim desliga o computador. Espreguiça-se, pega a sacola de compras e vai para a porta. Tira do seu cabide a coleira de João. Ao ouvir o tilintar dos metais, o cão vem correndo, dá dois latidos breves e senta-se sobre as patas traseiras observando, atento, os movimentos de Fernando. Este ajusta a coleira no pescoço do bicho, põe os óculos escuros e sai para a rua, puxado pela energia do cão, que sempre se lança para a rua como o prisioneiro que recupera a liberdade depois de décadas de encarceramento.

“Ô, exagerado. Vai com calma. Parece que nunca saiu de casa”, grita Fernando para João, que o arrasta ladeira acima.

Caminha para o supermercado. Sente o calor abafado da tarde pesar em seu corpo. João cheira soleiras e desvãos, inspeciona o território, balança o rabo pra um lado e para outro. Tilintar. Fernando pesca o fone do bolso.

“Oi, tá ocupado?”

“Não, imagina. Tô indo pro supermercado com o João. Pode falar.”

“Teu amigo chegou?”

“Sim.”

“Está tudo bem?”

“Sim, Lu. Por quê?”

“Nada. É que eu achei que você fosse me ligar logo que voltasse do aeroporto, mas...”

“Nós ficamos conversando. Ia te ligar agora. Sabe o que aconteceu?”

“O quê?”

“Fui convidado pra ir pro festival de Edimburgo. Ficar lá mais ou menos uns dez dias. Não sei bem se em julho ou agosto.”

Explica a ela o que aconteceu, fala do e-mail que recebeu.

“Nunca fui pra Edimburgo. Conheço a Europa toda, mas Escócia não.”

“Bem, quem sabe se não está na hora de conhecer?”

“Ir com você?”

“Claro. Por que não?”

“Mas e a escola, tipo jogo tudo pro alto?”

“É verdade. Mas se for nas férias, você iria?”

“Acho que sim. Poderia ser legal.”

“Tenho a certeza de que vai ser muito bom.”

“Você já foi pra lá?”

“Duas vezes. É um festival fantástico.”

“Ah, Fernando, me dá um pouco de medo. Muita gente, muita coisa, muito barulho, muita escolha.”

“E isso incomoda?”

“Me deixa aturdida.”

“Bem, festivais são assim, uma confusão. Mas isso que é legal. Conhece um monte de gente e vê espetáculos do mundo todo.”

“Sabe, não é uma coisa que faz minha cabeça, mas pra você tipo é importante, então eu topo. Se estiver em férias, vamos nessa. Ou eu armo um esquema lá na escola... Depende da data. Vamos ver.”

“A viagem não pode prejudicar teu trabalho de formatura.”

“Então, Fernando, isso que eu tô falando.”

“Vamos sair hoje?”

“Claro. Quero conhecer o famoso Paulo.”

“Te pego em casa ou você vem pra cá?”

“O que você preferir. Que quer fazer?”

“Pensei em sair pra jantar, tomar vinho, conversar. Vai uma amiga do Paulo também, que eu não conheço direito, mas ele diz que é muito legal. Acho que vai ser uma noite agradável.”

“Aonde quer ir?”

“Vou perguntar ao Paulo o que ele quer comer. É a visita, né?”

Falam de tudo e de nada, trocam informações sobre o que fizeram nas últimas horas, essas coisas de que namorados gostam de falar. Ele chega ao supermercado. Despede-se de Lucila, prende a coleira de Juão na grade junto da guarita do vigia e entra na loja. Faz suas compras, espantando com a alta nos preços dos alimentos. Será a inflação voltando? Lembra bem dos tempos de inflação galopante nos anos 80, quando os preços aumentavam todos os dias, num descontrole alucinado. Sempre teme voltar a viver em tempos iguais. Pensando nisso paga a conta, pede que entreguem a compra em sua casa e volta caminhando, pensativo. Por que se sente sempre tão frágil quando fala com Lucila? Fica o tempo todo medindo palavras, pensando nas consequências do que vai dizer. Uma palavra errada pode desencadear tempestades e causar afastamentos que duram dias.

Realmente, Paulo o conhece bem. Não pode estar feliz com essa situação. Ao mesmo tempo, não queria estar fora dessa história complicada em que mergulhou até a ponta dos cabelos. Cada vez que pensa na possibilidade de perder Lucila fica transtornado. Sabe, no entanto, que a garota se envolveu com ele

porque encontrou em Fernando alguém que não cedia aos seus caprichos. Agora, porém, a situação mudou. Sente-se tímido, tolhido. Não pode aparentar isso, mas é desse jeito que está. Suspira. Chega em casa. Silêncio. Paulo ainda dorme. Fernando vai para o escritório, depois de guardar a coleira de Juão no cabideiro ao lado da porta. Liga o computador e ocupa-se em responder e-mails. Um deles, de seu editor, cobra num tom impaciente o projeto que Fernando ficou de elaborar depois que desistiu de escrever sobre o pós-modernismo. Começa a responder. Tem algumas ideias alinhavadas. Está nessa tarefa quando toca a campainha. O entregador do mercado traz as compras. Ao mesmo tempo, Paulo aparece, bocejando.

“Olá. Dormi feito uma pedra.”

“Obrigado”, diz Fernando dando uma gorjeta ao rapaz do supermercado.

“Olá você. Está melhor o humor?”

“Por quê? Eu estava de mau humor?”

“Muito. Um porre.”

“Não exagera.”

“Você chegou a... Mas deixa pra lá, não importa. Acho que era sono.”

“Pode ser, mas não me lembro de a gente ter brigado. Discutimos, sim. Mas brigar... Acho que não.”

“Tá bom. Deixa pra lá. Vamos sair pra jantar?”

“Pensei que você ia querer ver algum teatro.”

“Não, hoje não. Vou amanhã, ver uma estreia nova nos Satyros. Se quiser vir comigo, já está convidado.”

“O que eles vão fazer?”

“Estão fechando uma trilogia de Sade. Estou muito curioso.”

“Onde você quer jantar?”

“Que tal comida tailandesa?”

“Você nunca foi disso.”

“Aprendi a gostar.”

“Vivendo e aprendendo.”

“Mas o restaurante não faz só cozinha tailandesa. É gostoso. Acho que já fui com você lá. O Mestiço.”

“Não, eu nunca estive lá. É bom?”

### **Dois.**

Chegam ao restaurante quando passa pouco das dez. Lotado. Fernando, porém, fez reservas. A espera não deve passar de 15 minutos, informa o host, rapaz moreno, cabelos fixados com gel, calça e camisa pretas, que os acomoda no bar. Falam da loja de objetos e roupas em que entraram antes de chegar ao restaurante. A colorida e heteróclita coleção de louças, objetos de decoração, almofadas, móveis, roupas, prende a atenção, tem uma dramaticidade curiosa, como se fosse um cenário possível, teoriza Fernando, muito ciente de que é preciso alimentar a conversa, que está emperrada desde que Lucila passou com seu carro caro e os apanhou. O crítico teme a inexistência de qualquer empatia entre seu melhor amigo e a moça que ama. Será o caso? Ele deseja que não. Incumbe-se da maior parte da conversa enquanto tomam cerveja no bar, e está arrependido da sugestão de um jantar a três. Na última hora, a amiga de Paulo não pode vir, e mesmo assim Fernando, em vez de acatar a sugestão do amigo, que propôs deixarem o encontro para outro dia, insistiu, afirmando que seria melhor assim, pois ele poderia conhecer Lucila mais de perto. Agora já não está certo disso. Pede licença. Vai ao banheiro. No salão lotado encontra alguns conhecidos e para aqui e ali para dedos de prosa. Quando volta do toalete, ruma para o bar outra vez, mas ouve seu nome. Paulo e Lucila estão acomodados numa mesa no centro do restaurante, junto de uma placa de vidro em que escorre

água. Acomoda-se na mesa e percebe, surpreso, que há uma conversa em andamento.

“Então você teve aulas com Giovanni Talmapais?”

“Não só. Ele foi tipo o orientador do meu trabalho de conclusão. Ele é muito fera, muito. Não acredito que você conhece ele.”

“A gente é muito amigo. Eta mundo pequeno.”

“Caramba, é verdade.”

“Você ainda tem contato com ele?”

“Não, não muito. Nós não ficamos amigos durante nosso processo de trabalho.”

“Eu sei, esse é Giovanni. Ele não é fácil.”

“Você está sendo gentil. Ou nunca foi aluno dele.”

“Não, nunca. Nós nos aproximamos por causa de um grande amigo comum, que já morreu. Não é meu melhor amigo, mas nos falamos bastante.”

“Olha só.”

“Seria pedir muito que vocês me contassem sobre quem estão falando?”, diz Fernando. Experimenta uma chama de ciúme por não estar incluído na conversa. Os dois olham para ele, surpresos, como se fosse algo inconcebível ele não saber quem é Giovanni Talmapais, que raio de nome esquisito, o que pode ser isso? Desesperado ele vasculha a memória, em busca de uma referência, um fiapo de informação, mas nada ocorre. Devolve aos dois o olhar interrogativo que lhe lançam.

“Claro”, diz Paulo.

Explica então que Talmapais foi amigo de infância de seu companheiro morto, um dos poucos amigos de seu tempo de casamento que perduraram depois que a morte fez seu trabalho. Nascido nos Estados Unidos, em meados dos anos 40 do século passado, tornou-se uma autoridade mundial em pesquisas

sonoras e landscape music. Transferira-se da Califórnia para Montreal, onde, coincidência das coincidências, fora orientador do trabalho de conclusão de curso de Lucila.

“Ele é tipo um dos maiores do mundo nessa coisa toda”, diz Lucila.

“Eu achei que você já tinha ouvido falar nele, Fernando, porque o cara assina muitas trilhas sonoras de filmes, de peças de teatro. Acho que ele já trabalhou com aquele seu amigo, Gerald Thomas. Fez música pra espetáculos dele. Não tenho certeza, mas acho.”

“Trabalhou sim”, diz Lucila. “Quando eu era tipo aluna do Giovanni, observei de longe o processo dele, enquanto fazia uma trilha pro Gerald.”

“Eu não conheço esse Giovanni, não”, diz Fernando, tom levemente defensivo. “Como é mesmo o sobrenome dele?”

“Talmapais”, diz Lucila. “Não é o nome da família. Ele adotou. É o nome de uma montanha linda que tem em San Francisco, um lugar onde ele diz que foi feliz. Deve ter sido mesmo, né?”

Há humor na voz da garota, e todos riem. É enfim quebrado o gelo e o restante da noite corre sobre trilhos suaves. Lucila e Paulo encontram na música contemporânea um terreno em que podem dialogar, e os mútuos envolvimento com Fernando pavimentam uma conversa sem riscos. Fernando respira, aliviado, enfim, depois do tenso início da noite. Pedem pratos, vinho, conversam mil coisas, das eleições à política cultural. Paulo diz:

“O Fernando me contou que você está terminando o curso de interpretação, Lucila.”

“Verdade. Daqui uns meses.”

“Eu não entendo direito por que você, depois de chegar num nível tão conceitual da música, foi embarcar na coisa do ator. Do jeito que eu vejo são caminhos divergentes.”

“De jeito nenhum.”

“Mas como você pode pensar isso?”

Fernando e Lucila falam ao mesmo tempo, e riem. Lucila prossegue:

“O ator é um instrumentista que usa o corpo como ferramenta para expressar o personagem. Esse é o seu trabalho. Eles empregam técnicas diferentes, o músico e o ator, mas os dois têm de seguir uma partitura.”

Dois garçons trazem a comida. Observam-se cores, trocam-se sabores. Por um tempo dois dos três silenciam. A menos aplicada à comida é Lucila, que cisca partículas da massa que pediu, ar levemente enfasiado.

“Não gostou do prato?”, pergunta Paulo.

“Ela come feito passarinho”, diz Fernando, tom de reprovação.

“Não é. Estou tipo sem fome”, diz Lucila, levemente agressiva. Os dois sustentam olhares por uma breve hostil fração de tempo.

“Ah!”, o tom de Fernando é abafado, inexpressivo.

“Qual é mesmo a estreia que você tem amanhã?” Paulo fala para dissipar a fagulha de mal-estar que subitamente se instalou ali e que nenhum dos dois parece preocupado em ocultar. A sensação que tem o observador vindo de longe é que não se instalou ali um conflito novo. Fernando e Lucila parecem cumprir um roteiro de gestos e expressões de irritação que dá impressão de seguir uma trilha já percorrida, não um caminho novo. Paulo fica aliviado ao ver que Fernando embarca em sua conversa.

“É uma peça que o diretor adaptou da *Justine*, do marquês de Sade.”

“Quem é Justine? Aquela devassa?”

“Não, essa é a irmã, Juliette. Justine a pobre infeliz que deseja ser boa mas só se ferra. O tempo todo. E tem uma morte horrível.”

“Será que o espetáculo é bom?”, interessa-se Lucila.

“Você viu os outros espetáculos”, diz Fernando, que se volta para Paulo, explicativo: “É o fecho de uma trilogia.” E outra vez para Lucila: “As montagens devem ter a mesma estética e o mesmo padrão de produção.”

“Acho que eu quero ir, então.”

“Acha.”

“Com certeza eu acho que quero ir.”

Os três riem. De novo está tudo em paz. Os ímpetos guerreiros se dissiparam. O jantar avança, Lucila sempre ciscando a comida em garfadinhas miúdas que acompanha com goles de vinho. Terminam os pratos, pedem doces na sobremesa. Lucila contenta-se com uma fatia de abacaxi, que também cisca. Paulo conta a Lucila como ele e Fernando se conheceram. Lembram velhos dias de faculdade, professores hilários, momentos memoráveis. Falam de uma São Paulo que Lucila não conheceu, anterior ao alargamento da rua da Consolação, da abertura da avenida Sumaré, um tempo em que havia ainda muitos casarões na avenida Paulista, em que o Itaim Bibi era um bairro de hortas e granjas. A conversa segue por caminhos seguros. Todos tomam cuidado para não voltar a pisar em uma mina que poderia novamente explodir a paz que se instala quando os ânimos estão serenados .

Durante a sobremesa, Lucila e Paulo voltam a falar de Giovanni Talmapais. Combinam de lhe enviar e-mails contando do encontro, do modo como ele surgiu na conversa, e lembram outras histórias do temperamental professor de composição especializado em landscape music. Lucila lembra da crise em que Talmapais a mergulhara. Depois de receber o primeiro relatório sobre seu trabalho de conclusão, chamou-a a sua sala. Na frente dela, rasgou uma a uma as folhas de papel impressas. Formou uma pilha de centenas de pedacinhos enquanto a chamava de incompetente, retardada, tapada, relapsa e mais uma enfiada de impropérios. Exigira depois que ela retomasse o trabalho do ponto de

partida, dando-lhe para isso um terço do tempo de que a garota dispusera originalmente. Lucila lembra de que, ao sair da sala do professor, enquanto seguia pelo corredor, ouvira sua voz tonitruante: “Se você usar uma frase que seja do trabalho que eu acabo de esmigalhar, juro que vou esmigalhar você também. De um jeito que a senhorita vai desejar nunca ter pisado nesta escola. Vá embora daqui. Vá trabalhar!”

“Esse é Talmapais no pleno exercício de todo o seu charme”, exclama Paulo entre risadas. “O que você fez?”

“Não sei bem por que, mas eu tive a sensação de que o Giovanni tipo não tinha lido o relatório, que tudo aquilo era cena. Então aprontei. Me pendurei na frente do PC, mudei a fonte do relatório, transformei as conclusões em apresentação e vice-versa, mudei os nomes dos capítulos. O resto do texto ficou igual, não mudei uma linha. A única coisa que fiz foi aproveitar aqueles dias a mais pra tipo acrescentar um CD demo de exemplos sonoros acoplados a imagens. Não tinha tido jeito de fazer isso antes. Daí, no estúdio da escola gravei o material, animei as imagens e entreguei. O cara tipo que desmaiou. Me deu os parabéns, disse que eu devia agradecer a ele, que tinha me obrigado a transformar um relatório medíocre, que certamente seria derrubado pela banca do exame de graduação, em um trabalho que nas palavras dele era ‘extraordinário’. Depois disso, ele meio que me adotou, nós até ficamos amigos, e eu nunca tive coragem de contar a verdade.”

“Você nunca fez comigo nada parecido, né? Ou fez?”

“Você não desperta esse tipo de instinto nos alunos.”

“Não é o que eu gosto de fazer, aterrorizar alunos.”

Assim conversando terminam as sobremesas, o café. Pedem a conta e pagam. Lucila pede o carro. Paulo escusa-se.

“Vão me desculpar, mas quero reconhecer as redondezas. Tem um lugar aqui perto que eu quero conferir.”

“Vê lá, hem, se cuida!”, exclama Fernando.

“Eu não sou mais criança, meu amigo.”

“Sei disso, mas se cuida assim mesmo. A noite em São Paulo não é brincadeira.”

“Fernando, esquece que eu nasci aqui?”

“Mas não vem pra cá faz tempo, e as coisas nesta cidade estão cada vez piores. A gente fica revoltado.”

Paulo aponta para a rua iluminada, repleta de gente, e mostra o posto de gasolina da esquina com a Bela Cintra. Em frente à loja de conveniência, grupos de garotos e meninas mal saídos da adolescência fumam e bebem cerveja em garrafas long neck. Do outro lado da rua a moçada está disposta em fila, esperando sua vez para ser admitida num movimentado clube em que se apresentam bandas novas de rock. O recém-vindo de Nova York diz:

“As pessoas continuam saindo. A cidade não está sitiada.”

“Não, isso não. Mas tome cuidado, de qualquer forma. Tem a chave.”

“Sim, você me deu. Bem, então até. Fique sossegado, eu sei me cuidar. Lucila, foi um prazer. De verdade.”

“Com certeza. A gente vai se ver bastante nas próximas semanas.”

“Sim, sim. E agora tchau pra vocês que a noite me espera.”

Fernando e Lucila olham para Paulo, que dobra a Bela Cintra à esquerda e logo desaparece. Ela então fita Fernando:

“Que é que você quer fazer?”

“Tomar um conhaque com você, lá em casa.”

“Demorou. Vambora.”

“Então vamos.”

“Dirige? Eu tipo tô com preguiça.”

Ela se aninha a ele no carro. Fernando aciona o som e a voz poderosa de Tim Maia invade o ar. No silêncio em que dirige, ouvindo a música blueseira e lamentosa, pensa no jantar, na conversa, nas tensões e nos relaxamentos. Faz muito pouco tempo que a gente tá junto, e já tão começando a pipocar essas irritaçõezinhas. Isso não é legal. Eu já tenho idade pra saber que essas coisas não terminam bem. Será que a gente nunca aprende? Mas na hora que acontece, acontece. Não dá pra segurar. Ele queria que tudo fosse como está agora, neste momento. Lucila o afaga e o abraça até que chegam à casa. Guardam o carro no estacionamento. Entram em casa. João os recebe com breves latidos e cheiradas, depois se recolhe para o centro do tapete redondo, emburrado. Fernando aciona o som. Ella Fitzgerald interpreta Cole Porter. Ele serve conhaque em grandes copos redondos que comprou com Ana, numa loja de Estocolmo. Por que lembro disso agora? É hora pra memórias? Fixa o olhar nos olhos de Lucila. Bebem. Ela está relaxada, carinhosa. Beijam-se. Sempre que ela se entrega, ele tem essa estranha sensação de que ele é o conduzido no jogo, não o condutor. Fernando sente como se sua medula se dissolvesse quando ela se enrosca ao redor dele e deixa-se penetrar com uma ânsia silenciosa de sinuosos contornos. Amolecem os joelhos. A respiração fica mais rápida. Pelos arquejos do corpo de Lucila, ele percebe que ela gozou, e o prazer que isso lhe causa faz com ele goze logo em seguida. Deixa-se ficar dentro dela, respiração pesada. Entregues ambos, saciados.

“Vamos deitar?”

“Você vai dormir aqui?”

“Sim, mas preciso acordar cedo.”

“Tudo bem, a gente põe o despertador.”

“Eu ponho o celular pra tocar. Não gosto do barulhão do teu despertador. Sempre acordo assustada.”

“Tá bom.”

Tomam banho juntos. Beijam-se sob o chuveiro. Ela o abraça, ávida, intensa. Ele se excita. Arfam. Transam mais uma vez com violência e sofreguidão sob a água que cai. Tem gente que diria que uma transa dessas debaixo da água não é ecológica, mas isso lá é hora de pensar nessas coisas? Fernando volta a ser todo sensações, saboreia com a língua a boca os dedos o colo as mamas a maciez do ventre a vagina. Então toma o corpo de Lucila contra o seu e a penetra, consciente da forma suave e exigente com que ela se entrega. Ofegam, arfam, gozam depois de um ansioso tempo e sorriem e beijam-se, lavam um ao outro, secam-se, escovam dentes, vão para a cama. Fernando liga a tevê, mas logo desliga o aparelho. Nada há nada para ver. Que adiantam tantos canais, porra? Estão cansados. Deixam-se ficar no escuro, Fernando encaixado nas costas de Lucila. Ele tem a sensação de que flutua, boia no ar sem peso, sem densidade. É de dentro desse torpor que antecede o sono ele ouve muito longe a voz de Lucila. Palavras desconexas chegam aos seus ouvidos.

“... e foi a ... Nunca que eu tinha pensado nisso ... Foi tão ... Eu tipo não sabia, eu não sabia.”

O que Lucila está dizendo? Ele não quer que ela diga nada agora, precisa dormir. Quer desesperadamente perder a consciência. Mas uma luzinha vermelha acende-se e pisca intermitente na franja de sua atenção, advertindo que é preciso escutar, que tem de prestar atenção á fala da moça.

“Eu tava tipo tão desesperada. Garanto que não sabia mais o que tava fazendo, entende?”

Fernando faz força para se libertar do sono. Diz, quase sem pensar:

“Por quê?”

“Porque eu queria terminar, ele não queria, mas tava uma bosta aquilo, a gente não se aguentava mais. Foi meio sem querer, Fernando. Ele foi viajar, eu fiquei sozinha em casa, fui tomando os comprimidos, mas sem pensar em nada, eu juro. Só queria dormir, só isso.”

Agora ele está completamente desperto.

“Quando foi isso?”

“Eu te falei, faz dois anos.”

“Eu tava meio que dormindo. E como...”

“Quê?”

“Como foi que...”

“Meu irmão. Ele morava com a gente. Chegou e me encontrou...”

“Sei.”

“Chamou ambulância... Daí... Bem, eu voltei e...”

“E...”

“Foi a pior crise. Eu não queria mais nada.”

“Que aconteceu depois?”

“Fizeram lavagem estomacal. Fiquei internada uns dias. Meu pai veio pra cá com minha mãe. Ajeitaram tudo.”

“Mas e você, como ficou?”

“Passei uma fase péssima. Chorava o dia todo. Daí as coisas começaram a entrar nos eixos de novo. Bem devagar. Fui fazer terapia. Eu faço até hoje. Tem umas vezes que eu fico tão... sei lá. Triste.”

“Deve ter sido muito duro.”

“Eu sou difícil, Fernando. Sou insuportável. Nem sei por que você me aguenta. Ninguém me suporta muito tempo.”

“Não é verdade. Não sou só eu que... Bem, vocês não estão planejando a montagem da *Oréstia*? Esse teu grupo está junto faz um tempo. Não é?”

“Um ano.”

“E...”

“E o quê?”

“E nós.”

“É. Nós. Eu me pergunto quanto tempo você vai me aguentar.”

“Eu não te aguento. Gosto de você. Estou com você porque quero.”

“Acha que eu não percebo que te irrita?”

“Um pouco. Algumas vezes. Mas isso não é importante.”

“Não?”

“Não.”

Calam-se os dois. Fernando se acomoda mais junto de Lucila. Circunda o corpo da moça com os braços e a aperta contra si por muito tempo, até adormecer. Ele recebeu uma chave para entender Lucila, e não sabe se gosta do presente. Não sabe se o quer. Mas ao mesmo tempo sabe bem que não o pode evitar. Cai num sono inquieto quando a luz do dia começa a se infiltrar para dentro do quarto. Um sono povoado de apreensão. Há em Fernando um medo novo, algo que não estava ali antes. Dorme porque não resiste mais. A vigília se tornou inviável. Mas o sono vem misturado com uma angústia nova, que não conhecia.

### **Três**

Na noite seguinte Fernando vai com Paulo e Luciano ao Espaço dos Satyros para ver *Justine*. Lucila telefonou na última hora. Está atrapalhada. Tem de entregar uma trilha sonora no dia seguinte. Atrasou-se. Vai ter de trabalhar durante a madrugada. Fernando e os amigos chegam à praça Roosevelt em cima da hora e entram correndo na pequena sala de espetáculos pouco antes de as luzes se apagarem. A montagem de Rodolfo Vázquez para a história da

desventurada protagonista de Sade é incômoda, áspera, transbordante de energia. Mas Fernando só consegue dar a ela metade de sua atenção. A outra parte está comprometida com as memórias da conversa com Lucila. Não estava preparado para a confiança que ouviu.

Cada vez que se lembra da história, sente pressão no peito, contração, falta de ar. Não sabe como agir. A vontade que tem é de tomar Lucila sob sua proteção, criar ao redor dela uma malha que impeça a chegada de qualquer pensamento negativo. Ele não entende. Por que razão essa garota bonita, bem educada, independente, é tão triste? Conhece tantas mulheres que fariam tudo para estar no lugar de Lucila. Mas a própria Lucila parece não se importar. Por quê? Não consegue entender. Ela também veio morar longe dos pais. Será que os seus próprios filhos são assim? Como vai saber? Só fala com eles por e-mail, por circuito de vídeo. Vê-os tão pouco. Concentra-se na peça, que o atrai. Mas de novo seus pensamentos derivam para Lucila e suas crises. Gostaria de conversar sobre isso com alguém. Sente que Paulo e Luciano não entenderiam.

Que pode fazer? Inspira fundo e solta o ar bem devagar, esforçando-se para fixar a atenção no espetáculo, que envolve a plateia. Observa os sofrimentos da pobre Justine nas mãos de devassos e libertinos. Consegue enfim se concentrar de vez na história e pela primeira vez nas últimas muitas horas liberta-se, por algum tempo, da espantosa confissão de Lucila. Na saída detém-se a conversar com o diretor Rodolfo Vázquez e com o ator Ivam Cabral, fundadores dos Satyros. Estão sentados em uma mesa de madeira envernizada, na calçada, à frente de um pequeno renque de árvores. Ao fundo têm a lateral da igreja da Consolação. Fernando apresenta os dois a Paulo e Luciano. Os três aceitam o convite para uma cerveja. Trazem cadeiras, pedem bebida, sentam-se. Fernando vai escrever sobre o espetáculo, mas não se incomoda de ficar ali, com os criadores do trabalho. Falam da temporada, das últimas estreias. Fernando antecipa

para Rodolfo e Ivam algumas das observações que registrou para a crítica, referentes ao ritmo do espetáculo, a certos efeitos de luz que o ofuscaram. Confessa, porém, que devido a, conforme explica, um problema pessoal, passou a primeira parte da montagem bem alheio ao que estava vendo. A isso, Ivam observa:

“Por isso que eu achei que você olhava pra gente sem ver, Fernando.”

“Nossa, estava tão evidente assim?”

“O teatro é muito pequeno, e no começo do espetáculo minha marca é observar a plateia. Mas você ficou assim, fora do ar, por pouco tempo. Logo se ligou.”

“Vocês vigiam o público?”, exclama Fernando, arregalando os olhos numa expressão de exagerado espanto. Ivam ri. E diz:

“Não. Mas você estava a poucos metros de distância, bem na minha marca, e eu tenho que olhar naquela direção, porque de lá vem o foco que vai me iluminar logo depois, na primeira fala do juiz. Daí ficou difícil não te olhar, Fernando.” Ivam baixa a voz e adota um tom exageradamente confidencial: “Mas pode deixar, não vou contar no blog que você pensava sei lá em que enquanto via o espetáculo.”

“Tenho certeza que não”, responde Fernando, sorridente, “porque eu te desmentiria na hora!”

“Bem, vou te dizer um segredo”, informa Ivam. “É melhor ter um crítico um tanto longe, pensando nos seus botões, do que ter um crítico que dorme nos espetáculos e critica depois. Te garanto que isso existe.”

“Não é verdade, Ivam.”

“Juro pra você que é, acredite em mim.”

Fernando abre bem os olhos e suspira. Sente-se incomodado por saber que o ofício que ele exerce com zelo, o mesmo que aprendeu com seus mestres,

tantos anos atrás, se transforma, pelos mais diversos motivos, em razão de zombaria para as pessoas que justamente deveriam levá-lo a sério. E sabe que na maior parte dos casos os artistas têm razão em reclamar dos críticos que agora exercem a atividade. Isso o incomoda.

Rodolfo entra na conversa para confirmar o caso de um crítico que dormiu sonoramente durante um espetáculo da companhia e depois, todo cheio de sentenças, publicou um comentário. Fernando pede que eles lhe digam o nome, os dois se recusam. Afirmam que não é o caso. A conversa se espalha para outros territórios. Paulo está impressionado. Da última vez que esteve em São Paulo, a Praça Roosevelt era um ponto a ser evitado quando se vinha ao centro, conhecida como território de prostituição e venda de drogas. Agora está bem iluminada, com vários teatros instalados ali, bares e cafés cheios de estudantes, artistas, intelectuais, galeria de arte, loja de revistas em quadrinhos. Rodolfo e Ivam falam do papel que os Satyros tiveram nesse processo de recuperação do espaço urbano. Mencionam os outros grupos de teatro que também atuam ali.

“Ivam”, Fernando baixa a voz para chamar a atenção do ator. “Queria dizer uma coisa. Sobre esse negócio do crítico que dorme nos espetáculos...”

“Fernando, eu não posso te contar quem é.”

“Não é isso que eu ia dizer. É que a crítica anda tão... Sei lá.”

“Complicada?”, oferece Rodolfo.

“Não. Anda com problemas mesmo. Todo mundo fala pelas costas. Mas e se a gente fizesse alguma coisa? Um seminário? Chamar os críticos, os ex-críticos, artistas... Podíamos fazer o encontro aqui, se vocês topassem, e a gente podia organizar. Uma coisa simples, pra começar. Dois ou três encontros, um por semana. Mesas com três pessoas. Depoimentos e debates.”

“Um seminário de crítica, Fernando?”, exclama Rodolfo.

“É, acho que é necessário”, diz o crítico, pronto para defender sua ideia.

“Não é só necessário, é uma coisa da maior importância”, diz o diretor.

“Vocês topam, então?”

“Claro, vamos conversar. Ponha a ideia num documento e mande pra mim por e-mail, tá bom?”, diz Ivam. “Daí a gente te ajuda a organizar isso.”

“Acho que pode dar um samba. Vou ver se o jornal compra a ideia de patrocinar, ou apoiar, sei lá”, entusiasma-se Fernando.

Conversam por mais algum tempo, tentando dar mais contornos à ideia. Por fim, Fernando, Paulo e Luciano despedem-se amistosamente e se afastam a caminho da garagem em que guardaram o carro. Entram todos no veículo.

“Estão com fome?”, indaga Luciano.

“Eu comeria um pedaço de pizza”, diz Paulo.

“Podiam ter comido alguma coisa lá no Satyros”, reclama Fernando.

“Não estava com fome”, diz Paulo. “Fiquei agora. Se você não quer...”

“É que dormi muito mal. Estou exausto.”

“Vamos rapidinho”, insiste Luciano. “Você jantou?”

“Não. Pra falar a verdade, estou com um pouco de fome.”

“Então. Já podíamos estar sentados, comendo”, exagera Luciano.

Vão ao Veridiana, pizzeria instalada num velho e espaçoso casarão do começo do século 20, junto da avenida Higienópolis. Fazem o pedido e falam sobre a crueza da história escrita por Sade, levada ao palco com desassombro pelos Satyros. Fernando aos poucos se ausenta da conversa e, enquanto brinca com o aparador de talheres, volta a pensar na conversa com Lucila. Sente uma palpitação quando pensa na moça, lembra de sua voz no escuro. “Eu não sabia o que estava fazendo.” Fernando não consegue acreditar nisso. Se fosse outra pessoa, pode ser. Mas Lucila, a atenta, a obsessiva... É incapaz de aceitar o fato de que ela agiu sem consciência. Ao contrário, tudo parece indicar para ele que ela deve ter... Ele tem medo de nomear o que quer nomear. Prefere não pensar

nisso. Mas não consegue pensar em outra coisa. É chamado de volta para a conversa por Paulo e Luciano. Faz comentários sobre o que ouve, mas, envolvido com suas cismas, não presta atenção ao que diz. A pizza chega. Os aromas do manjericão, queijo e tomate ascendem e fazem chegar água à boca. Sabores também. A massa pouco espessa e tostada derrete na boca. Por algum tempo os três se dedicam a uma mastigação embalada por bom vinho. Acabam de comer. É hora de ir. Luciano pede a conta. Paulo faz questão de pagar. Faz tanto tempo que não saíam os três, amigos de tantos anos. Quer oferecer. Os irmãos aceitam, prometem retribuir. E vão-se enfim. A noite está cálida. Há estrelas no céu. Paulo vê isso e surpreende-se. Quem diria.

Chegam enfim na casa de Fernando, que convida Luciano para uma última bebida, devidamente recusada. Já é tarde. Há que acordar cedo amanhã, sabe como é. Entram Fernando e Paulo, Fernando oferece um chá. Paulo aceita. Vão para a cozinha. Juão vem do jardim, espremendo-se para passar por sua portinhola. Faz festa para Paulo, com quem se entendeu à primeira vista, e depois esfrega a cabeça nas pernas de Fernando, que coloca um punhado de ração fresca na tigela do cão, que se atira feliz aos tabletes sabor salmão. Enquanto esperam a água ferver, Paulo diz:

“Fernando, amanhã vou almoçar com Ana.”

“É?”

“Sim. E queria saber se...”

“...o quê?”

“Te chateia?”

“Você quer encontrar Ana? Claro que não.”

“É que. Enfim, sei lá.”

“Imagine. Se ficou alguma coisa mal parada logo que a gente se separou, tá tudo resolvido, superado. Nos falamos sempre. Ficamos bons amigos. Acabei

conhecendo o Pedro, o marido dela. E um dia ela veio aqui, a Lucila estava, e as duas se encontraram numa boa.”

“Que bom. Desculpe ter perguntado. Eu precisava saber, entende?”

“Sim, entendo.”

Tomam o chá de hortelã e conversam um pouco mais sobre Ana, a separação, a crise, o fim da crise. Fernando não dramatiza, mas conta a Paulo coisas que nunca havia revelado. O amigo ouve com atenção e simpatia.

“Deve ter sido uma barra.”

“Mas passou. Tá tudo cicatrizado.”

“Ainda bem.”

“Se não fosse assim, não teria embarcado na história com Lucila.”

“Você teve sorte. Ela é uma garota muito interessante.”

“Ah, o senhor se rendeu, então?”

“Reconheço que estava com o pé atrás. Mas você entende.”

“Sim.”

“Então está bem. Tô pregado. Vamos dormir?”

“Vamos. Até amanhã. Qual seu programa?”

“Amanhã, depois do almoço com Ana, estou por conta da família. Vou visitar a parentada toda e janto com as tias.”

“Bom divertimento.”

“Boa noite.”

Fernando não sente sono. Abre a porta da cozinha e sai para o jardim, seguido por João. À luz clara da noite observa os canteiros. Precisa planejar algumas mudanças. Aciona a máquina que emite borrifos de água na horta e ajusta-a para funcionar por 10 minutos. Entra e tranca a porta. Ouve seu celular, que chama. Deixou-o sobre a cômoda do quarto, junto com a carteira e as chaves do carro, quando entrou na casa. Quando pega o celular, a chamada já caiu na

caixa postal. Vê pelo localizador que é Lucila. Ela está em casa. Fernando liga, ela atende.

“Oi, você me ligou?”

“Liguei. Boa noite. Tudo bem?”

“Tudo. Chegamos faz meia-hora. Não te liguei porque não sabia se você já tinha acabado o serviço.”

“Ainda não. Vou até bem tarde. Mas pensei em tomar um suco na banca da avenida Sumaré. Então. Você não se sente tentado a vir me encontrar e fazer um pouco de companhia?”

“Estou tão cansado, Lu. Já guardei o carro.”

“Eu passo aí pra te pegar.”

“Rapidinho?”

“Em uma hora você estará na cama, dormindo. E terá feito um pouco de companhia pra sua namorada, que está aqui, tão só.”

O coração de Fernando bate mais forte. Namorada. Ela nunca havia usado esse termo. Ele pensa em comentar, observar alguma coisa. Mas decide que o melhor é ficar quieto, aceitar tranquilamente a promoção. Até agora ela os definia como “amigos”. Desde esse momento, então passam a ser namorados. Fernando se sente feliz.

“Está bem, passa aqui. Ó, tô de bermuda; não vou pôr roupa.”

“Não precisa. Jogo rápido. Preciso dar uma espairecida, ainda tenho tipo duas horas de trampo pra encarar.”

“Estou esperando.”

Juão o segue para sala, ganindo. Fernando afaga-o.

“Não. Agora você não vai sair comigo. Vai é dormir. Amanhã a gente dá um belo passeio, entendeu?”

O cão faz expressão emburrada, dá um bufo, vira as costas para o dono e volta a se aninhar no centro do seu tapete circular. O celular de Fernando vibra. Lucila chegou. Vai até o carro. Ela dá a Fernando a chave e pula para o banco do carona. Ele dá a partida e sai em direção à avenida Sumaré. Lucila se aninha contra o ombro de Fernando, em silêncio, e com a ponta dos dedos da mão esquerda faz carinho em sua nuca. Fernando sente as entranhas se contraírem. Uma prazerosa sensação de dor indica o início de uma ereção, que ele evita concentrando-se na canção de Caymmi que Maria Bethânia canta com paixão. Chegam ao quiosque da Sumaré. O lugar em que se encontraram pela primeira vez fora de uma sala de aulas permanece incorporado à rotina dos dois. Fernando passa ali em suas diárias caminhadas e corridas matinais. A casa de sucos fica ao lado da casa de Lucila, que muitas vezes se alimenta mais de frutas que de alimentos sólidos, e tem conta no local. Não raro passam ali para acabar a noite. As paredes de madeira clara e as pencas de frutas oferecem um cenário simpático. Lucila conhece todas as atendentes, trata-as pelo nome, e Fernando, em geral reservado e tímido com desconhecidos, acabou fazendo o mesmo. Pedem seus sucos. Maracujá com abacaxi. Uvas e água de coco. Lucila olha para Fernando, atenta, como se o estudasse.

“Eu quero.”

Assim, seco.

“O quê?”

“Viajar com você. Vamos.”

“Mesmo que seja em agosto?”

“Dou um jeito. Duas semanas. Depois não falto mais. Falo com os professores. Já fiz isso antes. Você foi um dos que quebrou meu galho.”

“É.”

“E eu vou estar no TCC, posso negociar um tempo fora.”

“O que te fez mudar de ideia?”

“Eu não mudei de ideia.”

“Sua primeira reação foi não ir, diz a verdade.”

“Mais ou menos. Achei que não devia viajar agora. Comprei equipamentos novos e gastei uma grana.”

“Mas nossas passagens vão ser pagas pelo festival.”

“A sua, que é convidado do grupo. A minha não.”

“Tenho direito a um acompanhante”, diz Fernando sem pensar. Não sabe disso. Nada a esse respeito dizia a mensagem do Teatro Fluorescente. “Mas se não tiver”, acrescenta, “e se você não tiver grana pra bancar, eu pago a sua parte. Num grupo, vai ficar bem mais em conta. E no hotel me darão quarto individual. Daí é só pedir cama de casal. E como você quase não come...”

“Meu, como você é panaca.”

“Panaca! Essa palavra é do meu tempo, não do seu.”

“É do meu tempo também, porque tô usando ela agora pra dizer o que o senhor é, um grande panaca.”

“Gente, essa brabeza toda é porque eu disse que você quase não come?”

“Não. Sei lá, você encana com umas bobagens... Não se preocupe com minha passagem, posso dar um jeito numa boa.”

“Mas me deixa pelo menos perguntar se eu tenho direito a acompanhante, tá bom?”

“Tá. Sabe o que me fez sacar que tô a fim de viajar contigo?”

“O quê?”

“Tô sacando que gosto de você, de verdade. Antes acho que era um capricho. Queria garfar um coroa tesudo, meu professor. Acho que era realizar uma fantasia adolescente. Daí aquela história virou outra coisa.”

“Que bom.”

“Você gosta de mim?”

“Muito.”

“Eu não sou fácil.”

“Eu sei.”

“Não vou morar com você, a gente não vai casar.”

“Eu não quero isso.”

Fernando mente com convincente simplicidade.

“Acho que vou infernar a tua vida.”

“Eu não vou deixar. Acho que a gente tá vivendo uma história legal.”

“Eu não sei não. Mas eu sinto tipo assim.”

“E pelo menos uma influência boa eu estou tendo em você.”

“Qual?”

“Você tá falando muito menos tipo.”

“É?”

“É.”

“Isso é bom?”

“Você não tem mais idade pra ficar usando a linguagem adolescente.”

“Ah, e falar tipo é coisa de adolescente?”

“Claro.”

“Ah, como você é chato! Acho que mudei de ideia e não vou mais. Cara pentelho, pô!”

Enquanto reclama, ela o enlaça e beija, a boca com gosto de fruta, sob os olhares risonhos das atendedoras de plantão.

#### **Quatro.**

O pouco tempo que antecede a viagem para Edimburgo corre rápido. As férias chegam e se vão. Fernando é encarregado pelo jornal de mandar textos

sobre o grande evento, detectando tendências, discutindo caminhos. Combina também na escola um esquema de substituição, chamando dois colegas para cobrir as aulas a que faltará durante os quinze dias da viagem. Lucila, que já começou a ensaiar a *Oréstia*, que ela e seu grupo apresentarão como trabalho de conclusão de curso, entra em acordo com colegas e professores para viajar. Na segunda semana de agosto, a trupe brasileira, e com ela Fernando e Lucila, embarca para Londres, de onde fazem conexão para Edimburgo, sede do mais famoso festival de teatro do mundo. Pedro Veredas irá encontrá-los na Europa. Sônia e Rogério, os criadores da Fluorescente, apanham Fernando e Lucila na Vila Madalena. Uma van os transporta até Guarulhos. Ana cuidará de Juão, comprometeu-se. Vai mudar-se para a casa de Fernando durante o período da viagem. Dona Rita, que não simpatiza com Lucila e por isso faz questão de tratá-la com desmesurada gentileza, quer acompanhá-los a todo custo até o aeroporto. Eles a demovem da ideia. Vão sair de São Paulo muito tarde, não vale o esforço. Agradecem a gentileza com ênfase, como ela gosta. Chegam ao saguão, entram na fila do check-in.

Fernando observa a facilidade com que Lucila restabelece contato com os atores da Fluorescente. Não conhecia a maior parte deles. Os dois foram a um jantar na casa de Rogério e Sônia, alguns dias antes da viagem, um encontro articulado para quebrar o gelo, aproximar do grupo os viajantes convidados. Além de Fernando e Lucila, viaja com o grupo Ronaldo R., jovem cenógrafo carioca que Rogério convidou para fazer o próximo texto que a Fluorescente planeja montar, novamente sob a direção de Veredas. Aquele jantar fora o bastante para que Lucila, em geral arredia, estabelecesse contatos que retomava com facilidade. Essa desenvoltura de Lucila espanta e agrada Fernando, que antevia uma resistência maior ao seu namoro com a moça. Sim, dona Rita não gosta dela, mas Luciano se deu bem com ela desde o primeiro encontro, assim

como seus filhos e, surpreendentemente para ele, Ana. Paulo então, nem se fala. Virou fã. Desde que voltou para Nova York, os dois se correspondem por e-mail constantemente. Na escola, onde Fernando pensou que talvez surgisse oposição séria ao relacionamento professor/aluna, a história acabou assimilada sem confrontos ou discussões penosas. Pesou sobre isso, sem dúvida, a idade de Lucila, que, apesar da aparência de menina, está perto de completar 29 anos. Não é uma garotinha impressionável, que um professor poderia constranger com seu poder. É uma mulher adulta, independente, dona do próprio nariz. Fernando passa longo tempo observando Lucila na sala de embarque, enquanto finge ler a *Time Out* que comprou na revistaria do aeroporto, e que traz em um caderno especial a programação do festival de Edimburgo, no qual figura *Pauta Plauto*, que mereceu o destaque de uma foto e texto-legenda, em uma das páginas internas. Lucila, depois de algum tempo, percebe o olhar escrutinador de Fernando e se aproxima.

“Que foi?”

“Que foi o quê?”

“Você não para de me olhar.”

“Isso te incomoda?”

“Claro que não. Mas queria saber...”

“O quê?”

“No que você estava pensando agora, enquanto olhava pra mim.”

“Nada especial. Estava pensando em nós.”

“Isso não é especial?”

“Claro que é. Mas... Ah, deixa pra lá. Tava pensando em nós. Só.”

“O que em nós?”

“Que, ao contrário do que eu imaginava, nós tivemos muito menos resistência do que eu tinha imaginado ao nosso... namoro”. Ele ainda sente alguma resistência ao dizer a palavra.

“Resistência, como?”

“A diferença de idade, eu professor, você aluna.”

“A gente não se agarra em público. Nós mantemos a classe. Talvez seja isso que causa essa aceitação da nossa história.”

“Pode ser, não sei.”

“Mas é uma coisa que te preocupa?”

“O quê?”

“A opinião dos outros sobre nós.”

“Não me preocupa, mas eu ia mentir se não dissesse que penso nessa coisa. Claro. Você é uma pessoa pública, eu não chego a tanto, mas trabalho em jornal, então...”

“Você é muito encanado. A gente não é celebridade. Só porque a tua foto apareceu uma vez na coluna social daquela mulher, já tá se achando.”

“Acabei de falar que eu... Ah, vai, deixa pra lá. Você me perguntou no que eu tava pensando, e eu respondi, isso foi tudo.”

“Atenção senhores passageiros do voo X82 para Londres, queiram por favor dirigir-se ao embarque pelo portão 8.”

O chamado do alto-falante interrompe a conversa de Fernando e Lucila. Será que eu exagerei? Mas fico pensando nessa coisa. Ela é jovem, linda, talentosa, eu sou um coroa de meia-idade cansado e triste. Fernando deu ultimamente para pensar em si mesmo usando tons de comiseração. Sorri quando percebe isso. Sacode a cabeça e segue a fila de passageiros para dentro da nave. Embarcam, encontram seus lugares, acomodam-se. O avião levanta voo. Quando entram em curso, Fernando saca seu laptop e começa a batucar ideias para o novo

livro. Já sabe sobre o que vai escrever. Fará um texto abordando o plágio, os limites e fronteiras de obras de arte. O centro da ideia é um paralelo entre *Ah, Aristophanes!* e *Pauta Plauto*. De vez em quando, Fernando para de trabalhar e observa Lucila, que está com os fones do MP3 enfiados nos ouvidos e ouve música enquanto estuda o texto da *Oréstia*, murmurando frases de sabor arcaico em voz inaudível, como mantras que se sucedem. Enfim Fernando fecha o laptop. Recosta-se o melhor que pode na cadeira desconfortável do avião e estabelece uma contagem de respiração. Entra em um processo de meditação. Busca fechar o foco da atenção no ar. Impossível. Uma multidão de sensações o assalta. De pensamentos desconexos que formam um todo cambaleante. Não sabe mais em que está pensando. Volta a se concentrar no ar que entra e sai. Sente o pescoço tenso. Leva as mãos aos ombros e massageia a musculatura enrijecida. Percebe que formou-se um calombo, um montículo de tecido muscular sobre a escápula esquerda. Apalpa a região, está dolorida. Volta a concentrar-se na respiração, no ar que entra e sai.

“Fernando.”

Deve ter cochilado. A voz de Lucila vem de longe. Ele demora a dizer:

“Oi?”

“Tava dormindo?”

“Não. Relaxando, só. Não consigo dormir em viagem, nunca.”

“Nem eu. É um pesadelo.”

“Eu sempre chego exausto.”

Ela ri.

“Sou igual.” Olha então para ele: “Posso fazer uma pergunta?”

“Claro.”

“Não é pessoal, quer dizer, não tem nada a ver com a gente. É sobre o meu trabalho.”

“Não faz mal. Pode perguntar.”

“Não quero que você pense que tem a obrigação de ficar me dando aula particular.”

“Tá bom, já entendi... O que você quer saber?”

“Calma, não precisa ficar bravo. Sabe o que é? Queria que você me explicasse pra que serve o coro no teatro grego.”

“O coro?”

“É.”

“Mas foi um dos lados da tragédia que a gente mais estudou no semestre do teatro grego...”

“Quero mais.”

“Por quê?”

“William quer que eu faça Electra. Eu quero fazer o coro. Eu acho que posso fazer uma experiência nesse caminho. Quero testar. Lembra que eu já te falei disso?”

“Claro.”

“Então. No coro posso experimentar uma coisa que me interessa.”

“Não seria melhor fazer uma protagonista que ser mais uma no grupo que estará no coro?”

“Não se a gente seguir a ideia do Will, que pensa em uma pessoa só pra fazer o coro.”

“São quilômetros de texto.”

“Vamos fazer cortes. Mas também posso trabalhar com material gravado, experimentar formas diferentes para fixar a voz. E daí não teríamos um grupo de sei lá, 13, 15 atores no coro. Eram chamados coreutas, não é?”

“Me parece que você já pesquisou um bocado.”

“Mas queria que você me falasse do coro. Pode até me contar de novo o que eu já sei, não importa. Quer dizer, se você não se incomodar.”

“Não me incomodo. Mas acho que você já sabe tudo que vou dizer.”

Enquanto o avião avança na noite, Fernando, em voz baixa, para não incomodar os vizinhos de poltrona que dormem e ressonam, fala a Lucila sobre as origens rituais do teatro grego, o primitivo ditirambo, os louvores a Dioniso, a transição para a tragédia. Lucila interpõe observações, faz perguntas. Falam bem de perto, rostos se tocam, mãos se tateiam. Lucila toma notas em um bloco com uma caneta a tinta, que escreve com um traço grosso e nítido contra a página branca. Enfim adormecem, Lucila com a cabeça apoiada no amplo peito de Fernando.

Depois da longa noite atravessada a bordo chegam a Londres no meio de um quente fim de manhã de verão. Almoçam uma comida cara e deplorável em um restaurante perto do aeroporto, que lhes foi recomendado entusiasticamente por alguém do guichê de informações de Heathrow, e duas horas depois de uma quase indigestão curtida na sala de embarque do aeroporto, pegam a conexão para Edimburgo. A capital da Escócia lhes reserva uma acolhida cálida. Vereda está no saguão de desembarque à espera da trupe, acompanhado de alguns funcionários do festival. Um gaiteiro escocês toca seus foles plangentes no saguão do aeroporto. Durante algum tempo há cumprimentos, sorrisos, carinhos. Vereda trata Fernando como a um velho amigo, e é todo sorrisos com Lucila, que parece fascinada pelo famoso diretor. Deixam enfim o saguão do aeroporto. Os meninos da técnica, que operam som e luz, são também os responsáveis pela montagem e desmontagem do cenário, uma engenhosa armação retangular de tubos de alumínio, sobre a qual são estendidas telas de tecido bege-claro, sobre as quais são projetados focos de cor que produzem efeitos estranhos de paredes comidas pelo tempo, destruídas pela umidade.

Uma van transporta o grupo para o hotel, que fica junto de um parque. O monitor do grupo, muito loiro, explica num português carregado de sotaque que se trata de um dos parques mais belos da cidade, o jardim botânico, e que estão a poucos minutos de caminhada do teatro em que irão se apresentar, uma das salas mais prestigiosas da cidade, o Theater Workshop. Os técnicos, apesar do cansaço da longa noite de viagem, partem com a van, Vereda e o monitor para a sala de espetáculos. Têm de armar o cenário nas próximas horas para que à noite o grupo faça seu primeiro ensaio corrido. Para amanhã estão previstos ensaios no período da tarde e a estreia, à noite. O elenco tem o dia livre. Rogério e Sônia convidam Fernando e Lucila para darem uma caminhada pela cidade. Fernando, que já esteve ali em outras edições do festival, sugere que comecem o passeio pela chamada “milha real”, onde estão concentrados alguns dos principais monumentos históricos da antiga cidade. Não longe dali fica o centro nervoso do festival e a sala de imprensa, onde ele vai se apresentar para obter credenciamento para os espetáculos da programação a que pretende assistir. Antes de deixar São Paulo acessou o site do festival, discutiu a programação com Lucila e pré-reservou ingressos para alguns deles. Pegam um ônibus cujas amplas janelas abrem vistas para os edifícios da capital da Escócia. Lucila aperta o braço de Fernando.

“Estranho pensar que foi aqui que viveu Mary.”

“Por que estranho?”

“É, não sei se estranho é a palavra. É que Mary Stuart é uma das personagens que mais me apaixonam, só que sempre imaginei a rainha dos escoceses como alguém que pertence à ficção, não à realidade. E aqui a realidade me joga na cara que esta foi a cidade dela, ela morou aqui, foi mulher aqui, fez aquele péssimo casamento aqui, tudo isso.”

Fernando ri.

“É. Se existe alguma cidade na qual Mary Stuart reinou de fato, essa cidade foi Edimburgo. Por algum tempo.”

“Nós estamos namorando *As Três Irmãs* faz muito tempo”, diz Sônia para Lucila. “Talvez seja a próxima produção da Fluorescente.”

“Que legal!”

“Veredas quer dirigir”, acrescenta Rogério, indicando o diretor, sentado ao lado, em animada conversa com um dos atores.

Veredas concorda e diz para Fernando:

“Desta vez a concepção original será toda minha. Não sei se um original de Veredas, em vez de uma cópia de Ruwno, merecerá o mesmo espaço na imprensa brasileira.”

“Acho que vocês não ficarão carentes de centímetros nas páginas”, afirma Fernando, em tom sério. Por um momento instala-se uma tensão que é quebrada pela risada aberta do crítico. Os outros o acompanham no riso, o pequeno instante de mal-estar se dissolve.

Os dias passam velozes e são muito movimentados em Edimburgo. Fernando tem espetáculos para ver desde a manhã até a noite. Lucila o acompanha nas incursões noturnas. Durante o dia dedica-se ao trabalho na *Oréstia*. Conseguiu por meio de Veredas uma pequena sala no Theater Workshop, onde *Pauta Plauto* estreou com grande sucesso. Falada em português, com legendas em inglês, a montagem de Veredas e da Fluorescente lota todas as sessões, inclusive as sessões extras que foram abertas para atender à demanda do público. Jornais e revistas dedicaram enormes espaços aos brasileiros e a seu diretor português, e essa repercussão atraiu a atenção da mídia brasileira. Fernando é ativado para enviar matérias ao jornal. Acaba sendo também convidado a entrevistar Rogério, Sônia e Veredas para uma matéria realizada pela equipe da GloboNews, que cobre o festival. Durante esse programa, na entrevista a Fernando, os integrantes

do Fluorescente e seu internacional diretor anunciam pela primeira vez o projeto de seguir com a parceria e levar ao palco a tragédia de Schiller.

Lucila, que trabalha longas horas todos os dias, desenvolvendo experimentos nos quais une corpo e gestos a voz e sons e programas e arquivos musicais de seu potente laptop, está contente. Fala com entusiasmo do que faz. Mas não permite a Fernando ver seus ensaios. Em sua quinta noite no festival, Fernando volta ao hotel cansado, depois de ver dois espetáculos em sequência, um da Coreia do Sul e outro da Suécia. Isso além dos trabalhos de rua e das performances a que assistiu ao longo do dia. Organiza seus papéis, pensa na programação que vai seguir no dia seguinte, organiza o roteiro do espetáculo que verá. Desce então até o bar do saguão e pede um scotch. Estão hospedados no Queen of Scots Hotel, que apesar do nome pomposo é um casarão feioso, moderno de um jeito estranho, sem estilo. Fica na área central, numa rua de comércio para turistas, não longe da famosa área histórica da cidade. Já que a arquitetura do prédio não colabora para criar o clima sugerido pelo nome do hotel, algum diretor de marketing nada inventivo resolveu fazer do lobby e da recepção um reduto das tradições locais. Há um gaiteiro de fole que saúda os recém-chegados. A decoração da sala faz o melhor que pode para lembrar a sala do palácio de um senhor de clãs. Gerente, recepcionistas, todos usam kilt e têm no rosto sorrisos indestrutíveis. Assim também é o barman que atende Fernando. Embora tenha bastante fluência no inglês, não consegue quase entender o que lhe diz o barbudo homem, rosto avermelhado, barba cerrada, que parece vestido para fazer figuração na ópera *Lucia di Lammermoor*. Um pouco aos trancos, Fernando explica que não quer gelo no copo. O garçom, ao descobrir, com alguma dificuldade, que está diante de um brasileiro, lança-se a uma apaixonada fala sobre o futebol brasileiro, o futebol escocês, os malditos clubes ingleses, que tiram da Escócia os melhores rapazes.

“Você está aí?”

Lucila está na porta do bar. Magra, recortada numa espécie de penumbra contra o clarão artificial do vestíbulo, parece diáfana. Frágil. Tão frágil como a menina que ele se lembra de ter encontrado, ao que parece há tanto tempo, na casa de sucos da avenida Sumaré. Por um instante ele sente medo, um aperto no coração. Em lugar de expressar seu temor, diz:

“Vi duas peças agora de noite, cheguei, fiz minha lição de casa. E daí desci pra beber um troco. Me acompanha?”

“No álcool não. Mas... a Coke, please”, diz ela ao garçom, que em gestos elegantes coloca à frente dela a latinha vermelha e um copo cheio de gelo até a borda. Ele termina sua bebida, e não pede outra. Sobem para o quarto. Começam a beijar-se no elevador, apesar do olhar reprovador de um casal que fala baixo alguma língua que parece ser o francês. Continuam a beijar-se pelo corredor e entram correndo no apartamento. A foda é urgente, necessária, vital. Mais uma vez Fernando é levado a intensidades não mapeadas. Quando ela se abre, cedendo às estocadas de seu caralho, ele tem a impressão de que é sugado por um turbilhão do qual nunca mais deseja se apartar. Pelas contrações do corpo sinuoso que tem entre os braços, Fernando percebe que Lucila atinge o orgasmo, e isso o faz explodir logo em seguida, com uma força que faz derreter-se a energia que lhe resta. Lucila, que o cavalgava, desaba sobre ele. Beijam-se com uma ternura saciada.

Depois, com imensa rapidez, a energia do momento muda. Lucila retrai-se. Fernando tem à frente olhos que o enxergam num momento e no outro não o veem mais. Ela tem uma expressão assustada, remota. Há certa hostilidade em sua expressão. Um bicho pronto para atacar. Em seguida a agressividade cede lugar a um desalento que traz lágrimas às bordas dos olhos arregalados.

“Por quê?”, pergunta Fernando, tocando com o dedo lágrimas que assomam. “Que aconteceu?”

Ela não responde. Com um pequeno movimento, afasta o rosto das mãos de Fernando. Este sente que a euforia da trepada tão bem partilhada se esvai num sopro gelado e triste. Não volta a dizer nada. Ouve a voz dela muito baixinha, do fundo das cobertas. Não percebe o que ela diz.

“O que cê tá dizendo?”

“Nada, Fernando.”

“Nada?”

“Você não sabe nada. Tão bom pra ver o trabalho dos outros. Mas não sabe de nada.”

### **Cinco.**

Mais alguns dias de intensa atividade se passam e a viagem se aproxima do fim. Fernando tenta várias vezes voltar ao diálogo daquela madrugada, mas Lucila desconversa. Não lembra de nada do que ele diz, afirma, e pergunta de onde foi tirar essas ideias. Mas ele sente que a mulher está diferente. Desde aquela noite não voltaram a transar. Eu quero, procuro, tento, mas ela, sei lá, fica longe, dá uns beijinhos, faz uns carinhos. Beijinhos? Carinhos? Merda. Sempre ela que decide. Quando quer, como quer. Ele suspira cada vez que pensa nisso. Sente-se frustrado. Quando tem a impressão de haver rompido uma barreira, os muros voltam a se erguer com rapidez e eficiência. Pô, é assim desde que a gente começou. Tenho que pular fora. Tô de saco cheio. Que porcaria de história que não se resolve. Isso nunca vai dar em nada. Desde a tal noite, Lucila deixou de sair com ele. Afirma que a viagem já está terminando, e ela não chegou perto do que quer fazer. Tem que trabalhar mais. Sai cedo do hotel pela manhã e corre para o teatro, onde passa o dia trancada na pequena sala de

ensaios. Fernando passa pelo Workshop no horário das refeições. Almoçam e jantam juntos em um pequeno pub perto do teatro. Mas passam o resto do tempo cada um envolvido em suas atividades. Encontram-se apenas para dormir.

Na sexta-feira, três dias antes da data marcada para o embarque de volta ao Brasil, a pedido de Veredas e de Rogério, Fernando cancela compromissos para rever *Pauta Plauto*. Atua depois como mediador em um debate sobre o espetáculo que, dada o grande sucesso de bilheteria e crítica da montagem, a direção do festival resolveu pautar, atendendo aos pedidos de jornalistas que cobrem a grande festa do teatro. Quando está se dirigindo com Veredas para o palco, onde vão compor a mesa da conversa com o público e os jornalistas numerosos que permaneceram na sala após a apresentação, o diretor lhe diz, com seu sotaque lisboeta agora atenuado por meses de convivência com a trupe brasileira:

“Você sabe que a menina Lucila está de parabéns, não sabe?”

“Por que, Veredas?”

“Ora, por conta do trabalho que está a desenvolver para a *Oréstia*, pá. Ela chamou-me ontem. Vi um bocadinho. É muito poderoso o talento dela.”

Fernando ouve a própria voz. Diz alguma coisa por dizer, uma generalidade que nada significa. Quase parou de andar com o susto, mas não pode fazer isso agora. Não com essa porção de gente na plateia que espera pelo debate. Continua a caminhar. Avança pelo corredor e sobe para o palco. Ele, Veredas, Rogério e Sônia compõem a mesa. Estrutura high tech. Um tradutor simultâneo verte para o inglês as falas dos atores brasileiros, que não falam inglês. Fernando faz a apresentação do grupo, conta do encontro do célebre diretor internacional com a companhia paulistana. Está aliviado porque logo depois do espetáculo tomou algumas notas sobre o que deveria dizer, e agora lê o que registrou. Sua cabeça gira num turbilhão. Lucila deixou Veredas ver o trabalho, e até agora

nunca, nunca me chamou. Ouve pela metade as perguntas. Fica aliviado por não ter que funcionar como tradutor. Não consegue prestar atenção ao que dizem. Busca se concentrar, fechar o foco de sua atenção na conversa. Em vão. A sensação que tem é de que foi traído. Tem raiva de Veredas. Que direito tinha ele de atender ao chamado de Lucila para conferir o trabalho que ela está desenvolvendo? É um absurdo isso, não tem lógica, para de ser ridículo, porra. Por que ele não poderia ir? Tem todo o direito.

“Então o processo de criação...”

“O trabalho foi pensado em camadas, uma arqueologia de Plauto...”

“Sem dúvida não esperávamos, quando a peça estreou, que a coisa...”

“... e não sei o que o Fernando pensa disso.”

O crítico, totalmente alheio ao que está sendo dito, é salvo por Rogério, que percebe sua expressão aflita.

“Acho que o Fernando concorda conosco que a política cultural para o teatro, lá no Brasil, ainda deixa muito a desejar.”

“Com certeza, com certeza.” Fernando tenta dar alguma convicção a sua voz. No entanto é estranho. Não sabe exatamente sobre o que estavam falando e tem medo de usar argumentos inadequados. “Por muitas razões”, acrescenta numa voz um tanto hesitante. “A maior delas é que a cultura e a arte nunca foram prioritárias para nenhum dos governos que tivemos nas últimas décadas.” Fica aliviado quando vê que Rogério e Sônia aprovam o que diz com leves movimentos de cabeça e sente que avançou na direção certa. “O planejamento do governo para arte e cultura ganhou mais relevo e peso desde o fim do regime militar, mas está longe, muito longe do que tem de ser.”

A coisa continua assim por mais algum tempo. Fernando não vê hora de sair dali. Nunca foi tão errático e impreciso na condução de um debate. Nunca se sentiu tão inerte. Isso não pode continuar. Tenho que dar um jeito. Onde

que já se viu? Enfim as perguntas rareiam, os participantes da mesa olham para Fernando, concordam que é hora de encerrar a conversa. Fernando agradece a todos, que se aplaudem uns aos outros. Quando Fernando se encaminha para a saída, acompanhado por Veredas e pelo casal de atores, vê uma figura familiar. O vulto magro, calças pretas e camisa branca, nariz adunco, longos cabelos negros, olhos atentos, caminha em sua direção. É Gerald Thomas. Ele e Fernando têm a mesma idade. Conhecem-se há longos anos, desde que o diretor passou a trabalhar regularmente em São Paulo, na década de 80, no século passado. Com o passar do tempo, Fernando e o diretor tornaram-se amigos.

“Gerald, você assistiu o debate?”

“Não, querido. Estamos ensaiando aqui no teatro, e como me disseram que vocês estavam aqui, vim dar um abraço. Nós estreamos amanhã. Vamos fechar o festival.”

“Eu sei, tenho ingresso pra te ver.”

Veredas se aproxima. Os dois diretores se cumprimentam com familiaridade e afeto. Fernando observa o encontro. É evidente que os dois se conhecem bem. Rogério, Sônia e outros atores unem-se ao grupo. Fernando ouve cumprimentos pela condução que deu ao debate. Não acredita no que ouve. Sabe que estava ausente, foi medíocre sua condução da conversa. Mas acha melhor não argumentar. Não gostaria de ter de se explicar. A conversa deriva para outros territórios até que todos se despedem. Veredas convida a todos para jantar. Fernando escusa-se. Está exausto. Tem de acordar muito cedo no dia seguinte para ver um espetáculo. Gerald também se desculpa. Tem uma reunião de produção ainda esta noite, no hotel, antes de dormir umas horas. Tem de seguir para o teatro em que se apresentará às sete da manhã para acompanhar a afinação da luz, que é complicada, segundo diz. O festival envia uma van para buscar o encenador. Fernando descobre que estão hospedados em hotéis vizinhos. Gerald

lhe oferece carona. Apresenta a Fernando os técnicos de sua equipe, que o aguardavam, em frente ao teatro. Acomodam-se no veículo. Fernando sente-se ainda aturdido. Não consegue digerir a informação de que Lucila permitiu a Veredas ver seu ensaio. Gerald, perspicaz, percebe que há alguma coisa errada.

“Aconteceu alguma coisa, Fernando?”

“Não, por quê?”

“Você está estranho. Parece longe.”

“Bem, mais ou menos isso. Acho que num lance aí eu fui muito longe.”

“Não quer contar? Ajuda.”

“Não vou encher tua cabeça com minhas besteiras. São problemas pequenos. O que acontece mesmo é que estou muito cansado, Jerry. Chegamos aqui há oito dias. Vi a média de quatro espetáculos por dia. Estou no limite.”

“Quer comer alguma coisa? No meu hotel há um bom restaurante.”

“Acho que seria bom. Sim, seria bom. Vamos.”

Saltam da van na porta do hotel. O restaurante não é grande e está lotado. Mas Gerald não demora a arranjar mesa. Acomoda Fernando e pede licença para subir até o quarto, onde quer deixar a mochila com o laptop. Fernando espera pela volta do encenador para fazer o pedido, e toma uma cerveja enquanto isso. Responde e-mails no iPhone. Conta aos filhos que está bem, Edimburgo é linda, passeou muito, foi demais ao teatro. Avisa o irmão que chegará na terça pela manhã e pede-lhe que informe Dona Rita. Lê o que escreveu e envia as mensagens. Abre então a página de seu provedor, para ver as últimas notícias. E nem assim consegue afastar da mente a lembrança da voz de Veredas, da frase, da informação contida nela. Porque isso dói tanto? Que merda, eu tenho que pensar em outra coisa. Assim não é possível. Ninguém consegue. Volta à tela de e-mails. Escreve para Ana e agradece a informação de que tudo está bem com a casa e com João. Pensa em como são relativas as coisas. Não

muito tempo atrás estava doente por causa do fim de seu longo casamento. Agora tem certeza de que ela tem dormido lá com o novo marido, e isso não o incomoda minimamente. Mas o fato de Lucila haver chamado Veredas para ver seu ensaio joga-o neste absurdo estado de nervos. Assim é impossível. Está outra vez às voltas com a tela das últimas notícias quando Gerald retorna. O encenador indaga mais uma vez se Fernando não deseja lhe contar o que tanto o deixa tenso. Ante a negativa do crítico, Gerald faz um pequeno movimento com os ombros que termina num expressivo gesto interrogativo de mãos. Sorri de leve. O rosto pálido, circundado por longos cabelos pretos, expressa suavidade, e ele assente com um breve aceno de cabeça. O garçom se aproxima. Gerald pede um chá com torradas, Fernando, uma sopa de legumes e uma taça de vinho.

Gerald pergunta por amigos comuns. Indaga a Fernando por que razão este não abre um blog. Ante a negativa resoluto do crítico, o encenador afirma que considera o blog um canal de comunicação dos mais importantes. Lembra que um dos textos que escreveu há poucos dias no seu diário virtual, sobre racismo no Brasil, teve perto de 17 mil acessos. E diz, expressão assustada, que além das centenas de comentários positivos e aprobatórios que seus posts recebem, há outras centenas de textos agressivos, insultantes, raivosos, que o assustam, mas não o intimidam.

“São comentários dos mais agressivos aos mais apaixonados”, diz Gerald. “Acho que nunca vi ou vivi nada igual. Alguns brasileiros consideram que escrever sobre o Brasil é escrever CONTRA o Brasil. A noção de ‘crítica construtiva’ parece que foi por água abaixo. O que vinga é essa onda de analfabetismo e xenofobia que o país adotou. Muito bem.” A conversa deriva para o festival e para as realizações que chegaram aos palcos de Edimburgo. Passam daí para o estado do teatro em geral e da arte. Gerald, que tem pensado intensamente a respeito, tem opiniões bem definidas: “Teatro não importa. Arte não

importa. O que importa é que a Ford Motor Company e as outras, como a GM, estão perto de fechar suas portas. E isso sim terá um impacto MUNDIAL, incluindo nosso querido Brasil que não aceita críticas... Assim como numa peça teatral, a cortina fecha, o drama chega ao epílogo...”

“Você acha que as coisas estão tão mal assim?”

O garçom se aproxima com os pratos e serve. Gerald toma um pequeno gole de chá, aprova com um gesto de cabeça, mordisca uma torrada e responde, em voz baixa:

“Estão péssimas. O que nós estamos vivendo é um crash, as consequências serão devastadoras. Milhares, digo, milhões de empregos no mundo se evaporam. Milhares de famílias dignas viram *homeless*. Brincamos demais por tempo demais. Esse será o preço. A coisa não começou ontem, não começou com Bush. Nada tem a ver com ele: tem a ver com Reagan/Thatcher que mandaram ver na desregulamentação e... a *free market economy* e a invasão japonesa e coreana e... agora o xeque-mate!”

As palavras do encenador, ditas em voz baixa, mas com uma intensidade atordoante, afetam Fernando. Todo o seu sofrimento naquela noite, a estúpida reação que teve à inadvertida revelação de Veredas, parece-lhe algo de risível, de grotesco, ante o quadro que as palavras de Gerald traçam. Tenta acompanhar com toda atenção o raciocínio do encenador. Mas não o segue com o devido foco. Gerald volta à questão do racismo e vai além:

“Essa mesma hipocrisia xenofóbica, que não permite mais que se fale criticamente do racismo no Brasil, e essa mesma hipocrisia que deixa que se vendam bebidas alcoólicas aos montes em supermercados e cigarros aos montes, mas obriga a manter a ‘droga ilegal’ em estado de ilegalidade, para que alguns *lobbies* ainda consigam pensar em leis e para que algumas ramificações das polícias, as várias, controlem o tráfico”.

A questão o leva a transitar para a matéria de capa de uma revista semanal, que dedicou, faz poucas semanas, páginas e páginas para tratar de um ator famoso que se afundou na cocaína. Mas o que lhe interessa não é a história pessoal do ator, e sim do jeito como a tal revista o tratou:

“Me choco com a hipocrisia da reportagem. Sim, as redações cheiram, se drogam, assim como acontece em qualquer outro departamento da sociedade. E escrevem sobre algum ídolo da TV que se droga. Metalinguagem melhor, mesmo, somente se um cego descrevesse uma paisagem. Mas esquecem também que Jimi Hendrix morreu aos 27 anos. Causa oficial: engasgou em seu próprio vômito. Mas quem estava vivo naquela época, como eu, via que a tragédia estava pra acontecer”.

Como sempre acontece quando conversa com Gerald Thomas, Fernando tem a sensação de que o encenador estabelece ligações entre fatos que ele jamais conectaria, mas que, quando aproximados, estabelecem esquemas lógicos evidentes. Diz isso a Gerald, mas este está envolvido com seu raciocínio:

“E foi o mesmo com Cazuzza ou com Clapton e Joplin, Jim Morrison ou Sigmund Freud que, por assim dizer, a introduziu ao mundo clássico, neoclássico, hostil, da psicanálise. Mas Rimbaud e Genet e, ah, claro! Manoel Bandeira e Sérgio Porto e Vinicius de Moraes, grandes fãs do pó! Pra não falar da cena intelectual de Paris dos anos da *Belle Époque*. As reportagens esquecem Cole Porter que fazia apologia! Estranho esquecerem Miles Davis, Porter, Ellington, Charlie Bird Parker, etc. Mas tudo bem. E não citarem a *beat generation*, Bill Burroughs. Ou Tim Leary”.

“Como você vê as coisas no Brasil?”, interpõe Fernando.

“Tudo velado. Economia velada, vícios velados, governos velados. Mas não só no Brasil. O que temos agora? Uma economia falida num sistema que *agora* se repensa. Que bom! Sou capitalista. E o capitalismo sempre teve que

se repensar. Karl Marx, se lido a sério, examina o problema da mais-valia e acha necessário que o ‘tratamento de choque’ na sociedade industrial, que ele foi examinar na Inglaterra, precisa ser reestruturado. E isso quebra muito ego. E ego precisa de psicanálise. Muita análise precisa de droga. Muita droga é legal. Muita droga legal também leva ao mesmo ‘escapismo’ que a ilegal. Muita droga legal nos leva a crer que estamos *contendo* as compulsões que queremos ter porque *tudo* em volta está *caindo aos pedaços*. Tudo bem, se a farsa é pra ser farsesca, qual o problema em torná-la uma *commedia dell’arte*? No Brasil a minimizam e sorriem amarelo e ficam em constante estado de negação, dizendo para si mesmos: ‘*Não somos um país racista. Esse Gerald é uma merda, que volte pro seu país!*’”

“Eu imagino um monte de gente falando isso com convicção, Gerald”, diz Fernando, com uma expressão inconformada.

“Então?”, exclama Gerald. “O que eu digo? A hipocrisia é o maior problema, seja na questão do racismo, das drogas, em lidar com a morte, em lidar com seu melhor amigo, ou com o Mensalão, ou com política, ou tentar entender a natureza do ser humano... Meu trabalho é contra a burrice, contra a falta de cultura dentro da falta de cultura, e enquanto houver aqueles que não sabem quem foram Ovídio, Homero ou Shakespeare, e berrarem do fundo de suas almas umas cretinices difíceis de serem curadas, eu não recomendo as clínicas de reabilitação pra drogados que há por aí. E por quê? Porque, assim como no teatro, um *rehab* é como uma redação de jornal, revista, ou empresa qualquer: por trás, o que existe não é o real interesse na recuperação de ninguém. O que existe é a propagação de alguma imagem. E essa imagem, infelizmente, está com falência múltipla de órgãos, e justamente por causa dessa falência as pessoas têm sempre, ou quase sempre, a chamada recaída: Wall Street está aí para confirmar que caímos porque somos hipócritas e gostamos mesmo é de xingar

os outros. E quando levantamos, assim como Ícaro tentou, e Howard Hughes também, caímos de novo!”

“Você vê as coisas de um jeito tão sombrio...”

“Não consigo ser otimista. Você consegue?”

“Acho que tenho um pouco mais de esperança. Desejo que as coisas não sejam tão sinistras.”

“Querido, eu também desejo. Mas não é o que eu vejo. Tenho que ser coerente e dizer não o que quero que aconteça, mas o que acontece, percebe?”

Fernando terminou de tomar sua sopa. Gerald, que ainda beberica seu chá em mínimos goles, e que não tocou mais nas torradas, indaga do crítico sobre a *Fluorescente* e o espetáculo de Veredas.

“Vou ver no domingo”, diz. “A sessão deles é às cinco, e a minha às oito. Fiquei feliz, vou matar a curiosidade.”

“Por quê?”

“Ora, porque todos os curadores de festival com quem conversei estão fazendo o maior burburinho com *Pauta Plauto*. Vocês não sabem disso?”

“Não. Qual o motivo?”

“Fernando, é a vingança de Veredas?”

“Vingança, Gerald?”

“Uma vingança linda, cheia de classe. Eles foram casados, Veredas e Ruwno, durante quase dez anos. Desde meados da década de 80.”

“Não fazia a menor ideia.”

“E Ruwno é mais velho, é gordo, é chato, mas foi ele quem deu o fora em Veredas. E do jeito mais escroto. O espetáculo sobre Aristófanos foi concebido e desenhado pelo Veredas, que ia montar o trabalho com um pessoal de Lisboa. O Ruwno se adiantou e fez com o grupo dele, de Kiev. E explorou a coisa tão

bem que há mais de dez anos vive disso. A coisa ainda tá em cartaz em Nova York.”

“Eu sei, assisti lá.”

“Veredas foi de uma elegância absoluta, nunca levantou a voz pra dizer uma sílaba contra aquele velho trambiqueiro. Acho que meia-dúzia de pessoas no mundo sabem dessa trama do Ruwno. Eu conhecia bem os dois e fiquei sabendo por uma amiga minha, que é assistente de Veredas. E esse português é danado de inteligente. Esperou por dez anos pra dar o troco. E deu em grande estilo, com um grupo desconhecido do Brasil, que vai tomar os festivais do mundo todo de assalto.”

“Você acha?”

“Tenho certeza. Pelo que já ouvi falar desde que cheguei aqui, essa trupe foi a maior surpresa do festival, e vão chover convites. Tenha certeza.”

Despedem-se com abraços na porta do hotel. Prometem não perder contato. Fernando caminha a distância curta que o separa de seu hotel pensando na diferença entre a imagem pública e a intimidade do artista a quem acaba de desejar “boa noite”. Temido pela imprensa, com fama de áspero criador de casos, Gerald é no trato pessoal de uma educação e uma gentileza raras. Pensa no que o encenador lhe disse, na quantidade de assuntos que abarcou na longa conversa. E só então se dá conta de que pela primeira vez, nas últimas muitas horas, deixou de se ocupar obsessivamente de Lucila e do maldito ensaio para o qual não foi convidado. Mais que isso, durante quase toda a conversa, nem mesmo lembrou da mulher que o perturba tão intensamente.

Quando entra no hotel, depara com todo o pessoal da Fluorescente no bar. Lucila está com eles e levanta-se ao vê-lo. Abraça-o e dá-lhe um beijo na boca. O coração de Fernando bate mais forte. Ela nada diz. Quando se aproximam do grupo, que bebe e ri, Rogério levanta-se e o saúda:

“Salve o responsável por tudo isso!”

Fernando olha-o espantado. Sônia levanta-se e dá-lhe um abraço:

“Nós fomos convidados hoje pra uma temporada de quinze dias em Londres. E podem ser prorrogados por mais quinze.”

“Que coisa boa”, exclama Fernando. “Mas eu não tenho nada a ver com isso. O mérito é todo de vocês, da qualidade do trabalho, da direção.”

Veredas aproxima-se, sorridente, e abraça Fernando:

“Como não? Você foi o responsável pela projeção imediata que *Pauta Plauto* teve. Não fosse a matéria, sei lá como teria sido a vida da montagem.”

“Gente, é tarde, estou cansada”, diz Lucila, que se volta para o crítico: “Vamos subir?” Despedem-se. Quando estão a caminho do elevador, ela o enlaça pela cintura e diz: “Eu pedi pro Veredas ver meu ensaio. Ele gostou. Agora eu tenho coragem de te pedir pra assistir o que eu tô fazendo. Você me faria o grande favor de ir amanhã ver meu ensaio? Mas se você não tiver saco, é só falar, eu vou entender. Mas queria muito que você fosse lá. Ei, por que está rindo, hein?”

### **Seis.**

Apesar da muita insistência de Veredas, de Rogério, de todo o elenco da *Fluorescente*, Fernando e Lucila não alongam a viagem para permanecer com a trupe na capital inglesa. Fazem todos juntos o voo curto de Edimburgo para Londres. E no aeroporto de Heathrow despedem-se do grupo. Voltam ao Brasil, como programado desde o início da viagem. Ela, para os últimos meses de aulas, agora todos ocupados pelo TCC, a montagem da *Oréstia*. Ele, para retomar seus cursos e a coluna de crítica dos espetáculos da temporada, que já anda bem atrasada. Com eles retorna o cenógrafo Ronaldo R., que tem de retomar funções no departamento de cenografia de uma emissora de tevê. Fazem o check-in

juntos, e são instalados em poltronas contíguas. Quando finalmente se acomodam para a longa viagem, Fernando diz a Ronaldo:

“A gente quase não se viu durante a viagem, não é?”

“Aproveitei pra andar muito por Edimburgo”, responde o jovem, que tira um caderno de esboços, papel muito branco, e começa a rabiscar com um lápis preto grosso. “Reuni montes de material que vou usar pra pensar a cenografia da *As Três Irmãs* que os caras vão fazer. O Veredas me desafiou. Ele quer tudo condensado em um elemento único. A gente discutiu uma noite inteira. Mas eu perdi, né? Quem pode contrariar o cara, né? Ele trabalha no mundo inteiro. Ó, daqui vai pra Austrália dirigir uma ópera. Acho que a casa dele é a bagagem que carrega. O endereço do Veredas hoje é em Paris, mas ele nem mora. Pelo que eu entendi, dá uma passadinha lá, de vez em quando. E fica viajando de um país pra outro com a mesma facilidade com que eu vou pra Niterói visitar minha mãe. Dos doze meses do ano ele viaja dez.”

O cenógrafo é moreno, cabelo preto e liso, olhos amendoados, pretos também, corpo de atleta. Fala com um pesado acento carioca. Com a mesma facilidade com que disse muita coisa muito rápido, Ronaldo R., que faz questão de se apresentar assim, cala-se e se concentra nos desenhos que continua a rabiscar na página de alvura notável. Fernando saca o laptop da mochila e dedica-se à pesquisa que vem desenvolvendo sobre o novo livro. As informações de Gerald Thomas sobre o relacionamento de Pedro Veredas com Ruslan Ruwno fazem-no considerar sob outra perspectiva o móvel para o plágio, questão que está no centro da reflexão que elabora para seu livro. Lucila tomou um comprimido contra enjoo, outro para dormir, e aninha-se contra seu ombro, numa atitude descontraída. Fernando observa o reflexo dela na tela de seu computador, olha então para o rosto da moça, que está liberto agora das linhas de tensão que geralmente o agitam.

Fernando suspira. Ainda não se livrou do tormento que lhe causou a descoberta de que Veredas tinha visto o ensaio de Lucila. No dia seguinte ela fizera questão de que o namorado, que é como ela o chama, fosse à salinha do Workshop para acompanhar seu ensaio, sua interação com a música produzida por computador, para pavimentar o caminho do coro da *Oréstia*. Fernando se sentiu maravilhado pelo que viu. Não economizou elogios. E fez observações sobre efeitos de duplicação de vozes que pareceram fundamentais a Lucila. Sabe que o amor-próprio, ferido com o convite feito por ela a Veredas, está restaurado. Afinal ela não o estava preterindo. Ao contrário. Mas Fernando sente-se mal desde a fatídica sexta-feira. Fiz papel de bobo. Fui um idiota. Não podia ter me deixado afetar daquele jeito. Quem sabe, se eu tivesse contado pro Jerry, talvez ele tivesse me dado algum conselho. Mas não. Eu tinha que me fechar, feito uma ostra. E pensa que acaba de usar um lugar-comum que horro- rizaria seu editor no jornal, que luta contra todos os vícios de linguagem e tem ojeriza a lugares-comuns. Suspira outra vez, profundamente. Desliga, fecha e guarda o laptop. Recosta a cabeça no espaldar. Endireita as costas. Estabelece um padrão de respiração. Durante alguns minutos consegue meditar. Mas a vibração constante do motor do avião o distrai. Acaba por desistir. Liga seu iPod, aciona o arquivo de músicas, pluga os fones de ouvido e mergulha nos álbuns do grupo de garotos islandeses Sigur Rós. Mais tarde, um tanto enjoado desses exercícios lisérgicos modernos, transita para canções de Rufus Wainwright. Por fim cai num sono intermitente, do qual acorda a cada vez que Lucila muda de posição em sua poltrona, o que acontece com frequência. Tenta ver um filme na tevê. Mas tem os olhos cansados. Mais uma vez promete a si mesmo ir ao oculista. Tem vergonha cada vez que pensa nisso. Há meses que, todos os dias, jura que amanhã ligará para marcar hora no oftalmo. Até agora nada. Nos últimos meses andei relaxando. Já tinha que ter ido de novo ao cardiologista também.

Aliás, bom pensar em um check-up. Não estou ficando mais novo. Tenho também que voltar pra natação. Ultimamente, fico só na caminhada. Legal, sei que faz bem, mas não é a mesma coisa. Percebe que tem de se descontraír. Está tenso demais. Nunca adormecerá assim. Volta ao padrão de respiração. Massageia a musculatura dos ombros, rígida. Baixa a cabeça até encostar o queixo no peito, então gira-a em um círculo aberto, num movimento lento.

Desiste enfim de dormir. Folheia o número mais recente da *Piauí*, que carregou a viagem inteira sem abrir, mas, em lugar de ler, queda-se imóvel, absorto na contemplação de Lucila. Ela dorme inquieta. Os movimentos são bruscos, defensivos. Ele se espanta por alguém com o sono tão leve conseguir dormir no avião, com a vibração dos motores transmitindo-se surda e incessantemente para tudo que os rodeia. Pensa então que a moça deve tomar alguma coisa para dormir. Incrível como a gente não se conhece. Não sei nem que remédios ela toma. De Ana, sabia até a marca do absorvente. De Lucila, nem isso sei. Nunca fui com ela às compras. Passamos dez dias juntos e eu não sei qual a marca do dentifrício que ela usa. Está dentro de uma bolsinha que ela nunca deixa aberta. Nunca deixa nada aberto.

Fernando pergunta-se mais uma vez por que está com ela. Ao mesmo tempo em que formula a questão, sabe a resposta. Será que precisa submeter-se a essa indignidade? Respira fundo. Tenta esvaziar a mente, não consegue. De que adiantou todo seu treino com meditação, se não consegue pensar claro nunca? Jamais é capaz de ver-se com o distanciamento que desejaria atingir. Mas lembra então do dia em que, muitos anos atrás, quando era ainda um aluno de meditação, entrara no centro para encontrar seu instrutor, que ele considerava um homem de notável equilíbrio, mergulhado numa discussão aos gritos, decompondo vigorosamente dois de seus auxiliares. Lembrava da surpresa que sentira, da vergonha que experimentara. Como se fosse sua a culpa daquela

briga, dele que vira no mestre de meditação um homem isento de paixões. Levava semanas até voltar a encontrar dentro de si a disposição correta para o exercício de foco e respiração cuja prática diária lhe fazia tão bem. Essa tentativa de ser mais tolerante consigo faz-lhe bem. O que ele tem que admitir? Que está apaixonado por Lucila? Que cada vez que a olha sente uma perturbação física? Que se sente deslocado nesse papel, e não considera adequado a um homem à beira da velhice, como é seu caso, o errático impulso do apaixonado? Quando pensa em exemplos literários de histórias de amores serôdios, nunca escapa da lembrança d'*O Velho da Horta*, comédia de Gil Vicente que fustiga os amores, pintados como ridículos, de um velho por uma mocinha. Viu a peça montada quando estava na escola de teatro, e por alguma razão jamais a esqueceu.

Sua atenção é desviada dos personagens vicentinos por Lucila, que geme baixo e mexe-se, inquieta, outra vez mudando de posição. Tem a expressão contraída. A testa está molhada de suor e as mãos, crispadas. Um balbúcio indistinto e tenso brota de seus lábios pálidos. Ele inclina-se para ela e coloca as mãos nos ombros magros da moça. Não precisa nem sacudi-la. Ela acorda assustada. Por um momento parece não saber onde está. Depois olha-o por um instante com profundo ódio. É exatamente isso que Fernando lê nos olhos castanhos. Sente-se alarmado. Abre as mãos e solta os ombros dela, que está agora segurando com desnecessária força. A agressividade na expressão de Lucila logo se desfaz, ela olha com desamparo para frente, oscila. E abraça-se a ele. Ele a enlaça, um gesto hesitante. Voz baixa, diz:

“Foi um pesadelo.”

“Um pesadelo...” Ela repete o que ouviu sem muita convicção.

“Você estava choramingando. Olha como está.”

Passa a mão na testa dela, úmida de suor.

“Vou lavar o rosto.”

Ela avança pelo corredor escurecido. Ele a vê entrar em um toalete próximo às poltronas que ocupam. Fernando olha para o lado. Reinaldo R. agora dorme tranquilamente. Acende a luz da poltrona e abre a *Piauí*. Tenta se concentrar na leitura de um artigo que lhe interessa, mas não consegue tirar da cabeça a lembrança do olhar de Lucila. No que estava pensando, porra, pra me olhar daquele jeito. E ela sabia que tava olhando pra mim. Sei que ela sabia. Porque tinha saído daquela coisa vaga de quando acordou. Ela me olhou e sentiu aquilo. E depois o abraço. É isso que o deixa confuso. Tenta se concentrar na leitura. Mas não vai muito adiante do primeiro parágrafo. Percebe que já se passou mais tempo que o normal. Fica apreensivo. Deixa a revista, desliga a luz. Levanta-se e, no corredor escurecido ele vai até a porta do toalete. Bate.

“Lu, você está bem?”

A porta se entreabre em resposta.

Ela está apoiada na pia. Sorri.

“Tava imaginando quanto tempo você ia levar pra vir.”

“Hein?”

Ela não diz mais palavra. Sorrindo, puxa-o para si, ansiosa. Beija-o com intensidade. Fecha a porta e trava-a. Apoia-se contra a pia e busca a boca de Fernando, escorrega para o pescoço. Ele tenta se desvencilhar. Sente-se levemente intimidado. Mas a ansiedade de Lucila e a sofreguidão com que se atira a ele, como sempre, exercem sua magia e rapidamente todas as resistências cedem. Excitado, ele se deixa devorar pela moça. Empurram-se um contra o outro, como se quisessem mesclar-se no corpo alheio. Intenso e breve e tudo. Quem possui quem? Quem se deixa penetrar e quem é penetrado? Quando chega ao orgasmo, ela o beija intensamente, esmagando com o beijo os gemidos que se avolumam. O prazer dela desencadeia o dele. Intenso e agudo como um raio que o penetra e parte em milhões de pedaços.

Permanecem arfantes, enlaçados, sorridentes. Entendem-se por mímica. Ele se lava e se ajeita primeiro. Sai do banheiro e retorna pelo corredor escuro para a cabine. Tem o rosto em fogo. Quando se senta em sua poltrona, percebe que o sorriso está congelado em seu rosto, os músculos doem. Deixa então de sorrir. A sensação de perigo intensificou o prazer. Mas ele agora se sente embaraçado. Algo que não pode explicar. Não consegue. Detesta dar nomes ao que está acontecendo. Por que é necessário definir tudo em substantivos, adjetivos? Ele sabe o que está vivendo, poderia colocar tudo em palavras, se quisesse. Mas não gosta de pensar nisso. Por que será necessário? Que merda essa mania nossa de catalogar tudo, de deixar emoções e experiências cada uma em sua gaveta. Como se fosse possível organizar o caos. Pensa em sua conversa com Gerald Thomas. Se realmente o caminho do mundo leva para a entropia, se o sistema devorará a si mesmo, não com um estrondo, mas com um gemido, como disse..., quem mesmo disse?, Eliot na terra arrasada, será?, mas se o caminho do mundo é mesmo esse, então vale o quê? Que se deve fazer? A única ideia que lhe parece viável é agir como os velhos romanos, os estoicos, com certeza. Encarar com dignidade o que vier. Será que o capitão do Titanic manteve a dignidade até o fim? Como se comportou não no mito, mas na vida real? Como se comportavam os pilotos guerra em batalha. Não John Wayne, mas os homens que de fato lutaram? Está mergulhado nessas elucubrações quando Lucila retorna. Vem com um grande sorriso, joga-se na cadeira e aninha-se contra ele, que a acolhe em seu abraço.

“Obrigado.”

“Não há de quê. O prazer foi recíproco, não é?”

“Sim, mas não é isso.”

“O que, então?”

“Obrigado por tudo. Pela sua paciência. Eu sou difícil, sei muito bem. E acho que muitas vezes você fica de saco bem cheio de mim.”

“Eu tento entender.”

“Mas não é fácil.”

“Nós somos muito diferentes.”

“Não é isso.”

“É o que então, Lucila?”

Falaram até agora sussurrando, mas de repente Fernando levanta a voz. Ela faz um gesto, olhando em volta.

“Psiu, não precisa gritar.”

“Não tô gritando.”

“Por favor não briga comigo. Eu só tô querendo dizer que sei que sou uma pessoa difícil de conviver. Estou te agradecendo por ter comigo a paciência que você tem. Não se irrite, tá bom?”

“Não estou irritado.”

“Não, mas quase brigou comigo. O que eu quero dizer é que sei de tudo que você... Quero dizer. É tão complicado.”

“Tudo é complicado na vida, Lu.”

“Eu te amo. Do jeito que eu posso amar alguém.”

“O que isso quer dizer?”

“Eu não sei explicar direito.”

“Se você não explica, eu não posso entender.”

“Nando, tem coisa que não precisa.”

Ele fica tocado quando ela o chama de Nando. Nunca estimulou ninguém a chamá-lo por apelidos, e por isso mesmo gosta quando ela faz isso. É como se reclamasse para si um território da intimidade dele. A Fernando agradaria

que ela se apossasse de muito mais. Mas não é assim que acontecem as coisas. Resolve por fim à conversa, que, sabe, não levará a nada.

“Sim, tem coisa que não precisa.”

### **Sete.**

Enquanto estaciona o carro na Praça Roosevelt, em frente ao Espaço dos Satyros, Fernando constata, mais uma vez, assustado, que o tempo corre atordoante. Parece-lhe que faz poucos dias desde que, numa já distante noite, depois de assistir à *Justine*, de Sade, enquanto tomava uma cerveja em companhia de Ivam Cabral e Rodolfo Vázquez, falou pela primeira vez da possibilidade de promover um encontro de críticos. Agora está voltando ali para dar início ao trabalho de produção executiva do evento, marcado para dali a cinco meses. Quanta coisa se passou entre aquela noite, era outono ou inverno?, e esta manhã de fim de primavera. Houve a ida e a volta a Edimburgo, a retomada das aulas, o convite de Veredas e Rogério para que ele faça a dramaturgia de *As Três Irmãs*, os intensos encontros durante as breves viagens do encenador ao Brasil, entre uma montagem na Bulgária, uma segunda na França e outra ainda na Dinamarca, a progressão dos ensaios da *Oréstia*, que ele acompanha de longe, pelos relatos que lhe faz Lucila. Chegou a ser convidado pelo grupo para assumir a direção do trabalho, mas dada sua relação com Lucila, acreditou que esse seria um gesto temerário. Lucila, pois é... Com as atividades todas dele, que só parecem crescer, e mais os trabalhos dela em música e o processo do espetáculo, sobra-lhes bem pouco tempo.

O trem de pensamentos é cortado antes que ele possa entrar num clima de autocomiseração. Chega ao La Barca, o café vizinho ao teatro. Está atrasado. Em uma mesa atrás do balcão estão ali Ivam Cabral e os outros três integrantes da comissão organizadora do encontro de crítica. Muitos encontros prévios já

foram realizados, para formatar o projeto, para inscrevê-lo na Lei do Fomento ao Teatro, que acabou destinando-lhe uma quantia pequena, menor do que a requerida, mas suficiente para sua realização. A sorridente e felliniana atendente do balcão dá-lhe bom-dia, ao mesmo tempo em que Ivam e os outros componentes da roda levantam-se para lhe dar as boas-vindas. Fernando pede um café.

“Desculpem, mas estava pendurado no computador, perdi a hora.”

“Não tem problema”, diz Ivam, sorridente. “Todo mundo meio que acabou de chegar. O que não podemos é perder tempo, porque tem muita coisa pra discutir e pouco tempo. Então vou sugerir de você levar seu café lá pro teatro. E assim podemos começar. Tá bom?”

“Claro”, diz Fernando.

O grupo se move para a sala de espetáculos, a pequena distância dali. Um mendigo de rosto muito inchado, com bochechas desmesuradamente redondas, usando uma camiseta puída e maquiagem de palhaço, passa por eles e diz alguma coisa em tom agressivo, afastando-se depois de lançar um olhar desafiador sobre os cinco. Ivam abre a sala. Todos se instalam em cadeiras ao redor de uma das mesas do bar do teatro. Fernando olha em volta.

À sua frente está Carola Aslan, mulher grande, quarenta e poucos anos, opulenta silhueta. Usa um vestido cinza justo, que ressalta suas curvas. O cabelo castanho é preso num coque frouxo. À direita dela está Gilberto Pandolfi, homem de indefinida meia-idade, aspecto fatigado, cabelos aloirados ao redor da calva pronunciada, olhos no fundo dos óculos. Usa um terno cinza um tanto amarfanhado e tem à frente uma pilha de papéis. Do outro lado, Francisco Gasner, magro, muito jovem, rosto afilado, tem o cabelo cortado num delicado estilo moicano. Veste calça xadrez e camisa listrada, tênis branco, óculos de aros de plástico amarelo. A veterana Carola cobre teatro e dança para uma revista semanal de grande circulação. Francisco, embora tenha começado a atuar

há pouco mais de dois anos, é respeitado pela seriedade com que exerce sua tarefa. Ele divide com Fernando a crítica na imprensa diária; cada qual desempenha o ofício num dos dois maiores jornais da cidade. Gilberto é o editor do principal site de teatro brasileiro na rede. Sua aparência cansada deve-se a horas intermináveis de redação, escravizado que está ao veículo que criou, abrigado por um provedor que lhe paga uma quantia miserável para tocar o espaço. Isso o força, entre outras coisas, a se fazer de vendedor de espaços publicitários em suas páginas, função que odeia. Ivam pisca os olhos atrás dos óculos de grau, armação branca, toma um gole de água e pergunta:

“Podemos começar? Francisco, é com você, não é?”

O jovem circunspecto concorda, abre uma pasta com gestos precisos e econômicos, e tira dela uma folha dobrada.

“Então, gente”, diz desdobrando o papel, “eu fui encarregado de fechar a definição dos integrantes indicados pra cada uma das mesas. Bem, vamos lá. Recapitulando a estrutura: cinco mesas em três dias, uma na sexta, duas no sábado e duas no domingo. Manhã e tarde sempre. E fica entendido que os debates da tarde não podem passar de modo algum das 18 horas, porque a equipe do teatro tem de preparar os espetáculos da noite, correto?”

“Se é que a gente vai ter debates, não é?” Carola não está nada animada. “Um ciclo tão específico como esse que vocês armaram, vai atrair quinze pessoas por sessão, se tanto.”

“Ah, você me desculpe”, exclama Gilberto. “Mas isso que está dizendo é só ressentimento porque nós não concordamos com você, que queria enfiar atores globais no meio da história.”

“Eu não queria enfiar atores globais...”

“Não? E por que ficou então tanto tempo insistindo em juntar críticos e criticados em todas as mesas do encontro? Claro que você queria alguns atores de novela aí”, dispara Gilberto.

“Mas isso é um absurdo”, interpõe Francisco. “A gente às voltas com um monte de problemas...”

“Isso mesmo”, acorre Fernando. “E vocês aí, ainda discutindo em cima de uma história que achei que já tava resolvida.”

“Tanto não estava”, sibila Carola, “que volta à pauta toda reunião. Temos muito trabalho, faltam cinco meses pra coisa. Mas notem que eu não estou defendendo nada. Aceitei a decisão de vocês. Só que tenho minhas dúvidas, e tenho o direito de expressá-las. Não é mesmo, Ivam?”

“Eu disse desde a primeira reunião que o conceito do encontro tinha que ser definido por vocês”, diz o ator, sorrindo. “Meu papel aqui é dar infra pro que vocês vão fazer. E combinar o lance da assessoria de imprensa.”

“Carola”, diz Francisco tirando os óculos, que movimentava nas mãos, em gestos angulosos, “me desculpa dizer, mas até hoje é você que não se aquietou. Ficou supercombinado que esse encontro, que tomara que seja o primeiro de muitos, vai ser voltado pros depoimentos dos críticos e ex-críticos sobre seu trabalho. Diretores, atores, vão ser muito bem-vindos, mas nas mesas a gente está tendo que cortar gente bacana, porque não tem espaço.”

“Tem tanta gente assim fazendo crítica?”, indaga Ivam.

“Juntando São Paulo e Rio e os outros estados e as universidades, tem sim. E mais editores de cadernos de cultura, que também vamos trazer”, diz Fernando. “Vamos ver então a composição das mesas, Chico?”

A reunião avança. Aos poucos, não sem alguma controvérsia, debatedores e moderadores, todos críticos, jornalistas ou editores, são encaixados em suas respectivas rodas de debates. Enfim Fernando olha as horas e vê que passa

bem já do tempo combinado para a reunião. Propõe que as tarefas de organização restantes sejam divididas entre os organizadores. Ivam se responsabiliza pela divulgação. Outras funções são confiadas aos outros integrantes da comissão. Fernando e Carola dividem entre si a tarefa de confirmar com os convidados sua participação nos debates e transmitir a data em que se apresentarão. Francisco vai cuidar da parte administrativa do evento, gerindo receitas e gastos. Gilberto fica com a tarefa de assessorar Francisco no que for necessária e de cuidar da hospedagem e alimentação dos críticos que virão de outras cidades. Embora a maioria dos participantes seja de São Paulo e em menor número do Rio, foi possível no fim das contas, graças a grandes remanejamentos do reduzido orçamento, além de alguns poucos, mas providenciais apoios, trazer também uns poucos profissionais de Porto Alegre, Belo Horizonte, João Pessoa e Recife. Isso fez com que o encontro ganhasse outro peso e abrangência. Aumentou também as dificuldades logísticas. Mas tudo está caminhando bem, para grande alívio de Fernando, que temeu que tudo fosse desandar de um instante para outro, desde que o projeto começou a tomar corpo. Agora percebe, aliviado, que esteve errado. Sente-se impressionado acida de tudo pela capacidade de organização e pelo senso prático de Francisco, que parece um nerd, mas é absolutamente objetivo e prático em tudo que faz, assim como em tudo que escreve. Fernando despede-se do grupo. Marcam outra reunião para dali a sete dias e cada qual toma seu rumo. Ivam acompanha Fernando até o carro.

“Tudo bem, cara?”, pergunta o ator enquanto o crítico abre o veículo.

“Sim, por quê?”

“Não sei. Você parece estranho.”

“Estranho como?”

“Difícil definir. Tem alguma coisa.”

“Não esquenta, não é nada.”

“Tá OK, mas se precisar, é só dar um berro que a gente vai correndo.”

“Tá certo, querido. Se eu precisar, dou um berro.”

“Não brinca. Tô falando sério, Fernando.”

“Eu sei. Não tenho dúvida. E agradeço. Mas fica frio, não é nada”

Despedem-se. Fernando liga o carro e põe-se a caminho de casa. Liga o aparelho de som. Madreus. A voz de Teresa Salgueiro sempre provoca nele alguma coisa estranha, que não sabe definir. Algo que é reconfortante e ao mesmo tempo ameaçador. Não sabe explicar melhor. É assim que sente. Não sabe por que se sente apreensivo. Não tem a ver com a reunião. O maior problema era Carola voltar a insistir numa ideia superada. Isso enfim aconteceu, mas foi resolvido pelo grupo sem maiores tensões. O evento está bem encaminhado. Ainda têm tempo suficiente para resolver todos os problemas que vão surgir no meio do caminho. O livro também caminha bem. Não está apaixonado pelo projeto, mas sabe que o texto está bem pesquisado e bem escrito. Devia um livro ao editor. Afinal, são amigos faz tanto tempo. Gostou da ideia, quando a tiveram. Mas seu projeto inicial era ancorar a ampla reflexão sobre direitos autorais, vista a partir do ângulo de plagiadores e plagiários, no episódio de plágio consentido de Ruwno/Veredas. Porém, quando soubera por Gerald Thomas de toda a história por trás daquele caso, percebera que se apoiava em uma premissa falsa. Não podia mais voltar atrás. Tinha que entregar o livro. E a maior parte já estava esboçada. Tratava-se agora de mudar em parte o eixo da discussão. No entanto, isso não chegava a ser uma preocupação. Ruwno havia alegado que tudo que tinha a falar a respeito do episódio fora dito ao ser entrevistado para a matéria publicada na ocasião da estreia de *Pauta Plauto*. Recusara-se a uma nova entrevista. Mas Fernando tinha muitas teorizações e reflexões de Veredas registradas em três longas conversas. E o silêncio de Ruwno poderia ser preenchido com essas interpretações. Havia um ponto ali, poderia

ficar interessante o plagiário explicar-se e o plagiado manter-se em silêncio. Quem sabe o silêncio de Ruwno não poderia render todo um capítulo?

Se não é o livro que o incomoda, nem o encontro dos críticos, resta Lucila, talvez? Não, ela não. Eles se veem pouco, menos do que gostaria, estão os dois trabalhando em excesso. Mas isso torna os encontros mais prazerosos e intensos. Ele não gosta de pensar nisso, mas já se ajustou há muito às fronteiras estabelecidas por Lucila. Não as acha desconfortáveis, a bem da verdade. É confortável ter a casa toda à sua disposição. Anda mexendo na decoração, reformou móveis, mudou sua disposição, trocou alguns deles, deu uma cara nova ao apartamento sem gastar muito dinheiro. Desfez-se de quadros antigos. Dona Rita não quis nenhum. Eram modernos demais para o seu gosto, afirmou com absoluta sinceridade. Ele deu alguns ao irmão, outros a Lucila. No lugar das peças antigas, colocou outras mais de acordo com seu estado de espírito presente. Por que então, se as coisas estão assim, desse jeito, eu me sinto tão esquisito, tão triste? O que tá rolando? Cabeça de velho cheio de mania, que não gosta de relaxar nunca.

Chegou já faz algum tempo à garagem ao lado de sua casa. Mas não desceu do carro. Ficou ainda ouvindo a voz de Teresa Salgueiro, sem atentar para o que ela canta, enquanto pensava e pensava. Desce do carro, entra em casa, é saudado por Juão, que o recebe saltando e pousando as patas dianteiras em seu peito. Depois de se equilibrar, brinca com o cão. Deixa a mochila no escritório. Põe água e ração para Juão, que se atira faminto sobre a tigela. Observa-o comer por alguns momentos. Depois tira carne para descongelar, separa ingredientes para um risoto e uma salada. Mas não prepara o almoço. Quando percebe que Juão acabou de comer, vai até a porta, pega a coleira e chama o cachorro com um assobio. Juão atravessa o corredor e a sala, corre, atropelando-se nas próprias patas, latindo feliz. Saem para a rua. O exercício faz bem a Fernando. Ele

sente o sangue latejar em suas veias enquanto acompanha, com passo enérgico, a força impetuosa de João que sobe as ladeiras arborizadas com o mesmo prazer de um filhote que se aventura pela primeira vez. Fernando não tenta refrear o cão. Ao contrário, apressa o passo para seguir o ritmo. Chega ao alto da ladeira ofegante. Senta-se com alívio no banco da praça. Mas está satisfeito. O movimento dissipou a opressão, ou modificou-a. Não sabe bem. Percebe, porém, que está mais à vontade agora, menos tenso, ansioso. Massageia o pescoço com as mãos. Levanta-se e volta a andar com João. Não quer soltá-lo da coleira. Ele anda estabanado, parece não ter noção do próprio peso. Da última vez que o soltou, quase foi atropelado. Agora leva o bicho pela trela. Enquanto caminha pensa em algumas questões que tem de equacionar para seguir adiante no livro. Ainda lhe faltam duas entrevistas que considera fundamentais. Compõe mentalmente os e-mails que vai enviar solicitando as conversas enquanto guia João pela encosta descendente da colina, a caminho de casa. Quando entram, João se espreguiça e se enrola sobre o tapete circular, cada vez mais esfarrapado, que Fernando não conseguiu de modo algum fazê-lo abandonar durante o processo de renovação dos móveis e da decoração. Rendeu-se e deixou lá o tapete, onde o cão agora adormece.

Fernando começa a preparar o almoço e liga o computador. Enquanto a carne é grelhada, anota rapidamente algumas ideias, envia os e-mails que elaborou no caminho. Telefona para o jornal, combina com o editor a pauta da semana seguinte. Termina o almoço. Começa a comer, toca o telefone. Lucila. Ele se desculpa. Explica que acaba de pôr a comida na mesa. Promete ligar assim que acabar. Come com apetite, completamente livre da sensação de opressão que o acompanhou a manhã toda. Termina de almoçar, faz um café. Liga então para Lucila. Ela lhe pergunta sobre a reunião dos críticos, ele conta. Fala também das ideias que teve para o livro. A moça ouve, e depois desabafa. Os

ensaios. Está cheia de aflições, problemas. Sente que as coisas não caminham bem na produção da *Oréstia*. Há dias que vem se queixando. Fernando, porém, depois do ensaio que viu em Edimburgo, tem certeza da qualidade do trabalho que ela realiza, e não acredita que um espetáculo com espetáculo com uma base sonora de tal qualidade possa desembocar num mau resultado. Com certeza são os nervos dela. Fernando tenta tranquilizá-la, mas percebe que a perturbação de Lucila não vai ceder por telefone. Combina então de ir buscá-la no ensaio. Podem sair para jantar e então conversar com calma. Assim ele terá mais tempo e tranquilidade para conversar.

“A que horas termina o ensaio?”

“Nós temos que deixar o teatro às dez.”

“Tá bom. Quer que eu passe pra te apanhar?”

“Por favor. Hoje eu tô sem carro.”

“Por quê?”

“Foi pra revisão.”

“Dez horas tô lá.”

“Vai ao cinema, antes?”

“Não. Tenho consulta com o oftalmo, lembra? Sete e meia. Aproveito agora o fim da tarde pra escrever um pouco, depois vou lá cuidar dos olhos.”

“Ok, então me apanha. Estou tipo precisando muito de você.”

“Tá certo. Eu te pego lá na escola. Fica bem.”

“Ok.” Pausa. “Fernando...”

“Sim.”

“Obrigada.”

“Não há de quê.”

“Tchau, amor.”

Ela desliga. Ele fica parado por um longo momento. Não consegue lembrar quando, se é que alguma vez, ela o chamou assim. Está praticamente certo de que é a primeira. “Querido” é relativamente comum. “Amor”, não. Aliás, no território dos tratamentos afetuosos ela é extremamente econômica. Não usa diminutivos, evita os “bem, bênhê, benzinho” tão frequentes entre namorados. Está pensando nessas coisas quando vai para o computador, depois de lavada a louça, e põe-se a trabalhar no livro. O editor está pedindo uma lista de imagens. É preciso fazer uma lista de todos os textos e espetáculos teatrais que analisou no livro, e também das ligações que estabelece com o cinema, a literatura, a música, as artes plásticas. Ocupa-se em organizar essa relação até ver que são horas do oculista.

Duas horas e meia mais tarde ele deixa o consultório do oftalmologista, que fica na Praça Oswaldo Cruz, bem no começo da Avenida Paulista. Fernando, que deixou o carro em um estacionamento a dois quarteirões de distância, desce lentamente os degraus da escada que leva para a calçada. Fica por um tempo imóvel. Olha a pequena praça em frente. Observa a estátua do índio que aponta uma lança para o que parece ser a superfície de um pequeno lago. Por que será que botaram a estátua de um índio em uma praça que se chama Oswaldo Cruz? Por que não uma estátua do médico? Melhor pensar nisso, nessa bobagem, e não no que acaba de ouvir do médico. Talvez já desconfiasse, mas preferiria não ter certeza. Não. Qualquer coisa é melhor do que ter certeza. Para em uma sorveteria e pede um sorvete de creme e chocolate. O lugar pertence a suas memórias de infância. Quando criança, seus pais gostavam de tomar sorvete ali, em fins de tarde de domingo. Isso dá a Fernando uma sensação de estabilidade que ele não é capaz de perceber em mais nada à volta. O mundo todo lhe transmite sempre, desde que é capaz de se recordar, uma sensação absoluta de impermanência. Mas essa velha sorveteria parece desafiar o tempo e lançar

um grito de revolta contra a mutação permanente de tudo. Vai para o carro sentindo na língua o gosto da massa gelada e macia. Esses sabores também são de sua infância. Olha as horas. Nove e dez, já. O oculista estava atrasado. Levou uma hora até ser atendido. E o homem nem pediu desculpas. Entra no carro e dá a partida. Tem que ir para a escola. Está quase na hora de apanhar Lucila. Dirige distraído, enquanto se deixa levar intensa beleza dos versos de Cartola e por sua voz de partida. A música cresce e ocupa sua atenção toda, permitindo-lhe não voltar à cena no consultório. Ainda não quer. Não é hora. Mais tarde. Quando chega à escola, Lucila já está à espera.

“Terminou mais cedo”, diz ela, jogando-se emburrada no banco do carona. “Vam’bora.”

“Mau humor? Que aconteceu?”

“Um bando de babacas. Não entenderam tipo nada que eu propus, desde o começo. Agora querem transformar meu trabalho numa música de elevador. Eu não vou deixar. Largo tudo. Que se fodam.”

“Não vai largar tudo. Faltam semanas pra você terminar o curso.”

“Fernando, acha que eu tô ligando pra diploma?”

“Não. Mas é um absurdo você ter chegado até aqui e desistir faltando uns dias pra acabar tudo. É um absurdo.”

“Tô com o saco muito cheio, muito cheio.”

“Vamos lá pra casa, faço uma comidinha.”

“Não tenho fome nenhuma.”

“Mas tem que se alimentar. Vamos.”

“Eu vou ser péssima companhia.”

“Não quero companhia. Você tem que comer e dormir, descansar.”

Algumas horas depois, quando estão deitados, Lucila lembra:

“Você teve consulta com o oculista, não é?”

“Sim.”

“E não me diz nada?”

“Dizer o quê?”

“O que o cara falou.”

“Nada, tá tudo bem.”

“Fernando, eu te conheço. Claro que não tá bem. Senão cê tipo teria me contado assim que eu entrei no carro.”

“Que é isso? Tá tudo bem.”

“Jura pra mim.”

“Não acredita no que estou falando?”

“Acho que não.”

“Tê com sono.”

“A coisa é séria.”

“Não.”

“Se você não me contar, eu vou pensar um monte de merda e acabar pirada. É isso que você quer.”

“Lucila, por favor. Não tem nada de mais.”

“Me diz.”

“Ele... Me passou uma puta desconpostura. Eu não podia ter ficado todo esse tempo sem ir lá e isso e aquilo.”

“E daí?”

“Daí que, pra encurtar uma longa história, me mandou fazer exames.”

“Se fosse só isso, você não teria ficado enrolando tanto pra me contar. Fala de uma vez.”

“Não tem muito que falar. Vai esperar os exames pra ver o alcance da coisa. É isso.”

“Que coisa?”

“Glaucoma. Eu tenho glaucoma.”

Lucila silencia. Depois de muito tempo diz:

“Eu sei o que é.”

“Sabe?”

“Minha avó teve. É sério.”

“Eu sei. Mas já comecei a medicar. O oculista me deu uma amostra do remédio. Duas vezes o dia, a cada doze horas. E faço um exame amanhã.”

“De quê?”

“Um troço chamado campo visual.”

“Quer que eu vá junto?”

“Não. Vai ser na hora do teu ensaio.”

Ficam os dois quietos. Muito quietos. Fernando abraça Lucila. Ela se deixa abraçar. Mas antes de adormecer Fernando percebe que ela, cuidadosamente, milímetro por milímetro, se afasta dele até quase a beira da cama. Ele cai de cansaço em um sono inquieto, repleto de sobressaltos.

### **Oito.**

“E então, você vem comigo?”, pergunta Fernando a Luciano olhando para o prato que tem à frente, que contém os restos de uma bem devorada manga.

“Aonde?”, indaga dona Rita, sem dar tempo de resposta.

“À estreia do espetáculo de formatura da Lucila”, explica Luciano para a mãe. “Vou sim. Só preciso dar um telefonema. Se for o caso, posso levar uma amiga?”

“Amiga”, interpõe dona Rita. “Que amiga?”

“A senhora não conhece”, responde Luciano, sem nada acrescentar.

Dona Rita, para surpresa de Fernando, simplesmente acena com um gesto de cabeça e continua a tomar seu cafezinho bem sossegada. Fernando pensa que

Luciano sabe lidar muito melhor com a mãe. Se ele desse uma resposta dessas a dona Rita, ia ter que ouvir um sermão. Com Luciano ela não discute. Simplesmente aceita as fronteiras que ele estabelece, e ponto final. Fernando está se perguntando como é que o irmão consegue isso, quando ouve a voz de dona Rita tornar-se mais aguda, como sempre acontece quando ela fala de alguém de quem não gosta:

“Isso que a Lucila está estreando, é peça boa?”

“É uma tragédia grega, mãe.”

“Ah, então a mim não pega. Não gosto dessas desgraças.”

“Mas ninguém convidou a senhora”, diz Luciano.

“Eu conheço seu gosto, mãe. Não ia te levar pra ver uma tragédia”, acrescenta Fernando.

“Acho que se eu quisesse ir, Luciano, ninguém me impediria. Mas não quero, não”, diz dona Rita para o filho mais novo. E em seguida: “É verdade, Fernando, você me conhece”. Ela faz com que a observação do filho, que não foi exatamente uma lisonja, pareça um grande elogio. E acrescenta: “De qualquer forma, eu combinei com sua tia de jogar tranca na casa dela, e sei que ela odiaria se eu resolvesse não ir, assim, em cima da hora. Quem ela ia chamar. Vão vocês, divirtam-se.”

“Enfim, posso levar minha amiga ou não?”, pergunta Luciano.

“Acho que não vai ter problema nenhum.”

A tarde está quente e abafada. No mormaço sobem ondas de calor do piso de pedra do pequeno terraço de dona Rita. Luciano consulta o relógio.

“A que horas é o espetáculo?”

“De noite, às oito.”

“Quer que eu te apanhe?”

“Eu pego você na tua casa. É caminho.”

Ao contrário do que Fernando imaginou, quando ele, Luciano e sua loura, bela e calada amiga chegam ao teatro da escola, há uma imensa fila formada à frente da pequena bilheteria. Os ingressos do professor estão reservados. Aos poucos o público se acomoda em meio a um grande burburinho. A plateia é formada na grande maioria por jovens alunos da escola e por parentes dos formandos. Mas há também alguns profissionais, como Rogério e Sônia.

“Vocês não fazem ideia do sucesso de *Pauta Plauto* lá fora”, diz o ator para Fernando e Luciano. “Nós vamos excursionar com a peça de novo ano que vem, logo depois da estreia de *As Três Irmãs*. Em alguns lugares vai ser um pacote com as duas.”

“Mas vão estreiar *Mary Stuart* em São Paulo?”, pergunta Fernando.

“Sim. Ganhamos o edital, temos que estreiar aqui. Mas vamos ficar só dois meses. O resto do tempo, viagens.”

“Vão virar uns nômades!”

“É, mais ou menos por aí.”

A plateia enfim é toda acomodada. Toca o terceiro sinal. Apagam-se as luzes. A estranha geometria sonora de Lucila toma o ambiente com zumbidos, rangidos, vozes que dizem textos em línguas arcaicas, estridências que têm uma assimétrica e dissonante intensidade. Acendem-se as luzes sobre um cenário cinza-claro povoado de atores usando figurinos cinza-claros. Apenas Lucila, de vermelho, à frente de seu equipamento de som, no canto esquerdo do proscênio, destoa do conjunto cinza. Os primeiros textos são mais entoados do que ditos, um cantochão estranho, sussurrado, que não permite a compreensão do texto de *Ésquilo*. Fernando pergunta-se a que pode levar aquele início. Senta muito reto na cadeira e olha para o palco. A montagem é quase toda estática. Os atores movem-se muito pouco. E falam como estivessem na rotação errada. A única atriz livre em cena é Lucila, que interage com sua parafernália de instrumentos

e aparelhos o tempo todo, criando figuras sonoras a partir dos movimentos. Seus gestos são quebrados, truncados, obedecem a ritmos maníacos. A encenação eterniza-se nesse andamento: as cenas que contam a história da família de Agamêmnon e Clitemnestra são apresentadas num ritmo solene, com os atores estáticos; já as intervenções de Lucila como o coro são espasmódicas, torturadas, aflitivas. As três partes da história foram enfeixadas numa montagem que beira as duas horas e meia de duração. A única diferença visível da primeira parte da tragédia, *Agamêmnon*, para a segunda parte, *As Coéforas*, e a terceira, *As Eumênides*, é que os tons de cinza vão se adensando. Passam de cinza-claro para cinza e chegam, na parte final da trama, a um cinza-chumbo que se acerca do preto. Mais ou menos na metade das *Coéforas*, duas mulheres que estão sentadas próximo de Fernando e Luciano levantam-se e saem sem se preocupar em procederem a uma retirada discreta. A dupla parece emitir um sinal invisível, e muita gente, alguns de forma mais conspícua, outros menos, começam a bater em retirada. Aos poucos, apesar de repetidos pedidos de silêncio, vindos principalmente dos professores da escola, uma parte considerável da plateia deixa a sala. Fernando tem a impressão de que a montagem não terá condições de chegar a seu termo. Enquanto os irmãos Orestes e Electra preparam-se em cena para matar a própria mãe, vários espectadores se põem a rir e fazem piadinhas. Não se preocupam mais em baixar a voz. A amiga de Luciano se desculpa com ele e Fernando e avisa, em sussurros, que não aguenta mais, que vai sair e pegar um taxi, que ele não precisa se incomodar em acompanhá-la. Os irmãos se olham. A situação está prestes a fugir do controle. Fernando dispara seguidos “shius”. Quando está perto de sair para pedir um reforço da segurança, ouve:

“Dá uma luz na plateia, Emersinho.”

Fernando conhece muito bem a dona da voz. Lucila. A luz da sala se acende. Lucila vai até o centro do palco e se aproxima da boca de cena. Está

muito pálida. Depois que ela interrompeu o espetáculo, fez-se no auditório um silêncio temeroso. Ela olha para a audiência por um longo momento, em silêncio. Depois, lacônica e firme, diz:

“Boa noite”. Faz-se silêncio na sala. Lucila esboça um sorriso: “Gente, eu disse ‘Boa noite’. E vou repetir. Boa noite.”

Ouvem-se algumas vozes. Um espectador faz voz de desenho animado e solta uma piadinha pouco compreensível no fundo do auditório. Não desperta outras risadas além da sua. Cria-se um clima de desconforto crescente na sala.

“Vou pedir a quem não está gostando que tipo saia agora da sala, falou. Porque não dá pra gente tipo continuar a apresentar o trabalho nesse climão. Não tá gostando? Paciência. A gente não pode agradar todo mundo. Mas quem não tá curtindo não tem o direito de tipo vir aqui pra acabar com o trabalho da gente. A trupe trampou muito, sofri pra caramba pra fazer isso. Vocês não têm o direito.”

Lucila termina de falar, ofegante, tensa, rosto muito vermelho, cercada pelos colegas do elenco, que se aproximaram. Dois terços da plateia permanecem ainda ali. Algumas pessoas deixam a sala. Outras aplaudem. Depois de uns instantes, um ator da trupe pergunta se podem continuar a sessão. Espectadores gritam que sim. Alguém do elenco diz qualquer coisa inaudível para o grupo, Lucila faz um sinal para a cabine da técnica. Os atores retomam suas posições na cena. O espetáculo é retomado a partir do ponto em que fora interrompido. Apagam-se as luzes, e o trabalho segue até o final. Mas há uma energia estranha no teatro. Se havia problemas com ritmo no espetáculo, estes agora se intensificam de modo alarmante. As falas são escandidas lentamente e a atuação neutra que o elenco todo adotou desde o início chega a uma falta de expressividade que causa constrangimento. Nesse quadro, o esforço frenético de Lucila à frente de seus laptops e de sua traquitana sonora parece despropositado, descabido. A

tragédia mal cozida avança por mais uma hora e pouco. Alguns espectadores que se dispuseram a ir até o fim saem bem antes disso, mas agora sem alarde, temerosos talvez de outra interpelação do elenco. E assim termina o inglório espetáculo. Exaustos os atores, que se submeteram àquela prova de nervos extrema e frustrante. Exausta a plateia, exposta durante três longas horas a um erro sem tamanho. Os aplausos são murchos, murchos o agradecimento. Alguns atores saem de cena chorando. Outros se retiram abatidos, cabisbaixos. Rogério e Sônia aproximam-se de Fernando.

“Brabeira, né?”, diz o ator.

“Foi complicado, imagino como eles não devem estar se sentindo”, responde Fernando.

“Isso aconteceu uma vez comigo, na escola”, diz Sônia. “O espetáculo desandou. Era uma comédia do Millôr, *Do Tamanho de um Defunto*. Foi um desastre até maior que esse, porque aqui tinha muita coisa boa.”

“Vamos dar um beijo na Lucila”, diz Luciano.

“Com certeza”, concorda Rogério.

Avançam até o proscênio, onde a moça está desplugando cabos, embalando computadores, fechando maletas. Quando ouve seu nome, volta-se para Fernando, que se assusta com a tensão estampada no rosto. Tem franzida a testa, os lábios estão apertados numa linha sem cor. Os ombros empinados traem também a tensão do corpo, e os gestos dela são mecânicos, estranhamente ausentes. O pequeno grupo a cerca. Falam todos ao mesmo tempo e ante esse restrito mas veemente grupo, Lucila parece descontraí-la um pouco, enfim. Esboça um sorriso.

“Que merda, né?”, diz, encolhendo os ombros.

“Teu trabalho foi muito bom, entende menina. O fato de o espetáculo ter problemas...”, diz Luciano.

“Problemas, querido?”, diz Lucila. “Não foram só problemas. Você viu o que aconteceu. Foi todo mundo embora. Horrível.”

Outra vez todos falam um pouco ao mesmo tempo. Lucila simplesmente lhes dá as costas, voltando a enrolar cabos, que guarda em bolsos externos da mochila. Ensaca também os dois computadores. Embala pedais.

“Podemos ajudar”, indaga Luciano.

“Não, não, já estou terminando. Mas ainda tenho que trocar de roupa. Vocês me esperam?”

“Claro”, diz Fernando.

“Nós, não. Temos que acordar muito cedo amanhã, e já é bem tarde”, sorri Rogério. “Mas não encana, Lucila, porque teu trabalho é muito bom. Aliás...”, ele olha para Sônia, “nos próximos dias você vai receber um telefonema. Por enquanto não posso dizer mais nada, mas acho que você vai gostar.”

“Telefonema, de quem”, dispara Lucila.

“Já falei mais do que devia”, diz Rogério.

“Você sabe, Fernando?”, insiste Lucila.

“Estou tão no escuro quanto você, querida. Mas acho que faço ideia.”

O casal de atores se despede e vai embora. Lucila pergunta aos irmãos:

“Foi tão ruim assim?”

“Você sabe, não sabe?”, pergunta Fernando.

“Estou tão cansada.”

“Vá logo se arrumar. Você precisa comer alguma coisa.”

“Não tenho fome.”

“Não faz mal. Tem que.”

“Então segura isso pra mim”, diz, deixando com ele a mochila de equipamentos de som. “Não vou demorar.” Lucila se distancia. Os dois olham-na

atravessar o palco e nada dizem por algum tempo. Então Luciano sorri e bate no ombro de Fernando:

“Vamos esperar lá fora? Aqui tá um clima de velório”.

“É verdade.” Fernando olha em volta. A sala se esvaziou. No palco ele vê alguns alunos em grupinhos. Abraçam-se, consolam-se, choramingam. “Mas me espera lá fora, Luciano. Quero falar um pouquinho com eles.” Quando o irmão sai, aproxima-se do professor responsável pela montagem, que foi dirigida em conjunto pelo elenco, e propõe-lhe que façam uma reunião imediatamente com os alunos. O professor concorda. Ambos sobem para o palco, avisam a todos para que se reúnam ali agora, como estiverem. Aparecem todos em vários estágios de descaracterização. Partes de figurinos e de maquiagens ainda são visíveis. Cabisbaixo o grupo olha a dupla de professores. Fernando pergunta ao colega se pode falar. O outro assente.

“Por que vocês estão com essa cara?” indaga. “Não morreu ninguém.”

“Só nosso trabalho”, diz William, que ainda traz o traje de Creonte e usa algodão para remover o restante da maquiagem.

“Não”, diz Fernando. “Quando a banca vai ver o espetáculo?”

“Depois de amanhã”, diz uma aluna mais velha, que fez Clitemnestra.

“Então vocês têm tempo.” Fernando é categórico.

“De quê?”, pergunta Lucila.

“De ajustar a coisa. Só falta ritmo. Vocês têm que parar de falar como se estivessem com a rotação errada. Pode ser legal de vez em quando. O tempo todo, todo mundo falando assim, ninguém aguenta. Acaba rolando o que aconteceu aqui hoje, o caos.”

“Que você acha que a gente tem que fazer?”, indaga a mais velha.

“Acelerar o ritmo. Põe essa coisa pra andar. Deixa fluir.”

“Mas”, diz William, “esse é o nosso conceito. Foi assim que nós quisemos trabalhar o sentido do trágico hoje.”

“Dá pra perceber que esse conceito não rolou, não dá? Vocês viram o que aconteceu. Vão insistir no erro ou vão meter as caras e usar os dois dias até a banca pra fazer essa montagem ficar em pé?”

Os alunos se olham, o professor responsável, que deveria estar fazendo o discurso no lugar de Fernando, olha para o chão.

“A direção coletiva foi uma merda”, diz Lucila.

“Não foi, não”, exclama William.

“Vamos parar de bater boca?”, diz Fernando, firme. “Vocês não precisam de um bate-boca agora. Precisam de uma solução pra essa história.”

“O que você propõe, Fernando?”, diz a aluna mais velha.

“Reensaios. Amanhã e depois, o dia todo. Sem mudar nada. Nem as marcas. Só tirar esse efeito de câmara lenta na voz de tudo mundo. Tem que acelerar o ritmo. É isso.”

“Mas a gente precisa de alguém pra comandar”, diz William olhando diretamente para o professor responsável. Que continua fixando o chão e nada diz. Faz-se silêncio no palco.

“Posso ajudar”, diz Fernando. “De manhã estou ocupado, mas podemos trabalhar essas duas tardes.”

“Eu topo”, diz William.

“Eu também”, exclama a aluna mais velha.

“Está fechado então?”, pergunta Fernando olhando para o círculo de rostos ao redor e recebendo um múltiplo e sucessivo “sim” como resposta. “Você está de acordo?”, pergunta ao professor assistente. Este enfim se manifesta. Claro que está de acordo, se é a melhor maneira de resolver o problema, se é isso que os alunos querem...

Duas horas mais tarde, Fernando e Lucila deixam Luciano em sua casa. Chegam de um agradável jantar num restaurante japonês. Lucila está menos nervosa, mas ainda não conseguiu se descontraír. Tenta brincar com Luciano, desculpando-se pelo fato de que a má qualidade do espetáculo tenha levado a amiga dele a ir-se embora. A tentativa de piada não resulta em nada engraçado, e Luciano então rompe o momento embaraçoso despedindo-se carinhosamente e agradecendo pela noitada, essas coisas. E agora Lucila e Fernando estão sós. Ele desbreca o carro, engata a primeira e sai.

“Quer ir dormir lá em casa?”

“Não posso”, diz Lucila. “Se vamos ensaiar à tarde, amanhã de manhã tenho trabalho pra concluir no estúdio. Vou precisar acordar muito cedo.”

“Está bem”, diz Fernando.

“Não é que eu não queira ir pra tua casa”, insiste Lucila.

“Sim, eu entendi.”

Ele dirige em silêncio por algum tempo. Lucila diz:

“Você foi muito gentil se oferecendo pra salvar aquela merda.”

“Não é uma merda, Lucila. A ideia até é boa. Só precisa de ajustes. E o teu trabalho é forte. Já tinha te dito isso. Repito agora. Você pode fazer o que quiser. Tem um caminho fantástico pra desenvolver.”

“Para com isso. Sei que o que a gente fez é uma porcaria. Não vale nada. Não fica querendo fazer bilu-bilu. É uma coisa que eu tipo não aguento.”

“Por que eu vou te falar o que não senti. Não acho essa *Oréstia* um fim de mundo. Dá pra consertar. Pelo menos dá pra transformar em um espetáculo que a banca possa assistir pra avaliar o que vocês fizeram. Por que você está...”

“Cara, eu não acredito. Você é uma Poliana. Lembra da Poliana, aquela menininha intolerável que fazia o jogo do contente. Meu pai me fez ver esse filme quando eu era criança. Odiei ele por isso. Eu odeio a Poliana.”

“Caramba, Lucila. Quer brigar? É isso que você quer, brigar comigo? Que aconteceu?”

“Eu não vou voltar lá amanhã, não vou pagar esse mico. Pra mim deu.”

“Como deu? Você ficou meses desenvolvendo esse trabalho. Larga de ser mimada. Amanhã você vai estar lá, na hora do ensaio.”

“Pode esperar.”

“Você vai ferrar com a vida de mais quinze pessoas. Pensa nisso. Você não é sacana.”

“Tudo tem limite, Fernando. Você não percebe?”

“Dá pra fazer essa *Oréstia* de um outro jeito.”

“Tô falando desde o começo que ia ser uma bosta.”

“E agora, porque previu que ia dar tudo no atoleiro, quer jogar o trabalho de todo mundo e o teu trabalho, que é o mais importante pra mim, o teu trabalho no lixo. Foi por causa do teu trabalho que eu quis interferir. Atropelei até meu colega, porque ele é quem deveria fazer isso.”

“Mas ele é justamente o maior problema. É o merda que deixou a turma se autodirigir, que não está nem aí pro trabalho, que ferrou com a gente.”

“E por causa de um professor bundão você vai chutar teu curso pro alto, teu diploma, tudo? Você lutou quatro anos nessa escola que nem precisava ter cursado. Juro, eu não te entendo.”

“Eu me entendo. Entendo bem tudo.”

“Lucila, para com isso.”

“Isso o quê?”

“Se fazer de vítima. Quer colinho, quer?”

“Vai à merda, Fernando.”

“Então para de se comportar como uma criança, porra.”

Os dois se calam. Fernando estaciona e desliga o carro. Ficam em silêncio. Lucila diz:

“Vou entrar. É perigoso ficar parado aqui no carro. Outro dia sequestraram um cara do prédio aí do lado.”

“Eu sei. Você me contou.”

“Bom”, ela hesita um momento, olha-o, passa a mão pelos cabelos e acrescenta: “Até amanhã, então.”

“Até amanhã? Tem certeza?”

“É. Tenho. Até amanhã.”

## 9.

“Você sabe tipo quem me ligou, Fernando?”

“Não. Quem?”

“Nem faz ideia? Você disse que sabia.”

“Eu?”

“Anteontem, lá no teatro, quando o Rogério e a Sônia tavam se despedindo. Não lembra mais?”

“Ah, claro. Então, quem te ligou?”

“Quem você acha?”

“Sei lá, aquela francesa, a Simone, secretária do Veredas?”

“Não.”

“Então quem, Lucila?”

Estão os dois na sala do apartamento de Fernando. Terminaram de jantar faz algum tempo. Agora estão esticados no sofá, partilhando um vinho, redeseenhando uma situação que já viveram tantas vezes. Bem baixinho roda um álbum de Chet Baker, e seu trompete delicadamente dilacerante como que rompe o ar. Juão enrodilhou-se em seu tapete e ostensivamente lambeu-se até dormir, o que

acontece sempre que Lucila está ali. Ela não responde à pergunta de Fernando. Faz-se silêncio. Chegaram faz bem mais de uma hora da última sessão da *Oréstia*. Fernando estava certo. Dito com ritmo, sem o andamento de cantochão usado na estreia, o espetáculo ganhou vigor e intensidade. Lucila, no entanto, esteve de mau humor durante todo o tempo, nos ensaios, nas apresentações. Com o grupo, não usou mais que monossílabos, deixando sempre ao seu redor o rastro de uma hostilidade pronta a se manifestar. Fernando sente que há questões no ar, que é preciso conversar. Como imaginava, Lucila não quis sair para comemorar com o restante do elenco a aprovação concedida pela banca examinadora ao espetáculo. Não foram aprovados com notas brilhantes, mas dada a catástrofe da estreia, estão todos felizes, pois não perderam os créditos destinados ao trabalho, concluíram o curso e terão o diploma. Lucila, para surpresa de Fernando, pois ela tem estado arredia, sugeriu-lhe comerem alguma coisa, só os dois, no apartamento da Vila Madalena. Ele preparou uma massa rápida e uma salada simples. Agora que acabaram de jantar, estão em sofás contíguos. Pouco próximos. Fernando observa Lucila enquanto bebe seu vinho em pequenos goles. Não sabe bem o que quer dizer. Intui confusamente. Mas não quer pensar nisso agora. Depois. Haverá tempo.

“Quem te ligou Lucila?”, insiste Fernando.

“Pois foi o próprio, Sua Excelência, alguém tão importante que nem mesmo você supôs que ele fosse capaz de me ligar.”

“Veredas.”

“Pois é.”

“Não tenho dele uma imagem de Sua Excelência. Ele é um cara que trabalha em um monte de lugares, faz duzentas coisas ao mesmo tempo, tem uma equipe pra cuidar das coisas. Mas comigo ele nunca se comportou como uma excelência. Eu diria que é um amigo.”

“Mas isso você, que é também uma espécie de Excelência.”

“Lucila?...”

“Deixa pra lá. Só quero te contar que eu disse não.”

“Pra quê? Eu não sei do que você está falando.”

“Eu não vou fazer *As Três Irmãs* com vocês. Não me interessa, não quero saber. Tá me entendendo?”

“Lucila, o que é isso? Eu nem sabia que...”

“Que o quê?”

“Foi isso, o Veredas te convidou pra fazer *As Três Irmãs* com o Fluorescente? E você me diz que vai recusar? É isso?”

“Tipo eu tô falando grego, Fernando?”

“Não, Lucila, você tipo não está falando grego”, responde ele no tom mais tranquilo que consegue encontrar. E de repente sente que lhe falta ar. A noite está quente. Fernando levanta-se e vai até uma das altas portas-janelas da sala e abre as duas folhas. Sente o cheiro de plantas e flores noturnas. Sabe que tem de molhar o jardim. Sabe também o que tem de dizer para Lucila. Agora sim.

“Tô de saco cheio, entendeu? De teatro. Dessa bosta toda.”

“Teu trabalho pra *Oréstia* é do caralho. A concepção do espetáculo foi burra. Mas tua partitura pro coro é tremendamente boa, é séria. Eu vi as pilhas de cadernos de notas que você carregou por toda parte esses meses todos.”

“Foi tipo um puta fracasso.”

“Não.”

“Você não sabe do que eu estou falando, Fernando. Havia uma meta minha nesse projeto. Foi em relação a ela que perdi. Não realizei o que eu desejava. Apenas isso, e nada mais.”

“Lucila, você nunca me disse...”

“Não precisava. Não queria conversar antes da estreia. Precisava pôr em cena a coisa e avaliar o que aconteceria.”

“E o que aconteceu?”

“Merda nenhuma.”

“Como não? Estou dizendo que a tua intervenção foi a melhor coisa...”

“Não era pra ser, Fernando. Você não entende?”

“Acho que não.”

“Eu queria misturar a conceituação teórica da paisagem sonora com a obra de arte total, a *Gesamtkunstwerk* de Wagner, entendeu? Fui eu que pedi, que briguei, que enchi o saco pra que o texto fosse dito naquela melopeia. A paisagem sonora deveria ter interagido com o cantochão dando ritmo, colorido, melodia. Mas tudo que eu fiz foi cagar com o trabalho da turma. Fiquei lá na frente me exibindo e os caras lá atrás se fodendo. Estou morta de vergonha deles. Não era pra ter sido assim.”

Ela se cala. Ele se põe a falar. De estéticas e responsabilidades. Da inevitabilidade das tentativas e erros. Da necessidade da estruturação de um caminho. Da percepção das estruturas e da criação de um método. Da maturação das obras. Fala até perceber que faz tempo a música silenciou, que se ouvem os ruídos da noite pelo janelão aberto. Lucila está muda, absorta na contemplação de seu copo de vinho. Impotência é o que ele sente. Suspira. Dá um gole. Tem o impulso de pôr para tocar um álbum de Billie Holiday, mas pensa que não é o momento. O silêncio se instala entre eles. Lucila suspira profundamente. Fernando diz, em voz baixa:

“Nós temos que conversar”. No mesmo momento em que falou, arrepende-se. Gostaria de recolher as palavras. É tarde.

“Foi o que nós fizemos até agora.”

“É. Mas não é sobre o teu trabalho que a gente precisa falar.”

“Não? Sobre o que então?”

“Sobre nós.”

“Nós? O que tem pra conversar?”

“Tudo.”

“Tudo o quê? Tão cansada! Acho que não tô raciocinando direito.”

“Vai dormir. A gente conversa outra hora. Que tal almoço amanhã?”

“Acho que é melhor, sinceramente. Chama um táxi pra mim?”

“Imagina, eu te levo.”

“Já é tarde. Não precisa. Me liga amanhã, na hora que você acordar. Daí a gente tipo sai pra almoçar.”

Ela se vai assim que o táxi chega, depois de lhe dar um beijo casto e leve nos lábios. Nunca formaram um casal de periquitos do amor. Mas certamente não eram assim, formais, distantes. Uma sensação de frio se faz presente, bem conhecida, no centro do peito de Fernando. Imediatamente ele se põe a respirar profundamente. Tenta esvaziar a cabeça, não pensar em nada. Inútil. Está possuído pela sensação desamparada que o acompanha a cada vez que questiona agudamente os próprios atos. Por que tinha que declarar pomposamente que precisavam conversar? Foi isso que afugentou Lucila, está certo. E agora, que deve fazer? João, que se levantou do tapete, aproxima-se e esfrega a cabeça no joelho de Fernando.

“Que é que você quer? Passear? Agora não. É muito tarde.”

Distraído coça as orelhas de João, que se espreguiça e boceja. Cão e homem ficam assim por um tempo. Nenhum deles se move. A madrugada avança. O calor parece aumentar. É opressivo. Uma física sensação de incômodo torna-o consciente de que parou de acariciar João. Tem a traqueia contraída, os maxilares cerrados, os punhos crispados. Percebe a tensão que cresce. Coloca no aparelho de som um concerto de Mozart. E segue a música. O compositor tem

esse poder. Arrasta-o consigo. A melodia fluente e a harmonia bem proporcionada, plena em si mesma, ajudam-no a se descontraír. Toca o telefone, quebrando com a campainha aguda a paz do momento. Fernando dá um salto para o aparelho. É muito tarde. Passam-lhe pela cabeça hipóteses. Talvez a mãe. Alguma coisa com um dos filhos tão distantes. Olha no detector de chamadas. Lucila. Por um instante hesita. Não quer atender. Poderia depois dizer que deixou o som do telefone tão baixo, que não ouviu. Teria que desligar também o iPhone e... Antes de continuar a seguir esse linha de pensamento, atende.

“Oi.” A voz dela é baixa, tateante. “Tava dormindo?”

“Não. Aqui na sala, ouvindo música, com o João.”

“Ah.”

“Aconteceu alguma coisa?”

“Não. É que...”

“Diz.”

“Tipo eu fiquei encanada com isso que você disse.”

“Com o quê?”

“Que a gente...”

“O que, Lucila, a gente o quê?”

“Que a gente tem de conversar...”

“Mas, querida, você não acha que a gente tem de conversar?”

“Sobre nós?”

“É. Sobre nós.”

“Sempre que me falam isso, eu acabo sozinha.”

“Lu, a gente não precisa falar por telefone. Eu vou praí.”

“Não. Eu tenho que acordar muito cedo, tô cansada.”

“Então por que ligou? Já é tarde.”

“Porque tipo eu fiquei encanada. Não vou conseguir dormir.”

“Não te entendo.”

“Novidade nenhuma. Ninguém entende. Nem eu.”

“Que bobagem. Você não é um e.t.”

“Já falei pra você uma vez. Eu sou difícil. Eu não sirvo pra você, Fernando. Você precisa de uma mulher legal, pra arrumar tua casa, pregar teus botões, cuidar de você quando está doente e te acompanhar, toda amorosa, sempre que você for ao teatro. Eu não nasci pra isso.”

“Lucila!...”

“Você quer conversar sobre nós, e a verdade é que a gente não tem mais nada pra conversar. Já era, entendeu?”

“Como assim, já era? Tá doida?”

“Não, Fernando. Tipo não estou. Sou. Faz tempo. Desde que nasci.”

“Lu, para com isso.”

“Que foi?”

“A gente precisa conversar com calma. Eu te amo. Sei que você gosta de mim. Não vamos estragar isso.”

“Querido, eu não gosto de você. Eu te amo. Desde o começo. Desde antes. Mas o problema não é você, entende? Sou eu. Não pense que eu não sei disso. Sei faz muito tempo. Achei que ia mudar. Não mudou. Eu sou assim.”

É a primeira vez, desde que estão juntos, que Lucila fala em amor. Isso o coloca num estado estranho. Há uma inquietação angustiada que ele não consegue controlar. Porque ela nunca falou nisso? Na verdade, pensa agora, numa fração de segundo, sobressaltado, que nunca falaram, de verdade, sobre o que sentem um pelo outro. Ele está atordoado. Exclama:

“Chega. Se a gente se ama...”

“Se a gente se ama, a gente vai ficar bem longe um do outro.”

Fernando, que fazia tempos queria falar com Lucila sobre esse distanciamento, que vinha considerando necessário e urgente para ambos, sente-se agora desorientado, assustado, apreensivo. As coisas não caminham bem. Sente que perde o controle, se é que algum dia teve algum, da relação. Era ele quem deveria estar falando de separação temporária, da necessidade de recalibrar as emoções. Queria estar serenamente argumentando com Lucila, que em sua imaginação se revoltaria contra suas ponderações e não admitiria separar-se de jeito nenhum. O tiro saiu pela culatra, né, garoto? Essa eu não previ. Mas calma, não vai entrar em pânico. Respira, respira e se acalma, cara. De pouco adianta dar-se conselhos. Já está faz tempo em pânico. Sabe disso. Sente o suor porejar na testa e as palmas úmidas. Levanta-se e passa a andar pela casa, a esmo. Ao fundo o concerto de Mozart segue seu curso de intensa delicadeza, incongruente com o momento. Não consegue entender. Se durante tanto tempo pensou em ter essa conversa com Lucila... Por que, no momento em que ela toma a iniciativa, ele reage desse modo? Lembra então da ruptura com Ana, ali, naquela sala. Sua reação foi a mesma? Não recorda com nitidez. Encosta-se na porta-janela, ainda aberta, e sente o cheiro da noite. Lembra de novo que tem de molhar os canteiros e o gramado. Olha para Juão, que trota atrás dele. É impressão sua ou o cachorro está mais magro? Ouve a voz intensa do outro lado da linha:

“Fernando...”

“Oi?”

“Pensei que você tinha me largado aqui.”

“Não. É você que está me largando aqui.”

“Fernando...”

“É difícil entender. Queria conversar com você sobre nós. Não queria que você fugisse de mim.”

“Conversar sobre nós significa que você ia me botar pra correr.”

“Você não sabe do que está falando.”

“Pode ser. Mas acha o quê? Que eu tipo não te observo? Que não percebo que você não me aguenta mais? E pensa que eu te censuro? Se nem eu me aguento, como vou querer que você segure essas pontas? Não dá, eu sei!”

“Lucila, para com isso.”

“Não. Não vou parar. Digo de novo: não quero mais te ver.”

Fernando cala. Depois de um tempo que lhe parece enorme, indaga:

“Pra sempre?”

“Sei lá.”

“Eu não quero terminar.”

“Mas não aguentava continuar.”

“Não quero romper. Só um tempo, pra gente pensar.”

“Um tempo pequeno, um tempo grande, é tudo a mesma coisa.”

“Não fala assim. Não consigo me imaginar sem...”

“Não fala assim você. Você mesmo disse que tava esquisito esse nosso lance. Eu pensei bastante. E concordo com você.”

“Lucila, você impõe pra nós um castigo que não tem sentido.”

“Claro que tem. É só você pensar um pouco.”

“Chega. Vamos conversar amanhã.”

“Sem problema. Podemos conversar amanhã, depois de amanhã, o mês que vem. Mas não vai mudar nada.”

“Primeiro a história do convite do Veredas, agora isso. O que aconteceu, por que você está agindo assim, Lucila?”

“Eu sei por quê.”

“Você não está só se ferindo. Está ferindo a mim também, muito.”

“Melhor você sofrer essa dor já. Se é que vai doer.”

“Eu te disse que te amo. E você disse que me ama também.”

“E daí?”

“Não acha que nós merecemos uma chance?”

“Chance de quê, Fernando? Para de agir como criança.”

Ele vai responder, mas nada diz. Está enjoado, como se viajasse em um navio oscilante. Entra e senta-se no grande sofá, seguido de perto por Juão, que enfia a grande cabeça em seu colo.

“Quero...”

“O quê?”

“Continuar perto. Não estou aceitando essa ruptura.”

“Não é ruptura. Vamos dar um tempo, como você disse. Já falei que te amo. Quero você sempre perto, não tenha dúvida quanto a isso. Mas é bom a gente se afastar. Tenho a certeza de que tu também sabe disso. É só tipo não encanar. Não transforma isso num filme de horror.”

“Tá bom.”

“Tá bom o quê?”

“Não sei, Lucila. Nem sei direito do que a gente tá falando. Depois conversamos.”

“Você...”

“Que foi?”

“Vai ficar bem?”

“Não sou adolescente, Lucila.”

“Um pouco é. Você não se conhece.”

“Tá bom.”

“Não fica com raiva de mim. Eu não aguentaria.”

“Não estou com raiva. É que... Ah, pô. Eu tinha tantos planos. Pensei que a gente poderia ir pra Buenos Aires passar o Réveillon, e que depois...”

“Só pra gente ficar fingindo que está tudo bem entre nós, Fernando? Eu não sei fingir. E eu decidi que não vou mais te fazer sofrer, que não vou fazer ninguém mais sofrer.”

“Vai virar vestal. E em vez de se dedicar ao fogo, vai ser sacerdotisa da música, talvez?”

“É, alguma coisa assim.”

Os dois dão uma risadinha frágil, que quebra um pouco a tensão.

“Se cuida, Lucila.”

“Você também, Fernando.”

“Não esquece. Eu te amo.”

“Eu também te amo, querido. Muito mais do que você imagina.”

Despedem-se carinhosos e tristes. Fernando permanece na mesma posição, segurando o fone no ouvido, como se a qualquer instante pudesse de novo ouvir a voz desejada. Sente-se um idiota. Não consegue perceber direito onde errou, mas sabe que errou tudo. Foi incapaz de ter com a moça a conversa que desejava. Está inquieto e exaurido. Deixa-se estar. Acaricia a cabeçorra de João. O concerto de Mozart acabou faz tempo, e ele não toma a iniciativa de substituir a música. Fica em silêncio no silêncio, olhos nos olhos de João, que segue cada pequeno movimento seu. Tem vontade de sumir. Lembra de uma fala de Hamlet, “Ah se esta carne muito poluída pudesse se derreter, se transformar em pó”. Adoraria poder agora dissolver-se no ar. Com o andar de um velho de mil anos vai para o banheiro, lava o rosto, escova os dentes, e depois se dirige para a cama. Para sua própria surpresa, algo que naquele momento não é capaz de notar, adormece imediatamente, assim que apaga a luz e se ajeita na cama. Não percebe quando João sobe para a cama e se ajeita sobre o edredom entre bocejos, enfiando a cabeça entre as patas dianteiras. Mas, ao invés de dormir, o cão permanece alerta. Observa Fernando, muito atento.

**Dez.**

“Teatro, para mim, é a arte do encontro”, diz Ivam Cabral para a plateia, dando um sorriso na direção de Fernando, que observa atentamente o ator, enquanto este faz a abertura do Encontro de Críticos no teatro dos Satyros. A sala está abarrotada, com gente sentada no chão. Tal foi a procura pelas inscrições, que acharam a solução para atender a mais pessoas arrumando às pressas uma transmissão em circuito fechado. A mesma equipe que está gravando os debates do Encontro para registro em DVD encarregou-se de instalar o circuito, que agora transmite as imagens captadas da sala 1 para a sala 2 do Espaço dos Satyros, na Praça Roosevelt. “E isto que estou vendo aqui, esta sala cheia de gente de teatro, de atores, diretores, professores, e temos até dois produtores”, segue Ivam. “Todos aqui, neste momento difícil de crise global, que estourou com tanta força no fim do ano passado. Esta reunião de gente é não um milagre, mas uma demonstração da força do palco. Todos vocês que estão aqui, hoje, tenham a certeza de que estão participando de um evento histórico em um momento histórico. E agora eu passo a palavra a Fernando, que é realmente o pai dessa criança e vai abrir o encontro. Em nome dos Satyros, que são anfitriões e produtores-associados do Encontro, sejam bem-vindos!”

Os aplausos à fala de Ivam são intensos e calorosos. Depois se faz silêncio. Fernando hesita ao microfone. Ele, que muitos definem, não exatamente de maneira elogiosa, como um falador torrencial, sente-se intimidado agora. A sala está superlotada. Faz calor na sala abarrotada. Os aparelhos de ar-condicionado estão ligados, mas parecem não dar conta direito da sua tarefa, ou ao menos é essa a sensação de Fernando. Que percebe estar em silêncio há longos segundos, frente à plateia, que o observa, curiosa, numa polida expectativa. Ele retorna

enfim ao presente, observa a plateia e os integrantes da mesa, que aguardam com uma expressão um tanto atônita. Fernando então diz:

“Perdão, mas quando vi agora vocês todos, críticos e artistas daqui e de outros estados, eu viajei. Como se eu estivesse me remetendo para um passado relativamente recente. Estava me lembrando de outros encontros como este. E tenho de partilhar com vocês uma angústia que me tomou: a de que tudo isto, como aconteceu com reuniões de críticos e de dramaturgos e de atores que foram realizadas no passado, resulte apenas em algumas notas publicadas na imprensa, em um monte de recortes amarelados e em uma suada e trabalhosa prestação de contas pra Cooperativa Paulista de Teatro.” Há risadas agora, depois de um silêncio tenso. “Não podemos deixar esse mau resultado se repetir. Então o que quero pedir a todos é que evitem os meios termos, as acomodações, as bajulações. Proponho que a verdade seja para cada um o termômetro de tudo que for dito, perguntado ou respondido aqui, hoje, e nestes próximos três dias. Em 1984, um ano antes de morrer, um dos mais talentosos artistas do teatro brasileiro, Luiz Roberto Galizia, que se foi muito jovem, terminou um artigo para o número 09 de uma revista que não existe mais, chamada *Ar'te*. Lá ele proclamava algumas ideias que eu gostaria de ler aqui.” Toma um gole d’água, tira um papel dobrado do bolso do casaco e lê: “Precisamos, mais uma vez, dar ouvidos aos loucos e aos profetas. ... O que se almeja é o direito de poder pensar artisticamente mais uma vez. De poder expressar a arte, o germe vital de nossas aspirações mais profundas, sem vendê-lo ao sistema ainda filhote. O artista deve querer usar sua profissão para expressar, sem pressões, conteúdos próprios. Mas enquanto isso não se tornar possível (neste Brasil destes dias que morrem), TEREMOS DE SER RADICAIS’. Eu, que fui amigo de Galizia, que via nele um dos potenciais gênios do teatro brasileiro, retomo essa sua divisa e a lanço aqui como desafio a todos os presentes, dos integrantes das mesas aos

espectadores, estudantes de teatro e profissionais: sejamos radicais, nada menos e nada mais que radicais.”

Um longo e caloroso aplauso segue-se à fala de Fernando. Esse sorri, meio sem jeito, agradece, e passa então a palavra a Carola Aslan, mediadora da primeira mesa, “Crítica hoje, por quê?” Fernando não assiste ao início dos debates. Tem que sair para resolver alguns problemas estratégicos. Há ainda gente para ser apanhada no aeroporto. São jornalistas do Rio Grande do Sul e da Paraíba, que estão chegando ainda hoje. E há outras questões que ele tem de atender. Vai então para o La Barca, o bar ao lado do teatro, e pede um café. Tira do bolso o iPhone. Acerta com duas ligações o transporte dos participantes do Encontro que estão chegando hoje, combina também a condução para o aeroporto de dois integrantes da mesa desta tarde, que devem viajar de volta para suas cidades amanhã pela manhã. Acessa a agenda e assinala as tarefas que ainda estão por fazer. Está para levantar-se e voltar para os debates quando vê Ivam entrar. O ator tem um largo sorriso no rosto. Pede um café e senta-se na mesa de Fernando. Vê que o outro lida com o iPhone.

“Atrapalho”, pergunta.

“Imagina!”, Fernando diz, desligando o aparelho.

“Que sucesso!”

“Não é mesmo? Sinceramente, não esperava. Essa repercussão. Matérias nos jornais, até televisão.”

“Bem, vocês estão mexendo com uma questão importantíssima. Talvez nem tenham percebido a dimensão. A discussão sobre o papel da crítica é complicada, muito, está no centro nervoso do processo todo.”

Terminam de beber os cafés. Levantam-se.

“Vai voltar pro debate?”, pergunta Ivam.

“Sim. Só saí pra dar uma organizada no meio de campo.”

“Então, vamos.”

Quando estão na rua, Ivam indaga:

“Fernando, desculpe perguntar, mas... Você está bem?”

“Sim, querido. Por quê?”

“Nada. Quer dizer... Soube que a...”

“Lucila?”

“Sim. Que ela viajou. Que...”

“Nós já estávamos separados, Ivam.”

“Desculpe perguntar. Mas é que gosto muito de você, Fernando, e tenho visto você sempre tão tristonho.”

“Obrigado. Mas não se preocupe. Eu estou muito bem. Fiquei triste, claro. Nós nos amamos. Mas é muito difícil. Foi melhor assim. Ela voltou pro Canadá. Aceitou lecionar na escola onde ela estudou durante um ano. Um salário fantástico. Mesmo agora, nessa crise.”

“Que bom que vocês estão bem!”

“Eu agradeço o interesse, Ivam.”

“Se eu for espaçoso, me manda calar a boca. Mas eu queria saber de você, de verdade.”

“Pergunte sempre que quiser.”

“E se precisar da gente”, diz Ivam, pondo a mão no ombro do crítico, num gesto afetuoso, “é só dar um grito.”

“Obrigado. De verdade.”

E entram os dois no teatro, a caminho da sala abarrotada. Fernando esforça-se, diligente, para acompanhar os comunicados e os debates. Toma notas e prepara algumas perguntas com as quais poderá animar os debates, se houver alguma hesitação do público. Mas por trás desses gestos está, como tem estado nos últimos quatro meses, uma sensação permanente de dor e desconforto,

causada pela ausência de Lucila. A ausência física, pois trocam e-mails diários e conversam por MSN ou skype. A cada sugestão de Fernando, de que Lucila deve voltar ao Brasil, de que podem começar a história em novas bases, seguem-se longos silêncios da moça. E Fernando, que não quer romper o frágil vínculo virtual, acaba por limar de seu discurso todas as referências a uma possível volta. Desvia os pensamentos do ramal em que foram dar, sempre, e foca a atenção nas falas dos debatedores. Um quadro preocupante se desenha. Retração de espaço, críticos demitidos, blogs que pedem trabalho mas não pagam, falta de renovação dos profissionais, o mais jovem dos quais, em São Paulo, vai chegando à casa dos quarenta.

E o Encontro avança, as mesas se sucedem. Um pouco para espanto de Fernando as chegadas e partidas se processam sem tropeços. O hotel em que foram hospedados os participantes que não são de São Paulo é confortável e fica próximo do teatro. O restaurante com os quais conseguiram permutas oferecem boa comida, e nem os vegetarianos radicais nem o gaúcho amante do churrasco ficam. Há poucos problemas de organização, nenhum deles muito grave. E a equipe formada para cuidar dos vários setores do evento dá conta do recado sem grande dificuldade. A cobertura da imprensa foi inesperadamente entusiasmada. E de súbito Fernando vê-se no encerramento do evento, de novo ante uma sala lotada. E de novo ele só está parcialmente ali, pois uma grande parte de sua atenção está voltada para o iPhone, que espreita a toda hora, esperançoso, no aguardo de um e-mail de Lucila, que há dois dias não se comunica com ele. Apesar disso, faz o discurso de encerramento do evento, agradece a todos os envolvidos, elabora um balanço das decisões tomadas no Encontro, enfatiza o fato de editores de jornais e revistas terem participado dos debates de modo importante, trazendo os pontos de vista de quem lida com os dados do mercado. Enfim, anuncia aquilo que já se espera: graças ao sucesso do evento,

os organizadores prometem uma segunda edição dentro de um ano. O Encontro termina e deixa em Fernando uma sensação de dever cumprido. Ele respira. Olha o relógio. Mal tem tempo de passar em casa e tomar banho. Em pouco mais de uma hora tem um jantar de confraternização com todos os integrantes do Encontro que moram em São Paulo ou ainda se encontram na cidade. E a seguir, mesmo que o jantar termine tarde, precisa ir até a casa de Rogério e Sônia, para uma reunião com Veredas, que chegou há dois dias para tratar de questões relativas à próxima montagem da Fluorescente, *As Três Irmãs*. E Veredas viaja amanhã cedo para o Rio, onde terá uma reunião com diretores da Fundação Nacional de Arte, que desejam que ele faça no Brasil um workshop para atores profissionais, o que pode ajudar no pagamento de seu alto cachê. E o encenador, dada sua carregada agenda, não fica nem vinte e quatro horas no Rio. Embarca na mesma noite rumo à Dinamarca.

O jantar dos críticos, na pizzaria Veridiana, é agradável e divertido. A conversa é interessante, e Fernando gostaria de alongar-se por ali, mas ainda tem que se encontrar com Veredas. Parte então para a casa do casal de atores, numa vila em uma rua atrás do Hospital Alemão, no Paraíso. A casa é ampla e confortável. Foi do avô de Rogério, que morou ali quando criança. Como Fernando, Rogério e Sônia têm dois filhos, rapazes saindo da adolescência. Apesar do avançado da hora, há bastante gente na casa, em que Veredas está hospedado. Seu staff foi instalado em um hotel contíguo, mas o encenador, que odeia hotéis, preferiu acomodar-se na casa do casal. Agora enxameiam pela sala de estar avarrandada a secretária pessoal do diretor, dois assistentes de cenografia e figurinos e mais um conjunto de figuras que Fernando juraria saídas de uma cena do *8 1/2*, de Fellini, ou das *Mulheres à Beira...*, de Almodóvar. Muitos falam em vozes moderadas, mas intensas, de aparelhos celulares reluzentes de novidades. Não são invejados por Fernando, que jamais se sentiu totalmente satisfeito com seu

equipadíssimo iPhone. Assim que Simone, a ubíqua colaboradora de Veredas, braço direito do diretor, avança e diz para o crítico em português carregado de sotaque:

“Ele está te esperrando. Pediu prrra falar contigo assim que chegasse.”

“Bom, estou aqui.” Fernando não se sente confortável. A francesa é baixinha, sempre fala com a voz pausada, polida. Mas ele percebe hostilidade da parte dela. Como se ninguém mais pudesse desenvolver qualquer laço mais próximo com o ilustríssimo diretor. E o fato é que ele e Veredas se tornaram próximos ao longo dos últimos meses e depois de dezenas de mensagens de e-mail e de telefonemas destinados à discussão da tradução d’*As Três Irmãs*. E a assistente indica não gostar muito disso. Ao ver o modo como Simone ronda Veredas, e à arrogância com que trata os que se acercam dele, Fernando percebe que Lucila não deixava de ter razão ao ironizar Pedro Veredas e seus muitos auxiliares. Mas Veredas, pessoalmente, não é arrogante ou desdenhoso. Ao contrário. É uma pessoa de gostos e hábitos simples. Não transfere para si mesmo o clima de nervosismo e tensão com que seus auxiliares carregam o ambiente. Fernando pensa nesse estranho equilíbrio enquanto acompanha Simone até a saleta em que Veredas instalou seu escritório.

O encenador termina uma conversa em francês ao telefone e indica com um gesto uma cadeira a Fernando. Interrompe por um instante a ligação para pedir a Simone que mande servir café para eles. Fernando percebe a reação irritada da mulher de olhar intenso e gestos bruscos. Procura ser polido com ela, mas Simone ignora a palavra que ele lhe dirige e sai pisando duro. Veredas continua falando ao telefone como se nada houvesse. Despede-se, desliga e dá volta à mesa para cumprimentar Fernando. O crítico estende a mão ao diretor, mas este o puxa para um abraço que deixa Fernando perplexo. Veredas não é efusivo, mas hoje está diferente. Ele se afasta um pouco de Fernando e o segura

pelos braços com as duas mãos, fazendo oscilar o crítico, que é mais alto e mais corpulento que ele.

“Ora pois, fique sabendo que a última versão que o senhor Fernando m’enviou pelo máil ficou excelente!”

“Verdade?” Fernando mal crê. Foram meses de extenuantes versões sobre versões, cortando personagens, recolocando-os em cena, reduzindo a trama a extremos, expandindo-a além do original. Agora parecem ter chegado enfim ao resultado perseguido desde o início por Veredas. Pensa nas muitas vezes, durante essas semanas, em que pensou seriamente em desistir do projeto. Foi enlouquecedor o processo de trabalho. Caótico, desordenado, sujeito aos tropeços da agenda de Veredas, ocupada demais, carregada demais, com incumbências demais. Além disso, foi extremamente difícil entender o que o encenador desejava da dramaturgia e da adaptação. Foi sempre contra qualquer tentativa de modernização do texto. “Não podes tirar Tchekhov da Rússia, e da Rússia de fins do século 19, sem que o percas, e que te percas a ti por o perderes”, afirmava. E a cada vez que Fernando o procurava com uma nova alternativa, Veredas limitava-se a exclamar: “Ainda não está. Quero mais simples”. O que era “simples”, no entanto, ele não definia nunca. Foi em desespero de causa, Fernando recorda agora, que ele, numa madrugada, enquanto ouvia a paisagem sonora da Oréstia, composta por Lucila, alinhavou ininterruptamente as falas dos personagens centrais em blocos, formando monólogos, que intercalou, superpôs, retomou, repetiu, percutiu, seccionou. Imaginou que seria demitido da função de dramaturgista do espetáculo. Não. Agora, enfim, Veredas gosta. Fernando respira profundamente. O café chega, mas não é Simone quem o traz. Ela não volta à sala. E Veredas deve ter dado ordens, pois ninguém os interrompe, os telefones param de tocar ali. Até o celular de Pedro Veredas emudece. Ficam sós o encenador e seu colaborador. Falam longamente. O diretor explica o plano

que tem para a encenação, um jogo sinfônico de espartana austeridade, usando ora vozes sem corpo, ora corpos sem vozes, reduzindo os personagens a títeres e ampliando assim seu potencial trágico. Fernando interrompe, indaga, toma notas. A noite assim avança. Veredas pede sopa, insiste para que Fernando também se alimente. Por fim, quase quatro da manhã, os dois dão a reunião por concluída. Fernando ainda tem uma pequena lista de ajustes a fazer. Vai reduzir um pouco papéis secundários. Veredas quer dez atores no elenco, Fernando previa doze. Terá de fazer ajustes. Mas dentro da estrutura livre que criou para o drama tchekhoviano, tudo agora lhe é possível, e ele não deixa abater por ter de enfrentar ainda uma derradeira etapa de trabalho. Afinal, temeu que não concluiria o projeto, mas eis que as coisas rumam a bom porto. Quando estão se despedindo, Vereda, de repente tímido, indaga:

“Posso fazer uma pergunta pessoal?”

“Sim, claro.”

“O senhor Fernando e a menina Lucila...”

“Faz alguns meses já que terminamos, Pedro. Não se preocupe, não me incomodo de você perguntar. Não gosto de falar nisso, mas você nos conheceu, tem o direito de saber...”

“Eu a convidei para actuar conosco nas Três Irmãs. Queria que fizesse as paisagens sonoras e que interpretasse Macha. Seria uma Macha perfeita. Mas, não sei se ela lhe contou...”

“Contou, meu caro, contou. Foi naquele dia que rompemos. Nunca soube o que aconteceu. Me disse que estava de saco cheio de teatro. Que não tinha conseguido fazer o que queria, e estava tão amargurada, tão infeliz. Eu não pude fazer nada, não consegui. Eu... Ela se foi. Você sabe, não é?”

“Voltou para o Canadá, não é assim?”

“Pois é.”

“Informaram-me. É uma lástima ela haver desistido do teatro. Disseram-me também que está fazendo trilhas para programas da tevê canadense. E ela tem talento para muito mais que isso, creia-me. A menina Lucila tem algo de gênio, para o bem e para o mal. Queria muito que ela tivesse trabalhado conosco. Creio que poderia ter ajudado Lucila a encontrar esse caminho que está procurando com tanta angústia.”

“Pode ser.”

“Como tu te sentes...”

“Em relação a...”

“A ela, claro.”

“Me sinto triste, Veredas. Somos muito amigos, nos falamos muito pelo computador. Mas não é isso que eu queria. Eu sonhei que... Até hoje não sei.”

“Como eu não sei. Talvez seja isso que a menina quis. Fazer de nós dois, velhos lobos, cordeiros. Talvez queira não ser entendida.”

“Não sei, meu querido, não sei.”

“Muito menos eu.”

“Poderíamos passar horas aqui, especulando.”

“Ela está bem.”

“Me diz que sim, que está tranquila. Se bem que eu conheço bem a diferença entre aquilo que Lucila diz, e aquilo que é real. Ela lança despistes. Até hoje, tanta coisa, tanta coisa que não sei sobre ela...”

“Podemos saber algo sobre alguém, Fernando? De facto, a valer?”

Veredas olha para Fernando, seus olhos intensos fixados nos do crítico com uma urgência que o outro não consegue suportar. Abaixa os olhos. Sorri, infeliz. Então pergunta ao encenador:

“Quando é que *Três Irmãs* estreia pra valer, Pedro?”

“Em três meses. Agora que temos o conceito fechado, o texto pronto e a direção de arte traçada. O dinheiro da fundação holandesa saiu. Em quatro meses estaremos entrando, como vocês dizem aqui, em cartaz. Fins de julho. No inverno vamos apresentar em Amsterdam. Em português. Com legendas. Não vou fazer mais nenhum espetáculo em inglês.”

“Merda pra nós.”

“Merda.”

Veredas leva Fernando até o portão. A casa agora está toda silenciosa. A noite é quente, abafada. O céu fechado do verão paulistano aponta, lá longe, na barra da cidade, a luz avermelhada de uma aurora que chega, já em brasa, como têm sido os dias desde fim de verão. Fernando entra no carro e dá partida, tomando a direção da avenida Paulista. Pensa em sua cama, pensa em João, com o qual não tem passeado com a necessária frequência, pensa nos ajustes, agora simples, que tem de fazer no texto das *Três Irmãs*. E pensa, por trás de tudo, que pela dor que lhe causaram as não muitas palavras que trocou com Pedro sobre Lucila, que a ferida aberta pela ausência da moça não vai fechar nunca. Pensa no primeiro encontro dos dois fora da escola, na casa de sucos da avenida Sumaré. E como tem feito muito nos últimos dias, começa a desenrolar a história com Lucila em sua cabeça, como se fosse um filme. Precisa descobrir onde errou. Precisa. Quando voltarem, e está certo de que voltarão, não vai de novo permitir que ela se vá. Isso não acontecerá mais. Não mais.

## CODA

**Um.**

Fernando está acordado há mais ou menos meia hora. Ainda esticado na cama, ligou a tevê. Hoje é domingo, não planeja sair da cama tão cedo. Pensa até em dormir um pouco mais, depois. Juão já tentou subir para o colchão duas vezes, e foi devidamente expulso. Fernando pôs o despertador para essa hora tão inóspita porque Veredas, ele e a trupe da Fluorescente gravaram um especial sobre o grupo e seu trabalho, para o programa de variedades ArteSat, veiculado por um canal a cabo, MundoSat. Veredas, que sempre se recusa a dar entrevistas para a tevê, acabou convencido, Fernando não sabe de que forma, a falar com exclusividade para essa emissora. Artesat, um telejornal que aborda vários assuntos e pretende atingir diversos segmentos etários e sociais, hoje foi destinado inteiramente à Fluorescente, saudada pelo entusiasmado repórter como “a mais importante companhia brasileira da atualidade”, o que é no mínimo uma deslelgância e no máximo uma grosseira imprecisão. Mas televisão é assim, não é? O programa foi ao ar há alguns dias. Fernando estava ocupado assistindo a um espetáculo. Agora madrugou para ver. A equipe seguiu os integrantes da companhia por uma semana, para captar as imagens, os depoimentos. Estiveram na casa de Fernando, gravaram-no em frente seu PC. E agora ele vê o apresentador dizendo, orgulhoso, enquanto a tela exibe uma imagem de *Três Irmãs*: “Gente, estamos na casa de Fernando Domingues, e foi daqui, deste escritório, deste computador, que saiu o texto dessa obra que, desde a estreia, há mais de um ano, aqui em São Paulo, assombra o mundo! A versão do Teatro Fluorescente para a peça do russo Tchekhov já passou por Amsterdam, Roma, Paris e Berlim, e agora volta para São Paulo por apenas dois meses, para daí rumar para os

Estados Unidos, onde ficará por 16 semanas na Academia de Música do Brooklyn, um dos endereços mais prestigiados das artes em Nova York...”

Fernando fica irritado com o rapaz engomalinado, que fala Tichecóvi, em vez de Tchekhov, e para quem a peça se chama Ash Treish Irmâsh. O crítico abaixa o som. Enjoa-o o tom do programa. O rapaz fala com os atores, com os técnicos, com todos, como se se dirigisse a um bando de crianças um tanto incapazes. Infantiliza até mesmo a conversa com Fernando, que faz questão de ser o mais objetivo e preciso sobre o processo de trabalho a partir da obra-prima de do dramaturgo russo. Veredas foi o único poupado da triste infantilização, pois, para falar com o programa exigiu ser entrevistado pelo diretor de jornalismo da emissora. E a rede topou. Isso garantiu ao encenador a possibilidade de uma conversa séria, de um depoimento consequente e rico de informações. Fernando está perdido nessas divagações. Não fosse o sobressalto de João e o movimento do cão sobre seu tapete, e o crítico não ouviria o toque do telefone. Em geral ele costuma deixar o fone no quarto, mas hoje, pelo visto... Levantasse, preguiçoso, inda sonolento, e cata pela casa o aparelho. Acha-o junto do aparelho de som, na sala. Ali onde esteve ontem, com Valéria, ouvindo algumas preciosidades de sua coleção que se encontram até agora espalhadas pelo tapete. No momento em que apanha o aparelho, este volta a tocar. Fernando leva um susto que o faz deixar cair o fone sem fio. Felizmente o aparelho não é danificado. Ao contrário. Continua a tocar e tocar. Talvez no último toque antes de cair na secretária eletrônica, Fernando atende.

“Alô.” Está ofegante.

“Fernando?” Ouve uma voz que não é familiar. “Floriano, Fernando.” O nome não ecoa em sua memória. Então: “Floriano, irmão de Lucila”.

O crítico sente o coração disparar. Sabe antes de ouvir. Não pode ser outra coisa. Há dias insiste, mas suas mensagens para Lucila não tem resposta.

Verdade que faz meses não se correspondiam mais com a intensidade dos primeiros tempos depois da separação, logo que ela retornou ao Canadá. Mas, apesar dos lapsos, das longas semanas entre um mail e sua resposta, até agora ela correspondia às suas tentativas de contato. Até esse silêncio nas últimas semanas. Fernando não sabe o que dizer.

“Eu... O que...”

“Fernando. Preciso conversar com você. Desculpe ligar tão cedo. E Lucila...”

“Ela está bem?” Por alguma razão, Fernando não quer fazer a pergunta que levará à resposta que teme.

“Prefere que eu vá até aí, pra nós falarmos pessoalmente?”

“Como ela está?”, Fernando quase grita.

“Ela morreu, Fernando.”

“Como?” A pergunta é tão idiota.

“Podemos falar disso pessoalmente?”

Fernando percebe enfim a devastação na voz de Floriano. Nem se lembrava do nome do irmão de sua... Como definir Lucila em sua vida? Foi mulher, apenas namorada, nem uma coisa nem outra? Importa isso, tenho que pensar nisso agora? Lucila morreu, Lucila morreu. Tem que responder a pergunta de Floriano. Viu-o tão pouco durante todo aquele tempo. Lembra de um rapaz alto e magro, um pouco mais velho que a irmã. Os mesmos cabelos e olhos castanhos de Lucila. Poucas vezes conversaram. Penso que ele me disse uma vez que era programador visual. Sei lá o que é isso. E por que penso nessas coisas agora?... Sente uma dor no plexo, a dor da falta, do não mais. *Nevermore*, o corvo de Poe. Eu achava, a gente ia se reencontrar daqui a dois meses, eu desejava tanto que... Agora não adianta mais. Sente que lhe falta apoio. Senta-se no chão, no corredor da cozinha. A cabeça gira. Juão, que o acompanhou para cá e

para lá durante todo o tempo da conversa está agora com o grande focinho pousado em sua coxa, e volta os redondos olhos escuros para cima, atento, a observar as reações do dono. A cabeça de Fernando é um tumulto, um redemoinho. Não tem ar.

“Fernando...”

Ouve a voz que agora sabe pertencer a Floriano, e tenta organizar o caos interior. Respira fundo, devagar.

“Floriano...”

“Sim.”

“Podemos nos encontrar, claro. Só me diga quando foi.”

“Ontem.”

“Montréal?”

“Montréal.”

“Vai ser enterrada lá?”

“Não. Vai ser cremada. Ela pediu.”

“Você...”

“Estou indo para lá hoje. Consegui um voo. Ver meus pais. E vou trazer as cinzas de Lucila. Ela...” Ele se cala um instante. “Por favor, podemos falar sobre isso pessoalmente? Acho que vai ser mais...” A voz do rapaz se quebra.

“Claro, que sim. Quer que eu passe aí?”

“Estou me preparando pra viajar, mas só embarco à noite. Se quiser, passo por aí.”

Mas Fernando quer ver uma última vez a casa em que Lucila morou durante o tempo em que estiveram juntos. Não entrou lá mais que em duas ou três ocasiões ao longo de quase dois anos. Responde sem hesitar.

“Prefiro ir até aí. Preciso sair um pouco de casa. Se você não se incomodar, chego em meia hora.”

“Está bem. Vou fazer um café. E... Fernando.”

“Sim?”

“Eu... Eu sinto muito. Não queria ter sido o mensageiro da notícia.”

“Alguém teria que fazer isso, não é? A gente nem se conhece, mas prefiro que tenha sido pela sua boca. Deve ser doloroso pra você também.”

“Você não imagina o quanto. Bem, te espero aqui. Você sabe o endereço, não é?”

“Claro.”

Desligam. Fernando caminha como autômato até o chuveiro, Juão sempre em seus calcanhares. Fernando observa o cão enquanto tira a roupa e vai para baixo da água. Esse bicho não gostava de Lucila. Ao contrário de Valéria, por quem se derrete. Valéria. Fernando pensa nela. Companheira, amiga, mais que amante ou esposa. Um encontro de iguais. Dois lobos da estepe na noite, amparando um ao outro. Gostam de viajar juntos, como aquela vez, para Nova York, quando? Parece-lhe tão distante aquele réveillon. Foi numa outra vida. E está a apenas 24 meses de distância. E de repente lembra-se dos gatos de Klee e de Lucien Freud. O gato preso pela mão da menina. Meu deus! Porque só agora percebe como aquela menina se parece com Lucila? Poderia ser Lucila quando criança! E a imagem do pássaro contido dentro do gato de Klee eclode ante seus olhos com tal força, que ele precisa se apoiar na parede do box, ofuscado. Sim.

Quanto a Valéria, precisa avisá-la da morte de Lucila. Ele sabe que elas se conheceram na faculdade, mas a garota não chegou a ter aulas com Valéria, que ensina prática de dramaturgia. Resolve que vai deixar um recado no celular da professora mais tarde. Não é necessário fazer isso agora. É muito cedo, talvez nem tenha acordado. Ele se demora no banho. Tem vontade de se liquefazer, de sumir com a água que escorre aos seus pés. E enfim começa a correr água de seus olhos. Ele chora intensamente. Agacha-se sob o jato d'água, encostado nos

ladrilhos brancos, e pranteia. Um choro agônico, entrecortado, que vem de profundezas de emoção que há muito tempo ele não sondava.

Sai enfim do banho, enfia um moletom limpo e sandálias crocs brancas. Alimenta João, troca sua água. E enquanto o cão ataca entusiasmado a ração, Fernando sai de casa. Pega o carro e dá a partida. Tantas vezes fez isso, tirar o automóvel da garagem para ir até a casa de Lucila, em geral para levá-la embora, de volta ao apartamento da moça. E agora os mesmos gestos fazem com que seu coração fique muito pequeno. De novo percebe lágrimas assomarem.

Na casa de Floriano, o rapaz o aguarda com um pequeno desjejum servido na mesa da varanda. Fernando recorda que nas poucas vezes em que esteve ali, se deslumbrou com a paisagem descortinada daquelas janelas, que dão para a zona norte de São Paulo e incluem o pico do Jaraguá. É uma faixa de cidade com montanhas e serras ao fundo. De certa forma não parece São Paulo. Tomam café. Fernando mal toca na salada de frutas. Floriano conta que às quatro da madrugada recebeu um telefonema dos pais. Estão agora morando em Ottawa, mas foram para Montréal depois de avisados pela colega com quem Lucila dividia o apartamento. Foi essa moça, cujo nome ele não sabe, que encontrou o corpo. Fernando não tem coragem de perguntar como foi que Lucila... Mas Floriano fornece a informação. “Do mesmo modo que Sylvia Plath”, diz. E na imaginação de Fernando espocam imagens. Corpo deitado no chão da cozinha. Cabeça no forno. Olha para a paisagem, para o Jaraguá. Está dilacerado mais do que poderia admitir.

A conversa é difícil. Arranca pedaços. Duas pessoas que não se conhecem obrigadas a desvelar intimidades de um modo que... Melhor não pensar. Quem sabe mais tarde ele possa entender melhor tudo o que sente neste instante, que lhe parece o mais doloroso da sua vida. O ar é grosso, quando inala, parece colocar para dentro do corpo partículas de sal. Sente o coração disparado. Por

um momento teme que... Mas não. Muito melodramático seria ele ter um ataque do coração agora, quando recebe a notícia da... Por que ela decidiu fazer isso, por que não de um jeito menos agressivo? Não sei, acho que desse modo é tão... tão definitivo. Não pode de modo nenhum parecer um engano, como aconteceu com aquele ator que não lembro o nome. É algo pra sempre. Deitar no chão e pôr a cabeça lá é... é como encher os bolsos de pedras, que foi o que Virginia Woolf fez. Lembra do início daquele ensaio famoso de Camus, como se chama?, ah, sim, *O Mito de Sísifo*: “Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio”. Tem de parar com isso, de pensar a esmo. Concentre-se Fernando, foco! Lucila morreu. Ainda não foi enterrada.

“Gostaria de estar na cremação”, diz a Floriano.

“Não faça isso. Vai ser uma cerimônia muito íntima. Você nem conheceu meus pais. Eles são tão... Bem, não se submeta a isso. Não precisa. E... Tenho uma carta e um, nem sei como dizer, um legado de Lucila pra você. Daí vai entender por que não precisa ir ao Canadá comigo.”

“Carta?”

“Sim, carta. Ela planejou tudo. Na verdade não é uma carta. É um e-mail. Posso te imprimir uma cópia, se você quiser ler agora. Ou, se preferir, envio pra tua casa. Ela mandou o mail aberto, mas obviamente, quando vi que era pra você, não o li. Não sei por que ela não remeteu a mensagem diretamente pro teu endereço. Meu palpite é que Lu queria que nós nos encontrássemos. Ela sabia que eu não teria coragem de te repassar o e-mail sem conversar contigo, sem que a gente se encontrasse.”

Fernando olha ao redor, sem responder à fala de Floriano. O outro percebe seu olhar e pede-lhe para acompanhá-lo. É um apartamento amplo, mobiliado com gosto moderno. No corredor para os quartos há uma grande tela a óleo. Figurativa. Retrata os dois irmãos numa paisagem montanhosa, quando?,

talvez dez anos antes. A semelhança entre os dois é perturbadora. E Fernando percebe que Floriano tem o mesmo corpo esguio, os cabelos luminosos, os olhos, até a expressão da boca. Poderiam ser gêmeos.

“Impressionante”, exclama Fernando.

“Eu gosto desse quadro. Nós não éramos tão parecidos assim. O pintor acentuou as semelhanças. Me fez igual a Lucila. Era meu namorado. Agora é meu companheiro, há catorze anos. Mas a paixão de sua vida era Lucila. Sempre brinquei que, como não podia ficar com ela, ele se contentou comigo.”

Fernando segue olhando a tela por muito tempo. Depois indaga:

“Por quê?”

Floriano, entende a pergunta de Fernando, mas nada diz. Responde encolhendo os ombros, uma expressão extrema de desalento nos olhos.

“Venha comigo”, diz Floriano.

Conduz Fernando para um quarto todo branco, cama, mesa, armário, cadeiras, paredes. Uns poucos livros sobre uma prateleira, um vaso de flores azuis sobre a mesa, mais nada. Próximo do vaso, um Macintosh branco com a maçã multicolor na tampa.

“Este era o quarto dela. Eu não mexi desde que foi embora. Sempre pensei que em alguma hora ela viria e...”

“Eu sei. Também pensei isso”, diz Fernando.

“Pois é. Então, espere um segundo.”

Fernando ouve-o abrindo uma porta no corredor e escuta-o dizer alguma coisa em inglês. Depois a porta é fechada e os sons somem. Segundos depois Floriano está de volta com folhas impressas na mão. Entrega-as a Fernando.

“A carta?”, diz este.

O outro assente.

“E tem mais duas coisas. Primeiro, ela deixou isto para você, este é o legado”, e Floriano empurra para junto de Fernando o laptop. “Imagino que vai entender o que é, depois de ler a carta. Com certeza está tudo explicado lá. É um presente, mas também um trabalho. Espero que aceite o convite dela.”

“Está bem. Vou ler o Lucila escreveu e ver o que há aqui”, diz o crítico tocando o computador com o indicador, “e daí voltamos a conversar.”

“E há outra coisa”, acrescenta Floriano, hesitante. Depois, em voz baixa, diz: “Na carta que mandou pra mim, ela faz um pedido estranho a você, e pediu a mim que o transmitisse. Mas você pode recusar.”

“O quê?”

“Lembra que eu lhe falei que vou trazer as cinzas dela de volta?”

“Sim.”

“Então... Ela me pediu pra lhe dizer que gostaria que você cuidasse de espalhar as... as cinzas. Sem cerimônia, ritual nenhum, nada. Só você. Disse que você saberia onde. O lugar em que se viram pela primeira vez. Foi na faculdade, não é?”

“Não, Floriano, acho que ela não estava pensando na escola. Imagino que sei em que lugar ela estava pensando.”

“Você aceita?”

Fernando nem mesmo hesita.

“Aceito.”

“Muito obrigado. Eu devo ficar lá por uns dez dias. Não aguento muito tempo na casa dos velhos. Eles são asfixiantes. Quando eu voltar, telefono pra você. Ah, é bom que você saiba: eu sou, por testamento, o herdeiro universal de Lucila. Então, o pedido que ela lhe faz na carta, se você aceitar, vai conversar tudo comigo, e mais ninguém. O que ela lhe pede, só eu posso autorizar. Ela não ia querer de jeito nenhum que nossos pais pudessem interferir... Enfim, é

isso. Ela confiava em mim. E você foi o cara que ela mais amou na vida. Talvez tenha sido o único que Lu amou mesmo. Eu sei disso. E imagino como deve estar sendo duro pra você.”

Fernando sente o choro vir manso. Antes que perceba, está abraçado a Floriano, que retribui com força. Os dois choram assim por alguns segundos. E quando se afastam, o crítico percebe que uma barreira foi rompida. Há um entendimento nos olhares que não havia antes. Despedem-se sem mais palavras, e com outro abraço caloroso, agora sem novas lágrimas. Floriano volta para dentro de casa, e Fernando ouve então fragmentos de outra voz, masculina, que fala com ele em inglês, mas logo a porta se fecha e em silêncio ele aguarda a chegada do elevador. Fernando volta para o carro sobraçando o laptop como se fosse o mais precioso objeto sobre a terra. Quando entra no veículo, percebe que está tremendo. Deposita a bolsa com o computador no banco do carona. Abre então as folhas de papel, que tira do bolso do agasalho, e começa a ler a carta de Lucila. Tão estranho percorrer as palavras, dirigidas a ele, por alguém que agora está morta. Perturbador. Demais. Pensa por um instante em desistir. Mas sabe que tem de prosseguir. Sem retorno.

Vai então, palavra por palavra, desbravando a carta, naquela rua calma, sem movimento na manhã de domingo. São quatro páginas. Mas o tamanho da fonte que Lucila usou é grande. Não registrou muitas palavras. Declara mais uma vez o amor por ele. Não explica nada. Escreve apenas que sabia que teria de ser assim. Desde sempre. E por isso tivera de fugir, de sair de perto. Não podia submetê-lo ao que, tinha certeza, seria inevitável. Gostaria de lhe poupar, se pudesse, a dor. E nada mais a respeito disso. Pedia-lhe então um favor: que visse com seu editor a possibilidade de lançar seus estudos sobre paisagens sonoras, além das notas de trabalho e das partituras da *Oréstia* como um volume acompanhado de dois DVDs. A carta termina com uma nota afetuosa,

carinhosa, e Fernando volta a chorar enquanto acaba de ler. Alterado atende a um chamado de Valéria. Diz-lhe que telefonará mais tarde. Neste preciso momento não tem condição de explicar nada.

**Dois.**

“Você fez o quê?”, exclama Paulo, tão alto, que faz Fernando olhar em volta, para observar os circunstantes. Ninguém, porém, parece ter-se incomodado com aquela conversa calorosa travada ali, no canto da cafeteria.

“Isso que você ouviu”, diz Fernando, em voz baixa. “Espalhei as cinzas dela pela Avenida Sumaré.”

“Fernando, mas a Avenida Sumaré? Que coisa sem poesia.”

“Ao contrário, teve uma estranha e urbana poesia arbórea, que não poderia ter acontecido em nenhum outro lugar. Foi um pedido dela. Sem cerimônias, sem culto. Com os pais, de quem ela não gostava, bem longe. Nem o irmão, Floriano, que é uma criatura encantadora, a quem Lucila amava, ela quis perto. Só eu. No lugar em que nos conhecemos. E nos conhecemos de verdade naquela casa de sucos.”

“Mas como você fez, seu doido?”

“Nada de mais. Escolhi um dia de chuva. Calor e chuva. A urna em que estavam as cinzas é leve, de latão. Na madrugada, quatro e meia da manhã, caminhei sob a chuva até a casa de sucos. Mas não entrei. Fiz meia-volta e tomei o caminho para minha casa. Nem João eu levei pra andar comigo, porque chovia. Havia pouca gente passando de carro. Caminhando naquele canteiro central, só eu. Então abri a urna e enquanto caminhava fui derramando as cinzas. Como eu queria, elas não voaram. A chuva fez com que fossem pro solo, se impregnaram, se dissolveram lá. Acho que é isso que Lucila queria. Sob as

mangueiras e as seringueiras da Avenida Sumaré, que estão muito copadas, lindas. Era assim que ela queria.”

“Sem ninguém do teu lado.”

“É.”

“Deve ter doído um monte.”

“Não. Doeu mais receber a notícia. Senti que aquilo, aquela caminhada úmida, no calor do verão de São Paulo, foi como um gesto que a libertou para sempre de todas as suas dores, das angústias que fizeram dela a mulher autodestrutiva que...

Estão no café do MoMA. Fernando quis voltar ao museu para rever os quadros dos gatos, agora, tanto tempo depois. A tela de Klee, *Gato e Pássaro*, ainda está lá, e ele ficou novamente por um bom tempo diante dela, entendendo apenas que nunca iria entender o sentido daquilo, nunca iria perceber o sentido de nada. E percebe que, apesar disso, tinha vivido até então e continuaria a viver como se tudo tivesse todo sentido. Caso contrário seria o buraco negro. A pintura de Freud, que foi exposta num evento temporário, não está mais em exibição no MoMA, e Fernando tem frustrada sua intenção de examinar as telas em sequência. Mas tem consciência de que de nada adiantaria isso. Há quanto tempo essas imagens rondam sua cabeça? E o que aprendeu com elas? Paulo quis acompanhar o amigo a essa visita às imagens. São imagens que, sem saber exatamente por qual motivo, Fernando coloca no início da estrada mental que leva daquela viagem a Nova York, há dois anos, até a separação de Ana e em seguida até Lucila e até depois de Lucila.

Paulo percebe que o amigo não deseja prosseguir nesse assunto, e freia sua curiosidade, que não está nem de longe satisfeita. Falam da crise mundial, que se aprofunda e agrava de formas assustadoras. Fernando foi demitido do jornal. Exatamente um mês depois da morte de Lucila. “Coisas ruins nunca vêm

sozinhas, não é?” Paulo foi obrigado a abrir uma firma e passou a prestar serviços como autônomo ao seu empregador de décadas. Tem agora de arcar com todos os encargos e impostos. Mas, vivendo em Nova York, uma cidade tão violentamente afetada pelo terremoto econômico, ele ainda ergue as mãos por não ter perdido o trabalho. Fernando encontrou uma inesperada relação de trabalho na parceria com Veredas e a trupe Fluorescente. O vínculo surgiu a partir da longevidade da montagem de *As Três Irmãs*, que está longe de ter seu trajeto esgotado. O espetáculo ainda tem a cumprir uma agenda de festivais e temporadas internacionais. Mesmo nesta fase terrível, em que se cortam tantos subsídios à cultura, o nome de Veredas abre portas. E embora sua agenda internacional tenha encolhido em uns trinta por cento, lhe sobram trabalhos que permitem a manutenção da equipe que o acompanha em grande evidência.

“Até quando você fica em Nova York?”, pergunta Paulo.

“Vejo a estreia da companhia aqui, depois de amanhã, e daí vou pro Canadá. O bebê de Mariana está previsto pra daqui a uma semana. Quero estar lá quando ele chegar.”

“Claro. Quem diria! Você, avô.”

“Pois é.”

“Nunca imaginei que a Mariana um dia fosse se casar, quanto mais ter filhos. Ela me pegou de surpresa quando ligou pra contar. Mas fiquei todo contente. Disse que vou ser o tio-avô. Quero ser padrinho.”

“Isso é com ela, Paulo, entendam-se vocês.”

“E Marcelo?”

“Ah, do jeito que gosta de crianças, acho que nunca vai me dar netos.”

“Nunca se sabe.”

“Verdade.”

“Gostaria de ir com você para ver o bebê, mas não posso deixar o trabalho agora de jeito nenhum.”

“Nem pense nisso.”

“E como estão as coisas no Brasil?”

“Muito complicadas. Muito.”

A pergunta e a resposta são retóricas. Os dois escrevem-se diariamente, conversam pelo MSN, mantêm-se a par dos respectivos cotidianos. Mas esta é a primeira vez que se vêem desde a morte de Lucila, e há como que uma sombra lançada ao redor dos dois pela perda da mulher que os encantou. A derivação da conversa para a crise é mera manobra de polidez, para não mergulharem num silêncio constrangido o encontro dos dois velhos amigos.

“Onde isso vai parar?”, diz Paulo num sussurro.

“Sabe-se lá.”

Paulo pergunta por Luciano, por dona Rita, por Ana e João. Fernando fala do irmão, que finalmente parece ter, depois de tantos casamentos, separações, namoros, rupturas, encontrado uma mulher que o equilibra e com a qual está, ao que tudo indica, feliz. Conta da mãe, que define como cada vez mais manipuladora à medida que envelhece. E diz que Ana está na França, num congresso, e de lá irá diretamente para o Canadá, para estar junto da filha no momento do parto. Quanto a João, continua igual. E quem está cuidando dele é Valéria, que o bicho adora. Conta a Paulo que João não tolerava Lucila, e a ignorava declaradamente. E diz que o cão baba de contentamento quando vê Valéria. Eu não entendo, não entendo. Lucila sempre tratou ele tão bem! E Valéria nunca levou um osso cheio de carne, ainda, como Lucila fazia. Não entendo esse bicho. Pedem a conta, levantam-se e deixam o museu. Por um tempo caminham lado a lado, nessas intimidades que apenas velhas e sólidas amizades permitem. Marcham pela tarde de fim de primavera. Tantas lojas fechadas, e gente com cara

de poucos amigos, e mais mendigos nas ruas desde dois anos antes. Mas ainda e sempre Nova York, a metrópole do mundo.

Fernando sempre diz que é um caipira, que nasceu na província, no Brasil, e que lá vai morrer, na mesma São Paulo que o viu nascer. Ainda assim, quando está em Nova York entende perfeitamente a paixão pela cidade de seu amigo Paulo, que mora ali há décadas. Em certos momentos de sua vida tem grande inveja dos nova-iorquinos. Como agora, quando vão Quinta Avenida acima, em direção ao Guggenheim de Lloyd Wright, um prédio cuja elegância e inteligência sempre emocionam Fernando. Ele observa o céu luminoso da cidade. Imagina como não seria estar ali, com Veredas, em épocas distantes desta voraz crise. Simone, a assistente do encenador, que há muito decidiu deixar de hostilizar Fernando, e passou a procurar nele um aliado, contou-lhe no avião que até uns poucos anos atrás as temporadas de Veredas em Manhattan eram pontilhadas por festas e recepções dos muito ricos, com jantares finíssimos em prédios junto do parque, e por convites pra fins de semana em Cape Cod, em mansões que Simone chama de fitzguerraldianas, com seu carregado sotaque. Parece-lhe que Paulo fez uma pergunta.

“Que foi?”

“Valéria, eu perguntei como foi que...”

“Não foi.”

“Mas vocês estão...”

“Fazendo companhia um para o outro.”

“Só isso?”

“Com direito a algumas sessões de namoro. Mas ela não quer compromisso, já me disse quinhentas vezes. Eu também não. Entoces...”

“Vocês estão juntos faz quanto tempo?”

“Cinco meses.”

“Antes de Lucila...”

“Antes de Lucila, sim. Lembra que ela se mandou da minha vida? Mudou até de país pra ficar longe. Valéria sabia que eu estava, estou, estarei apaixonado por Lucila. Sabia que se ela voltasse... Eu e Lucila estávamos combinando de nos encontrar agora, porque eu planejava vir ao Canadá pro nascimento do bebê, mas...” A voz se quebra, e ele emudece por longo tempo, “...isso foi antes.”

Paulo nada diz. Põe a mão direita no ombro esquerdo de Fernando e caminham assim. Saboreiam o prazer da companhia mútua, do dia quente.

“Gosto demais de Valéria. É escritora. Dramaturga. Poeta das boas. De uma sensibilidade tremenda. Nós chegamos a ter um lance quando eu ainda estava casado com a Ana, mas era só galinhagem minha. Ela percebeu e saiu de lado. Daí a gente se reaproximou depois que a Lucila... E descobrimos que temos um monte de coisas em comum. Daí que... Mas não estamos. Nem sei.”

“Não precisa explicar nada.

“Nem pensei em explicar. Só queria entender, eu acho.”

Paulo desvia a conversa para outro rumo.

“Estou muito curioso pra ver essas *Três Irmãs*”, diz Paulo depois de alguns minutos. “Vocês ganharam um monte de prêmios, não é?”

“Um monte, não. Alguns.”

“Importantes.”

“Sim.”

“Você tem certeza de que pode conseguir ingressos pra mim. Queria levar uma pessoa.”

“Alguém que eu conheça?”

“Não. Ainda não.”

“Fique sossegado quanto aos ingressos.”

“É que as estreias do Veredas são muito concorridas. Ainda mais lá naquele teatro que ele adora, e que é meio pequeno.”

“Paulo, fique frio, querido. E quem vai te acompanhar?”

“Nem sei se vai...”

“Mas se for, quem é?”

“Ele é professor. Nós saímos juntos algumas vezes. Mas não sei.”

“Seria bom pra você. Faz tanto tempo que está só.”

“E você parece que não consegue nunca ficar só.”

“O que uma coisa tem a ver com a outra?”

“Nada. Só estava pensando que...”

“Lucila.”

“Sim.”

“Paulinho, estou mais perto dela agora do que nunca.”

“O livro?”

“O livro.”

“Como está?”

“Mal comecei a mexer. É trabalho pra um ano, pelo menos. Acho que só verifiquei 15% dos arquivos que ela deixou. Lucila queria”, para Fernando ainda é difícil falar de Lucila no passado, “que o livro viesse junto com um CD. O maestro que eu e Floriano convidamos para participar da edição diz que, com o material que pesquisou até agora, seria possível lançar cinco ou seis álbuns. Ele está impressionado pela consistência do trabalho dela.”

“Um projeto caro. Nessa crise.”

“O editor dos meus livros vai fazer. Ficou muito feliz porque meu livro sobre o plágio vendeu superbem. Também, é um dos assuntos mais em questão agora. E o livro ficou bem feito. Gostei, no fim das contas. Mas o livro da Lucila é outro papo. Fotos, infogramas, diversos tipos de papel e fontes. Floriano está

bancando. Com um fundo que Lucila deixou pra isso. Eles são muito ricos. E têm uma história familiar das mais enigmáticas. Lucila nunca comentou nada comigo, e olha que o Floriano diz que eu fui o cara que ela mais amou. Ele também nunca conta nada a respeito. O que sei é que tem muita reserva, ali. De todos os lados. Só conheci o namorado de Floriano agora, na semana passada, antes de embarcar pra cá. E isso porque o cara, David ele se chama, é canadense, vai fazer a programação visual do livro. O sujeito é um artista plástico dos bons. Expõe no mundo todo. Nem sabia que ele existia. Floriano diz que o estilo dele é neofigurativo. Não sei bem o que é isso.”

Passam em frente ao Metropolitan. Está aberto, e há filas.

“Quer encarar?”, pergunta Paulo. “Há umas mostras novas, bem legais.”

“Outro dia. Gostaria de caminhar pelo parque. Nem mais um museu, hoje. Já está bom. Só na tentativa de entender aquele gato do Klee, já tenho munição pro resto da viagem. O dia está muito bonito. Vamos almoçar em algum restaurante com mesas na calçada. O que sugere?”

Perto do Lincoln Center encontram aberto um restaurante indiano de que Paulo gosta. Tem mesas a céu aberto em um grande pátio interno, sob um vistoso carvalho. Falam de livros e filmes, de assuntos de todo dia enquanto saboreiam a comida condimentada e plena de sabores que envolvem os sentidos. Saciados, pagam a conta e voltam a andar sem rumo. Param em café, tomam expressos. E finalmente se despedem. Fernando vai para o teatro, acompanhar o ensaio geral das *Três Irmãs*. Haverá alguns críticos na plateia, que desejam soltar seus comentários já no dia da estreia. Depois será oferecido um coquetel para o elenco e a equipe técnica. Fernando não anda muito festeiro, mas Veredas faz questão de sua presença. Enquanto abraça Paulo, e reafirma ao amigo que haverá ingressos à espera dele na estreia, pensa que tem de telefonar para Valéria assim que chegar ao teatro. Gostou de falar sobre ela com Paulo. Foi como

se. Não sabe. Como se precisasse tornar menos privado o que está experimentando e vivendo com ela. Gostou de se confiar a Paulo. Este tem uma pergunta antes de se despedirem.

“Já pensou no título?”

“Estou namorando um.”

“Posso saber?”

“Você pode. *No fio, sem rede.*”

“Genial. Gosto muito.”

“E já tenho a epígrafe, também.”

“Qual?”

“Uma frase do Luiz Galizia.”

“Lembro dele. Qual a frase?”

“Teremos de ser radicais.”

FIM

01/01/2008, NY – 18/02/2009, SP

## Posfácio

### Dos riscos de ser rio e correr

Obras póstumas costumam ser publicadas à revelia do autor. Não é este o caso. Alberto Guzik, antes de se internar para a operação que levaria à sua morte, me enviou e a Ivam Cabral cópias de *A Estátua de Sal de Sodoma*, com pedido expresso para que tratássemos da publicação, caso não sobrevivesse. Se queria ver publicada é porque julgava pronta. Idiossincrático, extremamente emocional por trás de sua impecável racionalização, Alberto era tão exigente consigo quando o era com os outros. Amigos ou não – que o digam os amigos, como eu, que tiveram trabalhos por ele criticados publicamente.

Artista desde sempre, subiu ao palco pela primeira vez, aos cinco anos, no Teatro Escola São Paulo, de Júlio Gouveia e Tatiana Belinky, e foi amador até se profissionalizar na EAD de Alfredo Mesquita. Depois disso, faria um longo *detour* pela crítica antes de reassumir a vocação e florescer como artista. Primeiro como autor de ficção, depois novamente como ator, dramaturgo e eventualmente diretor.

Seu primeiro romance, *Risco de Vida*, publicado ainda enquanto atuava como crítico, é francamente autobiográfico; mas já apresenta os temas e procedimentos que se aprofundarão em trabalhos posteriores.

Romance *à clef*, narra a história de amor de um crítico de teatro por um bailarino e o enfrentamento à chegada do HIV em um país homofóbico e sem estrutura de saúde civilizada (ainda que, justiça seja feita, no que tange à AIDS, fomos vanguarda mundial). A mesma doença que ceifou no auge a vida e a carreira de Luiz Roberto Galizia, Caio Fernando Abreu, Cazusa e inúmeros amigos e conhecidos é o ponto de inflexão trágico do raconto.

Nele já estão a citação, velada ou explícita (e o subjacente tema da pós-modernidade); o registro do cotidiano e dos espaços ocupados pelos

trabalhadores de teatro e de uma certa população do centro expandido de São Paulo à época; o foco nas relações interpessoais deixando nas bordas do quadro, difusas, as condições políticas e sociais; a sexualidade como elemento central da vida e da criação; a busca por uma relação com a obra de arte que incorpore à experiência estética a reflexão existencial. Nesse sentido, o ambiente intelectual de sua juventude é chave importante. A citação de Camus, quando do suicídio de Lucila, é o recurso que usa para driblar o melodrama. Mas é também a marca de um viés existencialista que marca todo o discurso interior da personagem central.

Sua segunda incursão na ficção, *O Que é Ser Rio e Correr*, é uma coletânea de contos que tem por unidade a reação de personagens a obras de arte – filme, quadro, música, etc. O ambiente já não é apenas o mais próximo do autor, mas os temas e procedimentos de *Risco de Vida* estão ali, repensados.

Em *Estátua de Sal de Sodoma*, Alberto volta ao ambiente de seu primeiro romance, a cena teatral paulistana, e ao recurso de botar em diálogo uma obra de arte e uma personagem, como no conjunto de contos. No entanto, alterna terceira e primeira pessoas – numa variação da primeira pessoa de *Risco de Vida* e dos exercícios de mudança de pessoa nos contos. E não faz de uma obra de arte (aqui dois quadros, um de Paul Klee, outro de Lucian Freud) um disparador da ação, como nos contos, mas a usa como uma sombra, uma metáfora para o inconsciente do protagonista.

Duas figuras saltam do mundo real para as páginas do romance, Gerald Thomas e Ivam Cabral. A ambos o romance é dedicado. A escolha não é acidental. Novamente motivos pessoais e estruturais se mesclam.

Thomas e Cabral foram amigos próximos do autor. Ambos também estão no centro de seu trabalho em teatro, nas décadas de 1980 e 2000. O ápice do exercício da crítica por Guzik foram os anos 1980. Neles era referência

incontornável. Aqueles foram anos em que o centro da cena teatral paulista estava articulado em torno da presença de Gerald Thomas, para o bem e o para o mal. Guzik, na imprensa, e Silvia Fernandes, na academia, foram seus interlocutores mais constantes e profícuos. Foram os que melhor dialogaram com a pós-modernidade que Thomas trazia para nossa cena, a partir de matrizes americanas. A personagem principal de *Estátua*, Fernando, tenta escrever um livro sobre pós-modernidade. Guzik já o havia escrito, indiretamente, por meio de suas críticas, que pedem edição urgente.

Será sempre impossível contar a história do teatro em São Paulo nos anos 2000 a 2020 sem passar pelo nome, obra e conjunto de ações públicas de Ivam Cabral. Os Satyros, liderados por ele e Rodolfo García Vázquez, ocuparam a Praça Roosevelt no início do século e daí irradiaram uma estética e uma sociabilidade que deram nome a uma larga fatia do teatro, longe de limitada aos limites geográficos de sua atuação, “o teatro Praça Roosevelt”.

Tal teatro, caracteriza-se principalmente pelo diálogo permanente, dentro e fora das criações, com a realidade física e humana do espaço físico ocupado pelos artistas; e pela descoberta e aprofundamento do conceito de performatividade.

Ora, ambos estão, desde o início, no foco da obra literária de Guzik. Sua integração ao grupo, para além das relações afetivas que nele estabeleceu, baseia-se também numa afinidade estética. Sua criação artística sempre transitou entre a tomada de posse de seu entorno concreto (pessoas, lugares, hábitos, referências culturais) e a ação concreta de lançar gestos nesse entorno, em busca de uma performance que vai além dos limites da representação. Alberto não queria lembrar/contar, mas agir sobre o presente. A evocação de pessoas e lugares não era nostálgica, mas provocativa, agressiva mesmo, em seu gesto de

atacar a autoindulgência e ilusão de potência e ineditismo típicas da juventude, usando como arma a descrição de seus próprios fracassos – e de sua geração.

A amizade com Ivam Cabral, a participação nas criações dos *Satyros*, a longa convivência nos camarins, fazem com que o ator seja, além de eixo do teatro de sua época, o principal interlocutor de Guzik nesses anos – mesmos papéis representados por Thomas nos anos 1980.

Mas há uma pessoa oculta nesse livro, Luiz Roberto Galizia. É dele a citação que encerra o livro: “Teremos de ser radicais.” A ele foi dedicado *Risco de Vida*. Galizia foi – como Thomas e Cabral – eixo do teatro paulista nos anos 70.

Galizia foi assistente de Bob Wilson na montagem brasileira de *The Life and Times of Josef Stalin*, rebatizada como *The Life and Times of Dave Clark*, para que a produtora Ruth Escobar conseguisse liberar o espetáculo. Dessa experiência tirou sua tese de doutoramento, extraordinária, e contatos para turbinar sua temporada em Nova York nos anos seguintes. Passagem que significou para ele e Guzik, um de seus amigos mais próximos, não apenas um mergulho do teatro de vanguarda, mas também na cena gay e sua liberdade e experimentação impensáveis no Brasil da época, com ou sem ditadura militar.

Ao voltar, Galizia mergulhou na cena paulista, fundou o Ornitórrinco com Cacá Rosset e Maria Alice Vergueiro, dirigiu o Grupo de Arte Ponkã, dirigiu performances e espetáculos. O temperamento inquieto e sua sede de vida obliteraram o teórico sério e artista rigoroso. O resultado é que não ocupa, na história de nosso teatro seu lugar de direito, não pelo que poderia ter feito, mas pelo que efetivamente chegou a realizar. Ele e Luís Antônio Martinez Corrêa, outro grande artista a morrer cedo e tragicamente, são as duas grandes raízes ocultas de grande parte de melhor teatro que veio depois deles.

Paulo é Galizia se não houvesse morrido tão jovem. Alberto traz para a ficção a presença do amigo, dá-lhe vida extra. Não como artista, mas como companheiro de jornada existencial. De certa forma, o artista Galizia talvez esteja evocado em parte na figura do diretor português que parece ser plagiador, mas na verdade é um grande diretor. E jogador de xadrez.

O livro termina com uma citação de Galizia. “Temos de ser radicais.” E de certa forma *A Estátua de Sal de Sodoma* talvez seja isso, um acerto de contas com a promessa de vida que Galizia representava e, por sua simples presença, cobrava dos próximos.

A excelência talvez Alberto Guzik não tenha alcançado. Este livro é sua autocrítica. E é também o depoimento e a prova de que, por outra parte, ele não poupou vida e afeto. E ele os oferece de novo, a todos nós, amigos ou simples leitores, que podemos encontrar aqui a sinceridade e, por que não, a radicalidade de um artista que não se furtou ao próprio tempo. Não é pouco. Evoé!

**Aimar Labaki**